BIBLIOTHECA MALHEIRO
EMPREZA EDITORA ABENÇOADA POR SUA SANTIDADE O PAPA LEÃO XIII
E POR DIVERSOS PRELADOS PORTUGUEZES E BRAZILEIROS

A EGREJA CATHOLICA

E

O SEU CLERO REGULAR E SECULAR

NAS SCIENCIAS, NAS LETTRAS E NAS ARTES

ABREVIADO ESTUDO

POR

J. DE LEMOS

PORTO
LIVRARIA CATHOLICA DE MANUEL MALHEIRO — EDITOR
85, Rua da Picaria, 87
1889

A EGREJA CATHOLICA

E

O SEU CLERO REGULAR E SECULAR

BIBLIOTHECA MALHEIRO
EMPREZA EDITORA ABENÇOADA POR SUA SANTIDADE O PAPA LEÃO XIII E POR DIVERSOS PRELADOS PORTUGUEZES E BRAZILEIROS

A EGREJA CATHOLICA

E

O SEU CLERO REGULAR E SECULAR

NAS SCIENCIAS, NAS LETTRAS E NAS ARTES

ABREVIADO ESTUDO

POR

J. DE LEMOS

PORTO
Livraria Catholica de Manoel Malheiro — Editor
85, Rua da Picaria, 87
1889

Porto — Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, Largo de S. Domingos, 74.

AOS MEUS FILHOS

João Carlos Maria de Lemos

E

Ignacio de Jesus Maria de Lemos

Dedico este abreviado estudo,
que será, provavelmente, a minha ultima publicação litteraria:

Para, quando entrarem no mundo, terem, n'estas paginas um escudo contra os golpes dos inimigos da Egreja Catholica e do seu Clero, e, ao mesmo tempo, um penhor ainda do meu affecto e sollicitude paternal como continuação dos principios em que os eduquei.

Le christianisme a produit les baux-arts modernes qui tous concourent á la magnificence de son culte. Il a multiplié sur le sol de l'Europe les admirables cathédrales du moyen âge; il a inspiré les artistes les plus fameux et les poêtes les plus célèbres; il a produit la science, qui tout entière rendit hommage à son dogme; il a fondé la scolastique; par sa morale, il a établi de nouveles relations sociales. La chevalerie lui doit sa naissance; la politesse et l'humanité des sociétés modernes ne sont que des reflets da la charité évangélique.

A. BONIFACE. (*).

Que d'hommes... que de jeunes gens même, se dérobant à tous les regards pour faire le bien, selon le précepte de l'Evangile, consacraut... le temps que vous perdez daus de frivoles amusements, ou que vous employez pent-être à insulter la réligion sainte qui leur inspire ce merveilleux dévonement.

F. DE LAMENNAIS.

(*) N'uma nota da sua excellente collecção de logares selectos dos melhores auctores francezes, intitulada « *Une Lecture par jour* » — Edição de 1844, pag. 249 e 250.

«Entre as diversas maneiras de defender a Reli-
«gião, a que consiste em refutar os escriptos *por meio*
«*de outros escriptos* (usando das mesmas armas que os
«adversarios) e em desmascarar assim os insidiosos
«artificios dos inimigos da Egreja, *Nos parece muito*
«*vantajoso e seguramente o mais adaptado aos tempos*
«*presentes.*»

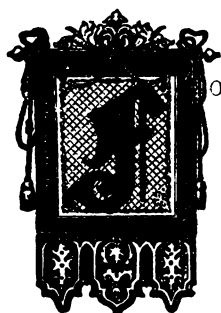
(O Papa Leão XIII, na carta a Mons. Ganglbauer, por occasião do Cent. da libertação de Vienna.

Que la raison exerce librement sa souveraineté: qu'elle juge avec indépendance les preuves du christianisme: loin de combattre les droits de la raison, la réligion elle-même les consacre. Notre divin Législateur exhortait les Juifs à l'examen de son antorité; ses apôtres y invitaient les paiens; nos pères y out constamment rappelé les errants de tous les siècles; et nous l'opposons encore avec confiance à la moderne incrédulité. Nous ne craindrons jamais de voir le christianisme renversé par les moyens qui l'ont établi, malgré taut d'obstacles, et soutenu au milieu de tant d'ennemis.

DE LA LUZERNE.

Justum juditium judicate

(Is. VII, 24)

INTRODUCÇÃO

Foi nos fins do anno de 1883 que assentei comigo de emprehender este *estudo*, sendo todavia o desejo mais antigo; por trazer, ha muito, os ouvidos estafados das arguições quotidianas dos inimigos da Egreja Catholica e do seu Clero, declamando contra a ignorancia e constante hostilidade de ambos ás Sciencias, ás Lettras, e ás Artes, d'onde deduziam a incompatibilidade da Fé com a Sciencia, repellindo-se mutuamente.

Communiquei este pensamento a um muito respeitavel e douto ecclesiastico, que me faz a honra de ser meu amigo, pedindo-lhe que me auxiliasse com as suas indicações e com todo material que podesse para o edificiosinho projectado, ao que elle, com a melhor vontade

e esclarecida intelligencia, se prestou, começando desde logo.

Outros trabalhos e cuidados me distrahiram, n'aquelle anno e nos seguintes, de levar o intento por diante; mas fui, desde então, colligindo o que pude; tomando notas; marcando livros; fazendo apontamentos; cortando de jornaes; archivando revistas e folhetos; emfim, reunindo indistinctamente quanto á mão já tinha ou acontecia chegar-me a ella que para o meu proposito houvesse porventura de vir, um dia, a servir-me. Enchi differentes pastas e cadernos; registrei alguns livros da minha pobre estante; mas assim ficou tudo.

Regressando, porém, n'este presente anno, a Lisboa, e vendo-me, por fortuna, mais livre de trabalho e mais desassombrado de cuidados, tornou-me a vontade de metter hombros á empresa. Communicado, outra vez, isto áquelle bom Padre meu amigo, foi elle quem acabou de me decidir, allegando o dito d'um Santo, de que na eternidade tinhamos muito tempo para descançar.

Sem embargo comtudo, de me não propor, muito encolhidamente, senão a fazer um *abreviado estudo,* de me dar unicamente ao comesinho mister de simples collector, previ logo o vasto mar que pretendia navegar. Quando me cerquei, porém, das pastas, dos cadernos de notas, dos retalhos de jornaes, dos livros re-

gistrados e comecei a tarefa... então é que, por vezes, me vi na mesma posição do viandante, que, n'uma estrada de longos lanços em linha recta, mas entremeada de curvas, se apressa para alcançar uma d'ellas como termo de jornada, e alli descobre logo outro lanço igual ou maior do que o percorrido, terminando n'outra curva, que lhe prepara o mesmo desengano.

E isto com o pouco só que, em alguns dias de não muitos mezes, pude colligir!

Bem previ logo, repito, que arrojo commettera mesmo em *abreviado estudo*, e que ficaria sempre difficiente o meu trabalho; pezando-me, sobre tudo, o lembrar-me, a cada momento, de que, no proprio pequeno ambito a que me restringi, deixaria de mencionar muito do que mais cumpria mencionar e mencionaria acaso o que era grão d'areia no fundo do Oceano, amesquinhando involuntariamente, assim, a magnitude do assumpto.

Em todo o caso, era o assumpto que me esmagava.

Querer dar em traços rapidos uma resenha de serviços que abrangem desanove seculos; toda a civilisação, que se ergueu e dilatou do lado de cá do Calvario!... O mesmo é que pretender, por algumas desenas de estrellas, que a vista possa abranger, n'um lançar d'olhos, dar idêa geral do Firmamento.

Pois que tem feito a Egreja, desde a sua fundação, desde os Apostolos, senão allumiar o mundo?

Para me forrar a longas citações estrangeiras e nacionaes, que aliás abundam, com que responda a esta pergunta, trasladarei sómente o que diz o snr. *F. d'A.* sob o n.º III, dos excellentes artigos, que, ha pouco tempo, tem publicado na *Ordem* de Coimbra, com o titulo: « O Catholicismo e a Critica » e dos quaes me aproveito tambem no corpo d'este livro. Diz o snr. *F. d'A.:*

«A Egreja catholica tem contado entre os seus crentes um numero grande de sabios, e basta isso para ser injusto o apôdo de ignorante.»

«Não é a Egreja a ignorante, mas sim quem desconhece a sua historia de todos os tempos, annunciando sempre uma sabedoria admiravel, uma illustração abundante e uma profunda philosophia. Desde os primeiros tempos que no seio da Egreja floresceram homens que honram a humanidade e illuminam a historia, apesar da decadencia da epocha.»

« S. Paulo foi um homem superior por sua erudição, por sua eloquencia e por seu espirito philosophico. Citava poetas da antiguidade, confundia os sabios do Areopago, e a sua eloquencia mereceu que os povos pagãos o considerassem uma encarnação de Mercurio. As suas

epistolas dão ainda testemunho d'essa eloquencia que desbaratava.»

« Desde o Apostolo das gentes vae uma pleiade enorme de sabios, em que se encontram os nomes de S. Agostinho, S. Ambrosio, S. Hilario, S. João Chrysostomo, S. Gregorio Nazianzeno, S. Ireneu, S. Bazilio, S. Clemente de Alexandria, S. Jeronymo, S. Athanazio, Tertuliano, S. Justino, Origenes, o maior sabio do seu tempo, e sabio aos dezoito annos, e muitos outros que omitto, todos homens d'uma virtude a toda a prova, d'uma crença inabalavel, d'uma sabedoria assombrosa. E as glorias scientificas e litterarias não terminam aqui.»

« Quando, no principio da edade media, as torrentes barbaras innundavam a Europa, e a litteratura da antiguidade estava prestes a sossobrar n'aquelle mar da barbarie e confusão, a Egreja era o « unico repositorio do saber e da illustração.» Este facto ninguem o nega.»

. . . .

. . . .

« A Egreja prestou um serviço grande, verdadeiramente extraordinario, com os vastos elementos que resguardou do furor barbaro. Para realizar essa obra grandiosa teve de luctar com a ferocidade de gerações incultas, e não admira que a rudeza da epocha a embaraçasse; se não fôra o escudo celeste que sempre a protegeu, teria succumbido n'esse cataclysmo

a que só ella poude resistir, e então seria mais tremenda a catastrophe da civilisação. A' Egreja devemos a litteratura da antiguidade, apesar dos meios laboriosos que era preciso empregar na sua conservação. Livrou-a do naufragio universal, e conservou-a atravez de muitos seculos por meio das suas instituições, tão admiraveis e variadas, e principalmente por meio dos meios. D'aqui se infere agora a ignorancia da Egreja, que copiava e conservava as joias litterarias da antiguidade.»

«Na edade media bastaria o vulto altamente sympathico, grandioso e deslumbrante de S. Thomaz d'Aquino para illustrar a Egreja, se em volta d'esse sol fulgentissimo não brilhassem muitos outros nomes respeitaveis na historia da sciencia e da litteratura. Pedro Lombardo, S. Anselmo, S. Boaventura e o Papa Silvestre II, são nomes bem respeitaveis na historia do espirito humano para que não se diga ser a Egreja uma sociedade de ignorantes. Gregorio VII é um orgulho para a Egreja e para a humanidade...»

Quem *(acrescentarei)*, fundou, pelo cuidado dos seus Bispos, as Universidades? Quem estabeleceu escholas gratuitas em todas as cathedraes, de que ainda hoje é testemunho uma das Dignidades dos Cabidos, que se chama *Mestre-Eschola?* Quem encheu a terra, por si ou por suas instituições e obreiros, de colle-

gios, de escholas, de logares de ensino de *todo genero*, de monumentos d'arte, de abundante sementeira de civilisação e de progresso? Responda a consciencia universal imparcialmente; respondam os livros e auctores de todas as bibliothecas do mundo!

Mas, no que tem feito a Egreja pelos braços infatigaveis do seu Clero, ao folhear agora o meu manuscripto, reconheci que, sem nenhum proposito deliberado, o maior numero pertence á Companhia de Jesus!

Grave culpa, sem duvida, aos olhos dos inimigos da Egreja e do Clero. Mas vinde cá, Senhores, que havia eu de fazer se a Historia, que é coisa differente das vossas *historias*, m'os apresentava assim?! Terei eu disso culpa? Bem sei que, por antigas culpas, estou perdido no vosso conceito, ha muito tempo, e que já não posso, nem quero procurar captar-vos benevolencia; mas nisto, realmente, não tendes rasão. Não inventei nada; fui colligindo o que fui achando, e não podia, ainda que só fosse como probidade litteraria, sonegar ou diminuir o numero dos benemeritos a nenhuma Ordem Religiosa. Podereis queixar-vos da Historia, que não foi, n'esta parte, cumplice na conjuração do silencio; podereis queixar-vos della; de mim não.

E pois se me offerece agora occasião *(perdido por mil, perdido por mil e quinhentos)* não

deixarei de archivar aqui um testemunho valiosissimo e competentissimo a favor da sciencia dos jesuitas. É nada menos que de uma das grandes glorias scientificas deste seculo, é do illustre mathematico M. *Cauchy*.

Em 1845 recrudesceram em França com extrema violencia os ataques contra a Companhia de Jesus, e M. *Cauchy* decidiu-se gentilmente a advogar a causa dos Jesuitas, considerando-os em relação aos interesses scientificos, e escreveu para este fim uma eloquente memoria com o titulo de *Considerações sobre as Ordens Religiosas, dirigidas aos amigos das sciencias.*

Permitti que para aqui traduza e traslade este trecho:

« Sois, sem duvida, amigos das sciencias, estimais a litteratura, e interessais-vos pela sã philosophia e pelo progresso das luzes? Pois bem! Estes homens *(os jesuitas)* tem produzido grande quantidade de obras que se tornaram classicas em litteratura, em moral, e em philosophia; tractados eruditos sobre as origens das linguas, os costumes, e as instituições de diversos povos; descobrimentos uteis nas sciencias, na medicina, e nas artes. Contam-se entre elles douctores eminentes, oradores illustres. Deram á mocidade os professores mais instruidos e dedicados. Leibnitz, Vicente de Paulo, Bossuet, Fénélon, consideravam-n'os como os

mestres mais sabios, mais experimentados, e mais habeis. Na sua eschola formaram-se os homens mais illustres em todas as classes da sociedade. Uns, regeitando a Fé de seus mestres, e tornando-se inimigos da religião, conservaram-lhes, comtudo, a sua amizade e o seu reconhecimento; outros, permanecendo fieis aos seus preceitos, deram ao mundo brilhantes exemplos de genio e de virtude. Por influencia da sua esclarecida direcção, com pasmo se tem visto guerreiros, magistrados, sabios, academicos, cujos nomes andam na bocca de todos, darem á pratica das virtudes mais sublimes um tempo precioso; consagrarem suas noites e as horas, que os felizes do seculo passam nos divertimentos, ou a visitar as prisões e casas de refugio dos jovens condemnados, ou a instruir os filhos dos pobres saboianos; fieis n'isto á nobre resolução que seus veneraveis mestres lhes inspiraram. Pois bem! Estes homens admiraveis, estes doutos legisladores do Paraguay, estes intrepidos conquistadores da China e do Japão, estes sabios, estes philosophos, estes oradores, tão humildes e tão elevados ao mesmo tempo, que, aos dons da eloquencia, do genio, e d'uma invencivel coragem, juntam a modestia mais commovente e uma doçura inalteravel; estes habeis mestres, tão ternamente amados de seus discipulos, são os discipulos do

grande Ignacio; são os Padres da Companhia de Jesus.»

«E agora, como seria possivel condemnar estes homens e perseguil-os como vis malfeitores? Não podeis considerar, sem duvida, como inimigos da civilisacão e das luzes, aquelles mesmos que esclareceram e civilisaram tantos povos diversos. Não podeis considerar como inimigos dos talentos e do genio os habeis mestres de quem Grocio e Henrique IV disseram que excediam todos os outros em sciencia e em virtude; os mestres eminentes que tiveram por discipulos Corneille, Bossuet, Molière, Montesquieu e tantos outros. Não podeis considerar como inimigos das glorias da patria aquelles homens, cujas lições formaram os Condés, os Villars, os Molé, os Lamoignon e os Belzunce. Não podeis considerar como inimigos das sciencias os mestres dos Descartes, dos Cassini, dos Tournefort; aquelles cujos trabalhos tem sido frequentes vezes honrosamente citados pelos Laplace, os Lagrange, os Delambre; aquelles que em nossos dias ainda tem tido por admiradores e por amigos os Ampère, os Freycinet, os Cariolis. Não podeis exigir, por certo, que, reimprimindo-se as *Obras* de Laplace, se risquem d'ellas os nomes dos Gaubil e dos Boscowich; não podeis exigir que sejam banidos dos programmas do Collegio de França, da Sorbonna, e da Es-

chola Polytechnica, nem a disffracção descoberta pelo jesuita Grimaldi, nem o theorema do jesuita Guldin, nem os descobrimentos do jesuita Riccatti, a quem por premio dos serviços que fez á Italia, a republica de Veneza conferiu uma medalha de ouro. Não os accusareis do crime de terem *descoberto os aereostatos*, de terem propagado o emprego da quina, tão conhecida com o nome de *pó dos Jesuitas*, nem de terem escripto um tractado erudito que, com o nome de *livro do jesuita*, se tornára o Manual da marinha ingleza. Não podeis considerar sem duvida, como inimigo da sã moral um Instituto que foi caro a Francisco de Sales e a Vicente de Paulo, devendo reconhecer a virtude, a sciencia e a santidade d'uma Ordem que deitou de si os Lainez, os Suarez e os Bourdaloue.»

....

«Mas se os jesuitas só podem ser accusados e convencidos... de haverem prestado, por seus trabalhos, eminentes serviços á religião, á philosophia, á litteratura, ás sciencias, e ás artes; enfim, de terem sido sempre considerados como os mestres mais proprios para formarem, simultaneamente, o espirito e o coração dos discipulos que lhes são confiados; como se hão de explicar tantas prevenções hostis e incomprehensiveis? Porque se não ha de fazer aos jesuitas justiça como aos outros homens? Porque

hão-de elles ser menos estimados por nós que por nossos visinhos, mais mal tratados por uma nação civilisada que pelos selvagens do Paraguay?»

Ainda na mesma epocha *M. Cauchy* dirigiu outra memoria aos *Membros das duas Camaras* advogando a causa dos jesuitas, com fortes argumentos sobre a liberdade de consciencia, a liberdade de cultos, e a liberdade do ensino.

Não me foi possivel seguir nestes apontamentos nenhuma ordem chronologica, nem quasi que systematica, porque isso me levaria muito mais tempo, e eu tinha-o limitado a determinada epocha, por precisar sahir de Lisboa e ir acudir a obrigações impreteriveis d'um chefe de familia.

Ia-me portanto servindo das notas e do que sahia das pastas e cadernos, indistinctamente como tudo lá estava; e por me parecer que a falta de rigor chronologico, e mesmo de systema, em nada prejudicava a substancia e fim da compillação.

Sempre que pude recorrer a fontes insuspeitas, preferi-as, como é meu velho costume; tambem preferi sempre auctores seculares aos ecclesiasticos, sem todavia regeitar nem auctores nem auxilios, só por serem do Clero. Porque o haveria de fazer? Desde quando é que uma classe accusada está inhibida de ministrar

provas em sua defeza? Ou desde quando é que um defensor está inhibido de as invocar, por sahirem do seio dessa classe? Nenhuma lei nem nenhum precedente o prescrevem.

Neste caso, em materia de factos, de datas, de nomes, pouco importa quem os ministra o que importa é que os factos sejam verdadeiros; as datas certas; os nomes exactos.

Apezar da imperfeição d'esta compillação, que sou o primeiro a reconhecer para escusas que m'o digam, cuido que algum prestimo pode ter e de algum serviço pode ser á Religião.

Não ha, que eu saiba, colligidos em livro, n'um maior ou menor numero, nomes, factos, e datas, que sejam como respostas promptas e á mão para oppôr ás accusações dos inimigos da Egreja, com relação ao antagonismo attribuido á Religião para com a sciencia, lettras e artes.

Ha listas disseminadas por folhas soltas, que com serem uteis, não tem a mesma utilidade e permanencia do livro.

Tenho dito franca e lisamente como costumo, o que é e pretende ser, este meu *abreviado estudo*, sem me arrogar merecimentos que não tenho, sem me servir de aguas a que não declare a nascente.

E vou terminar.

Jacynto Freire d'Andrade, abre o seu Pro-

logo da vida de D. João de Castro, com estas palavras:

« São os Prologos hum anticipado reme-
« dio aos achaques dos livros, porque andam
« sempre de companhia, os erros e as desculpas.»

Não escrevo eu esta *Introducção* com esse fim; porque bem sei que os achaques deste livro não se remedeiam com desculpas.

Julguei apenas dever, no limiar desta humilde casinha, com a verdade de que me préso, dar singelas e simplicissimas *explicações* aos visitantes que a fortuna lhe depare. Mais nada.

Lisboa, Arroyos 3 de Setembro de 1888.

J. de Lemos.

A EGREJA CATHOLICA

E

O SEU CLERO REGULAR E SECULAR

I

O Clero e as origens da Imprensa

O que se deve ao Clero Catholico, especialmente ao regular, na criação da imprensa (esse tão gabado meio de illustração, e que o é, sem duvida, em bôas mãos), o que se deve ao Clero, á Egreja, pode ler-se n'uma brilhante pagina do illustre *Ph. Chasle,* que para aqui traduzirei:

«Nasceu a imprensa (*diz elle*), não a despeito da Religião Catholica, mas no seu proprio seio e embalada por suas mãos.»

«Como primarios monumentos, como atomos elementares e primitivos deste descobrimento, achamos legendas toscamente esculpidas, reproducções de orações em pedaços de madeira, fragmentos biblicos, livros de educação, redigidos pelos Frades. Assim devia ser. O Clero era o unico preceptor das almas e das intelligencias.»

«Quer se explique o nascimento da Imprensa pelos pequenos *Donats* da Hollanda, quer pelos baralhos de cartas do XV seculo, não se pode deixar

de reconhecer a influencia do Clero. Os philosophos dos ultimos tempos, tão pouco devotos como todos sabem, tem occultado o melhor que podem esta fonte ecclesiastica: e o que não tem elles dito contra os Frades Agostinhos, Dominicanos e Benedictinos! Estes Frades foram os primeiros promotores da Imprensa, ou antes, os primeiros impressores. Fizeram as cathedraes; ornaram-n'as; encheram-n'as de esculpturas, de festões, de vidraças transparentes acompanhadas de legendas. Todas as artes em sua mão se desenvolveram. Não ha uma unica bella Egreja, que não fosse adornada com as suas vidraças pintadas, encastoadas, e brilhando como diamantes, reflectindo no pavimento as cores de purpura, d'azul, de laranja, e apresentando toda a historia da Biblia, resplandecendo ao sol. Era a Biblia do pobre. Não sabia ler, mas via. Quando o Clero conheceu que as cartas de jogar andavam na mão de toda a gente, tratou de applicar as cartas a usos mais nobres e piedosos. Com ellas se perdia dinheiro; quiz que com ellas se podesse esperar ganhar a salvação.»

«O Clero aconselhou então aos fabricantes que empregassem folhas de pergaminho separadas, tendo, em logar de Cesar e de Dido, bellos Santos e Santas com as legendas, e algumas vezes, com os seus nomes. A obra não era difficil; bastava copiar das vidraças de todas as egrejas. Jogavam-se as cartas com os fieis, e, ainda que não soubessem ler, não podiam fechar os olhos, e deixar de se recordar de Moysés, de Pharaó, de José ou de Jacob. Em breve, estas novas cartas, do tamanho da mão, foram muito procuradas, e reunidas para formarem collecções de gravuras. As vidraças e janellas dos conventos passaram para estes volumesinhos primitivos.»

«Todas as vidraças do convento d'Hirochan, [1] se acham, diz Lessing, no veneravel codice chamado *Biblia Pauperum*. Esta fecundidade de idêa é o mais profundo e o mais admiravel dos prodigios.»

«Estas cartas eram gravadas em madeira, como as antigas cartas de jogar. Sem perspectiva, sem proporção, sem graduação de luz. Todavia o estudo das vidraças aperfeiçoou estes gravadores em madeira, que fizeram duas confrarias, a dos gravadores em madeira, e a dos pintores de imagens ambas muito ricas. Assim o desenho, a gravura, a pintura, a *incisão* imitada do sinete antigo, tinham já contribuido para formar esta arte, que era ainda apenas um esboço.»

«Tudo isto accontecia na occasião em que havia uma singular agitação nos espiritos, em que o Rei procurava livros, em que o pobre queria decifrar uma inscripção, em que se fallava a um copista com seis mezes de anticipação, em que Affonso, de Napoles, fazia a paz com Medicis, que lhe havia emprestado um manuscripto. E visto que se gravavam já legendas de santos em pedaços de madeira, porque se lhe não haviam de gravar palavras, phrases e paragraphos? Porque se não havia de empregar o mesmo meio para tirar muitas copias? O Clero só tinha a ganhar com que se divulgassem as legendas e os psalmos. Essas grosseiras imagens de santos, que se acham penduradas por nossas choupanas são muito similhantes áquelles informes ensaios da imprensa. Começa pelos pequenos *Specula humanæ salvationis*, por *grammaticas para uso dos Conventos*, por fragmentos de canticos, que substituiam economi-

---

1 Abbadia sobre o Fulda, na Allemanha.

camente os livros. Não investigarei aqui quando acabou a epocha da gravura em pedaços de madeira ou *xylographia;* quando, e porque mãos afortunadas, se mobilisaram os caracteres do alphabeto, aos quaes este fraccionamento deu tanto poder; se foi em Harlem no anno de 1400, em Strasbourg no de 1440, em Mayence no de 1460, em Bambergem no de 1461 que se operou o prodigio. Grandes auctoridades tem por si cada uma destas opiniões; e não fôra impossivel que todas tivessem razão; que ensaios incompletos, tentativas mal succedidas, numerosas, disseminadas, tenham precedido o descobrimento deffenitivo, que devia substituir o manuscripto pelo livro impresso.»

Aqui tem os inimigos da Egreja e do Clero, o mui valioso testemunho de *Philarète Chasles*, exaltando-lhe os serviços á illustração do mundo, em differentes ramos, e sobre tudo, e o maior de todos, na criação, ou, pelo menos, no emprego e vulgarisação da imprensa. *Philarète Chasles* é um sisudo escriptor do seculo passado, auctor de algumas obras notaveis, e que não creio dominado pelo espirito *clerical*, como hoje se diz.

Além d'isto, o que elle aponta são factos irrecusaveis, e estes proclamam, como muitos milhões de outros, que os maiores propagadores, se não inventores, de todas as artes e coisas uteis foram, de todo o tempo, Papas, Bispos, Padres, Frades, n'uma palavra, a Egreja.

Oh! A estes Frades, a quem devemos, se não a imprensa, a arte de imprimir, podem applicar-se, em que peze aos seus detractores, aquelles dois versos d'um poeta anonymo:

> Dans le palais superbe et dans l'humble chaumière,
> D'art qu'ils ont inventé va porter la lumière.

II

O maior e mais bello monumento do mundo, obra dos Papas

A Egreja de S. Pedro, em Roma, é a obra prima de todas as obras primas das bellas artes, devida á illustração e munificencia dos Pontifices Romanos. Vejamos o que d'esse monumento unico diz o esclarecido magistrado e homem de lettras, *Dupaty*, nas suas *Cartas sobre a Italia*, devendo notar-se que, sendo escriptor, que se distingue pela pureza do gosto e belleza das descripções, não lhe accontece o mesmo pelo que toca ao seu espirito religioso, que não foi superior ao do seculo em que viveu. Diz, pois, elle fallando da Egreja de S. Pedro:

«Não é de admirar que a Egreja de S. Pedro se tornasse um edificio tão prodigioso. Foi projectada por Julio II, emprehendida pelo genio de Leão X, que desejara das obras primas de todas as bellas artes, fazer uma só obra prima; emfim, ao cabo de muitos seculos, foi concluida pelo caracter de Xisto V, que queria tudo concluir.»

«Este monumento é um dos mais vastos que se conhecem. Corta em dois o monte Vaticano, cobre o circo de Nero, em que está fundado; e acaba de fechar entre Roma e o universo, a celebre via triumphal.»

«Nada póde dar ideia do arrebatamento que se apodera da alma quando se entra pela primeira vez na egreja de S. Pedro; quando a gente se acha n'aquelle extenso pavimento, entre aquelles pilares enormes, diante d'aquellas columnas de

bronze, na presença de todos aquelles quadros, de todas aquellas estatuas, de todos aquelles mausoléus, de todos aquelles altares, e debaixo d'aquelle Zimborio!...»

«Emfim, n'aquelle vasto recinto onde a piedade dos maiores Pontifices e a ambição de todas as bellas artes não cessam, ha muitos seculos, de reunir em granito, em oiro, em marmore, em bronze, e em tella, a grandeza, a magnificencia, e a duração.»

«Podia-se amontoar a maior altura, em maior superficie, maior quantidade de pedras. Mas compôr de tantas partes *collossaes* um conjuncto que só parece *grande*, fazer de *tantas riquezas brilhantes* um monumento que só parece *magnifico*, e de *tantas partes* um *unico todo*: é a obra prima da arte e o trabalho em parte de Miguel Angelo.»

«Na egreja de S. Pedro estão desoito annos completos da vida de Miguel Angelo.»

«Mas quantos defeitos, dizem, n'esse edificio! Não, pelo menos, para o sentimento e para a vista; é preciso que o compasso os procure, e que o raciocinio os encontre. Vós tomais uma toesa para medir a grandeza d'este templo! Em todo o tempo que alli estive não pensei senão em Deus... na eternidade: é esta a sua verdadeira grandeza. E' impossivel terem-se alli sentimentos mediocres, e pensamentos communs.»

«Que theatro para a eloquencia da religião!»

***

«Todas as artes (diz o «*Itinéraire de Rome*» de *Nibby, e posso eu confirmar, assim como todos, que o tem visto*) contribuiram para ornamentar este soberbo edificio, que é, sem nenhuma duvida, o

maior monumento não só de Roma senão do mundo moderno. A pintura, a esculptura, a architectura, o mosaico, a fundição em bronze, a douradura, alli esgotaram suas riquezas: os maiores artistas alli manifestaram seus talentos: de modo que se não houvesse outra coisa que ver em Roma, só por este templo, valia a pena a viagem.»

Mas não é unicamente a Egreja de S. Pedro, que attesta a alta intelligencia, a grande sollicitude dos Pontifices para com todo genero de cultura do espirito, para toda illustração e progresso util. Tudo o attesta em Roma e fóra de Roma.

***

Vaticano

Para não sahir, porém, de ao pé de S. Pedro, mencionarei agora só o Vaticano, que é o Palacio dos Papas, [1] que pega com a Basilica, e neste, apenas o *Corredor das Inscripções* e a *Bibliotheca*.

A reunião e coordenação symetrica e scientifica desta immensa collecção de inscripções antigas (do *Corredor das Inscripções)*, deve-se ao Papa Pio VII, que incumbiu a sua classificação ao celebre *Marini*. O lado direito, á entrada, só contém inscripções pagãs; o lado esquerdo, excepto os pri-

---

[1] O Vaticano é antes uma agglomeração de Palacios do que um só Palacio, porque, em differentes epochas, ao primeiro edificio se foram reunindo outros; e, por isso, não tem uma architectura unica e symetrica; mas, o que, n'elle mostra, assim a illustração como a protecção dos Papas ás bellas artes, é que, tanto na edificação como nos ornatos trabalharam alli sempre os *primeiros artistas*, sendo assim uma excellente eschola de todas as artes e officios.

meiros compartimentos, é destinado ás inscripções christãs, que foram tiradas, pela maior parte dos antigos cemiterios christãos, conhecidos com o nome de catacumbas [1]; sendo estas ultimas muito interessantes pelos symbolos christãos que se alli encontram, e tambem pelo conhecimento que nos dão dos ritos e formulas sepulcraes christãs, pela chronologia dos consules do quarto e quinto seculo da era vulgar, e por causa das datas e erros ortographicos que servem para indicar a pronuncia equivoca de muitas lettras e a corrupção sempre crescente da lingua latina n'aquelles seculos. Passando ao compartimento das inscripções pagãs, deixando, por brevidade, as minuciosidades apontadas por *Nibby*, só trasladarei textualmente o seguinte: — «Esta collecção d'inscripções profanas deve ser con«siderada como *a mais rica* de quantas existem, e «como *um thesouro* para a erudição, *a todos os res«peitos*. A cada passo, o viajante instruido acha «objectos, que chamam a sua attenção; ora por «forma de lettras, ora pela orthographia, ora por «nomes, por formulas, por epigrammas, por usos, «por genero de empregos e de magistrados, por «lembranças historicas de alguma pessoa, etc. Alem «deste grande numero de inscripções, que estão en«geridas nas paredes, ha neste *Corredor* grande nu«mero d'outros objectos antigos, mas quasi todos «relativos aos tumulos, como sarcophagos, altares «funéreos, cippos e vazos cinerarios; ha tambem «muitos pedaços d'architectura curiosissimos, e al«guns mui bem trabalhados, que podem offerecer

---

[1] Estou seguindo o citado *Itinéraire de Rome* de *Nibby* edição de 1849 e, portanto, não se refere (*nem importa para o caso*) a quaesquer alterações posteriores.

«bastantes luzes aos architectos, tendo vindo mui-
«tos d'elles, de Ostia.

Passemos agora á *Bibliotheca*, seguindo sempre o livro de *Nibby*, que é só relativo á epocha do mesmo livro, como já deixei notado.

«Esta Bibliotheca — diz elle — excede todas as «outras Bibliothecas de Italia em número de ma-«nuscriptos gregos, latinos e orientaes, e na collec-«ção de edições do decimo quinto seculo.

«Fazem remontar a origem desta Bibliotheca «á que o Papa Santo Hilario reuniu no Palacio de «Latrão.

«Nicolau v formou no Palacio do Vaticano uma grande Bibliotheca; mas, tendo-se tornado muito acanhado o lugar que occupava, Xisto v levantou o edificio de que fallamos, pelos planos de *Dominique Fontana*, e cortou em dois o grande pateo de Bramante.»

«O primeiro quarto para onde se entra pela grande porta está occupado por differentes interpretes para serviço da Bibliotheca em numero de sete: dois para a lingua latina, dois para a lingua grega, dois para as linguas hebraica e syriaca, e um para a lingua arabe... a *Bibliotheca* abre ás 9 horas da manhau até ao meio dia, a começar do mez de Novembro até 6 de Junho, excepto os dias que estão marcados n'um aviso que se vê na sala dos interpretes.»

«Deste quarto passa-se para a grande sala construida por Xisto v, e que se póde considerar como o corpo original da Bibliotheca... Em volta das pilastras e das paredes estão os armarios onde se acham os manuscriptos. Sobre estes armarios, como nos das outras galerias e quartos, tem vazos italo-gregos, que vulgarmente se chamam etruscos.»

«A' direita da porta da entrada está um bellissimo quadro de Scipião Caetano, pintado a oleo, onde se vê *Dominique Fontana* que apresenta o plano da Bibliotheca ao Papa Xisto v. As paredes desta sala foram pintadas por *Antonio Viviani, Paulo Baglioni, Ventura Salimbeni, Paulo Guidotte. Pâris Nogari, César Nebbia, Geronimo Nauni* e outros pintores que eram os melhores da epocha. Representam estas pinturas *a fundação das principaes Bibliothecas antigas*, os onicilios geraes, *os primeiros inventores dos alphabetos*, e no tecto os edificios construidos pelo Papa Xisto v.»

«Nas arcadas que dividem esta sala em duas partes, collocaram ultimamente dois magnificos vazos italo-gregos, representando um, a *apotheose de Triptolémo,* e o outro, *Achilles e Ajax* que jogam aos dados;...»

«Seguem-se duas galerias, uma defronte da outra, que tem ambas juntas 400 passos de comprimento; tendo tambem armarios com os manuscriptos e livros, que outr'ora pertenceram ás Bibliothecas do Eleitor Palatino, dos duques d'Urbino, da Rainha Christina, da casa Capponi e da casa Ottoboni, que successivamente foram reunidas á *Bibliotheca* do Vaticano.»

«A galeria á esquerda está dividida em seis salas; ao fundo da terceira estão duas estatuas de marmore assentadas: uma representa Santo Hippolyto, Bispo de Porto, na cadeira d'este vê-se o celebre *calendario pascal,* que foi achado nas catacumbas de S. Lourenço. A outra representa *Aristides, de Smyrna, célebre sophista grego.*»

«Estas duas estatuas estão á entrada da parte da galeria que contém o muséu sacro, isto é, uma collecção d'utensilios, pinturas e outros objectos dos antigos christãos achados nas catacumbas, e

que, em grande parte formavam o antigo musèu Vettori. Na aboboda está representada a Egreja e a Religião, pinturas de *Étienne Pozzi*; nas paredes tem engeridos baixos-relevos que ornavam os sarcophagos dos antigos christãos.»

«Este corredor vae dar a um gabinete, que se chama *dos Papyros* porque alli se conservam muitos documentos escriptos no decimo sexto seculo em casca de *papyros*. Este gabinete está marchetado de bellos marmores e ornado de a—frescos de *Mengs*, que tambem pintou na aboboda a *Historia* escrevendo nas costas do *Tempo* entre um *Genio* d'um lado e *Jano* e a *Fama* do outro.»

....

*

Tomo folego, e paro aqui. Não cabe nos limites que me impuz mais larga transcripção nem é precisa, cuido eu, para patentear a illustração dos Pontifices Romanos, a sua munificencia e o seu cuidado em reunirem discretamente tantas e tão preciosas fontes de estudo, em beneficio das sciencias, das letras, e das artes. Contento-me por isso, e só para dar uma idéa geral, de nomear alguns dos formosos compartimentos, que encerram este immenso e preciosissimo thesouro, apontando assim: as tão admiradas *loggias de Raphael; o Museu Chiaramonti*; o *Vestibulo quadrado*; o *Vestibulo redondo*; a *Camara de Meleagro*; o *Portico do Pateo*; a *Sala dos Animaes*; a *Galeria das Estatuas*; a *Sala dos Bustos*; o *Gabinete*; a *Camara das Musas*; a *Sala Redonda*; a *Camara da Cruz Grega*; o *Museu Egypcio*; o *Museu Etrusco-Gregoriano*; a *Galeria dos Candelabros*; a *Galeria dos Quadros*; a *Camara do Incendio do Borgo*; a *Ca-*

mara da Escola d'Athenas; a *Camara d'Heliodoro;* a *Sala de Constantino;* que são outros tantos repositorios magnificos, e abundantissimos, alguns ainda subdivididos em outros, de infinitas preciosidades historicas de todo genero, proprias para saciar a mais ardente ancia de saber, aptas para o maior estimulo ao presente, pelos prodigios da arte antiga, na sua mais ampla accepção.

III

De omni scibili

Do primeiro (e que primeiro em tudo ficou sendo) semanario litterario, que entre nós houve, e de que foi assiduo collaborador, e principal redactor, muito tempo, *Alexandre Herculano,* que, posto que sujeito a paixões, como todos os homens, não só se não pejou nunca de prestar homenagem rasgada ao saber monastico, mas como que se comprazia em o exaltar, com a consciencia do homem honesto, e como lh'o requeriam os seus muitos conhecimentos e a sua grande intelligencia; do primeiro e melhor semanario litterario, que entre nós houve, dizia eu, e se chamou: *O Panorama,* para aqui traslado do seu n.º 36, de 6 de Janeiro de 1837, o que vae ler-se, e se refere ao nosso *Fr. Francisco de S. Agostinho Macedo,* a quem me pareceu dever dar aqui logar de primazia assim por ser portuguez, como pela universalidade do seu saber.

Lia-se, pois, no citado *Panorama:*

«... um dos maiores testemunhos de pasmosa reminiscencia, e ao mesmo tempo de saber universal, que apresenta a historia litteraria, é o *Padre*

Fr. Francisco de S. Agostinho Macedo, natural de Coimbra, que primeiro foi jesuita, e depois capucho observante. Resumiremos aqui as theses das conclusões, que defendeu publicamente na cidade de Veneza, por espaço de oito dias, escriptas em latim, com o titulo de *Rugitus Litterarii Leonis Sancti Marci*, com a data de 26 de Setembro de 1667. Versam: a 1.ª—sobre toda a Escriptura Sagrada, e os seus varios sentidos, versões, interpretação, e exposição.—A 2.ª– Sobre a Historia e direito pontificio, os Concilios ecumenicos e suas causas, presidentes e doutrina.—A 3.ª—Sobre a Historia ecclesiastica, tanto até o nascimento de Christo, como desde então até á epocha das conclusões.—A 4.ª—A'cerca dos tempos e doutrinas dos Santos Padres, gregos e latinos, principalmente de S. Agostinho, explanando todas as obras deste, produzindo e defendendo as suas sentenças.—A 5.ª—Sobre toda a philosophia, theologia especulativa e moral, sobre as doutrinas das varias escholas, sobre o direito canonico, as Institutas e os livros de direito civil.—A 6.ª—Sobre a historia grega e latina, e a das nações modernas, principalmente a italiana.—A 7.ª—Sobre a rethorica, e seus methodos, offerecendo-se o defendente a fazer discursos d'improviso sobre quaesquer pontos dados.—A 8.ª—Sobre a poetica, segundo Aristoteles, sobre as varias versificações e todos os poetas gregos, latinos, italianos, hespanhoes, e francezes; compromettendo-se (como na 7.ª) a improvisar composições metricas sobre quaesquer assumptos propostos.—Estas memoraveis conclusões terminavam com estas palavras: *será licito, a quem quizer argumentar, estabelecer e perguntar tudo aquillo que bem lhe parecer.* O capucho Macedo, como portuguez, desempenhou a sua palavra, e por tal forma,

que, para não accumularmos citações, bastará mencionar o que diz a seu respeito o Padre Archangelo de Parma n'uma carta ao cardeal de Noris. «Estas theses, recebidas de todos com summa expectação, e admiração, manteve o Padre Macedo com felicissimo successo, achando-se presentes muitos senadores e nobres da republica de Veneza, e grande numero de doutores e padres mestres, até estrangeiros, que a fama tinha convocado. Tentaram-no com innumeraveis perguntas e argumentos; mas respondeu a tudo, como se tivesse de antemão premeditadas as respostas, com tanta felicidade que nunca o viram titubear, deter-se ou embaraçar-se; antes succedeu muitas vezes que esquecendo-se os arguentes de alguma coisa, que proferiam, ou recitando-a mal, elle lhes acudia, suggerindo-lhes o que queriam dizer, ou emendando o que tinham dito. Houve um que citou mal um texto da Escriptura, outro que se esqueceu d'uma passagem de Virgilio, e outro que allegou alguns auctores suspeitosos a favor da sua opinião: ao primeiro corrigiu o texto da Escriptura, ao segundo subministrou os versos do poeta, e ao terceiro removendo os auctores dubios, substituiu por elles outros idoneos. — «Este mesmo homem deu outra prova estrondosa do seu saber e memoria, defendendo em Roma por tres dias, conclusões de *omni scibili: de tudo o que é possivel saber-se.*

O immenso catalogo de suas obras vem no tom. 6.º do *Corpus Poetar. Luzitanor.*»

IV

O Clero e a historia nacional

Em 5 de Janeiro de 1839, lia-se no referido Semanario, o *Panorama*, já citado, e que, provavelmente, ainda terei de citar outras vezes, porque adquiriu auctoridade incontestavel, pelos escriptores, que illustraram as suas paginas:

«Parà estudar a historia nacional, á sua verdadeira luz, aquelles que não podem frequentar cartorios, e decifrar velhos manuscriptos, só tem, segundo nos parece, uma fonte, a que recorrer, e onde podem beber alguma sciencia na materia, e achar rastos da civilisação de qualquer epocha. Consiste este manancial historico nas chronicas dos diversos institutos monasticos. Sabemos que gravissimo peccado é n'este seculo de luzes fallar em chronicas de frades; mas disso pedimos humilissimamente perdão. Todavia para conhecermos alguma cousa da existencia dos nossos maiores, é preciso que lêa-mos as paginas dos chronistas monasticos; que vamos lá buscar até a historia das artes nacionaes, principalmente a da archiтectura, como a formosa descripção da Batalha em *Fr. Luiz de Souza*, e a (porventura mais acabada *pelo lado artistico*) de Sancta Cruz de Coimbra, na *chronica dos conegos regrantes*. São os annaes monasticos uma como historia de familia: porque o monge era chamado á maior parte das situações da vida, desde o berço da infancia até ao pé da enxerga rota do miseravel, ou da cama opulenta do abastado; que ambas ellas na hora de morrer teem o mesmo nome — o leito da agonia. E onde

havia antigámente afflicção e dôr bem funda que não apparecessem ahi por consoladores os monges? —Elles vinham do povo; eram povo nas estreitezas do cenobio: guardavam para seus irmãos fé, virtudes, gozos intimos de boa consciencia, e solemnidades religiosas. O monge assistia ao baptismo do homem, assentava-se ao banquete das nupcias, e resava os psalmos dos mortos atraz das andas do cadaver:—o seu mister era fallar de paz e de esperança aos desgraçados; de terrores e de punição aos perversos. Affinando de continuo por harmonias do ceu o coração humano, vivia com as multidões: e era a existencia dos pequenos que elle comprehendia, porque a seguia desde o primeiro até ao ultimo dia.»

«Na historia monastica se encontra a da humanidade; porque o monge, se não era politico, nem magistrado, nem guerreiro, nem descobridor de terras e mares affastados, era ao menos homem vulgar e chão; e não foi destes que curavam os escriptores estipendiarios que historiavam paços, armadas, fortalezas, e campos de batalha. Para o que escrevia a historia de um instituto ou de um mosteiro não era de despresar a carta de testamento do que locupletara os seus confrades, nem a gratidão permittia que lhe deixasse no esquecimento a memoria: depois lá vinham as vidas dos membros da ordem affamados por virtude ou saber, e o chronista lh'as historiava ás vezes desde a infancia, deixando-nos assim largas paginas de historia intima, ou de familia. Passando para o interior do mosteiro, o chronista monastico continuava sempre essa historia, apparentemente differente, mas na essencia a mesma; porque o espirito de cada epocha transverberava pelos claustros e lá se junctava inteiro: quando lêmos a concordia feita

entre Fr. João Alvares e os monges de *Paço de Sousa* não é a dissolução monastica só, que vemos nesse documento; é tambem a corrupção geral dos costumes portuguezes n'aquella epocha.»

★

Academia de Historia Portugueza

Com este mesmo titulo, publicou o Sr. *M. J. M. F.* no *Panorama* n.º 143, de 25 de Janeiro de 1840, um artigo, do qual para aqui extrahirei os seguintes periodos:

«A primeira academia que houve em Portugal, auctorisada por lei, foi a de historia portugueza, instituida no anno de 1720. Antes desta fundação algumas academias particulares se conheciam já, como a *Instantanea*, estabelecida em casa do *Bispo do Porto*, D. Fernão Corrêa de Lacerda, na qual se propunham e tratavam as materias sem estudo prévio; ....»

«O Sr. D. João v magoado com taes considerações, e desejando que no seu abundantissimo reinado florecessem as sciencias e as artes, concebeu o magnifico pensamento de instituir uma academia destinada tão sómente a escrever a historia ecclesiastica e secular do paiz.»

«Era na verdade para lamentar que, á *excepção* do Agiologio Lusitano do licenciado Jorge Cardoso, obra incompleta e escripta com demasiada credulidade, e a historia dos bispos do Porto, Braga, e Lisboa, composta pelo erudito *D. Rodrigo da Cunha, Arcebispo de Lisboa*, não existissem outras obras que podessem formar parte do corpo da historia ecclesiastica de Portugal. As chronicas particulares das religiões e dos varões illustres, taes como as do

Padre João de Lucena, *Fr. Luiz de Sousa*, *Fr. Bernardo de Brito*, *Fr. Antonio da Purificação*, *Fr. Marcos de Lisboa*, etc. posto que merecessem a geral estimação, assim pela variada erudição que nellas se encontra, como pela pureza de linguagem com que são escriptas, não entravam comtudo naquella cathegoria. Enquanto á historia secular, das que havia publicadas, umas, não estavam completas, e outras, taes como a Monarchia Lusitana, escripta até o reinado do Sr. D. João I pelo chronista *Fr. Manoel dos Santos*, precisaram para ter verdadeiro merito, ser continuadas e acaso reformadas *pela habil e critica penna de Fr. Antonio Brandão*. Faltavam alem disso as chronicas de alguns reis, cujos feitos memoraveis ainda a historia não havia dignamente celebrado; convindo reunir em um só corpo, e sob diversa fórma, as differentes chronicas que corriam desannexadas, e muitas dellas só conhecidas dos eruditos.»

«Em 4 de Novembro de 1720 communicou o soberano o seu pensamento a *D. Manoel Caetano de Sousa, clerigo theatino*, varão illustre por nobreza de sangue, e pela *vasta erudição, que possuia*, e o encarregou de lhe apresentar o plano da academia que intentava fundar.

A esta commissão satisfez elle em poucos dias n'um extenso relatorio em que, depois de estabelecer as bazes do novo edificio, propunha a *Italia Sacra* de Fernando Ughelli como modelo para a historia ecclesiastica de Portugal...............

....

«Mas, se, emquanto a defeitos de estylo alguma coisa ha que censurar em muitas producções da academia, o *reconhecido merito historico* em que abundam, compensam generosamente essas imperfeições. Alem das memorias colligidas em quatorze

volumes que alcançam desde 1721, até 1734, e contem mui curiosos artigos de litteratura, escreveram differentes academicos mais quarenta e tantos volumes em que tratavam extensa e profundamente de muitos pontos da historia nacional. Que bibliographo deixará de ter noticia da bibliotheca lusitana de Diogo Barbosa Machado? Quem não admirará o genio investigador que presidiu á composição dos vinte e um volumes da historia genealogica de D. Antonio Caetano de Sousa. «Porém nem só estes dois distinctos nomes honraram aquella academia: os do Conde d'Ericeira, D. Francisco, que contou as façanhas do Grande Henrique; D. Luiz Caetano de Lima, auctor da geographia historica de Portugal; José Soares da Silva, que escreveu a historia de João I; o dr. Alexandre Ferreira, que publicou as interessantes *Memorias e Noticias da Ordem dos Templarios; Fr. Pedro Monteiro; o Marquez d'Alegrete; D. Jeronymo Contador d'Arzote*, etc. etc. não lhe deram menos renome e celebridade.

*

Galeria Artistica

Sob esta mesma epigraphe publicou o *Fr. F. M. S. B.* na *Revista Universal Lisbonense* n.º 6, de 4 de novembro de 1841, pag. 70, um artigo incluindo uma relação de alguns artistas portuguezes, firmada por *J. C. de F.*, da qual tomarei para aqui o seguinte, que é o que interessa ao meu propozito:

«Escaças noticias temos dos artistas que ennobreceram a nação portugueza com as suas obras: se quizermos beber alguma sciencia da historia das artes nacionaes é preciso recorrer a esse ma-

nancial fecundo de chronicas dos diversos institutos monasticos, mórmente pelo que diz respeito á architectura: *Fr. Luiz de Souza* nos depára a formosa descripção da Batalha; na chronica dos *conegos regrantes de Fr. Nicolau de Santa Maria* encontraremos a (por ventura *mais completa pelo lado artistico*) de Santa Cruz de Coimbra, e *assim em outras.*»..............................

....

«*F. Filippe das Chagas.* — Arte Poetica, e da Pintura e Symetria, com principios da Prespectiva. Lisboa por Pedro Craesbeeck. 1615, 4.º. Sahiu em nome de Filipe Nunes, como o auctor se chamava antes de professar o instituto da Ordem dos Pregadores. Foi reimpressa em 1767, 8.º»..........

....

«*D. Fr. Francisco de S. Luiz.* — Memoria Historica sobre as obras do Real Mosteiro de Santa Maria da Victoria, chamada vulgarmente da Batalha. *Sahiu no Tom. X. Part. I.* da Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa.»................................

....

«*Fr. João de S. José do Prado.* — Monumento sacro da fabrica e solemnissima sagração da Santa Basilica do Real Convento de Mafra. *Lisboa por Manoel Rodriguez.* 1751, fl. com estampas.»......

....

«*Fr. José Marianno da Conceição Velloso.* — A sciencia das sombras relativas ao Desenho, obra necessaria a todos que querem desenhar architectura civil e militar, ou que se destinam á Pintura. *Lisboa na Officina de João Procopico Correa da Silva.* 1799, 4.º com estampas. E' traducção do francez de Mr. Dupain.»

Este *Fr. José Marianno Velloso.* — ainda o

leitor o ha-de encontrar quando adiante me referir á grande esterelidade de escriptores sobre sciencias naturaes, prestando, ao menos, o serviço de traduzir a *Mineralogia de Bergmann.*

«*Fr. Luiz de Santa Thereza.* — (Tratado de Geometria Pratica e Portugueza) em que se trata da definição das linhas, e do modo e forma de traçar as figuras retilineas e curvilineas, e de medir quaesquer figuras tanto de corpos solidos, como de superficies. *Coimbra na officina de Antonio Simões Ferreira* 1761, 8.º......................
....

★

Castilho replicando a Rebello da Silva

Na mesma *Revista Universal Lisbonense* em 14 de dezembro de 1843, disputando *Castilho* com *L. A. Rebello da Silva*, então bem joven ainda, ácerca das Ordens Religiosas, dizia-lhe o seguinte:

«Quando por exemplo, fallar da historia escripta pelos frades, não citará só o novelleiro *Fr. Bernardo de Brito*, mas tambem *Fr. Antonio Brandão* o *pae da historia critica portugueza.* Quando se queixar de que os frades velhos não lançavam no assento de suas coisas as memorias artisticas, accrescentará que todavia foram elles os que mandaram fazer, e nos conservaram, *todas essas admiraveis obras artisticas de que nos hoje estamos aproveitando*, e a propria casa onde fazemos os nossos artisticos alardos.»

«N'isso que deixaram de fazer, foram elles como todos os seculares seus contemporaneos; em-

quanto *que no que fizeram muito vantajosamente se estremaram d'elles.*»

★

A Academia do Nuncio

Com esta denominação é conhecida uma Academia que se reuniu em 24 de Agosto de 1715 na residencia do Nuncio extraordinario de S. Santidade, que, por aquelle tempo, veio a Lisboa trazer de presente a El-rei D. João V as faxas para o recemnascido Princepe, que depois foi El-rei D. José, e na qual teve o clero regular da côrte a maior e mais brilhante parte.

Fôra aquelle Nuncio extraordinario do Papa, *Monsenhor Firrão;* e chegando a Lisboa na occasião de um grande movimento litterario, não só na capital do Reino, mas por todo elle, onde rara então era a terra que não tivesse sua Academia litteraria, porque a animação e impulso dado ás lettras partia do proprio monarcha, quiz tambem o Nuncio, como era natural associar-se a este geral movimento, promovendo a reunião da mencionada Academia.

Eis aqui como o illustre investigador e commemorador de algumas das nossas velhas coisas, o *Snr. J. H. da Cunha Rivara*, nos descreve e commemora, na *Revista Universal* de 24 d'Agosto de 1843, a solemne abertura d'essa Academia, onde o Clero tanto se distinguiu:

.... «Foi o dia 24 d'agosto de 1715 o solemne da sua abertura com assistencia do *Cardeal da Cunha*, de *monsenhor Bicchi*, nuncio ordinario em Lisboa, de alguns senhores da primeira qualidade, e dos *relegiosos mais doctos dos conventos da côrte.* Rompeu a conferencia com uma oração, a

que os de seu tempo chamam eloquente, o conde de Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes. Foram assumpto da conferencia a *historia*, *canones*, e *dogmas do concilio Niceno*: coube em sorte por bilhetes o discorrer n'esta primeira sessão; 1.º sobre os canones ao doctor João da Mota, *Conego magistral da capella real;* 2.º sobre os dogmas ao *Padre João Tavares, da Companhia de Jesus*, resultor de cazos em S. Roque; 3.º sobre a historia do dito concilio ao *Padre mestre Fr. José da Purificação* religioso da ordem de S. Domingos, lente de prima de Theologia. ....
....»

J. H. da Cunha Rivara.

*

Testemunhos de A. Herculano

Em o n.º 160, do *Panorama*, vol. 4.º de 23 de Maio, de 1840, pag. 163, diz elle: . ...
....

«Lembraremos aqui aos amigos das velhas cousas do velho Portugal, que não ha, porventura, mais rica mina para a historia dos costumes de nossos avós, depois das compilações das leis civis, que estas leis ecclesiasticas, que iam devassar o proceder das familias, o proceder de todas as classes, de todos os individuos, não só nas suas relações sociaes, como, por via de regra acontece com aquellas, mas tambem nas relações domesticas, nas relações com Deus..............................
....

«Pelas antigas constituições dos bispados quasi podemos seguir a existencia de nossos antepassados do berço ao tumulo, porque a religião de um

até outro cabo os acompanhava, e ella então era essencialmente positiva e pratica.»

«A lei ecclesiastica vigiava a infancia, a puberdade, a idade civil, e a velhice, e para cada epocha da vida tinha preceitos, e para cada erro castigo. Perguntava ao celibatario se as suas noites eram solitarias, aos esposos se o seu leito era casto, ao sacerdote se o seu coração era puro; batia alta noite á porta afferrolhada das casas da devassidão, do jogo, da ebriedade, e fazia tremer o devasso, o jogador, o ebrio; porque não era uma lei morta, mas sim lei com a sancção de penas materiaes. Esta legislação particular que tinha por base o Evangelho, por objecto os costumes, devia primeiro que tudo conhecer exactamente estes, e ser definida e precisa nas suas disposições. E' assim que ella nos conservou a historia das crenças e abusões do povo, das suas paixões, dos seus trajos, das suas festas e jogos, e até dos seus alimentos: é assim que talvez se possa dizer em rigorosa verdade, que só com as leis civis e ecclesiasticas se poderia escrever a historia intima, a *historia do viver* das gerações que antes de nós passaram n'esta terra portugueza, desde os primeiros seculos da monarchia.»

*

Nunca o testemunho de A. Herculano, se invoca demasiado nos estudos historicos, por sua muita e reconhecida competencia.

Eis aqui o que em 28 d'outubro de 1841 escrevia *A. Herculano* na *Revista Universal Lisbonense*, vol. 1, pag. 39, recommendando e encomiando a obra *d'um Padre*, do distinctissimo Lente da Universidade, na Faculdade de Direito, hoje fallecido, o Doutor *M. A. Coelho da Rocha*, de quem

tive a honra de ser discipulo:...... ....
....

«De Moysés a Bossuet; e de Herodoto a Barros é menos a distancia que de Bossuet a Muller e de Barros a Herder. Segundo a ideia que nós ligamos á palavra *historia;* porque não diremos sinceramente, que antes de Herder ella não existia, e que apenas fôra antevista por João Baptista Vico?»

«Fechai os livros destes homens summos e os dos seus discipulos na Allemanha: fechai os da eschola de Hallam, na Inglaterra, de Thierry, Guizot, e Bavante na França, e ainda a do Padre João Mariana na Hespanha, e dizei-nos o que sabeis da historia social, da historia das grandes familias humanas? Nada.................................
....

«Mas a grande revolução da sciencia já chegou ao nosso paiz. *O primeiro grito de rebeldia* contra a falsissima denominação d'historia, dada exclusivamente a um complexo de biographias, de chronologias, e de fastos militares, soltou-o o auctor do *Ensaio sobre a historia do Governo e Legislação de Portugal.*»

«*Era tempo de ser a historia* alguma coisa mais que uma data e um evangelico *autem genuit* de nobilario.

«O seculo já vai em meio. Somos coxos, mas não tolhidos.»

«*Tal obra é uma balisa em nossa historia litteraria.* Destas erguem-se raras entre nós.»

«O livro do illustre professor de Direito patrio, o *Snr. Coelho da Rocha*, é um grande livro, senão sempre pela sua execução, de certo pelo seu pensamento.»

«Será elle lido e apreciado? — Não o affirma-

mos. Na republica das letras portuguezas é mais trivial a erudição que a philosophia.»

«Recommendamo-lo ao povo, — porque ahi estão lançadas, ainda que incompletas, algumas paginas da sua historia.»

A. H.

★

O Marmoiral [1]

E' um arco, junto, a Penafiel, levantado da terra perto de quinze palmos, tendo de vão a quarta parte desta altura. Superiormente é coroado com uma cimalha, a que falta uma porção, estando parte cahida e sotterrada, e tem suas ruinas, que juntamente com a architectura abonam a sua antiguidade. Mas o que significa este monumento? a tradição nada adianta; e *só Fr. Antonio da Soledade, monge do mosteiro de Paço de Souza,* pelos annos de 1765, é que em um manuscripto, que deixou no cartorio, diz e comprova com um documento, datado da era de 1152, que J. P. Ribeiro reputa não apocripho, que era aquelle o jazigo de um fidalgo, por nome D. Souzino Alvares. Da architectura deste arco ou *marmoiral,* em tudo conforme á do frontispicio de Paço de Souza, se infere serem ambos coetaneos.

★

[1] Chama-lhe a tradição o *marmoiral,* voz provavelmente adulterada da palavra *memorial,* que talvez queira significar — Vid. *Panorama,* tom. IV, pag. 20.

Ainda o «Panorama»

Este mesmo copioso e interessante semanario, tom. IV, pag. 116, n'um excellente artigo sobre o Mosteiro de Alcobaça, fazendo aos filhos de S. Bernardo a devida justiça, menciona tambem os seus serviços á historia patria, dizendo:

«Do quanto a *historia* e litteratura nacional «é devedora á ordem de Cister sobeja prova são os «8 volumes da *Monarchia Lusitana* e os escriptos «de muitos *varões distinctos por seu saber;* sendo «esta a maior refutação dos apodos e dicterios vul-«gares contra a ordem dos Bernardos. Foram *os «monges d'Alcobaça os que abriram os primeiros es-«tudos publicos* neste reino, a 11 de janeiro de 1269, «governando D. Affonso III; e não só concorreram «*com seus conselhos*, quando el-rei D. Diniz tratou «de estabelecer a nossa universidade, mas tambem «*com os gastos para pagar aos primeiros lentes.* Na «Athenas Lusitana *floresceram depois alguns reli-«giosos de S. Bernardo.*»

*

O Abbade Corrêa da Serra—Achado dos manuscriptos d'El-Rei D. Duarte

O sr. *Antonio d'Oliveira Amaral Machado*, remetteu em 23 de Agosto de 1843 á *Rev. Univ. Lisb.* uma carta, na qual incluia outra, que o Ministro de Estado *Antonio de Araujo* [1], dirigia ao

[1] Foi ministro de Estado do Principe Regente que depois foi El-Rei D. João VI.

Abbade Corrêa da Serra, pela qual se prova que aquelle *Abbade*, tão distincto por suas lettras e serviços, [1] *foi quem achou em Paris* os manuscriptos d'El-Rei D. Duarte. O original d'esta carta, dizia o sr. *Amaral Machado*, que existia nas mãos do seu amigo *Manoel Bernardo Lopes Ferreira*. Eis, pois, a carta *d'Antonio d'Araujo*, que se lê na citada *Revista*, tomo III, pag. 43:

«*Carta do ministro d'estado Antonio de Araujo ao Abbade José Corrêa da Serra.*»

«*Sr. Corrêa.*—Amigo e sr. do coração.—Tive muito gosto em receber a sua carta de 7 do corrente; viva feliz como eu lhe desejo, e eu o serei, se poder contribuir para a sua felicidade. Continuo a ser Larraga ou mestre de casos: porém muito á satisfação de quem tudo manda, e do publico. Isto assim é quasi zero, mas com o tempo espero fazer alguma coisa de que eu mesmo me satisfaça; o Céu o permitta; entretanto já muitos grandes teem visto que se me póde applicar—*o antes quebrar que torcer* e estimo que por tal me conheçam.»

«Agradeço-lhe muito a representação que fez ao amigo para quem lhe deixei o escripto; veremos se aqui se faz o milagre, quando não, será preciso ser tangido por lá; o homem é infame em todo o sentido, assim como o é tambem o da Circe, que ahi se acha, e que não cessa de mostrar a sua inveja, e mau caracter. Mil parabens pela *descoberta*

---

[1] São tão conhecidas as lettras e illustrados serviços do *Abbade Corrêa da Serra*, de reputação europea, que me não detenho a encarecel-os, bastando, me parece, esta carta do Ministro *Antonio de Araujo* e outra de outro Ministro, que adiante se verá para attestarem os conhecimentos d'este illustre ecclesiastico.

importante dos manuscriptos. Não tive ainda occasião de fallar ainda sobre isto a S. A. R.; mas esteja certo que elle ha-de querer fazel-os imprimir, e portanto *mande logo copiar as obras d'el-rei D. Duarte, e tudo que julgar digno da impressão, accrescentando os seus enfeites.* Torno a dizer que o Principe ha-de estimar isto muito, e para mim é grande gosto que esta descoberta seja feita por um amigo a quem amo; a sua carta chegou-me ha poucos dias, e por isso não fallei ainda. Quando tiver tempo (pois até agora não tive um momento livre) lhe farei algumas encommendas de livros. Creia que sou com o maior affecto, fiel e obrigadissimo amigo—*Antonio de Araujo.*—Lisboa, 28 de julho de 1804.

*

Fr. Francisco Brandão

«Juncto ao convento (*de Odivellas*) está um outeiro do lado de Lisboa, sobre o qual se vem estendendo a povoação de Odivellas. N'este outeiro se ergue o monumento, que a tradição popular denomina—*Monumento de D. Diniz.* — »

«Em todos os nossos historiadores, quer ecclesiasticos, quer seculares, a *unica noticia* que havemos encontrado ácerca d'este monumento é a que nos dá *Fr. Francisco Brandão*, descrevendo o enterro de D. Diniz; «Alguns querem dizer (palavras do escriptor) que aonde agora está um arco de pedraria, parou a liteira, e se fizeram as costumadas ceremonias; mas aquelle arco, que responde a outro, que está á sahida de Lisboa para aquella parte, no campo da forca; se pozeram por descançar n'aquelles logares o feretro de D. João I, quando de Lisboa veio trasladado ao seu jazigo do real convento da Batalha, como se dirá a seu tempo.»

«O outro arco, de que falla Brandão, já não existe, e este parece com effeito ter sido erguido em memoria de D. João I; por ter no remate a cruz floreada de Aviz da qual ordem D. João I era mestre.» (Vid. *Panor.* vol. I, pag. 57).

V

O Clero e a lingua portugueza

Tambem na lingua patria o nosso Clero, nomeadamente o regular, se extrema e sobreleva a todos, ou quasi todos, os nossos escriptores antigos e modernos. No conhecimento profundo d'ella, e na pureza, riqueza e elegancia com que, em suas mãos, nos captiva este formoso idioma.

O illustre e illustradissimo cultor das boas letras portuguezas, destinguindo-se, especialmente, no conhecimento da patria lingua, sobre que nos deixou excellentes e primorosos escriptos, *Agostinho de Mendonça Falcão*, n'um precioso trabalho, com o titulo: *Considerações sobre a lingua portugueza, e seu estudo*, publicado no *Instituto,* de Coimbra, *Revista scientifica e litteraria*, recommendando os authores que lhe parecem seguros no estudo da lingua menciona, entre outros, os seguintes: — *Fr. Simão Coelho; Fr. Marcos de Lisboa; Fr. Braz de Barros; Fr. Thomé de Jesus; Fr. Bartholomeu dos Martyres; Fr. Diogo do Rozario; Fr. Heitor Pinto; Fr. João de Ceita; Padre João de Lucena*; *Padre Balthazar Telles; Fr. Pedro Calvo; Fr. Antonio Feio; Fr. Amador Arraes; Fr. Luiz de Souza; Fr. Antonio da Purificação*, como se póde vêr em o n.º 4 da 2.ª serie do *Instituto* vol. XXXI, de Outubro de 1883.

*

Fr. Pantaleão d'Aveiro

«Entre os muitos escriptores que se fizeram «celebres visitando a Palestina, contamos nós os «portuguezes um dos mais antigos e nomeados; «não só pelas noticias que dá e espirito religioso «de que ia possuido, como ainda mais *pelo estilo* «*classico e puritano portuguez* em que escreveu, já «se vê que fallâmos de *Fr. Pantaleão d'Aveiro.*»

(Vid. *Panor.*, tomo IV, pag. 191.)

*

Fr. Amador Arraes — Bispo de Portalegre

«¿Quereis licções não só *de historia*, e philophia, mas de politica, de moral, de mistica, de polemica, de catechese? Lêde *os aureos Dialogos do Bispo de Portalegre*, que tudo isso alli achareis, exposto n'um *stylo tão suave*, n'uma *linguagem tão apurada, que vos fio vos não enfadará a leitura.*»

«¿E como se não serviria de *todos os feitiços da linguagem e do estylo quem os conhecia tanto a fundo!* E como não enlaçaria o agradavel com o util quem gravou esta sentença (Dial. 4.º):—«Tam«bem soffro com impaciencia a devassidão, que «corre nas impressões, que não foram inventadas «para nellas estamparmos semsaborias, fabulas mal «compostas, ficções méras e vãs, que não aprovei«tam para exemplos de bons costumes. Por incom«portavel é ver occupadas as officinas, que foram «*invenção divina*, de cousas semilhantes.»

(*J. M. da Cunha Rivara—Rev. Univ. Lisb.* tomo II, pag. 558).

*

Frei Luiz de Souza e Fr. Manoel Bernardes

Quero aqui deixar apontado o auctorisadissimo e irrecusabilissimo testemunho de *A. F. de Castilho* a favor d'estes dois Religiosos e Mestres da nossa excellente lingua.

Disputando a *Rev. Univ. Lisb.* em 1842, com o *Diario do Governo* dizia alli *Castilho* ao *Diario*, na citada *Revista*, tom. 1, pag. 451:

«. . . . . .o rythmo e numero tão recommen-
«dado por todos os mestres desde *Cicero* e *Quinti-*
«*liano* até *La Harpe* e *Maury*; rythmo, e numero,
«parte essencialissima da escriptura, mas cuja exis-
«tencia, cujo prestimo, cuja possibilidade muita
«gente desconhece: não a desconheciam *Fr. Luiz*
«*de Souza* e *Fr. Manoel Bernardes*, que para afinar
«tão melodiosamente os seus periodos a nenhuns
«sacrificios se forravam; sem o que, por mais ex-
«cellentes, que houveram sido seus engenhos, nunca
«chegariam em nossa litteratura a se enthronisar
«tão altamente.»

Antonio Feliciano de Castilho.

*

Fr. Manoel Bernardes

Tambem é muito de archivar e estimar, para o meu intento, o que ácerca de *Bernardes* diz o *Panorama*, quando ainda era dirigido e principalmente redegido por *A. Herculano.*

N'um artigo, que regularmente publicava em cada numero com o titulo de: «*Semanario Historico*» lia-se no vol. 2.º, pag. 264, no anno de 1838.

«........o Padre Manuel Bernardes, nascido «em 30 de Agosto de 1644. Foi um dos nossos «mais laboriosos escriptores. As suas obras, pela «maior parte asceticas, são *modello de boa lingua-«gem e elegancia*. O Padre Vieira, dizia que mor-«rendo elle não fazia falta ao pulpito; porque fi-«cava cá o Padre Bernardes».

*

Filinto Elysio

Aos que não souberem, ou tiverem esquecido, que o nosso insigne poeta Francisco Manuel do Nascimento, na Arcadia, *Filinto Elysio*, fôra *Padre*, causará admiração vel-o incluido n'estes meus apontamentos. Mas essa ignorancia, ou esquecimento, de que talvez elle proprio foi cumplice, não lhe altera a condição. *Foi Padre*, e prestou relevantissimos serviços á nossa lingua; é isso o que me importa agora; assim como que o caracter sacerdotal *que é indelevel*, o não impediu de ser elle um dos nossos mais eximios cultores das lettras.

Almeida Garrett, recommendando uma edição das obras de *Filinto Elysio*, na *Officina Rollandiana*, Lisboa, 1836-1840, escreveu na *Rev. Univ. Lisb.*, tomo I, pag. 329 um artigo, do qual para aqui traslado as seguintes linhas:

«Desde o ultimo terço do seculo passado, a «immensa reputação do poeta *Filinto* se tinha es-«tendido por toda a parte onde é conhecida a lin-«gua portugueza. As suas odes admiraveis, as suas «traducções dos classicos latinos, francezes, ingle-«zes, nem sempre modêlos da optima traducção, «mas sempre *thesouros de pasmosa riqueza de lin-«guagem*, corriam por todas as mãos em differen-

«tes volumes de mui desvairado feitio e tamanho, «impressos uns em França, outros em Hollanda, «e alguns em Lisboa tambem .. ..

....

«Ninguem hoje duvida de que *Filinto* fosse o «verdadeiro restaurador da lingua portugueza. Le-«vantou e firmou esse estandarte da reacção con-«tra os gallicismos invasores e as estrangeirices «de toda a especie que tinham corrompido, detur-«pado, perdido de todo a lingua. Acudiram ao seu «brado imitadores, auxiliadores e proselytos; a rea-«cção foi talvez mais longe do que o justo — se «ella era reacção! mas foi precisa e util: o tempo «a corrigirá do excessivo. Os escriptos porém de «*Francisco Manoel* foram e são os mais poderosos «instrumentos d'esta importante revolução; e in-«felizmente não teem circulado bastante para se «lhes conhecer todo o preço, para se lhes avalia-«rem os proprios defeitos.»

Almeida Garrett.

*

O Jesuita P. Antonio Vieira

Sendo impossivel nomear aqui todos os membros do Clero, assim regular como secular, que se illustraram com relevantes serviços á patria lingua, escrevendo-a com grande pureza e primorosa elegancia, vou já rematar com o Jesuita Portuguez o nosso *P. Antonio Vieira*, embora ainda n'outro logar tenha ainda de me occupar delle.

Dizia o *Panorama* em 20 de Janeiro de 1838, vol. II, pag. 21, n'um pequeno artigo sobre os *Sermões de Vieira*, para lhe exaltar a eloquencia do Pulpito:

«Muitos creem que a estima que os eruditos «fazem dos sermões do padre Vieira procede *só da* «*pureza e elegancia da sua linguagem..* »

É reputado o P. Vieira, por um dos nossos melhores classicos, Francisco José Freire, que é bom juiz, chama-lhe *o mais auctorisado*, e accrescenta ainda.

«Se me não enganam os testemunhos de sa-«bios infinitos, nem antes, nem depois d'este sin-«gular orador tivemos penna do mesmo aparo. «Possuiu em grau sublime todas as delicadezas, pro-«priedades e energia da lingua; por isso ainda «ninguem duvidou usar um vocabulo, phrase e «expressão achada em seus escriptos. Seguir em «tudo e por tudo o fallar de Vieira é uma seguris-«sima regra de conseguir não só a pureza, mas o «louvor de ter todo o conhecimento das subtilezas «do idioma portuguez.»

O preclaro Bispo de Vizeu ja fallecido, D. Francisco Alexandre Lobo, que foi tambem um mestre da nossa lingua, e eximio escriptor d'ella, diz, em tal assumpto, a respeito de Vieira, estas significativas e notaveis palavras:

«Se o uso da nossa lingua se perder, e com «ella por acaso acabarem todos os nossos escriptos «que não são os *Luziadas* e as obras de Vieira; o «portuguez, quer no estylo de prosa, quer no poe-«tico, ainda viverá na sua perfeita indole nativa, na «sua riquissima copia e louçania.»

VI

As cruzadas

Tem sido *as Cruzadas* um dos themas mais predilectos para as declamações *condoídas* e prantos *crocodilicos* dos inimigos da Egreja. Os escriptores dominados pelo espirito anti-catholico e revolucionario, com especialidade os do seculo passado, tem-se comprazido em pintar *as Cruzadas* com odiosas cores. O proprio elegante e, até certo ponto, justo e imparcial, *M. Michaud*, se nos diz, por um lado, que «*alguns escriptores tem julgado* «*encontrar n'ellas um pretexto para accusar a reli*-«*gião christã*,» não deixa de accrescentar logo que: «*outros não menos cegos e não menos apaixonados* «*tem querido desculpar deploraveis excessos*.»

Cuido que ninguem quer desculpar excessos, mas o que é preciso é que *tudo* seja visto á luz, *completamente imparcial*, das devidas considerações de *tempo* e de *circumstancias*.

M. de Chateaubriand, esse immortal gigante da intelligencia e das lettras francezas, foi dos primeiros a reclamar *devidamente* contra essa *ignorancia ou injustiça* com que eram julgadas as *Cruzadas*, pondo as coisas nos seus respectivos logares, e mostrando a razão natural dos excessos, sem os desculpar comtudo, mas patenteando com irrecusavel evidencia, em poucas palavras, os immensos serviços da Egreja, pelas *Cruzadas* e por um Frade, *Pedro Eremita*, ás lettras, ás artes, á civilisação do mundo.

Ouçamol-o, e restitua-se ás *Cruzadas* o credito que merecem, reconhecendo-se o papel bemfazejo, que representaram na historia:

« Os escriptores do seculo desoito (*diz M. de Chateaubriand, no seu Itener. de Paris a Jerusalem, vol.* II.) deram-se ao prazer de representar as Cruzadas a uma luz odiosa. Fui eu um dos primeiros a reclamar contra essa ignorancia ou injustiça. As cruzadas não foram desatinos, como affectavam chamal-as, nem no seu principio, nem no seu resultado. Os christãos não eram os aggressores. Se os subditos de Omar, partidos de Jerusalem, depois de terem costeado a Africa, cahiram sobre a Sicilia, sobre a Hespanha, sobre a propria França, onde Carlos Martel os exterminou; qual o motivo por que os subditos de Filippe I, sahidos da França, não teriam podido costear a Asia para se vingarem dos descendentes de Omar até em Jerusalem? Offerecem, sem duvida, um grande espectaculo esses dois exercitos da Europa e da Asia, marchando em sentido contrario em volta do Mediterraneo, e vindo cada um sob a bandeira da sua religião, atacar Mahomet e Jesus Christo, no meio de seus adoradores. « *Ver nas cruzadas* simplesmente peregrinos armados que correm a libertar um tumulo na Palestina, é mostrar uma vista limitadissima em historia. *Tratava-se não só da libertação d'esse tumulo sagrado, mas ainda de saber quem devia ter a superioridade na terra, ou um culto inimigo da civilisação, favoravel por systema á ignorancia, ao despotismo, á escravidão, ou um culto que fez reviver nos modernos o genio da douta antiguidade, e que aboliu a escravidão.* Basta ler o discurso do *Papa Urbano* II, no concilio de Clermont, para se ficar convencido de que os chefes d'essas emprezas guerreiras não tinham as ideias baixas que lhes suppunham, e de que pensavam *em salvar o mundo d'uma inundação de novos barbaros.* O espirito do *Mahometismo é a perseguição*

e a conquista ; o Evangelho, pelo contrario, só prega a tolerancia e a paz.»

«Por isso os christãos supportaram *durante sete centos sessenta e quatro annos todos os males que o fanatismo dos Sarracenos lhes quiz fazer padecer*; simplesmente trataram de interessar Carlos Magno em seu favor: mas *nem as Hespanhas submettidas, nem a França invadida, nem a Grecia e as duas Sicilias assoladas, nem toda a Africa posta em ferros* puderam determinar os christãos a tomar as armas durante *quasi oito seculos*. Se emfim, os gritos de tantas victimas imoladas no oriente, se os progressos dos barbaros, já ás portas de Constantinopla, despertaram a christandade, e a fizeram correr em sua propria defeza, quem ousaria dizer que a causa das guerras sagradas foi injusta?. . O que seria de nós se nossos paes não tivessem repellido a força pela força! Contemple-se a Grecia, e saber-se-ha o que se torna um povo sob o jugo dos mussulmanos. Aquelles que hoje tanto se congratulam pelo progresso das luzes teriam, pois, querido ver reinar entre nós uma religião *que queimou a bibliotheca de Alexandria, que reputa um merito calcar os homens aos pés e desprezar soberanamente as letras e artes?»*

«As cruzadas, enfraquecendo as hordas mahometanas no proprio centro da Asia, impediram-nos de sermos presa dos Turcos e dos Arabes. Fizeram mais: salvaram-nos das nossas proprias revoluções; suspenderam, pela *paz de Deus*, as nossas guerras intestinas; abriram um expediente a esse excesso de população que cêdo ou tarde causa a ruina dos Estados: *observação que o padre Maimbourg fez*, e que *M. de Bonald* desenvolveu.»

«Quanto aos outros resultados das cruzadas começa-se a concordar que essas emprezas guer-

reiras foram favoraveis *ao progresso das letras e da civilisação*. Robertson tratou perfeitamente este assumpto na sua *Historia do commercio dos antigos nas Indias orientaes*. Acrescentarei que, n'estes calculos, não deve omittir se a fama que as armas europêas obtiveram nas expedições d'alem mar. O tempo d'essas expedições é o tempo heroico da nossa historia; foi o que deu nascimento á nossa poesia epica. Tudo o que espalha o maravilhoso sobre uma nação, não deve ser despresado por essa mesma nação. Debalde se pretenderia dissimular tal; ha alguma cousa em nosso coração que nos faz amar a gloria; o homem não se compõe absolutamente de calculos positivos pelo seu bem e pelo seu mal, isso seria rebaixal-o muito; foi fallando aos Romanos da *eternidade* da sua cidade que os levaram á conquista do mundo, e que lhes fizeram deixar na historia um nome eterno.»

*

Pedro Eremita

Como se ahi deixa evidenciado nas palavras do immortal Chateaubriand, que soube ler com vista clara e julgar com discernimento seguro os factos que lhe a historia offerecia, as Cruzadas foram, em seus effeitos um dos maiores, melhores, e mais beneficos expedientes que então se podiam adoptar a bem da civilisação do mundo, ameaçada pela violenta invasão e barbaro dominio dos musulmanos; e como um dos naturaes effeitos de taes emprezas guerreiras foi o progresso das Sciencias, das Lettras e das Artes, em que hoje se começa a concordar, diz Chateaubriand, e que Robertson mostra excellentemente; e como emfim esse immenso serviço

foi, principalmente devido ao impulso enthusiasta e generoso de um *Frade*, quero aqui deixar commemoradas as palavras que lhe consagra o historiador M. Michaud, a quem já me referi, e que, na pintura que faz da gratidão dos libertados de Jerusalem para com o illustre *Cenobita*, lhe não pôde recusar *completa justiça*.

Eis, pois, as suas palavras:

«O Eremita Pedro, que, cinco annos antes ti«nha promettido armar o Occidente para libertar «os fieis de Jerusalem, teve então occazião de go«sar do espectaculo do seu reconhecimento e da «sua alegria. Os christãos da cidade santa, no meio «da multidão dos Cruzados pareciam não procurar, «não ver, senão o generoso *Cenobita*, que os havia «visitado em meio de seus padecimentos, e de «quem todas as promessas acabavam de ser desem«penhadas. Apertavam-se em montão á volta do ve«neravel *Eremita;* era a elle que dirigiam seus can«ticos, era elle que proclamavam seu libertador; «contavam-lhe os males que tinham padecido na «sua ausencia, podendo apenas acreditar o que ti«nham diante dos olhos, e, em seu enthusiasmo, «espantavam-se de que Deus se tivesse servido «d'um *unico homem* para levantar tantas nações e «obrar tantos prodigios.»

VII

Os Papas illustrando o mundo e Papa Leão X dando o seu nome ao seculo em que viveu

Se n'este estudo me propozesse registrar os nomes e factos dos Pontifices Romanos, que se illustraram, e illustraram o mundo, pela sua protecção a todos os conhecimentos uteis, pela animação ao verdadeiro progresso em todos os variados ramos da civilisação, fôra mui longo o registro dos nomes e dos factos, para o qual não bastaria um só volume.

Para se fazer, porém, idéa, ainda assim imperfeita e rapida, de quão longe me levaria tal registro se o eu emprehendesse, bastará citar uns simples periodos da Pastoral do snr. *D. Antonio Thomaz da Silva Leitão e Castro, Bispo de Angola e Congo,* datada de 24 de Dezembro de 1887.

São estes:

«E quem mais do que os Papas tem protegido as artes e sciencias?

«Adriano I, Leão III, Leão IV, Sergio II, Anastacio III, Silvestre II, Innocencio II, Celestino II, Clemente III, Celestino III, Innocencio III, Innocencio IV, Bonifacio VIII, Clemente V, Bento XII, Urbano V, Martinho V, Eugenio IV, Nicolau V, Calixto III, Pio II, Paulo II, Sixto IV, Julio II, Leão X, Clemente VII, Paulo III, Julio III, Pio IV, Pio VI, Gregorio XIII, Sixto V, Gregorio XIV, Clemente VIII, Paulo V, Urbano VIII, Innocencio X, Pio IX, são outros tantos prodigios de protecção ás artes e ás sciencias, que se destacam entre todos os Pontifices que tanto sempre as protegeram.»

«Que seriam sem elles Miguel Angelo, Pollojuolo, Mino di Fiezole, Bramante, Raphael, João de Udine, Roncelli, Julio Romano, Mutiano, Fontana, Rosseline, Pintelli, Giotto, Perugino, Cimarosa, Palestrina, Pergolese e quantos e quantos a quem os Papas protegeram e deram bellas e frequentes occasiões de revelarem a sublimidade do seu genio, a opulencia do seu saber?»

A serie dos Pontifices é, com rarissimas excepções, uma serie de homens distinctissimos, que se presaram de protectores das sciencias, das lettras e das artes, sendo muitos d'elles seus eximios cultores, até ao actual Papa Leão XIII, que todos o conhecem e reconhecem por um sabio notavel e um litterato insigne.

Extremarei, contudo, d'entre elles, como se elle proprio extremou, Leão X, que, pela sua efficaz benevolencia para com todos os sabios, e pelo que, á sombra d'essa benevolencia, todas as sciencias, todas as lettras e todas as artes floresceram no seu Pontificado, mereceu que ao seu seculo o mundo désse o nome de seculo de Leão X. E' isto o que delle dizem todos os escriptores. Mas eu só mencionarei dois delles, por serem mais breves as suas palavras sem serem menos substanciaes e auctorisadas.

Seja o primeiro, o excellente critico, *M. A. Boniface* (no seu precioso livro *Une Lecture par joar*, pag. 143); diz elle:

«*João de Medicis*, que foi o Papa Leão X, favoreceu *com todo o seu poder as sciencias e as artes* e foi a elle que se deveu o *renascimento das lettras na Italia.* Foi a brilhante protecção concedida por elle aos sabios que elle deveu a gloria de dar o seu nome ao seculo em que viveu. Foi elle que emprehendeu a edificação da Egreja de S. Pedro

em Roma, desejando, como diz Dupaty, «*com o seu poderoso genio*, fazer uma obra prima das obras primas de todas as bellas artes.»

Depois d'este escriptor secular, seja o segundo um escriptor ecclesiastico, tão sabio como seguro. Seja *Perrone*, em sua obra magistral, que se intitula: «*Tractatus de Locis Theologicis*» onde diz na *Part. III, sect. I, cap. II, de rat. cum fid. pag. 645*, n'uma nota, o seguinte:

«Quem ignora que o seculo de Leão x é comparado ao de Augusto? Se considerais a esculptura, apresenta-se-vos Buonarotti; se a architectura, Bramante; se a pintura, Raphael Sancio d'Urbino, Julio Romano, etc.; se a lingua grega, encontrais Angelo Juliciano, Sadoleto, que Erasmo chama *attico*, Guidicciono, e grande numero de outros; na lingua latina, basta nomear, com Sadoleto, Bembo, João Ant., Flaminio, Jeronymo Fracastoro, Sanazzaro, Vida, Castilioneu, Altilio, Frascitellio, Cotta, etc., que de si deixaram monumentos mais perenes que o bronze. Foi aquelle tempo florescente em poetas gregos, latinos, italianos, em oradores e historiadores summos. Basta folhear, mas que superficialmente seja, as tres partes do vol. VII, edic. Romana da historia litteraria da Italia, de Tirabachi e a historia da litteratura universal de Andres, liv. I, cap. 13, para se comprehender a que ponto haviam chegado as sciencias e toda a litteratura no começo do seculo XVI [1].»

---

[1] Eis o texto latino da nota de Perrone:

« Ecquit ignorat, seculum Leonis x comparari seculo Augusti? Si sculpturam spetes, tibi sese sistit Buonarrotti; si architecturam, Bramante; si picturam, Raphael Sanzio Urbinas, Julius Romanus, etc.; si graecam linguam, tibi occurrunt Angelus Politianus, Saduletus, *atticus* ab Erasmo nuncupatus, Guidictionus aliique magno

Rematarei com estes versos do poeta francez *Saint-Victor:*

...... ô doux pays! beau ciel!
Lieux où chanta Virgile, *où peignit Raphael!*
Terre dans tous les temps consacrée à la gloire,
Grande par les beaux arts, reine par la victoire,
Sans respect, sans amour, qui peut toncher tes bords?
Que de belles cités! que de riches trésors!
L'Italie et la Grèce ensemble confondues,
Les palais, les tombeaux, un peuple de statues,
Et la toile animée, et partout réunis
Les beaux temps des Césars, *et ceux des Médicis!*

VIII

De como a Egreja Catholica é eschola de ignorancia

(Theses no Vaticano — Outro Pico de la Mirandola)

— Com este ironico titulo, mandei ao jornal *A Nação*, e este publicou em 25 de Agosto de 1883, o artigo, que, em seguida, para aqui transcrevo, fazendo-o, apezar de ser meu, que o firmei com o pseudonymo de «*Um Antigo Jornalista*» porque

numero; de lingua latina, nihil attinet dicere, cum Saduletus, Bembus, Joan. Ant., Flaminius, Hier, Fracastorus, Sanazzarus, Vida, Castilioneus, Altilius, Fascitellius, Cotta, etc., monumenta post se reliquerind œre perenniora. Satis erit percurre velleviter tres partes voluminis VII, edit. Rom. historiæ litterariæ Italiæ el Firaboschi et historiam universæ litteraturæ. Andres, t. I, C. 13, ut quisque intelligat, quo pervenissent scientiæ ac litteratura omnigena seculo XVI ineunte.»

só relato factos publicos e em fontes publicas bebidos.

Resava assim o artigo:

«Da muito extensa e minuciosa Acta das Theses defendidas no Vaticano, em 29 do proximo passado mez de julho, publicada, ha pouco, pelo *Jornal de Roma*, extrahiremos o mais essencial e interessante para dar um alegrão aos *illustrados* inimigos da Egreja, e mostrar mais uma vez como ella só vive em trevas, de trevas, com trevas, e para trevas.»

«No citado dia 29 de julho, verificou-se esta brilhantissima festa scientifica na sala *Clementina* do Vaticano. Um dos mais distinctos alumnos da Universidade Gregoriana, o *Padre Thomaz Heilen*, era o que se propunha a defender *duzentas e cincoenta theses*, com referencia a todos os conhecimentos humanos. Ousado commettimento! As Theses do *Padre Thomaz* abrangiam a Logica, a Metaphysica geral, a Metaphysica especial, em suas relações com a natureza, com o homem, com Deus, com a Physica moral, com o Direito industrial e social, com a Physica experimental, com a Physica mathematica e com a astronomia.»

«A's 9 horas da manhã d'aquelle dia, grande numero de jovens estudantes de Physica e de Theologia; de professores dos differentes Collegios, Seminarios e outros estabelecimentos ecclesiasticos, assim como de delegados das Academias Romanas, tomavam logar na vasta sala, ao lado dos alumnos, superiores e professores da Universidade Gregoriana.»

«O Soberano Pontifice entrou na sala ás 10 horas, precedido dos Guardas nobres, Mordomo-mór, Camareiros secretos participantes, e Mestres de ceremonias. Sentou-se no throno, cercado d'uns

vinte Em.^mos Cardeaes, estando por traz d'estes, numerosos Bispos, Prelados, Superiores das Ordens Religiosas, e crescida multidão de pessoas distinctas. O incumbido de dirigir a discussão era o *Padre Camillo Mazella*, Professor e Prefeito da Universidade Gregoriana, membro da Academia de St.º Thomaz, e do Collegio Theologico de Roma.»

«Este abalisado professor abriu o acto, com um bellissimo discurso dirigido a Sua Santidade, insistindo, principalmente, no zelo, na immensa dedicação com que os Superiores e Professores da Universidade Gregoriana, fieis ao seu instituto, e cheios de respeito para com o Pontifice, seguem as regras traçadas por Leão XIII, e se entregam todos a formar o espirito de seus discipulos, segundo as doutrinas do Doutor Angelico.»

«Começou, em seguida, o certame. O illustre *Vanutelli*, Arcebispo de Sardes; Monsenhor *Luiz Freppè*, os Professores *D. Ernesto Fontana*, Reitor do Collegio Lombardo, e o *Padre Nicolau Mattioli*, da Ordem de Santo Agostinho, argumentaram sobre Philosophia racional e moral: o *Padre Luiz*, oratoriano, e o Professor *Azzarelli*, sobre Physica, Mathematicas e Astronomia.»

«Os argumentos d'estas eminentes illustrações, d'estes experimentados sabios, corresponderam á expectativa do escolhido auditorio, e á augusta attenção, que o Santo Padre prestou constantemente á douta discussão.»

«O joven defendente, *Padre Thomaz*, fez ver em todo o decurso da disputa, sobre tão variadas e tão difficeis materias, um espirito de rara promptidão, e saber tão extenso como profundo.»

«Ou tractasse, pela analyse, as questões que lhe eram submettidas, ou lhes apresentasse a synthese, mostrou sempre uma doutrina em si mesmo

solida, e, conjuntamente, fiel, em todos os pontos, aos dictames do Doutor Angelico. Respondeu ás objecções com uma precisão extraordinaria, sem nunca hesitar, nem se afastar da mais perfeita clareza. O programma das theses egualava por ventura o do famoso *Pico de la Mirandola ;* percorreu, seguindo seus eximios contradictores, o vasto campo da Logica, da Metaphisica, do Direito, da Physica, das Sciencias exactas e da Astronomia. »

« Respondeu cabalmente ás objecções que se lhe fizeram sobre a natureza da alma; sobre a creação; sobre a sancção eterna da lei natural; sobre a theoria dos elementos dos corpos, em sua relação com as descobertas modernas; teve de expor a lei das forças acceleradoras, a da electricidade, e dos movimentos celestes, maravilhando sempre seus contradictores e o auditorio pela presteza e profundidade de suas respostas! »

« A' uma hora e um quarto da tarde, Sua Santidade deu por terminada esta erudita e magnifica sessão, tomando então a palavra com aquella soberana eloquencia, que o distingue, tanto nas suas conversações familiares como nos seus discursos. »

« Manifestou a sua completa satisfação, declarando que não podia esperar mais de tão douto certame; e então se referiu enternecendo-se, aos felizes annos em que Elle proprio estudava na Universidade Gregoriana, sob a direcção de mestres celebres; e dignou-se coroar de merecidos elogios o talento, e a doutrina do joven defendente, e a excellente instrucção recebida na Universidade, de quem era digno discipulo. »

« Depois, chamado junto a si o joven Doutor, galardoou-o com uma explendida medalha d'ouro, em memoria d'um dia tão glorioso para as lettras Romanas. »

«Seguidamente, Sua Santidade Leão XIII dirigiu benevolas expressões aos professores, e superiores, agradecendo com especiaes elogios aos illustres arguentes; e deu a todos a benção apostolica e o sagrado pé a beijar.»

«Assim terminou esta magestosa e memoravel festa scientifica.»

«Agora que nos digam os blasonadores das sciencias sem Deus, do progresso atheu, do positivismo estreme, onde, em que paiz, em que Estado, em que *seita*, se realisam, com o seu chefe á frente, estes prodigios do saber humano; ou se é somente em Roma, na cabeça e coração da Egreja Catholica, e sob a direcção, impulso, e poderosas vistas do Romano Pontifice, que é Elle mesmo, e se presa de ser, um dos primeiros e mais dedicados cultores das sciencias e das lettras!»

Um antigo jornalista.

IX

O Clero e a esterilidade de estudos sobre sciencias naturaes

No outro repositorio (de que já me aproveitei) de coisas uteis, de memorias valiosas e de glorias patrias, que, depois do *Panorama*, mais conceito e acceitação mereceu, quero referir-me, já se vê, á *Revista Universal Lisbonense*, de que foi redactor longo tempo o grande poeta tão eximio como illustrado escriptor, *A. F. de Castilho;* nesse outro repositorio, digo, queixando-se o *sr. A. J. de Souza* (pag. 360 da *Revista Universal*, vol. I) do pouco que até então (1842) se estudavam, entre nós, as scienciaes naturaes, diz o seguinte:

«Custa a acreditar, que sendo o estudo das Sciencias Naturaes tão interessante e aprazivel, tão desprezado tenha andado até estes ultimos tempos: mas para isso muito concorreu decerto, além d'outras causas, o serem ensinados quasi exclusivamente na Universidade de Coimbra. D'aqui provêm a mingua de collecções e d'obras, que sobre taes assumptos possuimos, e por conseguinte a deficiencia de linguagem technica, a ponto de muitissimas vezes se tornar difficillima a traducção d'escriptos que versam sobre alguns d'aquelles ramos, mórmemte sobre Mineralogia, Geologia e Metallurgia»..............................

....

«Infelizmente é sobre taes assumptos, que menos se ha escripto em portuguez; pois que *além* das *Taboas Mineralogicas de Barjona, da traducção da Mineralogia de Bergmann* por *Fr. José Marianno Velloso*, apenas encontramos algumas Memorias de Monteiro, José Bonifacio d'Andrade, Vandelli, Barão d'Eschwege e alguns poucos mais, faltando inteiramente obras que formem um corpo de doutrina sobre aquellas materias.»

Vê-se, porém, que, *nem mesmo em tamanha e tão geral esterilidade*, deixou o Clero de dar de si algum fructo.

X

A fé não teme as sciencias

No mez de agosto de 1876, em França, na distribuição dos premios do Collegio de S. Miguel, em *St. Etienne*, proferiu *Mgr. Nardi* um eloquentissimo discurso em que fez o magnifico elogio da

Egreja e do Clero Catholico, que vae ler-se, e que correu a França e o mundo sem nenhum desmentido até hoje. Disse, pois, alli *Mgr. Nardi:*

«Desde quando, senhores, é que a Fé temeu «as sciencias?

«Não foi ella que reconheceu e salvou as reli«quias do saber dos Gregos e dos Romanos, que, «sem ella, teria perecido? Não foi ella, que na in«vasão dos Barbaros, e nas violencias dos tempos «feudaes, continuou a ensinar as grandes verdades «da rasão humana, e ao lado *de cada Convento e* «*de cada Egreja*, abria uma eschola? Sahidos das «florestas da Germania, os altivos Sicambros de«vastavam as Gallias; a Fé vae ao seu encontro, «faz-lhes curvar diante d'ella as frontes orgulho«sas, e d'aquella tribu selvagem sae a vossa glo«riosa nação. O que faz pela França, vae fazel-o «pelo resto do mundo.

«E' ella que envia Agostinho á Inglaterra, Bo«nifacio á Allemanha, Columbano á Helvecia, Cy«rillo e Methodo aos Slavos, Ansgar aos Scandina«vos. Sobre seus passos, ao lado dos templos do «Deus vivo, levantam-se poderosas cidades; ferti«lisam-se os campos; nascem a industria e o com«mercio, e succcssivamente a escripta, as bellas ar«tes, a poesia, e todos os elementos da civilisação.

«Não foi a Egreja Catholica, senhores, que «fundou as Universidades celebres, que foram como «que a aurora do dia d'hoje? Estas Universidades «christãs vós as restabelecestes: é um nobre pen«samento, que muito honra a vossa patria, porque «vistes que com o sol, que subia, subiriam tam«bem as nuvens para o escurecer, e que, se as an«tigas Universidades tinham dado a luz, eram ne«cessarias as novas para a conservar.

....

«Nós, christãos, termos medo das sciencias!
«Esqueceram-se então de tantas obras sahidas do
«*Clero Catholico*, e do proprio exemplo d'esta Com-
«panhia (de Jesus) que dirige os vossos Estudos?
«Esqueceram-se dos trabalhos gloriosos de Mabil-
«lon, de Sirmond, e dos Bollandistas, que *recon-*
«*struiram a historia?* Esqueceram-se de que, du-
«rante muito tempo, *a eloquencia do Pulpito* foi a
«unica eloquencia *viva* na Europa? Percorrei, se-
«nhores, o circulo dos conhecimentos humanos; e
«dizei-me se, na ordem social, existe ahi um corpo,
«que tenha mais abundantemente contribuido para
«o seu desenvolvimento do que o *Clero Catholico?*»

XI

O Padre Moigno

Em 16 de Junho de 1883, a mais auctorisada, sem duvida, e uma das instructivas e antigas Revistas litterarias, *La Civilitá Cattolica*, publicava, em Roma, um artigo sobre o *Padre Moigno*, de que o *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, em Lisboa, nos deu, depois, o transumpto, em seu n.º 30 do mez de setembro do mesmo anno e que vou reproduzir aqui.

E' este:

«..... o incansavel *P. Moigno*, bem conhecido *auctor de muitas dezenas de obras scientificas* e redactor do *Cosmos, les Mondes* — apresentou ha pouco á Academia Franceza uma Nota ou Memoria da qual, sob o titulo — *Sinthese dos Ceus e da Terra* — se tratam os principaes theoremas das sciencias modernas a respeito da composição do universo visivel e dos corpos que comprehende, e a respeito

das leis que o governam. A pericia do eximio sabio em tudo o que se abrange sob a designação de «sciencias modernas» apparece na mesma sobriedade das linhas em que desenha este seu admiravel quadro. Mas o P. Moigno sempre teve em vista fazer saltar a harmonia das sciencias com a Religião; e tambem d'esta vez, feita a exposição da sua synthese diante da Academia, proseguiu do seguinte modo: — «Não entrarei em mais particularidades; seja-me porém permittido dizer sómente onde encontrei, não já a primeira ideia—antiga para mim— mas a confirmação inesperada e verdadeiramente admiravel d'esta synthese tão simples e tão verdadeira do mundo e dos mundos.»

«S. Pedro, o humilde pescador do lago de Genesareth, tornado principe dos Apostolos, depois de nos ter recommendado que attendamos á palavra mais solida do vidente de Deus como a uma luz que resplandece nas trevas..., tornado elle mesmo vidente, nos insina que os ceus e a terra foram formados, os primeiros de agua, a segunda de agua e por agua tornada consistente só pela palavra de Deus.»

«S. Clemente, Papa, discipulo e segundo successor de S. Pedro diz ter-lhe ouvido expôr a que nós poderemos chamar theoria da formação dos ceus e da terra, e refere nas suas *Recognitiones* que o principe dos apostolos insistia sobre esta distincção: — os ceus formados de agua, e a terra de agua e por agua.»

«Os ceus e a terra formados de agua não podem evidentemente significar para nós outra coisa senão o que ha pouco affirmava, que os elementos dos corpos simples, que são os mesmos em todos os globos celestes, são constituidos pelo hydrogeneo, elemento peculiar da agua.»

« A terra formada de agua e por agua exprimiria demais a formação aquosa e neptunica dos continentes, admittida hoje quasi por todos, especialmente depois dos estudos de Carpenter sobre as profundidades maritimas.»

« A Academia das sciencias não se maravilhará de me vêr citar sobre a formação dos ceus e da terra a auctoridade de S. Pedro, pois que ella sabe ter sido allegado o mesmo testimunho por bom numero de physicos cujos gloriosos nomes lhe sam queridos, como um Joule e um Tindall, a proposito da theoria segundo a qual a terra e os mundos tem de acabar por um geral incendio que dissolverá os corpos e seus proprios elementos alternadamente: *elementa*, diz S. Pedro, *ignis calore d' solventur.* »

« Julgar-me-hei pago do que tenho feito pela Academia das Sciencias desde o dia em que foi introduzido na sala das suas sessões por um de seus mais famosos membros — Francisco Arago — em outubro de 1824, ha quasi 60 annos, se esta *synthese*, com a Revelação que lhe ponho por fundamento, parecer digna de ser publicada nas suas *Actas*, de cujas paginas — ella bem o sabe—nunca procurei abusar. Jámais confundi a sciencia com a Revelação, sempre cultivei a sciencia em si mesma; mas o estudo de toda a minha longa vida me tem convencido de que os textos da Biblia que mencionam ou se referem a factos e a theorias scientificas são bastante mais numerosos do que se crê, e importantissimos, e cheios d'aquella sciencia mais aperfeiçoada de que a Academia procura, anima e recompensa os progressos. »

E o traductor accrescenta:

« Os desejos do venerando sabio foram bem acolhidos e a sua *synthese*, com todas as declara-

ções do valor scientifico dos Livros Sagrados, foi inserida nas *Actas* da Academia. O valoroso ancião deve ser applaudido por todos os catholicos pela coragem e habilidade com que soube plantar o estandarte da Religião n'um campo onde tremula a cada passo a bandeira da incredulidade. Os catholicos, além d'isso podem aproveitar d'este seu exemplo duas lições: a primeira que os grandes meritos scientificos conciliam a quem os possue respeito e auctoridade perante todos — até perante incredulos — embora quem os possue seja catholico e homem de Egreja. E d'aqui se segue, em segundo logar, que os homens de sciencia catholicos não se devem abster de fazer publica confissão de seus sentimentos religiosos, pois que o dissimulal-os não sómente seria falta de valor que se atemorisa com as dificuldades, mas cobardia que as finge onde não existem.»

Ainda sobre o *P. Moigno*, adduzirei aqui o que se lê no *N. Mens. do Cor. de Jes.* n.º 42 de 1884, pag. 377:

«*Foi auctor* (diz esta illustrada e auctorisada *Revista*) *da magnifica obra Les Splendeurs de la Foi e de muitas outras em que nunca deixou de manifestar a harmonia entre a sciencia e a religião. Foi membro da Companhia de Jesus,* durante muitos annos. *Era respeitado por todos os homens scientificos do mundo e como vulgarisador da sciencia era sem contestação o primeiro.*»

XII

Os Benedictinos e as sciencias

Nas apertadas raias, que me tracei n'esta edição, impossivel seria, de todo, dar logar separado a cada uma das Ordens Religiosas que se assignalaram por seus serviços ás Sciencias, ás Lettras, e ás Artes, porque rara será a que, mais ou menos, não conte em seus annaes brilhantes nomes ou brilhantes paginas.

Entretanto a Ordem Benedictina extrema-se naturalmente entre todas, e por isso tambem entre todas não só a extremarei, senão que lhe darei primazia.

Não posso demorar-me — bem se deve crêr — a enumerar as obras scientificas, os trabalhos litterarios, os serviços artisticos dos Benedictinos, que só isso dava materia para obra de outro folego. Não ha homem lido, que dos estudos perseverantes, da vastidão de conhecimentos, e dos seus fructos esplendidos em todo genero de cultura do espirito, que esta Ordem tem produzido, por espaço de seculos, não tenha noticia.

Para os restantes basta citar o testemunho do protestante *Gibbon*, que diz na sua segunda carta a Attico:

«Um só convento de Benedictinos contribuiu mais *para o progresso da litteratura* do que as dùas Universidades de Oxford e Cambridje.»

*

Os Benedictinos no Rio de Janeiro

Em 1881 publicava em Lisboa uma folha [1] o seguinte, extrahido do excellente jornal *O Apostolo* do Rio de Janeiro, onde se lia, havia pouco tempo:

«Os benedictinos despendem aqui na côrte, *com a instrucção primaria e secundaria* dos meninos pobres, 20 contos de reis por anno.»

....

«Pagam *matricula e dão mesada a alguns alumnos da escóla Polytechnica e Faculdade de Medicina*, cujos paes são pobres.»

XIII

Um Bispo Hungaro

Lia-se na *Unitá Catholica* de 12 d'Abril de 1877:

«O sr. Bispo de Colocra *(Hungria)*, Mrg. *Heynald*, acaba de *fundar e dotar á sua custa*, um *observatorio astronomico*, confiando-o aos Jesuitas, os quaes *dirigem um grande collegio* na mesma cidade.»

---

1 *O Novo Rebate*, de que sahiram poucos numeros.

XIV

O principe da entomologia franceza [1]

Do jornal hespanhol *El Avizador*, da sua folha de 28 de junho d'este anno de 1888, traduzo para aqui a seguinte interessante narrativa historica, por elle publicada com o titulo de *O Cura e o insecto:*

«Era no anno de 1793, anno em que toda a França trajava lucto e em que corria em torrentes o sangue de seus filhos. Era, n'uma palavra, na epocha do terror.»

«Um pobre Sacerdote proscripto, joven, disfarçado em aldeão, acabava de deixar a sua parochia para salvar a vida. Triste e pensativo, lançava de quando em quando para traz uma vista melancholica, como para despedir-se das almas, cuja guarda o Senhor lhe havia confiado, e que lá ficavam em plena tormenta politica. A's vezes, os olhos se lhe arrasavam de lagrimas e se punha a rezar. Aonde iria elle? Só Deus o sabia.»

«Caminhando, caminhando, chegou um dia a uma povoação onde contava demorar-se algum tempo em casa d'um antigo companheiro nos seus estudos. Ao perguntar por esse amigo, foi rodeiado com assombro por muita gente, que o prendeu como *suspeito*. O nome da pessoa por quem o Cura perguntava era o de um *nobre*, cuja cabeça

---

1 A *entomologia* é aquella parte da Zoologia, que trata *especialmente* dos insectos, sendo a Zoologia a sciencia que se occupa, em geral, dos animaes.

acabava de cahir no cadafalso. Era evidente que o forasteiro tambem devia ser inimigo da patria. Foi, pois, conduzido immediatamente ao tribunal revolucionario permanente, que funccionava sem descanço. O infeliz confessa, em seguida, que é ecclesiastico, e é logo tambem condemnado á morte, como o amigo por quem tinha perguntado.»

«A execução devia effectuar-se no dia seguinte. Não podendo esperar senão em Deus, o joven Padre preparou-se para bem morrer, e depois com o fim de restabelecer suas desfallecidas forças, pediu ao seu carcereiro uma ceia modesta em troca do seu vestuario. O carcereiro acceitou o contracto, e tão benevolo se houve que consentiu em ceiar com o ecclesiastico, e com elle conversar durante a ceia, e até em beber á saude de seus parentes.»

«A' sobremêza, comprazia-se o carcereiro em contar ao condemnado á morte a historia e pormenores dos crimes e torturas de que tinha sido theatro aquella velha e segura prisão. Acabada a ceia, contou elle tambem a historia d'alguns presos e por fim a dos juizes, fornecedores d'aquella fatidica mansão.»

—«Que vos parece a catadura do cidadão presidente que vos condemnou? disse o carcereiro, continuando a tagarelar. Tem uma formosa cabeça de chefe de club, não é verdade?»

«O Padre, que ainda se confrangia só com o recordar-se do tom sêco e frio do cidadão presidente, não respondeu.»

«Pois bem, acrescentou o carcereiro, quando está fóra do tribunal, já não é o mesmo homem. Parece um cordeirinho! Para mim só tem um defeito, uma mania: quereis acreditar que apenas se vê livre da sua patriotica tarefa, esse homem se

põe a correr pelo Campo atraz de borboletas, em busca de gafanhotos, á caça d'insectos? Vamos, é uma extravagancia indigna de um cidadão á altura dos seus deveres.»

«Ao ouvir estas palavras estremece o condemnado, que tambem tem estudado cuidadosamente os insectos, e se recorda de que justamente dentro do seu chapeu traz comsigo um exemplar entomologico, uma raridade na sua especie, a *necrobia ruficornis*, que caçou casualmente durante a sua fuga. E como que occultando-se do carcereiro, tirou o insecto e cravou-o mysteriosamente com um alfinete na rolha da garrafa vasia.»

«O carcereiro, que não tinha perdido nenhum dos seus movimentos, imaginando que o insecto era algum objecto sediciozo e que merecia ser aprehendido, ou alguma senha suspeita, acaba precipitadamente a ceia, e corre a denuncial-o ao cidadão presidente, a quem conta por miudo tudo o que vira.»

«Poucos minutos depois estavam dois homens sentados um defronte do outro, fallando, em casa do presidente, com os cotovelos firmados n'uma meza cheia de exemplares curiosissimos de zoologia. Eram o juiz e o condemnado: o joven sacerdote explicava miudamente; dava promenores; revelava costumes; e enumerava especies, que enchiam de profunda admiração o juiz: o qual, umas vezes, applaudia com o gesto, outras, negava, e, por fim, acabava com render-se á evidencia e á sciencia profunda do seu sabio interlocutor.»

«Passadas algumas horas, despediam-se aquelles dois homens, apertando-se as mãos como dois camaradas. O condemnado entrava n'uma carruagem, provido de dinheiro e de attestados de civismo em devida forma, e o juiz, separando-se d'elle, as-

segurava-lhe que ninguem o encommodaria nem inquietaria pelo caminho, até á proxima cidade, em que devia tomar a *Deligencia* para Paris.»

«O ecclesiastico tão milagrosamente salvo para a sciencia, era o celebre *Abbade Latreille*, que morreu em 1833, de morte natural, e que mereceu dos naturalistas o nome de *Principe da entomologia franceza.*»

«A povoação onde estes successos se passaram e que acabamos de contar, era Bordeus, e o presidente que salvou a vida a um homem em troca de um insecto, era um dos proconsules bordelezes.»

«O *Abbade Latreille*, chegou a ser correspondente do Instituto: empregado no Museu de historia natural, membro do Instituto, cathedratico de sciencias naturaes e auctor de muitos livros notabilissimos, que lhe fizeram merecer um dos logares mais distinctos entre os sabios do presente seculo.»

XV

Papel de amianto

—N'uma mui curiosa noticia sobre o *amianto* (*substancia incombustivel*), publicada no jornal *L'Italia*, de 24 d'abril de 1876, lê-se o seguinte:

«Luctou-se com sérias difficuldades para fazer papel do *amianto*. Uma pequena brochura impressa n'este papel, que encontrámos na Exposição (em Roma), indica que se deve este invento a um *Padre*, o *Conego Vittorio del Corona, de Arezzo*. Foram precisos muitos annos de trabalhos continuos e de sacrificios consideraveis de dinheiro, para chegar se a este resultado. Hoje, a final, pode-se fa-

bricar papel para escrever por um preço relativamente inferior, a quatro francos o kilogramma.»

«Este papel, que é fabricado em Tivoli, na fabrica de papel d'esta cidade, póde naturalmente servir para muitos usos; é especialmente destinado para documentos importantes, que ficam d'este modo livres do fogo.»

XVI

A Instrucção, em França, antes da Revolução

Por occasião da discussão, no Parlamento francez, da celebre lei do ensino do snr. *Ferry*, o sr. conde de *Perrochel*, disse, entre outras coisas, o que se segue, na sessão de 4 de Julho de 1879:

«A Egreja contou sempre a instrucção pu-«blica entre os seus primeiros deveres. Antes da «Revolução, a Egreja e a Universidade tinham en-«tre si as melhores relações.

«Estas excellentes relações se restabelecem «hoje, debaixo da acção da concorrencia e da li-«berdade.

«A expulsão dos Jesuitas em 1762, deu um «golpe terrivel na instrucção. Em 1789 havia 542 «collegios, que instruiam 72,000 discipulos, dos «quaes 40,000 recebiam instrução *gratuita*. *M.* «*Villemain*, no seu relatorio de 1842, reconhecia «que antes de 1789 frequentavam as eschólas *uma* «creança sobre *trinta*, e que em 1842 a proporção «era de *uma* sobre *trinta e cinco*.»

Estes dados não foram desmentidos.

XVII

O Padre Faura, da Companhia de Jesus

No jornal francez, *L'Univers*, de 11 de Janeiro de 1881, lê-se o seguinte:

«Os jornaes de Manila certificam a importan-«cia que em pouco tempo tem tomado o observa-«torio dirigido pelos *Padres da Companhia de Je-«sus*. As curvas symometricas traçadas pelo *Padre «Frederico Faura*, quando houve os tremores de «terra do mez de julho, excitaram a admiração ge-«ral. Agora o interesse dos homens do mar e das «auctoridades volta-se para as observações meteo-«rologicas. Ha dois annos que o observatorio func-«ciona, e o *Padre Faura* tem annunciado com «exactidão, muitos dias antes, quatorze furacões.

«Estes prognosticos tem contribuido para se «poderem salvar consideraveis interesses, e arreba-«tar á morte certo numero de marinheiros.

«Os Inglezes, que começaram por desdenhar «d'estas observações, reconhecem agora *a admira-«vel exactidão* das do *Padre Faura*, e preparam-se «para estabelecer um observatorio em Hong-Kong.

«O capitão general das Philippinas recorreu «ao governo de Madrid, pedindo-lhe para dar a «isto o seu apoio, em virtude da utilidade das «observações, e *da honra* que os *Padres da Com-«panhia fazem á Hespanha com seus trabalhos;* «esperando-se que obtenha para este estabeleci-«mento todos os melhoramentos de que é susce-«ptivel.»

*

O jornal inglez *Norts-China-Herald* de 18 de Maio de 1883, tambem se refere ao Jesuita *P. Faura*, dizendo o R. P. Marcos Decherrens n'um notavel artigo d'aquelle citado numero — «*Note on the passage of typhoons in the interior of China* — que elle e o seu collega, ambos Jesuitas, dirigindo e fazendo os competentes estudos no observatorio meteorologico de Manila, (assim como o P. Vines, na Havana) tinham livrado, com suas communicações preventivas sobre os tuphões, centenares de navios de uma perda quasi certa e salvado milhares de vidas, pelo que lhes costumam chamar *paes* e verdadeiros amigos os maritimos d'aquellas paragens.

(Vid. *Nov. Mem.* d'Agosto de 1883, pag. 308.

XVIII

Leão XIII e o Padre Denza

Em Outubro de 1883, lia-se no *Journal de Rome:*

« *O Padre Denza*, o sabio meteorologista, teve a honra de ser recebido, ha alguns dias, em audiencia particular, pelo Santo Padre. Sua Santidade dignou-se dirigir-lhe os mais vivos elogios pelos seus trabalhos, em que declarou tomar o maior interesse.»

« Depois de ter ouvido com muita attenção as informações minuciosas que lhe deu o *Padre Denza* sobre o recente congresso de Ruão, em que elle tomou parte, abençoou de todo o seu coração a obra do illustre sabio, assim como de todos que se lhe tem associado.»

«Dignou-se testemunhar muito especialmente o interesse que toma pelo observatorio meteorologico

de Maenza, perto de Carpineto, sua patria, a cujo desenvolvimento tem prestado a protecção mais benevolente e do qual se occupa com muita especialidade seu sobrinho, o snr. conde Ludovico Pecci.»

XIX

Fr. Thomé de Jesus

Sobre este auctor de um dos melhores, mais preciosos e admiraveis livros, que temos em boa e castiça linguagem portugueza, nenhuma mais interessante noticia posso dar delle que copiar aqui o que se lê no *Panorama* n.º 49, de 7 d'Abril de 1838.

Diz, pois, alli o *Panorama :*

«Fr. Thomé de Jesus foi irmão do chronista Francisco de Andrade, e de Diogo de Payva......

«Tendo entrado na ordem dos *eremitas de Santo Agostinho*, foi um dos nomeados por el-rei D. Sebastião para acompanharem, como capellães, o exercito que o infeliz monarcha levou a perecer nos campos de Alcacerquibir. No dia do combate, andando no meio dos soldados, animando-os a pelejar foi ferido e captivo. Levado a Mequinés, e lançado no fundo de um calabouço, padeceu por largo tempo fomes, sedes e ludibrios. Ahi, nas horas em que uma escaça luz lhe permittia escrever, compoz o *admiravel livro*, intitulado « *Trabalhos de Jesus.* » Tirado d'aquella dura prisão pelo embaixador portuguez D. Francisco da Costa, que fôra a Marrocos tractar da redempção dos captivos, saiu do carcere em tão lastimoso estado que parecia um cadaver. O seu apparecimento entre os companheiros

de infortunio, que no meio da desgraça, ainda ali mentavam odios e vicios, foi um signal de bonança.»

«Este anjo de paz acalmou as paixões, e reformou os costumes d'aquelles homens corruptos.»

«Quizeram seus parentes, poderosos em Portugal, resgatal-o: mas o homem evangelico preferiu a servidão e a miseria á liberdade e ao repouso; porque a sua missão de caridade ainda não estava acabada. No meio dos seus trabalhos apostolicos *Fr. Thomé* falleceu em Marrocos, venerado dos infieis pelas suas virtudes e chorado dos christãos, de quem era consolação e abrigo.»

«O livro dos *Trabalhos de Jesus* saiu á luz muitos annos depois da morte do seu veneravel auctor: só em 1602 se imprimiu em Lisboa a 1.ª parte, e a 2.ª em 1609.»

«Em 1666 se reimprimiram ambas na mesma cidade em um volume de 4.º. E' esta a edição mais valiosa, não só pelo aceio com que foi estampada; mas porque nella se accrescentou uma carta do auctor, dirigida á nação portugueza depois do infeliz successo da expedição. N'este papel se encontra o seguinte paragrapho, assaz curioso, porque mostra as difficuldades que o cercavam na composição desse maravilhoso livro:

«Cometti esta obra, havendo por industria e «muito segredo, papel e tinta e escrevendo as mais «das vezes sem mais luz que a que entrava por «gretas da porta, ou agulheiros e buracos das pa«redes. Furtava para isto o tempo, por me não ve«rem e os mais apparelhos necessarios, se não só «o que de graça e luz divina a meus interiores e «cegos olhos dava, sem eu lh'o merecer.»

«Uma obra escripta em semelhante situação, guiada por inspirações tão extraordinarias, devia ter um cunho muito original. Com effeito os *Tra-*

balhos de Jesus inspiram uma tão suave melancholia, uma resignação tão meiga, que a sua leitura por vezes excita a lagrimas. A Europa fez justiça a este livro piedoso : apenas publicado, appareceram traducções delle em hespanhol, francez, italiano e latim ; e das edições portuguezas, até a 3.ª (1733) já hoje se tem tornado pouco vulgar.

XX

Conferencia scientifica d'um Padre no Seminario Diocesano do Funchal

—O jornal *A Nação*, de 25 de Novembro de 1883, transcrevia do jornal «*A Verdade*» do Funchal o seguinte:»

«Teve logar na sala da Associação Catholica a annunciada palestra familiar sobre telegraphia electrica.»

«O reverendo conferente *director espiritual e professor de Introducção no Seminario Diocesano*, que já em outras palestras fallára sobre electricidade em geral, explicou agora esta applicação da electricidade, de todas a mais importante, discorrendo sobre as partes constitutivas e essenciaes de todos os apparelhos telegraphicos, sobre diversos systemas de telegraphia, desde os mais primitivos, de agulha e mostrador, até aos mais aperfeiçoados de Morse, de siphão, de espelho e de Caselli.»

«Fallou dos differentes conductores ou fios electricos, tanto aereos como subterraneos, e de sua diversa construcção; da velocidade vertiginosa com que a eletricidade se propaga, excedida unicamente pela velocidade da luz.»

«Entrou em mais pormenores a respeito dos

telegraphos de agulha, os mais antigos, mas ainda hoje usados em Londres e outras cidades da Inglaterra, mostrando, por uma experiencia, como a corrente electrica actúa sobre a agulha magnetica, desviando-a ora para uma ora para outra direcção, e como por meio d'estes movimentos se póde estabelecer um alphabeto.»

«Foram interessantissimas as experiencias feitas com o duplo telegrapho mostrador; apparelho nitido e completo, propriedade d'uma illustre familia estrangeira, generosamente posto á disposição, do gabinete de physica do Seminario.»

«Assim era facilimo aos espectadores formar idéa exacta das differentes manipulações usadas n'este systema de telegraphia.»

«Lembrou o conferente que a telegraphia eletrica celebrava n'este anno um semi-centenario, pois foi em 1833 que Gauss e Wever, da Universidade de Geothugen, na Allemanha, construiram o 1.º telegrapho de agulha.»

«Terminou por uma observação, n'este tempo muito a proposito, visto como se quer fazer acreditar que a Egreja é inimiga da sciencia.»

«Tambem n'este ramo das sciencias humanas, disse o illustre conferente, se vê claramente quanto é falsa e gratuita a accusação, que se faz á Egreja, como opposta ao desenvolvimento das sciencias.»

«Pois quem primeiro se lembrou que podia aproveitar-se dos movimentos provocados na agulha magnetica pela electricidade, a fim de transmittir a larga distancia quaesquer noticias, foi *Ampére*, bem conhecido no mundo scientifico, e ao mesmo tempo tão *religioso*, tão profundamente catholico, que, se hoje vivesse, não deixaria de ser taxado por certa gente, de fanatico e muito jesuita.»

«O primeiro que inventou o telegrapho mais admiravel, o autographico, ou de Caselli foi um humilde *Padre, um frade da ordem de S. Bento, o rev. Padre Bruck* do convento de Einsiedeln na Suissa, fallecido ha pouco tempo.»

«Se hoje em dia quasi se não falla d'elle, é porque não fez ostentação das suas descobertas nem procurou a gloria do mundo.»

«Como o *padre Gusmão, jesuita portuguez,* primeiro aeronauta, que 70 annos antes dos irmãos Mongolfier, hoje tão festejados, fez a 1.ª subida em balão em Lisboa, ficou na sombra.»

«E afinal, o proprio Caselli, de quem este systema agora tem o nome, tambem era *um padre da egreja catholica apostolica romana.*»

«Estas conferencias honram muito o Seminario.»

XXI

O Padre Parnisetti

Por occasião da morte do sabio *Padre Parnisetti:* succedida não ha muito tempo, a excellente Revista, *La Illustracion Catholica* de Madrid, escrevia o seguinte:

«Victima como tantos outros da conspiração do silencio, o *sacerdote Parnisetti* acaba de morrer obscuro e esquecido n'uma sociedade que queima arrobas de incenso nas aras de insignes nullidades.»

«*La Illustracion Catholica* deve recolher seu nome e sua memoria, reparando quanto possivel o ultrage d'estes tempos, que só teem por grandes homens os que seguem suas nefandas correntes.»

«O sacerdote *Padre Parnisetti* nasceu em Alexandria do Piemente a 6 de setembro de 1823. Filho de paes mui christãos, recebeu uma educação piedosa, e aos 11 annos vestia já o traje de seminarista, começando com grande vocação a carreira sacerdotal.»

«A sua affeição pelas sciencias mathematicas, bem cultivada no seminario, o collocou immediatamente em condições de percorrer o vasto campo da phisica e da astronomia, que eram o ideal das suas fadigas. Afim de aperfeiçoar-se n'estes difficeis estudos deixou sua terra natal, sendo já *sacerdote*, e visitou alguns dos mais famosos observatorios da Europa, travando intima amizade com *o padre Secchi, principe dos astronomos modernos.*»

«Quando voltou á Alexandria quiz cultivar em grande escala os estudos astronomicos, mas faltava-lhe observatorio. *O reitor do seminario* remediou esta necessidade, *facultando-lhe licença para o erigir no edificio do collegio.* Em 1855 inaugurou-se o observatorio, e *Parnisetti* poude consagrar-se aos seus estudos favoritos. Comprehendendo o joven astronomo a necessidade de dividir bem esta classe de trabalhos, pois a abobada celeste não se abarca com um lance d'olhos, começou por estudar profundamente as estrellas fugazes, e sobre este ponto escreveu uma memoria notavel que mereceu o applauso universal de astronomos eminentes.»

«A este escripto succederam outros interessantissimos, que mostravam o talento e o trabalho do *sacerdote* piemontez. *Como signal do apreço em que o prelado de Alexandria* tinha os seus trabalhos, nomeou-o *conego da sua Egreja*, cargo que pouco tempo desempenhou.»

«Todavia a prova mais notavel do estudo de *Parnisetti*, o que lhe deu mais nomeada entre os sabios, foi o seu *anemometographo*, instrumento destinado a investigar a direcção e a velocidade do vento, que *mereceu o grande premio* na exposição universal de Paris em 1867, e que foi adoptado em muitos observatorios da Europa e da America [1].»

«A morte surprehendeu o laborioso astronomo no melhor da sua vida, quando se occupava em novos inventos para facilitar o estudo dos phenomenos celestes.»

«Os homens estudiosos deploram sua morte, que passará inadvertida para o commum dos homens, occupados em fazer a côrte ao sol que mais aquece.»

XXII

A Flora das Philippinas e os Frades Agostinhos descalços

De uma correspondencia de Hespanha, datada de Madrid em 3 d'Outubro de 1883, e publicada pelo *Univers*, de Paris, em 8 do mesmo mez, traduzo para aqui o seguinte:

«Não resisto ao prazer de assignalar, por honra das congregações religiosas, o exito que acaba de obter na exposição de Amsterdam, uma obra, que faz a maior honra á *sciencia dos religiosos Agostinhos*.»

«Esta obra, a que o jury internacional deu a maior distincção de que podia dispôr (a medalha

---

1 Existe um na Universidade de Coimbra.

d'ouro), declarando que nenhuma outra nação podia apresentar egual titulo de gloria, é a importante publicação feita em Manila pelos *PP. Agostinhos descalços* e conhecida com o nome de: *Flora das Philippinas.*»

«Segundo a confissão dos sabios do mundo inteiro, o *P. Blanco*, que está á frente d'esta publicação, revelou-se um émulo de Linneu; levantou um verdadeiro monumento á gloria da sua Ordem e da Hespanha. *La Epoca*, que confirma este juizo, e o applaude, lembra ao mesmo tempo, um facto tristemente curioso, e que prova em que lamentavel estado de dependencia, a respeito do poder civil, estão sempre as congregações religiosas, cuja existencia é unicamente tolerada n'este tão catholico paiz d'Hespanha. Assim, poder-se-ha acreditar que as ordens religiosas nas Philippinas, não podem fazer nenhuma publicação sem terem obtido previamente uma auctorisação especial do governo? D'aqui resulta, que uma grande quantidade de manuscriptos preciosos não tem podido ver a luz do dia.»

«*La Epoca* accrescenta, que sabe por conhecimento especial que os religiosos Agostinhos possuem os mais preciosos manuscriptos dos membros da sua Ordem concernentes, quanto ao Japão, *ao reino mineral e vegetal, á industria, aos costumes e usos d'este paiz* tão interessante e tão pouco conhecido ainda. O mesmo, pelo que toca ao Toukin. Ha dois seculos, que os religiosos Agostinhos prégando alli com exito feliz o Evangelho, teem accumulado em seus archivos os estudos de maior preço em tudo que constitue a ordem *politica, administrativa, commercial e industrial* d'este paiz. Emfim, o *Diccionario geographico e estatistico das ilhas Philippinas,* publicado em 1850 pelos *PP. Agosti-*

nhos Buceta e *Bravo*, não se pode hoje encontrar. Não seria tempo para o ministro do ultramar auctorisar uma nova edição popular, que tantos serviços pode prestar?»

XXIII

Os Jesuitas e a Imprensa no Oriente

De uma interessante *Memoria*, começada a publicar no *Diario Popular*, jornal de Lisboa, em 22 de Março de 1880, intitulada «*Memoria das imprensas do governo, subsidiadas pelo Estado—bibliothecas—archivos—buletins das provincias ultramarinas—periodicos e livros publicados no Ultramar — bibliographia ultramarina*,» deixarei aqui archivada a confissão que se lê n'estas linhas:

....

«Se os jesuitas não introduziram a imprensa na India, pelo menos os primeiros livros que alli se imprimiram foram escriptos por elles.»

«Iniciaram-se em Goa os trabalhos typographicos com a publicação em 1557 do *Cathecismo da doutrina christã, por S. Francisco Xavier.*»

«É porém fóra de duvida. que *foram os jesuitas* que introduziram a imprensa na China e no Japão, sendo o primeiro livro impresso em Macau no anno de 1590, e no Japão talvez em 1593.»

XXIV

O Jesuita francez, P. Camille de la Croix

Este Jesuita, membro da sociedade dos Antiquarios do Oeste, em Poitiers, leu, em Janeiro de de 1879, n'essa sociedade, uma interessante Memoria sobre um descobrimento archeologico feito por elle, que é o *Martyrium*, de Poitiers, edificio unico em França, que data do fim do quarto seculo, levantado em honra de setenta e dois martyres christãos.

Na acta da sessão da sociedade dos antiquarios publicada no *Journal Officiel* da Republica franceza, não se atreveu *a mão anti-jesuitica* a negar o interesse da descoberta, a sabedoria da discripção do edificio, nem o valor das inscripções; mas occultou a circumstancia de que o auctor era um Padre da Companhia de Jesus, chamando-lhe simplesmente *M. Camille de la Croix !*

O' ingenuidade e boa fé dos inimigos da Egreja !

Todos estes factos estão consignados no jornal Parisiense *L'Univers* de 4 d'Abril de 1880.

XXV

A Archeologia e o Clero

M. de Charencey, notavel archeologo francez, contemporaneo, e auctor de algumas obras sobre aquella materia, publicou em 1880 uma nova obra archeologica.

Eis aqui o que dizia o *Univers* de 20 d'Abril do referido anno, ao annuncial-a:

«Com satisfação annunciamos aos nossos leitores a publicação de uma nova brochura *de M. de Charencey*, intitulada*: Decifração dos escriptos calculiformes ou Magos*. (O baixo relevo da cruz de Palinqué e o manuscripto Troiano).»

«O auctor dá alli um resumo de suas anteriores investigações sobre a decifração dos escriptos da America central; pode elle ser considerado como o primeiro que deu uma solução pelo menos parcial do problema. Effetivamente as tentativas anteriores do snr. *Abbade Brasseur de Bourbourg* tinham ficado sem resultado no ponto de vista scientifico, *salvo no que pertence á determinação de muitos signaes numericos.*»

«Auxiliando-se das *informações dadas pelo velho Missionario Landa*, que evangelisou o *Yucatan* pouco depois da conquista, M. de Charencey chegou a determinar o valor exacto de muitos grupos de caractéres. Leu nomeadamente o nome do grande deus *Hunab-Ku*, no famoso baixo relevo da cruz, e reconheceu em differentes logares *Kukulun*, o semi-deus civilisador d'estas regiões.

Resulta das indagações do auctor, que o systema graphico dos povos da America central tinha n'isto chegado quasi ao mesmo grau de desenvolvimento que o dos antigos Egypcios; tinha caractéres uns ideographicos, outros syllabicos, os ultimos, emfim puramente alphabeticos.».................

XXVI

O Padre Antonio de Andrade

«Este jesuita descobriu o Tuibet em 1624, e fundou alli missão christã. Escreveu a relação do seu descobrimento.»

«Não seria elle um benemerito da religião, da patria, e tambem das lettras?»

(Do *Comm. do Minho* de 22 de Novembro de 1883.)

XXVII

O Jesuita Padre Lafont

Lia-se na *India Catholica* de Bombaim, chegada a Lisboa em abril de 1880:

«O jesuita, padre Lafont, antigo reitor do Collegio de S. Francisco Xavier, de Calcutá, acaba de ser condecorado por S. M. a rainha imperatriz com a insignia da Ordem do imperio indico, em attenção aos serviços que s. rev.ª prestou á India com os seus esforços em promover a sciencia»

«Pedimos aos nossos collegas no reino fidelissimo para que não propaguem esta noticia lá, pois com certeza ha-de arrancar aos *ennes, erres, commercieiros* e quejandos, a exclamação:»

«Este inglezes perderam de todo o juizo.»

XXVIII

Escholas publicas fundadas por um padre

N'uma correspondencia de *Ciudad Rodrigo*, datada de Novembro de 1883, e publicada no jornal de Coimbra a *Ordem* em 11 de Dezembro do mesmo anno, lia-se o seguinte:

— «No passado mez de outubro foram inauguradas as duas escholas publicas para meninos e meninas, que acabam de construir-se no bairro de S. Francisco *(extra muros)*, graças *ao valioso donativo de mais de 5:000 duros (5 contos de reis) para este fim offerecido por um Sacerdote*. filho d'esta cidade, e hoje actual Chantre da S. Egreja de la Habana.»

«Assistiram ao acto as auctoridades ecclesiasticas, civil e militar, commissões representando as corporações da localidade, professores e professoras de instrução primaria, e numeroso e escolhido concurso de pessoas da cidade.»

«O acto esteve solemnissimo, e nos tres discursos que foram pronunciados pelo presidente da camara municipal, *por um Sacerdote*, na qualidade de presidente da junta da eschola, e o ultimo por um professor de instrucção primaria, predominou em todos elles, como ideia principal, «a necessidade da educação religiosa», não sendo facil apreciar qual dos tres oradores tal *necessidade* encareceu com mais ardor e *eloquencia*.»

«Rasgos tão generosos e caritativos, como frequentes nos Sacerdotes quando dispunham em Hespanha de seus proprios recursos, que hoje lhes tiraram, merecem ser conhecidos, principalmente

por aquelles que com tanta frequencia perseguem tão respeitavel e benemerita classe, tratando-a de nada menos que de fomentadora da *ignorancia e fanatismo!* »...

XXIX

O Abbade Mathieu (Invenção clerical)

O snr. Conde de Castillon dirigiu em França á *Gazette de Campagnes*, com o titulo de: « *Um eixo propulsor* » a seguinte interessante nota que foi communicada ao *Monde*, e que elle publicou em sua folha de 23 de novembro de 1883:

« Um modesto Coadjutor d'uma Egreja, Haute-Garonne, dotado d'um engenho particular para a mechanica, o snr. *Abbade Mathieu*, cura de S. Julião, acaba de tirar previlegio para um descobrimento seu de primeira ordem. Deu á sua invenção o nome significativo e perfeitamente justificado de *eixo propulsor*. Graças á disposição d'este eixo, os attritos, causa principal para a tracção, são quasi completamente annulados, porque são reduzidos, segundo os calculos do inventor, na proporção de 94 para 100. »

« E' uma revolução. »

« O eixo em si mesmo e sua disposição com relação á caixa ou á plataforma do vehiculo e as rodas são tão simples e tão pouco complicadas como na maneira biblica ainda usada em nossos dias. E' d'uma simplicidade de tal modo inaudita e maravilhosa que cada qual se espantará, primeiro que tudo, de não a ter inventado... É o ôvo de Christovam Colombo. »

« Este eixo nada tem de commum com o eixo

de M *Relon*, e o seu poder é infinitamente superior.»

«O primeiro ensaio foi feito por uma creança de dez annos bastante debil, que arrastou por um caminho em mau estado um pezo de 7 a 8 quintaes sem o menor custo.»

«Teremos nossos leitores ao facto das experiencias que se vão fazer immediatamente. Eis aqui pois o snr. *Abbade Mathieu* bemfeitor dos cavallos. Não é tudo; esperamos poder annunciar em breve outra descoberta que o colocará na classe dos bemfeitores da humanidade, pela revolução que ella ha de trazer nos nossos processos industriaes.»

«Recebei etc.

Conde de Castillon.»

XXX

Fénélon

«Este arcebispo de Cambrai membro da academia franceza, e illustre escriptor é o auctor do *Telemaco.* Chamaram-lhe o Racine da prosa e é considerado o primeiro de todos os prosadores francezes pelo seu estylo puro, corrente, harmonioso, cheio de graça e de imaginação.

Alem do *Telemaco*, composto para a educação do Duque de Borgonha, de quem era mestre, compoz outras obras onde brilha a graça, a elegancia, e o natural; assim como estão cheias de altas lições de moral e força de verdade, que attestam os profundos e variados conhecimentos do auctor.»

XXXI

Frei Antonio Danzas

«A este sabio e illustre *Frade Dominicano*, fallecido, não ha muito, dedicou o jornal francez «*Echo de Fourrière*» um notavel artigo, por occasião de sua morte, que o jornal de Coimbra, «*A Ordem*» traduziu e publicou em 16 de Maio do presente anno de 1888. Não o transcrevo porque o artigo da folha de *Fourrière* é a biographia d'este benemerito Frade, o que, em geral não entra propriamente na indole d'este meu estudo, nem nos estreitos limites a que tenho de restringir os meus pequenos *apontamentos*. Tomarei d'alli apenas, que o *Dominicano Danzas* era o mais antigo Dominicano francez, o unico que restava dos antigos companheiros de *Lacordaire;* que era Alsaciano; que fôra uma alma doce, affectuosa, poetica, e imminentemente artistica, tendo consagrado toda a sua vida ao duplo amor de Deus e do bello; que, depois de ter scismado sobre a arte e as legendas nas margens do Rheno, foi a Paris estudar as grandes obras de pintura das suas galerias, travando ahi relações com varios artistas, o que muito lhe fortaleceu e aperfeiçoou o seu talento para o desenho e para a pintura, de modo que, quando, com a saude enfraquecida, se retirou ao seu convento de Lyon para viver como simples religioso, todas as horas do seu tempo foram consagradas a *escrever, desenhar ou pintar e orar*. Foi então que escreveu a sua excellente obra «*Os estudos sobre os tempos primitivos dos Irmãos Pregadores*» que é a historia primorosa da sua Ordem; e foi então

tambem que pintou as admiraveis vidraças da Egreja do Convento dos Dominicos de Lyon, de quem se diz que são *tão bellas como uma visão do Paraizo!*»

XXXII

Um Bispo francez na inauguração d'um caminho de ferro

Tão eloquente me pareceu, e ao mesmo tempo tão significativo para responder aos inimigos da Egreja e do Clero nas calumniosas acusações de sua hostilidade ás sciencias e aos progressos e aperfeiçoamentos humanos, em todos os ramos, o discurso do *Sr. Bispo francez Mgr. Faget*, na *inauguração do caminho de ferro de Paris a Orleans* em 2 de Maio de 1843, que não resisti á tentação de o traduzir, e de o deixar aqui archyvado. — Eil-o:

«Como o homem é grande, senhores, e como o auctor do seu ser o elevou acima de todas as obras que sairam de suas mãos!»

«Doma todas as potencias da natureza, senhorêa-se d'ellas reune-as ou separa-as segundo suas necessidades, e ás vezes segundo os seus caprichos.»

«Rei da terra cobre-a á sua vontade de cidades, d'aldeias, de monumentos, d'arvores e de cearas; obriga todos os animaes a cultival-a para elle, a reconhecer seu imperio, a servil-o, a divertil-o, ou a desaparecer.»

«Rei do mar baloiça-se rindo sobre seus abysmos; põe diques á sua furia, subtrae seus thesouros e ordena ás suas ondas espumantes que transportem ao longe os productos da sua industria, ou que sirvam de caminho ás suas descobertas.»

« Rei dos elementos, o fogo, o ar, a luz, a agua, escravos doceis da sua vontade soberana, deixam-se encarcerar em suas officinas e manufacturas, e mesmo prender a carros que arrastam, cavallos invisiveis, tão depressa como o pensamento. »

« Que grandeza e potencia n'um ser fragil, que só vive um dia, e que só parece um atomo impreceptivel no meio d'este universo que elle governa com tanto imperio! »

« Mas esta creatura tão pequena e tão fraca recebeu uma alma intelligente e rasoavel, é animada por um sopro divino, e, unica entre todas as outras, goza da espantosa vantagem de beber a luz no fóco da luz, e de brilhar com o brilhantismo do espirito no meio do mundo, que só brilha com os pallidos reflexos da materia. »

« O imperio do mundo foi-lhe dado, porque sua alma, maior que o mundo, o mede, o admira, o explica e comprehende. »

« A natureza foi-lhe submettida porque elle sabe penetrar o maravilhoso machinismo de suas leis, descobrir seus mais impenetraveis segredos e arrancar-lhe todos os thesouros que ella encerra em seu seio. »

« O homem, collocado n'esta altura, devia encontrar uma perigosa tentação; a cabeça podia transtornar-se-lhe com o deslumbramento de sua gloria; podia esquecer o bemfeitor adoravel que o tinha feito tão grande, e admirar-se, adorar-se a si proprio como se fosse o principio e primeira fonte de sua omnipotencia. Mas a divina bondade apressou-se a soccorrel-o n'este perigo, gravando em sua alma uma lei de dependencia e de enfermidade original de que é impossivel ao mesmo orgulho apagar nunca o celeste sinete. »

« Assim, a natureza recebeu ordem de não lhe entregar os seus segredos e os seus thesouros senão com mão avara, um depois do outro, em consequencia de penosos trabalhos e profundas meditações, para lhe fazer sentir a cada instante que ella era obrigada a prestar-se a seus desejos, mas cedia menos á sua vontade do que ás suas fadigas, signal certo da sua dependencia. »

« Assim, não ha progresso, nem conquistas do homem que não sejam ao mesmo tempo uma prova sensivel de seu poder e de sua fraqueza, e que não tenham o sello indelevel de sua força e enfermidade. »

XXXIII

A galeria da « Stella » na Exposição Vaticana

O Jubileu sacerdotal de S. S. o Papa Leão XIII, que o mundo catholico celebrou ha pouco, manifestando tão unanime e universal conformidade de pensamento, de enthusiasmo, e de liberalidade, foi occasião de acudirem a Roma, de todas as partes em que se a terra divide, tão extraordinaria profusão de dadivas de *todo o genero*, brilhando umas, por sua riqueza; outras pelo seu maravilhoso trabalho; outras pelo seu primoroso gosto; como expressão de filial respeito e affecto para com a cadeira de S. Pedro, que o Pontifice deliberou fazer d'ellas publica exposição no Vaticano; e pena foi que desses inumeraveis preciosos objectos se não soubesse a historia de todos elles, porque me persuado de que ao trabalho, á intelligencia ou á direcção do Clero regular e secu-

lar seria, sem duvida, devida muito grande, senão a maior parte.

Entretanto, n'essa famosa, e tão singular, que é *unica*, exposição, lá brilha o Clero regular na galeria denominada da « Stella » onde se reuniram os dons das *Missões dos Frades Capuchos*, havendo n'ella uma secção especial inteiramente reservada aos instrumentos *astronomicos, e meteorologicos*, inventados e offerecidos por ecclesiasticos italianos do *Clero regular e secular*, como esplendido testemunho das glorias da Egreja e do Clero, protestando contra a accusação de obscurantismo, que lhes fazem seus inimigos. Segundo leio nas descripções d'esta Exposição, que nos tem trazido os jornaes catholicos estrangeiros, levanta-se no centro d'esta secção a grande Esphera armilar do *Conego Segnorini* de Montalcino, o qual indica não só a posição do nosso globo e dos astros no espaço, mas tambem todas as suas revoluções por meio de um engenhoso mechanismo que põe em movimento as diversas partes d'esta esphera. Em volta d'ella estão dispostos o *Nephoscopo* do *P. Fillipe Cecchi*, de Florença, e o *Sismographo* do mesmo; o *Eliothéro* do *P. João Egide* de Segni; o *Mareographo* do *Rev.º Maximiliano Tone* de Veneza; o *Telelopometro* do celebre *P. Denza*, de Moncalieri; o *Astrolabio* do *P. Francisco Gisoldi*, das Escolas-Pias; o *Trenometro normal* do *P- Thimotheo Bertelli*, de Florença; o *Sismodinographo* do *Conego Ignacio Galles* de Velletri; o *Anemometro*, do *Conego Antonio Donion*, de Ivrea; e do mesmo um *Telelopometro,* um *Vaperigrapho* e um *Pluviometro*.

Proximo d'estes instrumentos, outra secção attesta tambem os resultados da instrucção a que se dedica o clero nos institutos e nas escolas catholicas de Roma. São trabalhos de alumnos, ex-

postos ao longo das paredes, comprehendendo os generos mais variados, desde os melhores specimens de calligraphia, de desenhos, de cartas geographicas, até aos instrumentos scientificos, aos utensilios de diversas artes e misteres, e aos moveis, executados por jovens aprendizes da «*Sociedade artistica e operaria de caridade mutua*», ou de outros institutos analogos. Alli se acham igualmente interessantes amostras de inventos para uso das escolas; por exemplo, um grande kalendario mechanico perpetuo, obra do joven seminarista Salvador Franco.

XXXIV

O Mosteiro do Monte de S. Bernardo

Bem sei que, o que vae ler-se ácerca do *Mosteiro do Monte de S. Bernardo*, — lisamente o reconheço e confesso — não entra, propriamente, na especial condição do fim a que me propuz n'este estudo; mas como tambem lhe não é de todo incongruente, porque mostra o que *Frades*, e *só Frades, sabem* fazer, e se refere á *primeira de todas as sciencias humanitarias*, a caridade, derivada do Evangelho, não duvidei incluil-o aqui; desejando alem d'isto, tambem, de quando em quando, variar um pouco a leitura d'estes meus pobres apontamentos.

Assim, pois, o *Mosteiro do Monte de S. Bernardo* é uma das mais beneficas instituições e um dos mais gloriosos titulos do espirito caritativo do christianismo como é igualmente uma obra de tão perseverante dedicação que só *Frades* seriam capazes de emprehender e conservar.

Não vou, porém, dar aqui circunstanciadas noticias d'esse Mosteiro e dos soccorros que alli acham sempre os viajantes perdidos nos gellos d'aquellas paragens. Andam de taes noticias cheios os livros e jornaes, e eu proprio já d'elles me occupei n'outro logar, sem ser n'este estudo.

Apontarei sómente alguns extractos do que se lê no n.º 86 de 29 d'Outubro de 1812, do *Telegrapho Portuguez*, na relação que o redactor alli fez da sua viagem ao *Monte Grande de S. Bernardo:*

—«Passada meia legua de pessimo caminho, «diz elle, avistámos os curraes das vaccas do hospi«cio, e suas grandes manadas que apascentavam nos «arredores, bem como depois de passàdas estas e «uma pequena ponte de pau, principiaram as ne«ves; por cautella descemos de nossas cavalgadu«ras, e guiados pelos altos esteios de pau, fomos «caminhando por uma estrada cujo elemento se nos «agarrava ás solas das botas, e que a poucos pas«sos era necessario desprender.

«Teriamos andado um quarto de legua quando «démos de repente com duas casas terreas de por«tas para a estrada, uma para asylo dos desgraça«dos vivos, que no inverno são de repente assalta«dos por algum grande nevão, e outra para cemi«terio dos que não poderam sobreviver ao conflicto «do frio e da neve; vimos ainda dois corpos intei«ros de dois infelizes, que tinham morrido nos «dois annos antecedentes, além de immensas ca«veiras e ossos, sem que lançassem mau cheiro, «pela razão de que os corpos organicos não pade«cem fermentação putrida no meio d'uma atmos«phera, que nunca n'aquelle sitio, por estar ro«deado de neve, passou além de 2 ou 3 graus acima «de zero. Não teriamos dado duzentos passos «quando um denso nevoeiro nos cubriu de tal

«sorte que a não encontrarmos pégadas, e os es-
«teios, não seria possivel acertarmos com o hospi-
«cio. Finalmente depois de quasi uma legua de
«neve chegámos ao hospicio, onde presentidos por
«um rafeiro de côr castanha, que avisara com o
«latido os religiosos, veiu um d'estes receber-nos,
«conduzindo-nos para uma cella com chaminé
«accesa. Veiu logo o superior com todos os con-
«ventuaes, que não passavam de 8; dois traziam
«pantufos e tira-botas, e a primeira coisa que nos
«fizeram foi descalçar-nos; pouco depois posta a
«mesa, nos deram de cear... Como sempre andá-
«ramos, e de repente nos achavamos em uma casa
«quente, não tinhamos feito idéa do frio; o supe-
«rior, homem de 32 annos, tão risonha sua face,
«quanto puro e hospitaleiro seu coração, nos disse
«que estava a um acima de zero; nós estavamos
«no mez de Julho!»

«Acrescentou que tem havido invernos em
«que tem estado a 25 abaixo de zero (quasi a
«ponto de gelar o mercurio), que o ordinario é de
«14 a 18; e que no pino do verão, em os annos de
«maior calma, apenas o thermometro tinha mar-
«cado 12 graus acima de zero, que é a tempera-
«tura ordinaria de Lisboa no mez de Fevereiro.
«Estavamos na parte mais alta habitada da Eu-
«ropa, e talvez do mundo, não deviamos estranhar
«que tal acontecesse...»

—«Logo que principiam as neves sae todos
«os dias o *marronnier* (moço encarregado de sair
«no inverno em procura dos passageiros) acompa-
«nhado de um ou dois rafeiros que levam no dorso
«duas garrafas de vinho branco: o cão lhe serve
«de ensinar o caminho e sentir de longe, pelo ol-
«fato, o infeliz passageiro; se este apenas se acha
«desfallecido, então o soccorre, dá-lhe vinho, e

«guia-o para o hospicio; se elle não póde caminhar,
«então vem dar parte ao convento, e *desde o supe-*
«*rior até o ultimo dos religiosos todos saem a bus-*
«*cal-o ;* pela maior parte gelam-se as extremidades;
«como dedos de pés e mãos, e se não é possivel
«com fricções restituir-lhe a circulação do sangue,
«então amputa-se-lhe a parte gelada, operação *que*
«*os religiosos fazem*, sem o que a grangrena seria
«infallivel; a maior parte d'estes infelizes são pe-
«dreiros que passam do Valais para a Italia, e que
«por pobres se aventuram n'esta estrada, só por-
«que acham agasalho, e *comer de graça. O feito*
«*mais heroico* que tinha o superior presenciado
«fôra o de um viajador inglez, que, atravessando
«no inverno as neves, com um frio de 14 graus
«abaixo de zero, em sapatos e meias de seda, lhe
«batera á porta mui risonho e fresco.»

— «Estes religiosos, *cuja affabilidade, carinho,*
«*cortezia e humanidade excede quanto eu tinha visto,*
«e talvez não tornarei desgraçadamente a vêr; *es-*
«*tudam theologia, e historia*, porém a sua regra não
«é rigorosa; podem comer tudo, e no inverno cada
«um reza na sua cella.»

XXXV

De alguns serviços ás sciencias naturaes prestados pelos missionarios do extremo Oriente

Tenho presente uma *Noticia*, que o R. P. *Armand David*, da *Congregação de S. Lazaro*, cedendo ás instancias reiteradas que lhe fizeram, consentiu, por fim, que visse a luz na excellente Revista franceza, que se publica em Lyon, intitulada *Les Mis-*

sions Catholiques, e cujo conhecimento devi ao favor de um amigo.

D'ella extrahirei para estes meus apontamentos algumas passagens, sentindo profundamente que os limites em que tenho de circumscrever-me, não me permittam trasladar tudo:

«Deve-se dizer que, até ao presente, o numero dos Padres, que evangelisam as religiões longinquas, é de tal modo inferior ao que exigiria a administração d'esta multidão de missões espalhadas por todos os pontos da terra que, em geral, os nossos pobres Missionarios tem todo o tempo absorvido pelas imperiosas necessidades do ministerio a que se dedicam. Todavia, e apezar d'estes diversos obstaculos, quando se lhes offerece occasião, tem por dever corresponder aos *desejos dos sabios e dos industriaes que a elles se dirigem* e *transmittir-lhes os documentos* e *objectos interessantes que lhes são pedidos*: é muitas vezes á custa de grandes sacrificios e difficuldades que elles lhes prestam serviços.»

«E, com effeito, se se percorrem as *Missões Catholicas*, assim como muitas outras publicações nacionaes e estrangeiras, será facil verificar que frequentemente os nossos Missionarios tem fornecido noções *proveitosas*, e *aproveitadas*, sobre uma grande quantidade de regiões inaccessiveis para outros que não fossem elles, nos dominios da *ethmographia*, da *geographia* e *da historia natural.* Sabe-se que a Asia, a Africa, a America e a Oceania viram penetrar os Missionarios em seus recessos mais inhospitos, muitas vezes precedendo os viajantes ordinarios mais ou menos celebres; e trabalhando, antes de tudo, por christianizar e civilizar os povos idolatras, poderam revelar ao mundo sabio uma grande quantidade de informações pre-

ciosas e fazer-lhes conhecer os novos caminhos, que abriam, em regiões até então desconhecidas.»

«Deve tambem dizer-se que nem sempre tem faltado testemunhos publicos da satisfação das sociedades scientificas a estes zelosos prégadores da Fé, que se chamam os soldados da civilisação. E assim temos visto muitos que, voltando á Europa, por motivo de saude ou por negocios das Missões, tem tido de acceitar distincções honorificas que lhes quizeram conceder. Para não fallar senão do nosso paiz, a sociedade de geographia recompensou com suas medalhas de ouro ou de prata os descobrimentos feitos por differentes missionarios: *M. Desgodins*, o *P. Petilot* e outros ainda.»

«Mas é da Asia oriental que temos de fallar, especialmente n'este artigo. E' ali que se acha essa China immensa que attrahe cada vez mais, e com rasão, a attenção dos occidentaes, porque é a nação mais antigamente civilisada do mundo, e que nutre o terço da população do globo.»

«A sua orgulhosa desconfiança e as embrulhadas da sua administração, tem sempre cançado e descoroçoado o zelo dos exploradores europeus. E é tambem a propozito da China que os inimigos do nosso clero fazem sobresahir com malignidade o contraste notavel que existiria entre essa pleiada de sabios jesuitas, que brilharam em Pekin, no XVII e XVIII seculos, e os humildes missionarios de nossos dias que, pela maior parte gastam obscuramente sua vida sem que o mundo oiça fallar d'elles, excepto se são mortos e martyrisados.. »

«E' incontestavel que os *Padres Jesuitas* de Pekin levantaram bem alto a sua gloria scientifica e artistica; que produziram em quasi todos os ramos do saber humano, trabalhos mui consideraveis; que levavam particularmente ao cabo a obra

geographica mais collossal que se tinha ainda visto, traçando a carta completa do imperio Chinez, etc. E' folhear as antigas *cartas edificantes*, as *Memorias dos Missionarios Jesuitas de Pekin*, as immensas obras dò *P. Duhalde* e do *P. Mailla*, e ficar-se-ha espantado da quantidade prodigiosa de seus escriptos em quasi todas as materias que interessam o espirito do homem.».........................

*

Occupando-se depois o P. Armand David dos antigos serviços do Clero na India e na China em que, n'aquella, se não esqueceu do nosso S. Francisco Xavier, a quem não foi dado penetrar no Imperio do *Filho do Ceu*, menciona as christandades florescentes (isto é *civilisadas)* que se deveram ao celebre P. Ricci e a muitos outros *Padres*, cujos nomes a historia registra como benemeritos obreiros da illustração e da civilisação, citando por exemplo os P. Verbiest, P. Schall, P. de Prémare, P. Goubil, P. Amyot, P. Cibot, etc.

Nem se esquece, como era bem natural e justo, de referir-se com o devido louvor aos R. P. *Lazaristas*, a quem, pela extincção da *Companhia de Jesus*, coube o pezado encargo de a substituir, e que, n'essa obra de Religião e sciencia, se illustraram com homens tão valiosos como são Baux, Ghislain, Hanna, Lanciot, e o nosso insigne sinologo P. Gonsalves (auctor de uma grammatica e de um diccionario latino-chinez e chinez-latino, que ainda hoje se procuram e são obras muito estimadas.—(V. o *Novo Mensageiro*, vol. VI, pag. 90), etc., até que os proprios Lazaristas foram tambem d'alli expellidos pela Revolução, em nome da luz, do saber, e da liberdade!

★

Ainda da já referida Revista *Les Missions Catholiques*, extrahirei da citada *Noticia* do illustre e douto Lazarista P. Armand David, que occupa mais d'um numero d'ella, o que vae agóra ler-se, e se refere aos trabalhos dos Jesuitas, quando, tempos depois, pela expedição franco-ingleza, as condições mudaram no Oriente, e os Jesuitas foram restabelecidos e poderam voltar á China a trabalhar *tambem* ainda nas sciencias, imitando seus antecessores.

«Foi assim, diz o P. Armand, que, no seu collegio de *Zikawei*, junto a Schangai, conseguiram fundar um importantissimo observatorio de metereologia, d'onde o P. Dechevreus envia regularmente as suas observações e interessantes notas aos phisicos de todo o mundo. Alli, as outras sciencias tambem são objecto da particular attenção dos Padres; a historia natural, nomeadamente deve já muito aos trabalhos perseverantes do P. Heude, que tem publicado obras muito apreciadas sobre os *molluscos fluviaes e terrestres* da China central assim como sobre os *veados* e as *tartarugas* d'este imperio. Este sabio é auxiliado em seus trabalhos pelo habil desenhador, o P. Rhatonis, que faz as bellas illustraçõés que acompanham estas publicações, das quaes uma parte é impressa no seu proprio estabelecimento chinez.»

«Em outros pontos da China e até nas partes mais afastadas, vemos outros corajosos Missionarios consagrar uma parte de suas horas vagas a formar e a transmittir para nossos muzeus collecções de plantas e de animaes. D'este modo no *Kouy-tchéou*, o Padre Perny, das Missões Estrangeiras, ajudado por seus confrades P. Mihiere e P.

Faurie tem reunido um herbario muito interessante de que fez presente ao *Jardim das Plantas* com outros objectos de valor. Foi elle ainda que introduziu em França o grande bicho de seda que tem o seu nome *(Attacus Pernyi)*, que se já tem creado ao ar livre nos carvalhos da nossa região temperada. E' sabido que depois que voltou das Missões, o P. Perny publicou, além *da sua Grammatica e do seu Vocabulario chinez*, escriptos consideraveis sobre as producções do Extremo Oriente.»

«No Thibet, *Mgr. Chauveau*, e o seu successor Mgr. Biet e sobre tudo o P. Desgodins, tem fornecido aos sabios muitos documentos preciosos e muitas collecções de animaes, que nos dão ideia do estado phisico d'esta região impenetravel.»

«Pelo seu lado o P. Furet, no Japão, o P. Larnauda, em Sião; o P. Tourthié na Corea, o P. Bon no Tonkin, e muitos outros tem feito, nas suas respectivas patrias adoptivas, estudos de geographia e de historia natural, dos quaes a sciencia tem podido tirar bom partido, e as suas collecções tem vindo enriquecer de modo notavel os nossos estabelecimentos publicos e particulares.»

«No *Yun-nan*, o *P. Delavay*, das Missões Estrangeiras, tambem emprega ha muitos annos todo o seu tempo disponivel no estudo das plantas d'esta provincia inexplorada, e isto com o zelo e o exito mais distinctos. Os Herbarios que elle tem enviado ao *Muséum* são os mais importantes que até agora tem vindo da China para a Europa, e surprehendem os botanicos pela grande quantidade de especies novas que contém.»

«A enumeração e descripção de todas estas novidades feita por M. Fronchet, do *Muséum*, está

em via de publicação e formará um grosso volume em 8.º»..................................
....

Até aqui as collecções do *P. Delavay*, formadas e descriptas com toda a intelligencia desejavel tem chegado a Paris perfeitamente conservadas, e é tal a sua riqueza que no unico genero *Rhododendrons* de que se não conheciam antes senão quatro ou cinco representantes chinezes, as especies novas, juntas ás que eu mesmo tinha antes recolhido no *Monpina* excedem já a somma de *quarenta e cinco!* Do mesmo modo do genero *Primula* não se possuia senão esta tão elegante planta denominada *primavera da China*, e agora as pesquizas de nós ambos fizeram conhecer mais de *trinta* especies novas d'este gracioso grupo.»

«Como os da China, os missionarios que evangelisam os outros paizes longiquos, não deixam de servir a sciencia em suas horas vagas. Mas, pois que não temos de nos occupar aqui longamente de seus trabalhos, limitar-nos-hemos a nomear, entre os mais activos, o P. Montranzier, mariista que estudou com muito exito a fauna de muitas ilhas oceanicas e os P. P. *Duparquet*, *Angonard* e *Le Roi*, do Espirito Santo, que tem enviado das duas costas da Africa tantos objectos e informações interessantes.»

«Do interior da America tambem os nossos museus e os nossos naturalistas tem recebido muitas coisas mais ou menos importantes, especialmente coleopteros lapidopteros dignos d'attenção por sua belleza ou raridade; e pede a justiça que, entre os *fornecedores* mais zelosos e mais felizes do novo Mundo nomeêmos á frente d'elles *os P. P. Sipolis*, *Gaiyon* e *Dorme*. Lazaristas Francezes cujos nomes são bem conhecidos dos entomologistas.»

« Mas voltemos á China e digamos ainda que é pelos bons officios dos Missionarios franciscanos do Cheu-si que o P. Romonet do Coilland cujo nome não é desconhecido de vossos leitores, tem podido obter e introduzir em França videiras que se tem já começado a cultivar aqui e álem com as denominações de *Vitis Romaneti*, *Vitis Paynuccii* e *Spimovitis Davidis*. Esta ultima especie que eu encontrei, com as precedentes, crescendo no estado selvagem nas montanhas centraes do Tsin-lin, é curiosa por ter as suas hastes todas eriçadas de espinhos e, apezar do sabor da uva ser um pouco aromatico, é apta para a vinificação, como eu proprio experimentei. Teremos nós nestas vides raças novas capazes de resistirem ao philoxera? é o que o futuro ha de mostrar. »

O illustre e erudito *P. Lazarista Armand David*, depois de ter feito as considerações que deixo apontadas, e outras que por brevidade omitto, ácerca dos *Missionarios* antigos e actuaes, e das condições respectivas em que se acham uns e outros em relação ao nosso ponto, e depois de ter passado rapidamente em revista alguns dentre elles que bem mereceram da sciencia, viu-se tambem por fim obrigado a fallar de si proprio; e, contando como elle se fez naturalista, conta igualmente os testemunhos valiosissimos que tem obtido n'essa qualidade, dizendo:

« De tal modo me tem exaltado os meus conhecimentos na materia, que, no fim da minha terceira excursão, o russo N. Severtran, o celebre viajante naturalista da Asia central, chegou a escrever. — O P. Armand David é o mestre de nós todos em exploração scientifica. »

« E pois, continua o *P. David* que, com rasão ou sem ella, me fizeram tal reputação e que *nob-*

lesse oblige, é por meu proprio exemplo que me cumpre provar o bom fundamento da minha these, a saber, que os *Missionarios Catholicos* estão muito longe de se recusarem a servir a sciencia e a patria todas as vezes que se lhes offereça boa occasião para o fazerem.»

E depois rogando modestamente aos leitores das *Missions Catholiques* que não esqueçam que em tudo o que diz em seu abono só repete o que n'outra parte está escripto d'elle, e citando um celebre necrologio laudativo que lhe chegaram a fazer em vida, menciona: «que *fôra eleito inexperadamente, correspondente do Instituto Academico das sciencias, quando estava em plena China; e que além d'isto a Sociedade de Geographia e a Reunião das Sociedades sabias de França na Sorbona me offereceram, cada uma d'ellas, uma grande medalha de ouro cunhada com o meu nome. Por sua parte tambem o ministro da Instrucção publica me offerecera a cruz da Legião d'Honra, que os regulamentos da nossa Congregação me não permittiram acceitar.*»

Continuarei a extratar da mesma Revista «*Les Missions Catholiques*», e da mesma *Noticia* do eximio naturalista o *P. Armand David.*

Passo em silencio a parte em que, n'esta *Noticia* o *P. Armand David* se occupa de traços biographicos seus, que não vem agora ao meu proposito, e vou já ao que elle diz dos seus trabalhos depois que voltou da China e fixou sua residencia em Paris.

«Aqui (diz elle) tenho aproveitado o restabelecimento de minhas forças para fundar um gabinete de historia natural destinado ao ensino complementar dos estudantes da nossa congregação, conforme as intenções de S. S. Leão XIII, e que graças ás facilidades particulares que eu tenho, adqui-

riu uma importancia tal, que é provavelmente superior a qualquer outro estabelecimento particular em França do mesmo genero.»

«Mas como era natural, no *Muséum* nacional do Jardim das Plantas é que foram depositadas escrupulosamente todas as minhas collecções *zoologicas, botanicas e geologicas.* Cada qual as pode ir ver nos mostradores ou nos laboratorios. E não é exageração dizer que, n'este momento, pelas diversas remessas dos Missionarios e pelos meus proprios trabalhos; nenhum outro museu do mundo é mais rico em producções naturaes da China.»

«Muitas publicações (*continua elle* com *referencia aos seus trabalhos pessoaes, e á acceitação que tem tido*) geraes e particulares se tem feito sobre os diversos objectos provenientes das minhas explorações; vou apontar alguns.»..............

Mas eu que não posso acompanhal-o n'este caminho, só mencionarei uma parte:

«Os zoologistas de profissão podem só conhecer a grande obra de *M. A. Milne — Edwards*, intitulada «*Recherches sur les Mammiféres*» e que, á excepção d'uma unica especie, trata sómente d'animaes chinezes. Fui eu que tive a boa fortuna de enviar a maior parte d'estes quadrupedes, assim como outros descriptos n'outro lugar, tanto por este mesmo sabio professor, como pelos naturalistas de Londres e de Berlim. As especies reconhecidas novas para a sciencia chegam ao numero de *sessenta e cinco.*»

Mencionarei tambem:

«Pelo que toca ás aves (a quem sou particularmente affeiçoado), foi eu que tive de me encarregar de fazer a descripção e historia de todas as que reconheci que existiam no imperio chinez, cujo trabalho foi publicado por *M. G. Masson* em

que se faziam conhecer *oito centas e vinte e sete* especies que vivem na China ou que alli vem regularmente.»

«Os ornithologistas sabem que a maior parte d'estas aves foram procuradas por mim para as nossas galerias nacionaes, e que grande numero d'ellas são novas.»

Não posso, já o disse, que não me sobra espaço nem entra no meu proposito acompanhar o sabio naturalista nas suas minuciosas informações, mas só direi, em sua honra, que são mui numerosas, em todos os generos de animaes, as *especies* que hoje os naturalistas conhecem com o seu nome, por haverem sido descobertas por elle.

*

Mas não é só no reino animal que este illustradissimo *P. Lazarista* se destinguiu, e deu o seu nome aos seus variados descobrimentos. O reino vegetal tambem teve essa honra, e a sciencia tambem se enriqueceu com os fructos do seu trabalho.

Vejamos alguma coisa do que a mencionada *Noticia* das *Miss. Cath.* nos diz, n'esta parte:

«Passemos agora ao reino vegetal e digamos, antes de mais nada, que a primeira obra importante que temos sobre a *flora chineza* acaba de ser concluida estes dias (7 de janeiro de 1888) e publicada por *M. Masson* com o titulo de *Planta Davidiana*». «Foi impressa á custa do Estado, e consta de dois volumes em 4.º illustrados com 45 gravuras muito finas, comprehendendo a enumeração arrasoada e methodica das plantas contidas nos meus herbarios, com as descripções das *especies novas*. M. E. Bureau, o nosso sabio professor de botanica no *Muséum*, tinha confiado este tra-

balho de largo folego a M. A. Fronchet, author da excellente Flora de *Loir-et-cher*, bem conhecido pela sua grande obra a respeito dos vegetaes do Japão, etc., a qual foi executada pelas minhas notas e com typos provenientes dos meus trabalhos.»

«Escrevi eu no prefacio do primeiro volume.»
«Os meus herbarios contém somente uma fraca
«porção de plantas da China. Entretanto como
«estive muito tempo na missão de Pekin, julgo
«poder dizer que consegui arranjar a maior parte
«das especies vegetaes do norte do Imperio e dos
«paizes mongolicos adjacentes; emquanto que os
«herbarios que coleccionei no centro-oeste só de-
«vem ser considerados como amostras da vegeta-
«ção d'estas ricas provincias.»

«Apezar d'isto, tive a satisfação de ver que os botanicos encontraram n'estas collecções grande numero de novidades mais ou menos interessantes, que vieram juntar-se ás que a sciencia já devia ás investigações de inglezes e de russos quazi unicamente.»

E prosegue ennumerando algumas de suas descobertas botanicas, comprehendendo as que tem o seu nome, como descobridor, que seria longo transcrever, passando depois a alguns traços rapidos sobre os seus serviços geographicos e geologicos, expressando-se assim:

«Emfim, é preciso dizer alguma coisa rapidamente ácerca do que procurei fazer a bem da geographia e da geologia.»

«Alem de muitas relações, publicadas aqui e alem, da minha terceira viagem, os archivos do *Muzéum* publicam, em grande parte, as relações da minha primeira e segunda exploração. Estes volumosos escriptos, são simples *Jornaes de Viagem*, destinados aos professores do *Jardim das Plantas*

e a alguns amigos, onde ia consignando dia por dia tudo o que julgava digno de fixar a attenção dos que se interessam pelo que respeita ás condições zoologicas, botanicas, geologicas, e geograficas, nas immensas regiões que precorri durante os cinco annos que duraram as minhas investigações officiaes. Naturalmente, misturei n'estas relações uma pequena parte da historia dos nossos incidentes de viagem, assim como observações sobre assumptos menos technicos.»

«Alem das cartas itenerarias, que hia traçando á medida que hia viajando, e que foram tambem publicadas, reduzidas, mas exactas, pela Sociedade de Geographia, appliquei-me sempre a indicar, o melhor que pude, a natureza dos terrenos dos paizes que atravessava, dando explicações circunstanciadas geologicas, medindo alturas interessantes, e, para isto subindo eu mesmo as montanhas e chegando ás vezes a mais de cinco mil metros de elevação: descrevendo a direcção e importancia dos rios e de cordilheiras montruosas; indicando cidades e paizes pouco conhecidos, e mesmo completamente novos para os geographos; assignalando industrias, minas de carvão de pedra e de metaes; recolhendo fosseis e specimens de mineraes, etc.; tudo coisas que, emquanto não havia melhor, podiam ser utilisadas pelos sabios, mas que, como se deve suppor, me custavam fadigas pouco ordinarias.»

«Posso acrescentar aqui que foi nos meus escriptos, de que só conhecia uma parte, que *M. Elisé Reclus* bebeu muitas das suas informações sobre o Imperio Chinez que figuram no setimo volume da sua *Geographia Universal*, e especialmente pelo que respeita á historia natural.»

«Tenho muita pena que elle não tivesse á sua

disposição os *Archivos do Muséum*, infelizmente tão pouco espalhados, em que eu me occupo largamente de paizes e de objectos que ninguem tinha assignalado ainda! Acontece o mesmo a respeito do Barão de Richtofen, cuja obra magistral sobre a geologia da China está em via de publicação.»

*

Depois de haver dito o que fizera em cada um dos ramos de historia natural, passa em seguida, o *P. Armand David*, a dar alguns excerptos de seus primeiros escriptos. E, com quanto tambem n'estes o não posso seguir passo a passo, não resisto á tentação de traduzir para aqui tres d'elles, esperando que em todos tres merecerei benevola desculpa dos meus leitores.

O primeiro, é uma explicação muito honrosa do tempo, que o *P. David* consagrava á sciencia, que pode parecer demasiado, sendo elle um *Missionario;* o segundo, é a descripção de um curioso phenomeno metereologico; e o terceiro, finalmente, é um facto caracteristico dos costumes pagãos.

A explicação é esta:

«...Tomo a liberdade de dar algumas explicações ás pessoas piedosas que se admirassem de vêr que um *Missionario* apostolico consagre a trabalhos profanos uma tão consideravel parte do seu tempo... Effectivamente não foi para me occupar de historia natural, e menos ainda para emprehender viagens de exploração scientifica, que eu vim á China! A minha grande ambição era tomar parte, conforme as minhas forças, nos trabalhos ordinarios dos Missionarios que ha tres seculos se esforçam por ganhar para a civilisação christã os innumeraveis povos do Extremo Oriente... Mas,

em primeiro logar, todas as sciencias que tem por objecto as obras da criação tendem á Gloria do seu auctor: são louvaveis em si mesmas, e santas pelo seu fim. Conhecer a verdade, é conhecer Deus!...»

«Depois os meus superiores julgaram conveniente que, vista a utilidade indirecta que tinha nisto a religião, eu me entregasse durante algum tempo a esses trabalhos especiaes que são desejados pelo governo, que nos protege...»

Eis aqui a descripção do *phenomeno meteorologico*:

«Era na crista prolongada de uma alta montanha *(1800 metros d'alt.)*, eu caminhava, junto á noite, depois de um dia de marcha muito trabalhoso. Tinha havido tempestade, sem ter cahido muita chuva; mas as nuvens tinham baixado e como que repousavam sobre os innumeraveis picos dos montes, que se estendiam ao longe, por baixo de meus pés. Era um espectaculo admiravel! Dir-se-hia um immenso mar prateado, ou antes, uma planicie coberta de enormes flocos de algodão, que se desenrolavam até quasi se sumirem, sob o azul d'um céu purissimo... Eu estava cheio de admiração diante d'esta grandiosa vista, apezar do meu estado de prostração; porque tinha andado todo o dia sem quasi tomar alimento.»

«Mas outro espectaculo muito mais bello ainda, me estava reservado! Pouco a pouco aquelle mar de nevoeiro começou a mover-se, e a romper-se aqui e alem: os flocos convertiam-se em nuvens. Subiram lentamente e em breve se acharam á altura em que eu estava, e ao meu lado direito. Eu caminhava do sul para o norte. O vento soprava de oeste na mesma direcção dos raios solares, e a massa nevoenta estava parada alli: clara,

á altura da crista da montanha, não podendo passar para diante por causa da brisa, de modo que, eu tinha então d'uma parte, um brilhante sol que descia no horisonte, emquanto, da parte opposta, se estendia um montão de nuvens opacas. N'esta posição me apparecé a minha propria imagem figurada n'aquella branca muralha cercada de dois brilhantes arcos-iris, ou antes, dois circulos completos, em que os raios da luz decompostos se pintavam concentricamente e em ordem inversa.

O campo era amarello côr de ouro. Este phenomeno durou perto de meia hora, e a aureola com as cores do iris, acompanhou-me ao longo da montanha por todo o tempo que o sol se conservou ainda no horisonte. Escuso dizer como isto era bello!»

Agora o facto caracteristico dos costumes pagãos:

«Vi n'uma das nossas casas da Santa Infancia, em *Suen-hoa*, uma rapariguinha de 12 annos que alguns mezes antes, seu pae tinha exposto n'um logar deserto e amarrada a uma arvore, para que fosse comida pelos lobos ou para que alli morresse de frio. Deus não permittiu que tal desgraça acontecesse: um dos nossos christãos, que por lá passou, recolheu-a moribunda e levou-a ao estabelecimento de caridade. E que tinha feito esta pobre creança? Toda a sua culpa era ter perdido a vista por um subito ataque de *gota serena*, e ter-se assim tornado pesada á sua familia. Deve concordar-se em que estes infieis não tem muito coração!» E eu accrescentarei que devemos dar muitas graças a Deus, pelo Christianismo nos haver profundamente separado de taes atrocidades.

O Padre *David* conclue assim a sua narrativa:

«Em pouco tempo os bons tratamentos produziram uma rapida melhora na doença d'esta interessante criança; e quando eu a vi, já ella começava a fazer uso de seus olhos em estado sufficiente para ir á escola, rivalisando com suas companheiras em aplicação e tino. A pobre rapariga, que era tambem singularmente bonita e intelligente, gozava da sua felicidade, e parecia não ter nenhuma saudade de seus parentes.»

*

Vae já longa a transcripção que tenho feito de differentes passagens da *Noticià* do sabio *P. Armand David*; e cuido que já tenho dado ao leitor sufficiente ideia dos serviços scientificos dos *Missionarios* no Extremo-Oriente, e em especial d'este abalisado *Padre Lazarista*, que é uma grande illustração do Clero Catholico, e uma gloria da França. E por isso, vou concluir, prescindindo de alguns outros pontos curiosos da *Noticia*, chegando já, *apertado pela estreiteza do espaço*, aos honrosissimos testemunhos, citados no epilogo da *Noticia das Miss. Cath.* a favor dos Missionarios, e em particular do *P. David;* e com elles remato eu tambem, como verdadeiro epilogo do alto valor d'estes benemeritos da sciencia.

Traslado, pois, os seguintes valiosos testemunhos:

«O erudito e auctorizado *M. Ch. Oberthur*, na 11.ª secção ou 11.º caderno das suas elegantes publicações illustradas, dizia em 1886:

«Já manifestei toda a minha admiração a res-
«peito desses homens excepcionaes, que no meio
«dos mais rudes trabalhos, n'um desamparo, a que
«succumbiriam ainda os caracteres mais rijamente
«formados, tem bastante força para se interessar

«pelas sciencias naturaes, quando estão a braços «com as difficuldades e os perigos de cada hora.»

«E no seu 9.º caderno:

«Nenhum ramo dos conhecimentos humanos «ficou extranho a estes homens excepcionaes; e «posto que a entomologia seja coisa nova para a «maior parte d'elles, posso dizer que todos mette-«ram mãos á obra com tão bôa vontade, tal valen-«tia e inteligencia, que não posso esquivar-me ao «dever de lhes prestar publica homenagem.»

«Ainda no 6.º caderno, referindo-se ás descobertas recentes, feitas no Extremo Oriente, dizia:

«Devemos o nosso reconhecimento por este «progresso scientifico aos corajosos esforços dos «nossos missionarios, que tem penetrado até ao «centro do paiz, e entre os quaes occupará sempre «*M. David* um logar de honra, pela importancia «das suas descobertas e pela sagacidade das suas «observações.»

«E no 2.º caderno, fallando mais especialmente dos trabalhos do *P. David*, escreve *M. Oberthur*:

«Um d'estes Missionarios catholicos, o *Sr. P.* «*A. David*, da Congregação da Missão, fez na «China numerozas viagens, que a Sociedade de «Geographia recompensou com uma de suas mais «honrozas distincções. Naturalista eminente, obser-«vador experimentado, explorador infatigavel, o «*Sr. A. David* estendeu seus estudos a todos os «ramos da historia natural. Recolheu ao mesmo «tempo mamiferos, aves, insectos, plantas e mine-«raes; e muitas vezes á custa de fadigas e perigos «inauditos, o sabio viajante dotou as galerias do «nosso *Muséum* nacional com uma immensa quan-«tidade de amostras do mais alto valor scientifico. «Fica-se confundido ao pensar no zelo e na scien-«cia que foi preciso desenvolver para fazer tão

«importantes descobrimentos e trazer a França
«tantos animaes e vegetaes recolhidos n'uma re-
«gião tão afastada. E, como francez, me regosija-
«rei de vèr publicar á face do mundo as descober-
«tas do nosso sabio e intrepido compatriota.»

«Por seu lado, o eloquente Mgr. *Frappel* em um discurso mui notavel a favor do protectorado das Missões Catholicas, pronunciado na Camara dos Deputados em 12 de novembro de 1882 fez sobresair, como se segue, os trabalhos de M. *A. David:*

«Sabeis vós a quem o nosso *Muséum* d'Historia natural deve muitas das suas collecções mais preciosas? Aos Missionarios Lazaristas. Eis aqui como falla o decano da Faculdade das Sciencias, M. *Milne-Edwards*, n'um dos seus relatorios dos trabalhos do *Muséum.*» Achámos em M. *A. David* membro da Congregação dos Lazaristas, um correspondente tão activo como esclarecido; fez ao *Muséum* muitas remessas consideraveis, e o interesse dos objectos que nos envia é realçado pelas notas que os acompanham.» — «Depois d'esta epocha, (commenta Mgr. *Frappel)*, os serviços prestados pelo incansavel Missionario *á zoologia*, *á botanica* e *á geologia* foram ainda mais numerosos e mais brilhantes.

Isto fazia dizer a *M. Blanchard*, do Instituto, n'um discurso proferido na reunião das Sociedades sabias na Sorbona:

«Os naturalistas tem admirado muito os tra-
«balhos concluidos no Extremo-Oriente por M.
«*Armand David;* não tem podido esquivar-se a um
«sentimento de orgulho nacional á vista das im-
«mensas riquezas que este corajoso Missionario
«tem dado ao nosso *Muséum.* Possuia apenas al-
«gumas noções das plantas e dos animaes das vas-
«tas regiões da Azia, que a sua posição geographica

«torna particularmente interessantes; foi alli o *P.* «*David*, e agora possuimos uma grande parte da «Flora e da fauna d'estes paizes.» — Na *Revue des Deux Mondes* appareceu um estudo do sabio professor do Jardim das Plantas que termina por estas palavras o seu relatorio sobre os trabalhos de M. *David:* — «Tem de parar aqui a narrativa dos «trabalhos de um dos *mais admiraveis exploradores* «*scientificos que se possam citar.* As colecções for«madas por este infatigavel viajante francez são «immensas; constituem hoje uma das riquezas do «nosso *Muséum* nacional, e ha muitos annos que «se não recebia um *thezouro* que se lhe possa com«parar.» — Quereis saber o que se pensa fóra de França d'estes trabalhos?

«Eis aqui o juizo *d'Harttaud*, um dos primeiros naturalistas da Europa: — «Como obser«vador e como coleccionador, escrevia elle em ja«neiro de 1876 (*Paterman n'sgeogr*), no campo da «zoologia, da *botanica* e da *geologia* do Imperio do «Meio, *o merito de M. David está fóra de toda a* «*comparação, quer pela vastidão de seus conheci*«*mentos, quer pela grandeza* dos *resultados dos seus* «*trabalhos.*» — E n'outro logar o mesmo sabio al«lemão diz: — «As colecções enviadas pelo Missio«nario francez excedem *em qualidade e em nu*«*mero d'especies novas, tudo o que jámais póde ser* «*feito por um homem só, e o seu valor scientifico não* «*pode ser apreciado de mais.*» — E, na admiração que lhe causam taes trabalhos, o doutor *Varttand*, protestante e prussiano, não hesita em concluir, no fim da sua longa analyse, «*que os Missionarios* «*merecem com justo titulo o nome de soldados da* «*Civilisação.*»

Ora, *cuido que só com o que ahi deixo* traduzido e transcripto dessa *Noticia de alguns serviços*

prestados ás sciencias pelos Missionarios do Extremo-Oriente, se pode afoitamente dar licença aos sabichões inimigos do Clero para apregoarem á boca cheia a *ignorancia, o desamor e hostilidade* do mesmo Clero para com todos os conhecimentos humanos.

XXXVI

Os Papas e os restos da antiga Roma

E' sabida a importancia que tem para a Historia os *monumentos*, e as proprias *ruinas* d'elles, que se referem ao passado de qualquer povo.

No *Panorama*, em pag. 266 e 275 do 2.º vol. e 43 e 50 do 3.º, escreveu *A. Herculano* excellentes artigos contra uns certos barbaros do camartello e da picareta, que, entre nós appareceram, depois de 1834, destruidores e deturpadores raivosos de todo monumento nacional, de tudo que, por qualquer modo, podesse recordar o passado da nossa terra; e n'esses substanciosos artigos mostrava o valor de taes paginas de pedra, e até mesmo dos fragmentos d'ellas, que poderam escapar á lima do tempo. Depois d'*A. Herculano*, em 1840, outro escriptor, que occultou o seu nome, e por isso o não posso aqui nomear, escreveu no mesmo *Panorama*, tom. 4.º pag. 205 um artigo, tambem excellente, ácerca da conservação dos monumentos, e d'esse vou trasladar a parte que serve agora ao meu intento.

Se um nome não pode auctorisar as palavras que vou transcrever, auctorisa-as, sem duvida, o estimado Semanario em que foram escriptas. Depois d'este escriptor encarecer devidamente, como

A. Herculano, o valor dos monumentos, accrescenta: «... e está hoje assentado na Europa litte«raria que o estudo da verdadeira historia de qual«quer povo se fundamenta no exame e comparação «dos seus archivos, se acaso existem, e das meda«lhas e moedas, *das obras e das artes,* e até dos «utensilios domesticos e instrumentos fabris, que «se descobrem; estudo longo e arduo, mas profi«cuo, e que progride auxiliado pelas duas guias in«dispensaveis; a geographia e a chronologia.»

....

Eis, porém, o periodo d'este artigo que mais me importa copiar, como tributo merecidissimo á intelligencia e illustração dos Pontifices Romanos, sempre singulares protectores de todos os proveitosos conhecimentos humanos:

« Todos os governos civilisados mostram igual «empenho nos seus respectivos estados; *na côrte «pontificia (por exemplo) zelam-se os venerandos res«tos da antiga Roma.»*........................

XXXVII

As Escholas Pias, na Austria

Os Padres das *Escholas Pias,* na Austria tem *vinte e quatro collegios* com tresentos e oitenta e oito Religiosos e *sete mil quinhentos e noventa e quatro alumnos,* sem contar *os de ensino primario.*

(Novo Mens. do Cor. de Jes. — de Julho de 1888, pag. 233.)

XXXVIII

Um Padre e a pintura, architectura, poesia, historia, etc.

Em 1886, o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, noticiando a morte do *Padre Luiz Malvezzi*, exprimia-se nos seguintes termos:

«Finou-se com 80 annos de idade o padre «*Luiz Malvezzi*, que foi pintor, architecto, musico, «poeta, comediographo e historiador. De 1849 a «1859 viveu no estrangeiro dando lições de mu«sica; muitos cantores, hoje celebres, foram seus «discipulos. *Descobriu o meio de limpar as pinturas* «*antigas sem alteral-as*, e esteve em Roma, na Tos«cana e em outras partes do reino, em Basilicas e «mosteiros adornados por pintores afamados, afim de «conservar á nossa e á futura admiração centenares «de paineis que pareciam perdidos para sempre. No «concurso para o monumento dos — *Cinco Dias* — «apresentou um projecto architectonico. Escreveu «diversas comedias para o theatro de Milão; deixa «grande numero de poesias e uma preciosa collec«ção de quadros. A sua ultima obra intitula-se: «*As glorias da arte lombarda.*»

XXXIX

Fr. Manuel Rebello, e a lingua arabia

Sobre este *Frade*, notavel sabedor da lingua arabia, escreveu o sr. *M. A. M.*, na *Rev. Univ. Lisbon.* um excellente e circumstanciado artigo,

do qual para aqui trasladarei, por ser extenso, apenas os seguintes excerptos:

«...... sabemos todos, que desde a fundação da monarchia, tivemos nos proprios mouros, que entre nós ficaram, um tyrocinio da sua lingua arabia, o qual se converteu em mais pratico ensino, desde o reinado do Snr. D. João 1.º, e seus successores, por occasião das nossas conquistas, e estabelecimentos na Africa Occidental: ninguem ignora quanto isso contribuio para o feliz successo dos nossos descobrimentos, tratados, commercio, e conquistas das partes d'Africa Oriental, e da India, desde o reinado do Snr. D. Manuel, aonde, começando pelo immortal Gama, os nossos descobridores, e almirantes, foram achar os mouros influindo, e a sua lingua servindo em toda a parte; e tivemos sempre, e em toda a occasião, portuguezes de todas as classes, versados na lingua arabia, para nossos negociadores, e interpretes.»

«Com o correr dos tempos, as nações cultas da Europa foram estabelecendo o ensino d'esta lingua, como lhes foi sendo possivel; mas permittiu a providencia, que até nisso nos avantajassemos ás demais gentes, enviando a este reino um homem, natural de Damasco, de familia nobre, educado na religião christã, e na lingua arabia, o qual teve a vocação de entrar, e professar, *na Congregação da Terceira Ordem da Penitencia*, chamando-se *Fr. João de Souza:* a este nomeou a Snr.ª D. Maria 1.ª. Lente da lingua arabia, no Convento de Nossa Senhora de Jesus, de Lisboa: foi desta lingua o primeiro professor em Portugal, e o mais abalisado da Europa; vieram ser seus discipulos alguns estrangeiros, mandados pelos seus governos, mas os mais distinctos foram os portuguezes, e o mais extremado entre todos, o Snr.

Padre Manuel Rebello da Silva, da mesma extincta Congregação, seu successor actual na Cadeira desde 1812.»

«Este *sabio e virtuoso varão,* depois de illustrar as corporações regulares, em que professára, sendo, desde chorista, *mestre de Philosophia Racional e Moral, e de Theologia, e orador insigne,* dedicou-se á lingua arabia; e tendo aprendido com o *Fr. João de Souza* quanto este lhe podia ensinar, passou a residir em Africa pelo espaço de nove annos successivos, na casa do Consul Geral Portuguez em Tanger, a instruir-se nos usos e costutumes dos povos e côrte do Imperio de Marrocos, e a aprender a fallar, escrever e praticar a lingua arabia com o Talabi, que melhor a possuia; e tendo ali prestado relevantes serviços á corôa de Portugal, e ás nações nossas alliadas, recolheu-se a este reino em 1805, ficando pessoalmente considerado, acreditado, e estimado no Imperio, e Côrte de Marrocos, debaixo do nome do *Frade Manuel Portuguez*.....................................

....

... gozando publicamente do maior credito, conceito, e estimação do Ministro, e Côrte do Marroquino, que aliás faziam d'elle singular apreço, como de sabio consummado na lingua arabia, e seus estilos; por onde entre elles se dizia ser o *Frade Manoel* o infiel mais sabio que jámais houvera, e assim veio communicado officialmente ao Governo de Portugal.»

«Com este profundo saber, e com singular fama na Europa, tem o snr. *Padre Rebello,* ensinado a lingua arabia aos estrangeiros de diversas nações, e cathegorias, que têem frequentado a sua aula; e entre os seus discipulos portuguezes dão honra e gloria ao Lente, e á Nação, os Surs. *Anto-*

nio Caetano Pereira, e *Manuel Nunes Barboza*, que ainda frequentam; mas que nada têem já que invejar aos Mestres, que ao presente professam nas outras nações.»

«Sabemos que o Snr. *Padre Rebello* tem composto, para publicar pela imprensa uma *excellente grammatica da Lingua Arabia*, e *uma eruditissima collecção de vocabulos da nossa bella lingua portugueza*, oriundos das linguas *arabia*, *persia* e *turca*.»

....

M. A. M.

XL

Collegio de S. Caetano, que já foi Seminario

Lia-se no jornal de Coimbra, a *Ordem*, em 23 de junho do presente anno de 1888:

«No principio d'este mez abriu-se uma *officina de encadernação* no Seminario de S. Caetano, digo, *Collegio de S. Caetano*. (E' que este *estabelecimento de educação e ensino* já foi Seminario, e um Seminario mui importante, onde tambem se ensinaram *quasi todas as artes e officios;* porém, com o rodar dos tempos, *subiu* de Seminario a Collegio e dedicou-se *sómente* a habilitar alguns alumnos *para instrucção primaria!* Coisas do seculo das luzes.»

XLI

Fr. Antonio Brandão

No 1.º de Dezembro de 1838, o *Panorama*, commemorando o nome d'este sabio Frade, dizia que fôra Chronista Mór do Reino, auctor da 3.ª e

4.ª partes da *Monarchia Lusitana*, que é obra bem conhecida por seu merecimento e importancia. A este illustre Frade não duvidou *A. Herculano* honrar com o nome de *Principe dos nossos historiadores*, e *A. F. de Castilho* com o de *Pae da Historia critica Portugueza*.

XLII

Uma Circular da «Propaganda»

Com este mesmo Titulo, noticiava a excellente Revista religiosa, que se publica em Toulouse, «*Le Messager du Cœur de Jesus*» em Janeiro de 1883, que:

«*Le Moniteur de Rome* recebera communicação de uma importante circular dirigida pela S. Congregação da Propaganda a todos os Delegados, Prefeitos, e Vigarios Apostolicos, que estão sob sua dependencia, convidando-os a reunir tudo o que podessem encontrar que seja proprio para descrever, d'um modo mais exacto ainda, a *geographia* de cada paiz e a esclarecer a *historia*, as *artes*, os *costumes* e sobre tudo a *Religião* dos diversos povos, e tudo o que tenha relação com a infancia e com o progresso desses povos na civilisação. A isto, deverão elles juntar tudo o que lhes parecer que pode contribuir para fazer conhecer a *historia natural* de cada paiz: a *botanica*, a *mineralogia*, a *zoologia*, e remetterem tudo á Propaganda, logo que para isso tenham occasião favoravel.»

«Este documento (accrescenta a citada Revista) mostra bem que o estabelecimento da Propaganda, uma das glorias da Roma Pontificia, se dedica sempre com o mesmo zelo a manter a al-

liança indissoluvel dos interesses da Religião e da civilisação verdadeira.»

Mostra?!... Para outros, talvez; para mim o que isto mostra é a obstinação da Egreja em guerrear a sciencia, e espalhar trevas no mundo!...

XLIII

Um Missionario portuguez na Costa da Mina

O Padre *Rosario Victorino Correia*, exercendo o seu ministerio na *Costa da Mina*, diligenciou restabelecer, n'aquella região, a influencia portugueza, sustentando e dirigindo com muita actividade o ensino da nossa lingua, e generalisando as doutrinas do Evangelho.

Assim o noticiava o *Commercio do Minho* de 4 de Dezembro de 1883, dizendo tambem que tinha fallecido em Ajudá, havia pouco, sendo objecto de grandes demonstrações de sentimento, da parte de todos os habitantes.

XLIV

Ordens Religiosas na Imprensa periodica

O Nov. Mens. do Cor. de Jes. do mez d'Agosto do presente anno de 1888, trazia *(na capa)* a seguinte noticia, que é para desenganar ainda os mais cabeçudos, como eu, em presença de tão claras provas da ignorancia, ociosidade, e aversão á luz de que padecem todas as Congregações Religiosas.

A noticia resava assim:

« Os Religiosos em França continuam a crescer e a trabalhar devéras, de um modo particular na imprensa periodica. *Para só fallarmos dos Agostinianos, e dos PP. da Companhia de Jesus,* estes publicam, como é sabido, a grande revista *Etudes Religieuses, Philosophiques,* etc., em Pariz, e o *Messager,* em Lyon — publicações que teem muitos milhares de assignantes. Collaboram, além d'isso, em muitos jornaes e Revistas, como na *Controverse,* na *Revue des questions historiques,* na *du Monde Catholique,* etc. »

« *Os Agostinianos* redigem tres periodicos exclusivamente seus — a *Croix,* diario mui popular, o *Pélerin,* semanario illustrado, cuja propaganda vai crescendo a olhos vistos, e o *Cosmos—Les Mondes,* — revista scientifica acreditadissima, que por muitos annos foi redigida pelo inolvidavel *P. Moigno,* e cuja esphera se tem alargado cada vez mais.»

XLV

A Eschola naval d'Arcachon, em França

Esta eschola naval d'Arcachon, foi fundada em Bordeos pelo *Padre Baudran,* da Ordem Terceira de Santo Agostinho, com o fim especial de preparar os jovens grumetes para a carreira maritima.

Referindo, porém, aqui esta notavel fundação d'um *Frade Agostinho,* não me posso tambem eximir a relatar o facto, que em Agosto de 1876, tive occasião de ler no *Univers,* com relação a esta eschola.

Foi este:

« A Camara do Commercio de Bordeus (diz o

jornal *parisiense*), tendo pedido ao Director desta eschola que lh'a aprontasse, requereu ao Ministro da Marinha uma embarcação, que, segundo o costume, servisse para o ensino dos grumetes.»

«No anno antecedente, havia a Camara do Commercio de Marselha, feito igual requerimento, que lhe fôra deferido. Mas, desta vez, a instituição não tinha o caracter *leigo* tão querido de certos Ministros. O requerimento foi indeferido, com o pretexto de que a combinação proposta era *pouco seria.*»

Sel-o-ha mais a resposta? O que era justo em Marselha deixa de o ser em Bordeus?... A recusa era tanto menos justificada quanto a eschola d'Arcachon tinha a seu favor um brilhantissimo facto de salvamento praticado por um dos seus discipulos no Porto-Navalo, na costa da Bretanha. A eschola estava em mãos de Frades: é a verdadeira e unica rasão da recusa.»

XLVI

Pastoral d'um Bispo aconselhando estudos aos ecclesiasticos

O muito respeitavel e sabedor Bispo de Beja, *D. Fr. Manuel do Cenaculo*, dirigiu em 5 de Fevereiro de 1783, ao Clero da sua Diocese uma extensa Pastoral, aconselhando-lhe os estudos que mais podiam realçar o merito dos Ministros da Egreja; e de tamanha valia é esse documento, e tão abalisado em lettras era o seu auctor, que aquelle auctorisado Semanario, o *Panorama*, a que, por vezes me tenho referido, ao transcrever uma parte da referida Pastoral, lhe fez o seguinte elo-

gio, em seu n.º de 16 d'Outubro de 1841, vol. v, pag. 335:

«...... notam-se *(na Instrucção do Prelado)* «passagens tão philosophicas (applicaveis a todas «as classes da sociedade, que podem frequentar a «cultura das lettras) que não duvidamos trasladar «algumas para este jornal; — não só por acreditar-«mos a memoria d'aquelle *sabio* portuguez, *tão* «*amante do adiantamento da illustração publica,* «como porque sendo hoje pouco lidos os seus *eru-*«*ditos escriptos* litterarios, muito menos o serão as «pastoraes, apezar de que *todas* versam sobre mui «importantes assumptos.......................

XLVII

Notger — Bispo de Liége

Notger, que veiu depois a ser o celebre Bispo de Liége, dedicou-se, de tenros annos, á vida religiosa, e foi monge da Abbadia de S. Gall, onde taes conhecimentos mostrou que foi mandado por seus superiores ensinar, na mesma Abbadia, as sciencias em que mais primava; hindo ultimamente dirigir as escholas da Abbadia de Stavelot, que tão illustre e abalisada foi no seu tempo. — Pelos annos de 970, pouco mais ou menos.

(A. Boniface. — *Une Lecture par jour,)*
pag. 212 — edição de 1844.

XLVIII

O Padre Joubert

«O Padre Joubert, da Companhia de Jesus, defendeu na Sorbonna, perante a Faculdade de *sciencias mathematicas*, duas theses das quaes a principal teve por objecto. — *As equações, que se encontram na theoria das transformações* ellipticas.»

«Depois d'uma brilhante defeza de theses, o reverendo padre Joubert foi julgado digno do grau de Doutor e recebeu grandes felicitações da Faculdade. Na Universidade da Sorbonna ha apenas um mathematico illustre, que pode competir com o distincto sacerdote.»

(*Nação* de 17 de Novembro de 1876.)

XLIX

Um Parocho Mestre

Sob esta mesma epigraphe, publicava a *Revista Universal Lisbonense* de 21 de Março de 1844, pag. 378, as seguintes linhas:

«De Mirandella recebemos uma carta mui auctorisada de bellos conceitos e observações ácerca da instrucção e da importancia do ministerio parochial, que sentimos não poder publicar, tanto pela sua extensão, como por ser ponto este em que não temos por conveniente intender sem muita circunspecção e melhor opportunidade.»

«No entretanto, damos já com prazer a noticia que o nosso benemerito concidadão e assignante

nos aponta na referida carta, de que o seu parocho, não parando só em doutrinar na egreja aos seus freguezes, abrira em sua casa eschola de primeiras lettras para a infancia desvalida da freguezia, sendo elle mesmo o mestre, e contando já muitos discipulos.»

«Que maior louvor se póde dar cá no mundo a um tão desvellado cura d'almas, do que fazer publico este grandissimo serviço que assim presta a Deus e á patria?»

São excepções, me dirão talvez; não ha duvida. Mas é tambem inegavel que este serviço litterario, sobre ser puramente espontaneo e gratuito, nem prova a ignorancia do Clero, como a querem inculcar seus adversarios, nem mostra a sua apregoada hostilidade a toda a casta de instrucção.

Alem de que, não seria então nem tambem hoje, só o bom Parocho de Mirandella que se tornara digno, por aquelle serviço, das bençãos de Deus e da Patria.

Quantos Parochos, quantos simples Ecclesiasticos, terão, por esse reino fóra, repartido do seu saber com quem isso lhe pede?!

Conheço eu alguns, tanto na Provincia como na propria capital.

L

Um Padre promovendo e dirigindo artistas

(Cópia de uma carta do Ministro e Secretario d'Estado D. Rodrigo de Sousa Coutinho ao Abbade José Corrêa da Serra)

«Lisboa 2 de septembro de 1798.—Meu Abbade e Amigo do Coração: Tendo S. M. approvado o *seu plano* que me propôz, de se mandarem *um ou*

dois artistas a Londres para entrarem aprendizes em casa de Ramsden, com as condições que me referiu, ahi vão os dois moços, portadores d'esta carta, e a quem S. M. manda dar por D. João de Almeida o que me disse Ramsden pedia, e *encarrega ao Sr. Abbade Corrêa de dirigir os seus estudos, e trabalhos*, e de lhes procurar a sua admissão em caza do mesmo celebre artista. Quão grande bem eu espero *d'esta sua ideia*, que o nosso Grande Principe logo adoptou, e quanto eu confio do seu patriotismo em procurar que ganhemos dois grandes artistas, é inutil repetil-o; e só lhe seguro que invejo o gosto que elles terão de aproveitar-se *das suas luzes, da sua direcção,* e da sua tão amavel sociedade.»

«Esta carta serve de apresental-os, e eu espero que não se esqueça de annunciar-me os progressos que elles forem fazendo. No ultimo paquete escrevi-lhe uma longa carta, de que por este que ultimamente chegou não tive resposta, lisongeio-me que nem falta de saude, nem de amisade motivasse esta demora. Tenho a honra de ser de todo o coração; seu maior Amigo e fiel captivo.—*D. Rodrigo de Sousa Coutinho.*

P. S. Os nomes dos Artistas são Gaspar José Marques [1] e José Maria Pedroso.»

(Vid. *Rev. Univ. Lisb.* vol. 3.º pag. 96.)

---

[1] Veiu a ser depois, em Portugal, *Director do Conservatorio das Artes e Officios.*

LI

Leão XIII e a Instrucção

Por determinação e generosidade do actual Pontifice ainda se vão augmentar em Roma as fontes de instrucção! Em Roma, onde já eram mais preciosas e abundantes que em nenhuma outra parte do mundo, igualmente devidas á illustração, gosto, e liberalidade dos Papas, como o leitor já aqui viu.

A *Ordem*, jornal de Coimbra, na sua folha de 29 de julho d'este anno de 1888, celebrando a magnanimidade com que S. S. Leão XIII, tem distribuido os numerosos e ricos dons, que o affecto filial dos catholicos das cinco partes da terra lhe offereceram por occasião do seu jubileu sacerdotal, menciona tambem nessa destribuição o seguinte:

« As collecções de *mineralogia*, *botanica*, *zoo-* « *logia e de etnographia*, *formarão um museu espe-* « *cial; e os impressos, livros e gravuras formarão* « *uma bibliotheca.*

LII

O Papa Portuguez S. Damazo e outros portuguezes, na Roma subterranea

O *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, do mez de Dezembro de 1844, tom. IV, pag. 527, depois de discutir qual era a naturalidade de S. Damazo, e mostrando que era *portuguez*, pela nacionalidade, e que fôra *Guimarães* a terra do seu nascimento, passa a commemorar, por occasião do

seu centenario, *os assignalados merecimentos que a este heroico portuguez fazem logar tão proeminente entre os successores de S. Pedro*, mencionando igualmente *os serviços que outros Portuguezes prestaram na exploração de Roma subterranea.* Tão interessante, de honra litteraria, e gloriosa, para Portugal e para nós, portuguezes, me pareceu esta commemoração, que, sem embargo de ser longa me deliberei a transcrevel-a na sua maxima parte.

Diz, pois, a citada excellente e illustrada Revista religiosa:

« Hoje está sufficientemente provado que varios poemas pequenos, attribuidos a Claudiano, são de *S. Damazo*, alem de 37 carmes ou epitaphios, collegidos desde o quinto seculo pelos peregrinos, que visitavam as catacumbas Romanas. Mas o moderno estudo d'estas, diz o celebre archeologo *De Rossi*, descobriu que seus trabalhos poeticos nos hypogeus christãos, não foram sómente parciaes de um logar determinado, mas extenderam-se a toda Roma subterranea. O illustre nome do poeta *Vimaranense* se acha em cada uma das catacumbas, sobre os tumulos de todos os Martyres celebres. As construcções mais solidas em seus adornos, as escadas de marmore em cada crypta insigne, tudo mostra o cunho da sua piedosa mão.»

« Alem da poesia, á sua alta intelligencia é que devemos a conservação dos hypogeus christãos, visto ser elle quem fez abandonar o systema vicioso adoptado para as basilicas Constantinas. Consistia este systema em arrazar o andar superior de uma catacumba, até se chegar ao nivel da crypta inferior, onde ficava ordinariamente a sepultura dos Martyres mais illustres. Dest'arte desembaraçava-se um moimento principal, sobre o qual se fabricava um edificio sumptuoso: porém para

se chegar a tal resultado, era indispensavel o sacrificio de um sem numero de *loculos* (jazigos d'um só corpo). S. Damazo comprehendeu que, se as reliquias dos Martyres teem direito ao nosso culto, tambem a sepultura dos simples fieis requer um respeito inviolavel. Desde então estendeu a sua Pontifical sollicitude a todo o complexo dos monumentos christãos. Os thesouros ingentes, que á sua disposição punha a piedade de algumas matronas e que o ciume pagão de Ammiano e Marcellino lhe lançava em rosto, elle os gastava, não em luxo pessoal, mas no adorno dos logares santificados pela presença dos martyres. Hoje conhecemos o luxo de S. Damaso: pois resplandece aos nossos olhos na magnificencia dos caracteres paleographicos que conservam o seu nome. Não se limitou elle a compôr os elogios epigraphicos dos jazigos catacumbenses; mas quiz respondesse á pompa da linguagem a belleza da calligraphia. Os archeologos repararam desde ha muito, que os carmes d'este Papa são gravados no marmore em caracteres tão claros e admiraveis, que lhes deram a denominação especial de *Damasianos*. O sr. *De Rossi* descobriu tambem o nome do calligrapho lapidario, que executava essas obras primas ás ordens de S. Damaso. O humilde e habil esculptor revelou-nos a sua pessoa, hoje gloriosa, por uma assignatura em lettras miudas dispostas e quasi escondidas na margem de uma inscripção monumental. A assignatura reza assim:

SCRIPSIT FURIUS DIONYSIUS FILOCALUS
DAMASI SUI PAPÆ CULTOR ATQUE AMATOR

«A indole grega d'este nome, assim restituido á historia, faz suspeitar, que Furio Dionisio Filocalo

não era sómente *venerador e amador do seu Papa Damaso*, como elle diz, mas tambem conterraneo. Este calligrapho do seculo IV é interessante ainda por outro titulo. *De Rossi* descobriu a prova de ter Filocalo redigido o catalago dos Papas, conhecido até hoje com o nome Liberiano por terminar em S. Liberio. Este importante achado por uma parte confirma-nos a authenticidade das noticias do *Liber Pontificalis;* por outra fortalece a tradição, que attribue a S. Damaso uma historia hoje perdida dos Pontifices seus antecessores. Merecidamente pois (diz *De Rossi*) o nome de Damaso *domina sobre toda a historia monumental da Egreja Romana*, durante a primeira edade da paz. O seu Pontificado realmente fecha a era das Catacumbas. E' sabido, que por um sentimento de humildade admiravel não quiz este grande Pontifice collocar o seu jazigo entre os tumulos dos martyres, cujos monumentos tão religiosamente adornara, dizendo: *Confesso que muito estimaria essa felecidade, porém receio profanar o logar augusto onde os Santos descançam.*»

«Depois de tal escrupulo, tão modestamente expressado por um Papa santo e thaumaturgo, as sepulturas nas Catacumbas se tornaram muito raras, não sendo mais auctorisadas, senão em circumstancias excepcionaes. Elle foi enterrado ao pé de sua mãe e de S. Irene sua irmã no oratorio que elle mesmo mandara levantar e adornar, entre a estrada — Ardeatina e as catacumbas ou cemiterio de Callixto. A sua sepultura e as da mãe e da irmã foram descobertas em 1736, descrevendo-as o sabio Marangoni nos «Commentarios sobre a Chronologia dos Papas», etc.»

«Depois de fallarmos nas obras artisticas e poeicas, que Roma subterranea deve a S. Damaso, é

impossivel omittir, que a outros Portuguezes são egualmente devidos os modernos estudos archeologicos das catacumbas. Como elles abrissem o caminho, assim o refere *o auctor anonymo da Academia dos humildes e ignorantes, tom. VI, Conferencia 12* (*edição de Lisboa, 1762*):

«Eu e outros Portuguezes a intentámos (*a visita das catacumbas*) sem medo, algumas vezes, e retrocedemos logo pasmados e afflictos; até que animando-nos o *P. João Neri*, natural de Lisboa, com dous guias bem pagos, cordel, luzes e bom provimento para elles, e para nos alimentarmos, deixando na porta amigos fieis de guarda, e ordem do Cardeal Vigario, para que ninguem entrasse em quanto lá estivessemos, gastámos dez dias e dez noites dentro, em horrores, gostos e pasmos, que depois causamos tambem aos Italianos, ficando em memoria eterna o valor dos Portuguezes.

«Porque não havia memorias de que outra alguma nação se exposesse a tanto, de sorte que das nossas informações composeram um excellente livro, que serviu de grande utilidade e luz para as antiguidades Romanas. Uma d'ellas foi a probabilidade de que estes Cemiterios ou catacumbas de Roma se communicavam todos uns com os outros, não obstante o distarem algumas milhas e leguas: descobrimos, o que certamente ignoram os Romanos desde que cessaram as perseguições da Egreja; porque sendo infallivel a noticia de que os Papas e todos os catholicos de ambos os sexos se recolhiam n'estas vastissimas grutas, e n'ellas viviam muitos mezes, e talvez annos, em quanto duravam as perseguições dos Imperadores, e aqui se juntavam em sitios commodos a celebrar todos os Officios divinos, nunca houve quem se atrevesse a esquadrinhar estas habitações e oratorios. Porque os horro-

risava a tradição constante e verdadeira, de que lá tinham ficado innumeraveis curiosos, mortos por falta de ar, ou porque perdiam o caminho, como consta do prodigio, com que S. Filippe Neri livrou a muitos; nem os guias se atreviam a passar dos sitios que sabiam alem do *poço dos Apostolos*. O menos com que nos intimidavam, era a noticia vaga de que n'aquellas grutas habitavam feras; como se estas se podessem alimentar com barro, terra, pedra e areia. Pela medida do nosso cordel assaz delgado, que deixámos preso aonde os guias protestavam que não podiam continuar caminho, nem sabiam, caminhámos em estradas, casas, egrejas, rodeios e communicações de umas fabricas com outras, cinco leguas, que são quinze milhas: d'onde inferimos que os catholicos refugiados e divididos occupavam quasi quatro milhas em circuito, e por mais que fossem, cabiam todos em qualquer dos tres oratorios ou egrejas que vimos.»

«Tambem se infere, que cada um, pela parte que lhe competia, para se esconder, adiantava a obra quanto podia, lançando a terra, pedras e areia em uns como poços, obra da natureza; porque o extrahir estas coisas era impossivel, pela angustura e gravissima distancia dos caminhos. Em muitas partes tiveram luz por alguns poços, que achámos entupidos com ruinas, e nos obrigavam a retroceder. Só de agua corrente e boa eram bem providos, e para a terem, buscaram o mais profundo, e a communicaram por aqueductos de telhões com tal industria, que a podiam gozar os que estivessem mais distantes. Excepto os oratorios, que são de abobada de ladrilhos muito grossos, e ainda mostram a perfeição com que foram adornados; tudo o mais é tosco, mas alto e largo. Os poços que lhes ministravam alguma luz, e por onde se

julga lhes lançavam mantimento, e o mais necessario para a vida, estavam nos quintaes e jardins de catholicos occultos e poderosos; e julgaram os Romanos bem fundados, que só para conducção dos alimentos e avisos abriram estes os poços, e os catholicos refugiados os caminhos até elles; porque só no fim dos caminhos se acham signaes de que foram habitados, e ha caminho que tem legua e mais de comprimento; de sorte que ou estavam ás escuras, ou gastavam azeite e cera. Junto ao oratorio mais pequeno está um destes poços... Cercam-n'o varias abobadas, e na maior está um postigo de pedra jaspe excellente: n'este sitio dizem com bastante fundamento, que habitava o Summo Pontifice... O oratorio principal, que é o ultimo e mais subteraneo, para o qual se descem vinte e dous degraus, que junto a onze, que tem o primeiro, sete para o mais pequeno que fica para o sul, e dous para outra gruta octangula, fazem 40 degráus bem altos e tão centraes, que sobre as catacumbas se podem fundamentar os maiores alicerces, sem prejuizo de suas abobadas, quasi todas de terra e piçarra molle, algumas de areia que parecem milagrosas, e as melhores de tijolos excellentes. Cada um dos tres oratorios forma uma Cruz perfeita com quatro partes iguaes no cumprimento e largura, cada parte de uma só nave, e no meio da dita Cruz estava o altar portatil de madeira, que era uma arca collocada sobre algumas pedras, e junto a ella a cadeira: de sorte que os fieis postos nas quatro partes iguaes da Cruz, ou quatro naves em cruz dos ditos oratorios, viam celebrar o Summo Pontifice, ouviam as homilias, e com uma ou duas luzes no Altar se illuminavam as quatro naves do oratorio, as quaes todas cérca um corre-

dor com quatro entradas e muitas saídas para outros.»

«Em todos, e até nas escadas, estão nichos, que julgamos tinham ou tiveram corpos de Santos; porque os das fabricas interiores estão fechados todos e com cruzes.»

«Não tem numero as grutas e cavernas redondas, como zimborios, em cada uma d'ellas podendo accomodar-se seis pessoas deitadas; e estas eram as casas, em que depois da oração se recolhiam a comer e dormir... Não encontramos mais que alguns mosquitos nos sitios por onde corre agua excellente, frigidissima e pura, não obstante o estar descoberta: e sendo tanto o pó subtil no pavimento, desde o sitio em que prendemos o cordel, não achámos vestigios humanos perceptiveis e certos.»

«Parece que, tantos seculos depois de S. Damaso, estes portuguezes foram os primeiros em franquear aos outros o caminho inteiro das catacumbas: é certo não constar, quem tirou essa gloria a Portugal. No emtanto desde o principio do corrente anno de 1884 começou-se a festejar o decimo quinto centenario Damasiano, imprimindo-se em Roma o bello poema do sr. Francisco Massi, *Le Catacombe Romane*, no qual o illustre escriptor escolheu por guia de suas excursões poeticas ao poeta S. Damaso. *A Civilità Cattolica* (5 de abril de 1884) na sua *Bibliographia* fez grandes elogios d'esta obra, que merecia ser traduzida em poesia nacional. Não ha muitos annos, o R. P. Antonio Angelini S. J. escreveu com todo o primor do estilo lapidar seis inscripções em honra de S. Damaso, as quaes já se acham impressas na collecção do illustre latinista.»

LIII

O Jesuita Padre Riviére

Lia-se no *Commercio do Minho* de 4 de Dezembro de 1883:

«Falleceu ha dias em Zambezia (Tete) o P. Riviére, da Companhia de Jesus, expulso da França em virtude dos decretos de 29 de março.»

«Este *sabio jesuita* era o mais distincto arabista do nosso tempo.»

«Foi elle o primeiro que redusiu a methodo *uma grammatica e diccionario da lingua Kabyla:* creou *cinco escholas* francezas que eram sustentadas pelo seu zelo e dedicação.»

LIV

O Padre D. Raphael Bluteau

No logar em que me occupei dos serviços que á lingua portugueza prestara o nosso Clero, tanto regular como secular, nem era possivel, nem foi meu pensamento, incluir alli *todos* os Frades e Padres que n'esses serviços se distinguiram, como similhante ambição não tenho em nenhum outro assumpto d'estes meus apontamentos. Além d'esta rasão, que já explica a ausencia do nome do *Padre Bluteau* no artigo que intitulei «*O Clero e a lingua Portugueza*» ha outra, por ventura superior, que é a de não serem os serviços d'elle da natureza particular que eu alli tinha a peito recordar.

Como, porém, não é só bem escrevendo e

exemplificando a lingua com pureza e elegancia, que de'lla se póde ser benemerito, e tão benemerito como o foi o *Padre Bluteau*, pede a justiça que me não esqueça do seu nome; e, para o commemorar, me vou soccorrer da boa e portugueza penna do meu saudoso amigo *Silva Tulio*, no excellente artigo, como elle os sabia escrever, que se lê no vol. 3.º da *Rev. Univ. Lisb.* pag. 306, da qual copiarei quasi todo.

Lia-se, pois, n'aquelle artigo:

«*13 de Fevereiro de 1734.*

«Bemdigamos hoje a memoria de um dos mais benemeritos da lingua portugueza o padre Bluteau.»

«A sua vida e os seus feitos litterarios, se os podéramos narrar aqui todos, seriam obra tão extensa quão maravilhosa. Limitar-nos-hemos pois em resumir o muito que d'este sabio escriptor cumpria dizer-se, sem até sairmos dos famosos prologos do seu Vocabulario; onde nos deixou elle mesmo escripta grande parte da sua vida.»

«Em Londres, era de 1638, nasceu Raphael Bluteau, de paes francezes. Aos dez annos entrou no collegio dos jesuitas em Pariz, onde começou logo a manifestar aquelle vigoroso ingenho que ao depois tanto o afamou: fez d'ahi a poucos annos profissão no instituto de S. Caetano, em Florença, e aprendeu as sciencias maiores em Verona e Roma. Adquiriu singular reputação no pulpito, pelo que foi nomeado prégador da rainha de Inglaterra.»

«Tinha trinta annos quando veiu a Portugal, a cujo clima e habitantes se affeiçoou muito (como de assaz demonstrou depois): fizeram-no logo *Pre-*

posito da casa dos clerigos regulares da Divina Providencia e Qualificador do Santo Officio.»

«Desde então se deu com afincamento ao estudo da nossa lingua, por quanto quarenta annos depois, diz elle em um dos prologos do diccionario, «raro fôra o dia em que se não aproveitasse d'alguma noticia na lingua portugueza.»

«Foi esta porfiada diligencia, e tão heroica ousadia, a par do *seu universal saber* e da noticia que tinha de *muitas linguas*, o que lhe alcançou levar a cabo a sua grande obra do *Vocabulario Portuguez* e *Latino*, etc. Algumas das suas respeitaveis declarações poremos aqui para cabal conhecimento do incrivel estudo e perseverança que empregou n'esta obra verdadeiramente monumental.»

«Trabalhei n'esta obra mais de trinta annos. «Duas vezes escrevi de minha lettra os oito volu«mes que vão saindo á luz, e outras duas vezes «foram os ditos volumes trasladados e postos em «limpo por diversos escreventes.»

«N'outra parte:

«Para a execução d'esta laboriosa empreza, «*quae totum hominem desiderat*, fui precisado a «tirar-me da predica e renunciar os emolumentos «d'ella, que pela continuação de muitos annos im«portariam a estas horas muitos mil cruzados. «De todo este lucro cessante, e damno emergente «não fiz caso: não attendi ás advertencias dos «amigos que duvidosos da possibilidade do suc«cesso me aconselhavam que fizesse d'este parto «um aborto; não me desanimaram as contrarieda«des dos emulos, que com indiscretas criticas pro«curavam escurecer a obra antes de sahida á luz. «Como eu não levava outro fim que a gloria de «Deus, e a utilidade publica, todos os obstaculos

«me pareciam chimera e espantalhos de pusilla-
«nime.»

«Após muitas contrariedades publicou afinal o seu *Vocabulario* na imprensa da Universidade de Coimbra; os oito volumes, em nove annos successivos, desde 1712 ate 1721: e depois o *Supplemento* na da Academia Real, n'este ultimo anno, tudo em folio.

....

«Depois de haver escripto e publicado muitas obras que todos conhecem, e de fazer admirar o *seu ingenho e erudicção* em todas as nossas academias do seculo passádo; recolhido no seu convento dos Caetanos d'esta cidade, falleceu o padre D. Raphael Bluteau faz n'este dia cento e onze annos, tendo noventa e seis de edade, todos (menos dez!) gastados em estudos e obras de grande nomeada.»

Silva Tullio.

LV

A Commissão das Escholas Catholicas na Diocese de Westminster

«No dia 28 de Junho (Dizia o *Nov. Mens. do Cor. de Jes.* do mez de septembro de 1883) celebrou o *comité das escholas catholicas na diocese de Westminster* a sua reunião annual em *Saint-James Hall* (Londres). Presidiu o *Cardeal Manning*, assistindo tambem outros prelados, Russel, o conde Dembingh, o visconde Feilding, sir Clifford, lord Douglas, etc.»

«Em seu discurso *recordou o illustre purpurado a esplendida situação das ditas escholas.* O nu-

mero dos missionarios cresce, recebendo actualmente a instrucção *13:000, em 178 escholas parochiaes, em 8 industriaes*, em *9 casas de orfãos*, etc.»

LVI

D. João Bosco

Aqui tendes, inimigos da Egreja e do clero, aqui tendes um pobre e humilde Padre italiano, que, elle só, vale por muitos milhares de vossos primeiros homens! Aqui tendes o grande apostolo moderno da caridade, o grande resolutor do problema social; o grande regenerador de criminosos; o grande educador e amparo da mocidade desvalida e vagabunda; o grande civilisador dos nossos dias, pelo trabalho e pela virtude!

Por occasião da sua morte, succedida não ha muito, que a imprensa europea, em geral, assignalou e lastimou como immensa perda para a Religião e para a sociedade; foram numerosos os artigos, que exaltaram a sua memoria e relataram os seus extraordinarios serviços, mesmo em folhas de todo o ponto insuspeitas do que hoje chamam clericalismo.

Deixando, porém, escriptos extranhos, darei preferencia, para archivar aqui, ácerca de D. Bosco, a um artigo do sesudo e apreciado *Jornal da Manhã*, do Porto, que soube resumir em, relativamente, pequeno espaço, uma tão ampla e cheia vida de beneficios, espalhados ás mãos cheias por todo o mundo, illustrando-o e edificando-o com a penna, e com as obras admiraveis da sua engenhosa caridade. Eis o artigo do *Jornal da Manhã*, a que alludo, publicado em Fevereiro do presente anno:

«D. Bosco

« O apostolo da juventude perdida

«O telegrapho acaba de nos transmittir a dolorosa noticia de haver expirado em Turim, na rua Cotollengo, o fervoroso apostolo da juventude perdida, o rev. Padre D. João Bosco.

E' uma perda grande para a sociedade, pois que este homem, por si só, havia attingido a solução do grande problema social — a regeneração do vadio, por meio do trabalho; hoje pranteam-n'o milhares de filhos adoptivos aos quaes elle educou e regenerou.

D. Bosco fundou a Sociedade de S. Francisco de Salles.

«O fim d'esta Associação é o exercicio das differentes obras de piedade e caridade, e, em particular, o de se occupar d'uma maneira ainda mais especial da *mocidade pobre e abandonada*, de quem depende o futuro feliz ou infeliz da Sociedade.»

D. Bosco tomava esses entes corrompidos e depravados, entregues sem defeza á mercê da influencia do mal: dava lhes um abrigo, depois um emprego honroso, tornando-os homens uteis a si e ao seu paiz, nobilitando-os e admittindo-os aos esplendores da verdade revelada.

D. Bosco nasceu em 15 d'agosto de 1815, (contando por isso 73 annos incompletos), em Castelnuovo d'Asti, provincia de Turim, na Italia. Elevado á ordem sacerdotal na edade de 26 annos, celebrava a sua primeira missa em 8 de dezembro de 1841. Introduzido um dia nas prisões de Turim, pelo Padre Cafasso, uma vivissima commoção se apoderou do joven sacerdote, quando observou

que entre os presos se achava um grande numero de jovens e mesmo de creanças.

Essas creanças haviam prevaricado; e a sociedade fòra obrigada a encerral-as como entes nocivos; mas, em logar de as tornar melhores, a sua permanencia na prisão não fazia senão corrompel-as cada vez mais, de sorte que quando d'alli saiam era para se tornarem dentro em pouco reus de novos crimes.

Desde então concebera a ideia de regenerar essas pobres creanças educando-as na religião e no trabalho.

Emprehendeu a sua obra em 1847, sob os auspicios de sua mãe D. Margarida Bosco, que, vendendo os seus bens do lar dos Becchi foi installar-se com o filho em Turim, confiando só na Providencia.

Tanto sem recursos se via, que, na sua historia, ha uma scena muito commovedora.

Vinham D. Bosco e D. Margarida Bosco atravessando o caminho de Rondo; encontraram o Padre Vola, que lhe disse:

— Meu pobre amigo, como estás fatigado! Para onde vaes?

— Vou estabelecer-me em Turim com minha mãe para salvar os pobres vadios.

— Mas creio que estás sem posição e sem meios de subsistencia. De que vaes tu então viver?

— Não sei: confio na Providencia.

O Padre Vola commovido em face de tanta fé e tanta coragem, tirou o relogio que trazia e apresentando-o a D. Bosco, disse-lhe:

— O unico objecto de valor que possuo é o meu relogio; peço-te que m'o acceites para dar principio a um fundo.

No dia seguinte D. Bosco vendeu o relogio

para fornecer roupa a alguns rapazes para lhes cobrir a nudez.

*

Com o decorrer dos tempos, lançou os fundamentos, em 1865, para a egreja dedicada a Nossa Senhora Auxiliadora, e que foi concluida em 1868.

Até á sua morte, cerca de 150 casas para as pobres creanças abandonadas foram fundadas por D. Bosco, subindo a 100:000 o numero dos educandos.

Quatro casas em França: a de Nice foi a primeira, em 1875; seguiram-se duas escolas agricolas estabelecidas em Navarra, e mais tarde uma nas ilhas Hyeres para os rapazes; fundou o Oratorio de S. Leão em Marselha onde se abrigam 250 creanças; em Utrera, perto de Sevilha; Barcelona; na Republica Argentina; no Prata; no Uruguay, no Brazil e até na Patagonia.

D. Bosco possuia um raro talento administrativo, e, se se tivesse lançado na carreira politica teria sido um grande ministro d'Estado.

As aulas nocturnas que D. Bosco fundou para os artistas tiveram uma grande opposição da parte do presidente da camara municipal de Turim, o marquez de Cavour: mas bem depressa o rei Carlos Alberto mostrou que não queria que impedissem este sacerdote no seu ministerio, e um dia lhe enviou 300 francos (12 libras sterlinas) com a seguinte epigraphe: «Aos garotitos de D. Bosco.»

Deu á luz varias obras instructivas e religiosas, taes como: «Historia Sagrada para uso das escolas», o «Joven instruido» que conta 82 edições; o «Systema metrico decimal», as «Dores de Maria Santissima», a «Devoção do Anjo da Guarda»,

«Exercicios sobre a misericordia de Deus», varias comedias, tragedias e dramas, o «Aldeão», o «Carpinteiro de Nazareth», etc., etc.

Deixa como ultimo monumento da sua piedade e devoção, uma soberba basilica em Roma, em Castro Pretorio, no monte Esquilino, dedicada ao Coração de Jesus, ao lado da qual se encontram varias officinas para o ensino dos rapazes pobres e sem familia.

Como prova do seu governo e tino directivo, recordamos — que um dos municipios da Italia, projectára ha annos uma casa de correcção para os vadios: levantou-a, e durante alguns annos funccionára; mas, vendo que nenhum resultado se auferia na regeneração dos internados, chamou D. Bosco que, tomando conta d'essa casa, a fez prosperar sendo hoje uma das suas glorias.

Um dos factos não menos importantes da sua vida é a licença que obteve do ministro Rattazi para dar um passeio ao campo, ao Castello de Stupigini, distante de Turim 25 kilometros, a 350 presos, que, sem guardas nem outro guia mais do que D. Bosco, voltaram á noite para a cadeia, sem que faltasse um só.

As 150 casas fundadas na vida de D. Bosco são como os 150 canticos da sua immensa epopeia, consagrada a 100:000 jovens que ahi recebem educação e um modo de vida. [1]

---

1 Outros jornaes elevam o numero das casas fundadas por D. Bosco a 200, e o numero dos rapazes subtraidos á vadiagem e ao crime a 150 mil. E tambem advertem que se calculava a despeza d'aquellas casas em 18 contos por dia, sem ter nenhuma renda certa.

Suceede-lhe no governo das diversas casas D. Miguel Rua, que, dotado de uma intelligencia clara e d'um espirito lucido, herda o tino administrativo de D. Bosco.

A Officina de S. José, n'esta cidade do Porto, pranteia com justa razão n'este momento a perda do homem que tanto concorreu para o bom tino governativo da mesma, por isso que o seu rev. fundador, tornando-se hospede de D. Bosco em casa da mãe em Turim, d'ahi poude copiar os regulamentos e ver e observar a direcção que devem levar estas casas de regeneração pelo trabalho e pela religião.

Acompanhamos, pois, na sua justa dôr o rev. Padre Sebastião Leite de Vasconcellos, digno director da Officina de S. José, pela perda de tão bom conselheiro que a morte acaba de arrebatar.»

LVII

O Ptolomeu Portuguez

Gaspar Barreiros

Ainda do nosso illustradissimo *Tulio*, meu presado amigo, tão cedo roubado pela morte ás lettras portuguezas, em que tanto se destinguiu, transcreverei de uma das muitas *commemorações* com que abrilhantou as paginas da *Rev. Univ. Lisb.*, esta, que se agora vae aqui ler de *Fr. Francisco da Madre de Deus*, mais conhecido pelo nome de *Gaspar Barreiros*, e a quem tambem por antonomasia chamaram «*O Ptolomeu Portuguez*».

Lia-se, pois, na citada *Revista* vol. I, pag. 305: «*Fr. Francisco da Madre de Deus*, Religioso de

S. Francisco, conhecido n'este Reino e nos Estrangeiros pelo seu famoso nome de *Gaspar Barreiros*. Foi natural de *Vizeu*, e sobrinho do nosso grande Historiador *João de Barros*».

«Fez os seus estudos em casa do Cardeal Infante *D. Henrique*, cujo foi Capellão: e de mandado do mesmo Principe foi a *Roma*, segundo elle mesmo declara a dar os agradecimentos ao Santo Padre *Paulo III*, da sua creação em Cardeal, e a visitar os que n'ella foram presentes, e assim sobre alguns negocios que então com Sua Santidade tinha».

«*Pio IV* lhe encarregou a emenda dos Mappas cosmographicos, conforme as Taboas de *Ptolomeu*. E por essa occasião fez um Tractado de annotações ao mesmo *Ptolomeu*, e um Opusculo de observações cosmographicas.»

«*Heitor Pinto*, que discordava d'elle quanto ao seu livro das censuras, reconhece todavia o Autor por *muito douto* e de *varia erudição e grande eloquencia*. *Garcia d'Orta*, lhe chama *Escriptor muito lido*, douto, curioso e homem de muito bom juizo. *João Pinto Ribeiro*, o põe no numero, dos que *mais gostaram a suavidade da nossa lingua*. *Jorge Cardoso* o nomeia — outro *Ptolomeu*.»

«Escreveu: Origem das linhagens e brazões d'armas dos Nobres d'estes reinos de Portugal e de Castella. Existe em manuscripto.»

«Publicou: Censuras sobre 4 livros intitulados em M. P. Cantam de Originibus, em Beroso Chaldeo, em Manethon Egyptio, e em G. Fabio Pictor Romano.»

«N'estas e outras obras (diz *Severim de Faria*) mereceu bem *Gaspar Barreiros*, o nome de sobrinho e discipulo de *João de Barros*.»

«Chorographia de alguns lugares que estão em

um caminho, que fez G. B. no anno de 1546. Começam na cidade de *Badajoz* em *Castella*, até á de *Milão* em *Italia*, com algumas outras obras.»

«Obra excellente (diz o mencionado *Severim*), e volume tão erudito, que é tido de todos universalmente em grande estima.»

LVIII

Engenhosa sege

Invenção clerical

Um machinista francez, *Saladin*, inventara um ingenho, que por si ia registando o trabalho das machinas; e, ao noticiar esta novidade extrangeira, o nosso *A. F. de Castilho* na *Rev. Univ. Lisb.* de 27 d'Outubro de 1842, vol. 2, pag. 64, accrescentava estas linhas:

«Mas porque esta novidade estrangeira nos parece coincidir com um invento portuguez, feito não ha já poucos annos, do qual raros dos nossos leitores terão noticia; justo é que o memoremos, qual nol-o contou pessoa de todo o credito, que ainda alcançara o auctor, e com elle tivera particular trato de amizade. — Era este um ex-jesuita, (cujo nome nos passou) grande mathematico, e machinista admiravelmente inventivo. A egreja de Avellãs, onde veio a acabar prior, obtivera-lh'a da snr.ª D. Maria I o marquez de Marialva, que em reconhecimento de gratidão, recebeu do bom padre o mimo de uma sege por elle ideada e executada com originalissima industria. — Havia dentro na caixa um mostrador de cada lado, que indicavam ao viajante assim o tempo gasto, como o

espaço percorrido. — Um d'elles era um relogio; mas o outro por via de um jogo de rodas, cujo movimento primario provinha da rotação do proprio eixo da sege, revelava, á justa, quantas leguas, milhas e passos eram andados. — D'esta sorte, acordando no seu passeio depois de uma regalada sésta, n'um relance de olhos sabia o fidalgo, não só ás quantas andava, senão tambem onde estava, fosse qual fosse a diligencia ou preguiça com que o seu cocheiro o tivesse conduzido.»

LIX

Um Bispo francez, apreciando a sciencia, na distribuição dos premios d'um Collegio

O snr. Bispo d'Angers proferiu, em agosto de 1880, na distribuição dos premios do *Collegio de Combrée*, em França, um bellissimo discurso, apreciando a sciencia, que, concorrendo para o fim d'este estudo, servirá tambem para o exornar com as brilhantes galas da sua palavra eloquente; por isso, para aqui o traduzo e transcrevo. E' este:

«Comprazem-se, algumas vezes, no campo de nossos adversarios, em dizer que nós, dando-nos todos ao estudo das bellas lettras, não ligamos ás sciencias naturaes, mathematicas e phisicas a importancia devida. E' um erro que, para o destruir, basta o resultado obtido em *Combrée* n'este genero de exames. Pelo contrario, não desprezamos nenhuma occasião de inculcar aos nossos alumnos uma profunda estima para com estas sciencias, que são outros tantos raios da eterna verdade, que vem reflectir-se na intelligencia humana. Sim;

meus caros filhos, nada é tão maravilhoso como este feixe de sciencias naturaes e exactas, que se juntam no seu vertice, na causa primaria, principio de todas as causas secundarias; nada nos dá uma ideia mais alta d'este universo, que o Criador fez com numero, pezo e medida; nada levanta mais o espirito do que esta Biblia da natureza, que tambem foi assignada pela mão de Deus; nada mostra melhor a sabedoria e poderes divinos que o estudo d'estas leis, cuja simplicidade só é igualada pela sua inexgotavel fecundidade. E' verdade que vós só estais ainda á raiz d'esta arvore, á qual cada seculo vem juntar novos ramos: mas já podeis admirar-lhe a amplidão e a altura. Estais ainda só no frontispicio d'este monumento que o genio do homem tem sabido levantar entre o ceu e a terra; mas já vos é dado apreciar a estructura e as vastas porporções. E quando mais tarde reflectirdes n'estas coisas com a seriedade d'um espirito chegado á sua maturidade, ficareis maravilhados da grandeza e da belleza d'estas sciencias, cujos rudimentos não deixam de vos parecer algum tanto custozos; e, repellindo as theorias dos atheus e dos materialistas modernos, comprehendereis que todas as sciencias vem de Deus e conduzem a Deus.»

«Sim, todas as sciencias vem de Deus e conduzem a Deus; as sciencias mathematicas e phisicas não menos que as outras. Eis ahi porque a sagrada Escriptura chama a Deus *Jehovah* «o Deus das sciencias», e não é uma vã metaphora a palavra sacerdocio empregada tão frequentemente para designar a funcção religiosa da sciencia *scientiæ relegiositas*, como se exprimem os nossos Livros santos. Assim o comprehenderam as mais altas intelligencias com que se honra a humani-

dade. Platão não pensava que estas disciplinas preparatorias devessem parar na terra; via n'ellas outros tantos degraus de ascenção para o verdadeiro e para o bem infinito. Não me entrego a estudos puramente profanos, escrevia o maior anatomista da antiguidade, Galiano; é um hymno que eu componho em honra de Deus. Se Copernico emprehendeu aquelles immortaes calculos que mudaram a face da astronomia, foi, diz elle, para dar gloria ao Creador tornando mais manifestas as obras da sua sabedoria e da sua bondade. Grande é Nosso Senhor, grande é seu poder, exclama Kepler á vista das leis, cujo segredo o seu genio lhes acabava de surprehender.»

«E' para glorificar Deus e suas perfeições infinitas, conclue Newton, que tendem todos os nossos esforços e os nossos trabalhos. Assim fallaram em nossos dias os Biot, os Ampére, os Cauchy, os Orfila, os Leverrier, os Dumas, e tantos outros. E' proprio da grandeza da intelligencia humana não poder dar um passo em qualquer ordem de coisas sem que a ideia de Deus se lhe apresente como a força que lhe sustenta os alicerces, e como a luz que lhe esclarece as alturas».

« Quando se acham taes conclusões na bocca de homens que têm entre os seus similhantes o sceptro da intelligencia, consola-se a gente facilmente vendo a fraqueza de espirito que não permitte aos positivistas modernos, como elles se intitulam, elevarem-se acima das realidades sensiveis. Estes reputados sabios, debalde excitam a admiração d'alguns professores primarios, como os do cantão de Ponancé, que exprimiram, ha pouco, o seu voto a favor da instrucção leiga: similhantes votos nada accrescentam á sua felicidade e á sua gloria. Que provam além d'isto estas excepções? Provam sim-

plesmente que as sciencias naturaes ou exactas não podem dispensar o auxilio das sciencias moraes e historicas; que se póde ser physiologista, vivisicator, astronomo ou geométra, e ter pouca penetração para a ordem religiosa e moral.»

«Mais de uma vez isto se tem visto; não se verá, porém, entre vós, caros alumnos; porque, ao mesmo tempo que vossos mestres se applicam a desenvolver a vossa intelligencia, com o exito de que temos a prova diante dos olhos, applicam-se tambem a cultivar o lado religioso e moral da vossa natureza. Sabem que para ser completa a obra da educação, deve abranger o homem todo, a sua vontade e o seu coração, conjunctamente com o seu espirito. Differençam-se d'estes sophistas encarcerados na materia, e que quereriam fazer de vós puras machinas, mais ou menos industriosas, e esforçam-se por educar a vossa alma, levantal-a acima das coisas passageiras d'este mundo, como é proprio de criaturas que Deus chama a fins mais altos. Procuram na religião o unico freio que possa moderar efficazmente as paixões humanas, sabendo muito bem, como dizia Montesquieu, e a historia d'estes ultimos tempos o confirma, sabendo bem que «*o homem sem religião é esse animal terrivel que só comprehende a sua liberdade quando despedaça e devora*». Com o mesmo cuidado com que preparam membros uteis para a sociedade e cidadãos dedicados para a patria, applicam-se a formar christãos esclarecidos sobre o seu dever, e sentindo em si bastante força para o cumprir. Eis aqui o que faz a superioridade do seu ensino, e por isso me não admiro da sympathia sempre crescente para com os nossos estabelecimentos, nem do numero de seus alumnos, que augmenta d'anno para anno. Felicito, por isso, os paes, que sabem tão bem

comprehender os verdadeiros interesses dos filhos, cujo deposito lhes confiou a Providencia; e, por outro lado, caros alumnos, reputo-me feliz de poder exprimir a minha completa satisfação ao vosso digno superior, assim como a vossos caros mestres; do mesmo modo que é para mim um dever e uma satisfação animar vossos esforços e recompensar vossos trabalhos».

(Vid. *L'Univers* de 21 d'agosto de 1880).

LX

Padre João Cocchi

Não deve andar longe de *D. Bosco* este seu conterraneo, e illustre imitador.

Eis aqui o que dizia o *Nov. Mens. do Cor. de Jes.*, em seu numero de septembro de 1886, pag. 333:

«Agora lemos nos jornaes italianos a noticia de uma festividade que nos veiu revelar a existencia na mesma cidade de Turim de um terceiro [1] grande homem e grande bemfeitor da juventude pobre. No dia 28 de março, no *Collegio dos jovens operarios*, celebrava-se uma festa em honra do rev.º *Padre João Cocchi*, que n'aquelle dia disse a sua *missa de ouro* ou de 50 annos de presbiterado. Começou, desde quando era coadjutor de parochia a

1 Os 3 grandes homens a que allude o *Nov. Mens.* são: *D. Bosco*; o conego *Cottolengo*, que tambem fundou uma casa de caridade, que continha, á sua morte, 1:500 pessoas, e este *Padre João Cocchi*.

acolher rapazes e a educal-os; e depois com outros sacerdotes, fundou aquelle collegio, onde em 35 annos foram educados 4:000 rapazes. Passou mais tarde a fundar as colonias agricolas de *Rivoli*, *Assis*, *Perugia*, *Palermo*, e *Todi*, todas em beneficio de rapazes pobres.»

«Creou depois o *Reformatario* de Bosco-Marengo, onde, em 12 annos, foram rehabilitados por uma forte educação 1:680 rapazes, arrancados aos carceres, onde completariam a sua educação criminosa.»

«Á funcção intervieram muitos antigos discipulos do *Padre Cocchi*, hoje *sacerdotes*, *paes de familia*, *negociantes*, etc. Tomaram tambem parte na festa *as auctoridades*, *a imprensa*, e as associações catholicas e *operarias*.»

LXI

Trappistas

(Episodio a bordo d'um vapor do Cabo)

O excellente semanario do Funchal *A Verdade*, publicou n'um dos seus numeros de 1884, a seguinte interessante narrativa:

«No ultimo mez de junho o vapor inglez *Arab* que passou tambem pelo nosso porto do Funchal, levou para a colonia do Natal, entre outros emigrantes, 35 frades trappistas, sob as ordens do Rev.mo Prior P. Franz. A principio nenhuma razão tiveram de queixa da parte dos seus companheiros de viagem, apesar de protestantes quasi sem excepção; ultimamente, porém, começaram alguns a motejar dos bons frades, a escarnecel-os, a

apoquental-os, e tanto mais por não poderem defender-se, pois são obrigados a um rigoroso e perpetuo silencio.»

«Deve dizer-se que eram apenas passageiros de 2.ª ou 3.ª classe, gente de pouca instrucção e educação, a que assim procedeu. O Rev.^{mo} Prior, desejando pôr termo a estas vexações de um modo efficaz, isto é esclarecendo a todos os passageiros sobre a vida dos trappistas, e quanto elles são merecedores do respeito de qualquer pessoa bem educada, lançou mão do meio seguinte:—Propoz aos passageiros da 1.ª classe a fundação d'um Club, com o fim de romper a terrivel monotonia da vida a bordo por meio de palestras sobre qualquer assumpto de interesse geral. »Todos nós, disse elle, temos feito alguns estudos, todos temos viajado bastante, todos temos visto e aprendido cousas mais ou menos interessantes e assim nos será facil, util e recreativo fazermos todas as noites, até chegarmos ao Cabo, uma palestra.»

«A idéa foi por todos immediatamente applaudida. O capitão consentiu de boa vontade. Foi escolhido como presidente o Ex.^{mo} Snr. N. Israel, antigo membro do parlamento da republica de Oranje, e como tal conhecedor da ordem parlamentar. Mas quando se tratava de abrir a série das palestras, todos recusavam ser o primeiro, e por isso o Rev.^{mo} Prior resolveu-se a fallar em primeiro logar. Tratou-se de determinar o assumpto, para tudo ser annunciado por meio de cartazes, pois os passageiros da 2.ª e 3.ª classe deviam ser convidados a assistir.»

«O P. Franz propoz varios assumptos para escolherem: agricultura, hygiene, qualquer assumpto historico, negocios da Turquia (onde vivera muitos annos) ou a vida dos trappistas. Este ul-

timo assumpto agradou mais, pois excitou mais a curiosidade geral e era tambem o que mais grato se tornava ao Rev.mo Prior. Tudo isto se passou na vespera de S. Pedro. No mesmo dia á tarde, os marinheiros transformaram rapidamente o convez da 1.ª classe n'um grande salão: cadeiras e bancos para as senhoras, os senhores em pé. Preparado tudo e todos nos seus logares, abre-se a sessão e a presidencia dá a palavra ao Rev.mo Prior cuja palestra, escutada com a maior attenção, se resume, pouco mais ou menos, no seguinte:

«Ex.mas senhoras e meus senhores:

«Entre os differentes assumptos, que submetti á illustre direcção do nosso Club, nenhum me parece mais apropriado ao dia de hoje, dia de S. Pedro e S. Paulo, do que a vida dos trappistas. Assumptos hygienicos serão mais proprios para os 4 illustres doutores em medicina que estão aqui presentes. Sobre agricultura e industria, ainda que não seja de todo ignorante e sem pratica n'estas materias, outros fallarão com maior felicidade; assumptos de alimentação e culinarios ficam melhor reservados ás ex.mas senhoras, que nos honram com sua presença; para nenhum assumpto estou mais habilitado e com maior competencia do que para fallar-vos da vida dos trappistas. Se os Apostolos que hoje festejamos se tornaram prodigiosos pelo milagre da lingua, isto é, fallando sem previa instrucção em varias linguas, nós, trappistas, somos um novo prodigio pelo milagre do silencio: silencio rigoroso, silencio perpetuo, a que voluntariamente por amor de Deus, e em satisfação dos peccados da lingua dos outros homens, nos sujeita-

mos. Fóra de tres, a quem por motivos dei licença, temporariamente, todos os mais irmãos e companheiros meus, como já deveis ter observado, guardam o mais inviolavel silencio no meio do bulicio das viagens em que se acham, e assim veem já desde a Bosnia, onde nos reunimos, até aqui. Guardam este silencio apezar de quaesquer palavras picantes, insultos ou mofas com que outros passageiros os possam provocar. E isto será uma cousa facil? Experimente qualquer dos snrs., ou ainda melhor qualquer das ex.^{mas} snr.^{as} apenas um dia! e pelo menos ao depois me dareis decididamente razão de que fallo n'um milagre — o do silencio.»

«Mas então como me foi possivel produzir similhante milagre? Illudi acaso estes meus irmãos e companheiros com grandiosas promessas para seguir-me até ao extremo sul da Africa, como outros emigrantes vão a estas regiões contratados com condições muito vantajosas? Não!»

«1.º Prometti-lhes, sim, alimento bom e sufficiente; mas nunca tomam nem carne, nem peixe, nem ovos, nem manteiga, nem café, nem chá, nem especiarias ou doces.—2.º Para beber, nada senão agua; mas esta em abundancia... — 3.º Offereço-lhes um enxergão solido e um travesseiro de palha para descançar: para vestido tem do panno mais grosso que se póde encontrar. — 4.º Em compensação exijo trabalho duro: cavar, debulhar, sachar, lavar, serrar, e isto apezar de calor, vento, neve ou gelo. E todos os dias da semana se levantam ás 2 horas da noite. — 5.º Em pagamento não lhes dou nada. Cada um deve vir á sua custa, e, se não quer continuar, á sua custa deve voltar. — 6.º E, o que vos deve parecer peor, nunca poderá qualquer d'elles ter relações com mulheres.»

«Pois então, ex.^mas snr.^as e snrs., isto não é cousa prodigiosa? como é possivel contratar uma companhia de homens n'estas condições?»

«Terei por ventura na minha pessoa algum magico encanto? Não! nem sou um Bismark, nem um Moltke; nem sou extraordinario orador, nem algum eruditissimo doutor. A minha barba ruiva e o meu habito grosseiro são antes para afugentar do que para encantar. E comtudo vivi assim durante onze annos na Turquia, tornando *um deserto em jardim e centro da mais florescente agricultura, commercio e industria.* Já ha mais de 3 annos que trabalho com 150 irmãos, *roteando o matto do grande districto de Karoo na Africa do Sul.* Como explicar tudo isto?»

«Mas estes companheiros meus serão uns pobres ignorantes? gente baixa e estupida? Não, snrs.! São homens de todos os estados. Entre nós encontraes *officiaes, medicos, engenheiros, litteratos, barões, condes,* e *até generaes;* pessoas com vastissimos conhecimentos, pessoas que antes viviam nas mais bellas posições sociaes, posições que voluntariamente largaram. Sim, isto effectivamente é para causar assombro; não o podeis comprehender de certo. Nunca o terieis acreditado, se alguem vol-o tivesse affirmado no mez passado, antes de terdes visto frades trappistas.»

«Porém peço licença para concluir. Sendo isto assim, não deveis estranhar que todos os governos nos protejam.»

«Na Bosnia nos protegeram os proprios turcos, mais tarde o governo austriaco. O governo italiano nos chamou para *semear e cultivar as insalubres campinas contiguas a Roma.* O governo francez nos ajudou *a transformar vastos sertões da Algeria em ricas plantações.* O governo inglez nos

anima e auxilia *em todas as suas colonias, Cabo, Natal, Australia,* etc. Não somos missionarios e prégadores, mas a nossa vida, o nosso trabalho, o nosso silencio são um sermão contínuo, talvez não menos efficaz para a civilisação do selvagem do que palavras repletas de eloquencia. Em vista d'isto, todos vós certamente concordaes comigo que quem insulta o silencioso e inoffensivo trappista se deshonra a si mesmo; ou é um cobarde e malvado, ou não sabe o que faz. Disse.» —[1]

«O Rev.mo P. Prior terminou com applauso geral da assembléa, exceptuando alguns poucos, que se sentiam culpados. Desde aquella hora não houve a bordo nem o mais leve incidente desagradavel; todos se empenharam em tratar estes mudos soldados da civilisação com a maior attenção e estima.»

LXII

Testemunho insuspeitissimo

(Sem o minimo commentario)

Em 1883 publicava o *N. Men. do Cor. de Jes.* em o seu n.º 28, de julho d'esse anno, um artigo transcripto do *Jornal do Commercio,* que, pela natureza especial do testemunho, tambem eu aqui deixarei archivado.

---

1 Esqueceu ao trappista exceptuar o governo de Portugal moderno, do numero de seus protectores. Esse prefere *a perda das colonias,* e a ignorancia e selvageria, *dentro e fóra,* á *sombra sequer* d'um só Frade!...

Resava assim esse artigo do *Jornal do Commercio :*

« Se ha coisa para que seja necessaria a tolerancia, a mais incontestavel das manifestações do bom senso, e no modo de administrar os estados, na politica pratica. E esta, para ser o que deve, cumpre viver completamente afastada do espirito sectario, do exclusivismo doutrinario. Falla-se hoje muito em politica scientifica, em politica positiva, mas, por outro lado, esquece-se que esse genero de politica, para ter prestimo, carece de alguma coisa mais do que rhetorica, declamações, ou brilhante e esteril phraseologia, de que se não pode colher indicação segura sobre o programma da gente que o segue.

« Uma das provas d'esta nossa affirmativa, de que em muito do que se pense e se escreve actualmente, se não possue por fórma alguma o sentimento de coisas reaes, manifesta-se claramente quando, cedendo a uma inspiração apaixonada, se pretende persuadir os outros, tratando do modo de promover a civilisação nos nossos dominios do Ultramar, de que nós devemos abandonar o protectorado catholico e a direcção das missões, porque na era nova, emancipadora e livre-pensadora em que somos entrados, não se deve fazer politica religiosa.

« Um nosso collega n'esta secção, esforçado propugnador dos progressos das colonias portuguezas, tem por vezes ventilado largamente esta questão.

« Nós, voltando a ella, não é para substituir ou ampliar o que está dito, e muito bem dito; mas sim para, pela insistencia, que tão necesssaria é para debellar idéas erroneas, mostrar o modo de ver identico, sobre questão tão transcendente, da

redacção d'este jornal. — Todos estão assistindo, ha tempos, a um notavel movimento ou agitação da opinião europea a favor de uma acção energica na politica colonial africana. Se o nosso paiz, possuidor ainda n'essa parte do globo, de grandes superficies, permanecer indifferente, ou impotente, em presença da lucta gigante para a conquista que está travada, Portugal passará immediatamente de potencia de segunda ordem a nação de terceira ordem. O tempo urge, porque os concorrentes são numerosos e o seu ardor vivissimo. Depende, pois de nós, ir tão longe quanto rasoavelmente nos fôr possivel, para nos não distanciarmos dos outros, desenvolvendo e aproveitando devidamente todos os recursos de que ainda dispomos.

«Ora, como ponto de partida, o de que muito carecemos é não dar de mão a um precioso recurso que as demais nações não possuem; é de tornar cada vez mais vivaz o prestigio antigo do nome portuguez entre o gentio africano. Para o conseguirmos, innegavelmente, um dos meios que se nos offerecem á primeira vista são as missões, a catechese do indigena. E' necessario não nutrirmos illusões sobre as difficuldades da obra que temos de completar. Ella reclama o emprego de todas as forças de que podemos dispôr; e se nós, por falta de alcance e preconceitos de espirito, nos privarmos de qualquer d'ellas, perderemos irremediavelmente o nosso dominio colonial.

«A todos os momentos se está exaltando a pericia colonisadora da Inglaterra. E a que deve esta nação principalmente a parte mais importante do seu exito n'este assumpto? A's escolas e missões protestantes «subsidiadas, que, com um zelo inexcedivel, estabelecem por toda a parte uma concorrencia tenacissima á influencia das outras nações,

de que temos exemplos bem palpaveis, dentro e proximo das nossas possessões, e de que, n'este proprio momento, o Reino-Unido se quer valer, nas condições propostas para o final accordo sobre o tratado pendente.

«Nós comprehendemos perfeitamente, que alguns dos nossos ministros da marinha tenham entendido que não é só pelo meio apontado que hoje se deve civilisar o gentio. Na epoca actual toda e qualquer preparação para esse fim, em qualquer parte do globo, deve constar de duas partes: a acção geographica e industrial e a acção civilisadora. Pretendendo-se influir n'um meio selvagem, convém estudar physicamente o paiz, ligar relações politicas com os potentados indigenas, crear relações e estabelecimentos commerciaes.

«Mas, por outro lado, o complemento essencial das estações civilisadoras, consiste em poderem estas contar com homens cheios de dedicação, capazes de fundar escolas em que os indigenas aprendam a nossa lingua, as nossas artes, a nossa moral, e hospitaes em que elles sejam tratados. Esses homens dedicados, só podem ser missionarios, que abandonam o seu paiz, impulsados pelo sentimento de uma grande obra que têm de cumprir, enlevados pela *fascinação das coisas incognitas de um paiz mysterioso, promptos a affrontar todos os perigos para augmentar o numero dos que professam as suas crenças.*

«Desenganemo-nos, para nos dias de hoje, qualquer se fixar em taes regiões, sem d'ellas retirar fama ou beneficio material, para n'ellas supportar a mais dura existencia e a mais obscura no meio de populações selvagens, com o unico fim de lhes inculcar alguns conhecimentos e os primeiros rudimentos de moral, deixando a outros a riqueza

e contentando-se apenas com a caridade, *é necessario ser alimentado pelo que, se para uns é uma illusão*, para os devotados a essa obra *é uma esperança sobrenatural que só pertence aos homens dominados pela fé! Pensar em mestre escola (fóra dos missionarios) para esse fim, é o cumulo do contrasenso.*»

«Se no pequeno reino de Portugal tamanha é a difficuldade de encontrar pessoal escolar habilitado e dedicado, qual seria a difficuldade, ou antes, a impossibilidade absoluta de distribuir com profusão escolas seculares pelos sertões, pessoal que, de mais a mais, em climas tão delecterios seria necessario renovar de instante para instante!

«Em Inglaterra, as associações protestantes correm com as despezas da conquista moral das colonias. Entre nós, as missões catholicas devem, pelo menos em grande parte, servir para os mesmos fins. E tem-no servido, como a narração antiga e a historia de factos modernissimos o attestam.

«Longe, portanto de nos devermos lembrar de dar cabo de um admiravel e insubstituivel instrumento politico, cumpre-nos revigoral-o, dar-lhe forças novas e aproveital-o convenientemente. O ministro do ultramar que fizer obra fecunda n'este sentido, mostrará que sabe comprehender qual seja a responsabilidade do seu cargo, e deixará de si bom nome. Não se trata, n'esta materia de *clericalismo ou de livre pensamento;* trata-se de um interesse politico, que não deve ser obscurecido por nenhuma especie de fanatismo.»

LXIII

Asylo-escóla

«*Devido á iniciativa do padre Guardião do convento de Capuchinhos da Magdalena, frei Luiz de Masamagrell* (*Valencia*), *fundou-se na povoação d'este nome um asylo e escóla para os filhos menores dos que houvessem fallecido da epidemia que devastou aquella provincia. As creanças foram confiadas aos cuidados e direcção das irmãs do mosteiro de Mentiel, cuja fundação se deve tambem áquelle benemerito sacerdote*».

(Vid. *Mens.* de janeiro de 1886).

LXIV

Frades vencedores e premiados nos Estados-Unidos

«Os Irmãos das Escholas Christãs alcançaram na ultima exposição universal de Nova Orleães um triumpho similhante ao que seus confrades belgas e francezes alcançaram na exposição de Londres, ha cerca de dois annos. O «Congresso do ensino» (americano) enviou uma deputação a visitar na Exposição os productos das escólas do Estado e dos particulares. Ora este Congresso foi unanime, ouvidos os seus delegados, a dar a palma aos humildes religiosos catholicos. O *Times Democrat*, diario de Nova Orleães, não catholico, escreveu: «O que mais fez maravilhar os professores encar-

regados do exame, foi a exposição organisada pelos Irmãos das Escólas Christãs: notaram que na perfeição do trabalho excediam muito todos os outros concorrentes».

«Alguns membros notaveis do Congresso declararam que era a primeira vez que nos Estados-Unidos se via uma exposição tão completa e tão digna de louvor, graças aos Irmãos das Escholas-Christãs. Os productos expostos pelos Irmãos provinham de *2 escholas normaes, de 4 collegios, de 12 academias, de 37 escholas parochiaes, duas escholas technicas e de 2 orphanotrophios*».

«O triumpho dos Irmãos é tanto mais honroso, quanto que tinham contra si uma concorrencia ainda mais forte do que em Londres. Com effeito, quasi todos os Estados da União haviam tomado parte na lucta sobre o terreno do ensino, e tinham toda a confiança em que sairiam vencedores».

«Emfim, a «decisão do Congresso do ensino é decisiva, porque a sua competencia na materia é superior a toda a duvida, e porque os membros do mesmo Congresso são quasi todos estranhos ao catholicismo».

(Vid. *N. Mens.* de fevereiro de 1886).

LXV

Mais trappistas

O mesmo citado semanario do Funchal, a *Verdade*, de que já n'outro lugar d'estes apontamentos aproveitei uma interessante narrativa, tambem anteriormente, no seu n.º de 30 de junho de 1883,

escrevera, com relação a *Trappistas*, umas linhas que não devem ficar esquecidas. São estas:

«35 frades no Funchal! — Ninguem se assuste! Já se foram, e por tanto a liberdade não corre perigo. Demoraram-se apenas algumas horas na segunda-feira da semana passada, vindos da Inglaterra a bordo do vapor *Arale*. Vão sob a protecção do governo inglez reforçar o convento trappista *Marianhill*, na colonia do Natal, ao lado dos zulos. Ha entre estes 35 frades representantes de *quasi todos os officios:* nem faltam *typographos e professores*. Temos á vista um jornal trappista da terra dos zulos que em nitidez vence todos os nossos jornaes funchalenses. O Padre Prior interessa-se particularmente *pelo estudo dos dialectos dos Cafres*, e publicou a esse respeito *trabalhos linguisticos muito curiosos*. Seu grande talento organisador já brilhára ha alguns annos na Bosnia, onde debaixo dos auspicios do governo austriaco fundou o convento *Mariastern*, que logo se tornou *nucleo da florescente* colonia *Windhorst*».

«A bordo do mesmo vapor e por conta do mesmo governo vão tambem 6 Irmãs da Caridade *para fundar escholas*. — Pobres inglezes! Como elles tão levianamente *arruinam* as suas colonias, mandando para ellas tão *perigosos* individuos! Graças a Deus, que temos tido governos bastante energicos para afastarem das nossas colonias semelhante *perigo!* Quem poderá duvidar que é em consequencia d'isto que as nossas colonias se acham n'um estado *tão florescente*, emquanto que as da Inglaterra *definham* miseravelmente?!»

LXVI

O Padre José Antonio Maria Ibiapina

Commemorando a morte d'este prestante sacerdote brazileiro, dizia o *Nov. Mens. do Cor. de Jes.* em seu numero de julho de 1883, pag. 176:

...«*illustre Missionario e grande apostolo da caridade, que deixou fundados 17 estabelecimentos para orphãos e creanças abandonadas.* Este falleceu no sertão de Pernambuco com 80 annos de edade, chorado por todos.»

LXVII

Missão de Huilla

Na mesma citada preciosa e auctorisada revista religiosa, e no mesmo numero e pagina, lia-se:

«*De Huilla sabe-se* «*que estão alli em construcção uma egreja, um presbyterio, um collegio para educação de rapazes filhos de europeus, com duas classes de pensionistas, uma eschola de artes e officios para indigenas, uma eschola agricola para indigenas, e finalmente o seminario diocesano,* confiado pelo prelado angolense ao *P. José Antunes,* com uma secção para indigenas, futuros missionarios do Ovampo e da Cunbebazia, d'além Cunene. *A eschola de artes e officios tem lá varios carpinteiros, marceneiros, um pedreiro, um ferreiro, um alfaiate, e construiu-se um forno de telha.*»

LXVIII

Relogio solar de repique

Lia-se na *Rev. Univ. Lisb.*, vol. 1.º, pag. 54:

«O Parocho d'uma freguezia rustica em França, *homem engenhoso, e muito sollicito em grangear commodos a seus freguezes*, inventou, pouco ha, um engenho mui simples para lhes dar sempre a ponto, e sem nenhum trabalho, o meio dia. Collocou por cima do relogio de sol da torre uma lente, ou vidro d'augmento, que, em o sol chegando ao zenith, dardeja o feixe de seus raios concentrados contra um cordel, posto precisamente na marca do meio dia; o cordel abraza-se, um peso, que d'elle pende, cahe, mas, achando-se logo detido por outro cordel a que tambem está atado, e por onde communica a um carrilhão, pelo seu pendor o põe em movimento, com o que, para logo os sinos desfechão n'um repique.»

LXIX

Uma boa lição

Sob esta mesma epigraphe, publicou em seu numero de setembro de 1886, pag. 372, o *Nov. Mens. do Cor. de Jes.* um muito notavel discurso, dirigido pelo Sr. *Duplan*, quando foi cumprimentar o *Visconde de Petiteville*, consul de França em Beyrouth, da parte da colonia franceza, do qual extrahirei o seguinte:

« O Sr. *Duplan*, nomeado pela colonia franceza na Syria, para cumprimentar o Sr. *Visconde de*

Petiteville, consul geral da França em Beyrouth, dirigiu-lhe, entre outras, as seguintes palavras: — «Ainda que a illustração seja, no dizer de muitos, uma espada de dous gumes, ninguem póde negar ser ella um grande beneficio para os que a possuem e d'ella sabem fazer um uso razoavel. Pois bem, sr. consul da Syria, a *instrucção aqui* é uma obra essencialmente franceza; *são os vossos missionarios, os nossos religiosos e religiosas que a estabeleceram e que a divulgam em todo o paiz.* São elles que, ensinando uma bella li[illegible] syrianos, lhes inculcam o amor e o respeito á [illegible] grande e generoza nação.»

«Nada maior, mais bello e mais nobre do que a caridade! Pois bem, sr. consul, a caridade é aqui tambem uma obra franceza. Perguntae a esses milhares d'orphãos, abandonados nas estradas ou nos limiares das portas, quem os recolheu, sustentou, educou e estabeleceu; e elles responderão que foram as Irmãs de Caridade francezas. Perguntae outrosim a esses milhares de pobres de toda a especie e de todas as religiões quem os tratou em suas enfermidades, os soccorreu, os consolou; e elles responderão «foram nossas boas Irmãs da Caridade». — Quando sobrevem uma epidemia é então que estas heroicas filhas da Caridade se multiplicam, afrontando todos os perigos e levantando alto e firme o estandarte da caridade franceza.»

«A medicina é certamente a arte mais benefica que Deus concedeu ao homem de conhecer. Vós ides, sr. consul, admirar bem depressa a nova eschola franceza de medicina, fundada pelos Reverendos Padres Jesuitas com auctorisação e apoio da França. Esta eschola florescente desde o seu nascimento, está destinada a prestar os maiores serviços no paiz e a n'elle augmentar consideravel-

mente o nosso prestigio. Tem á sua frente professores *cheios de saber* e de zelo, cujo merito é egual á sua modestia. Estes senhores estão formando numerosos discipulos, que depois se espalharão por todo o paiz a destruir o empirismo, levando comsigo os beneficios de uma sciencia salutar, assim como os germens de puros sentimentos de gratidão para com a França.»

LXX

Stephen's Green

Este edificio da velha Universidade catholica, na Irlanda, foi cedido pelos Bispos d'aquelle paiz (dizia a *Civiltà Cattolica* em 1884) aos *Padres da Companhia de Jesus*, para alli estabelecerem *escholas relacionadas com a Universidade regia.*

(Vid. *Civiltà* do dito anno).

LXXI

Ainda o Padre Rivière

Este Padre, segundo se lia no *Precis Historiques*, de Bruxellas (fasc. de dezembro de 1883), foi o primeiro alumno da primeira «Eschola Apostolica» fundada em Avinhão pelo chorado P. Foresta. Enviado á missão africana da Kabilia, além de se tornar *mestre no arabe*, bem depressa *conheceu profundamente a lingua dos antigos Numidas* (os actuaes kabilas), e além de coordenar a *primeira grammatica e o primeiro diccionario d'esta lingua*,

tambem traduziu para o francez e publicou o estimado livro *Contes Kabiles*.

LXXII

Stonyhurst

E' um collegio de jesuitas, onde em 1884 se concluiram grandes obras, que o tornaram um dos maiores edificios destinados á instrucção na Inglaterra. Foi, n'aquelle anno, visitado por 150 membros da Associação britanica *para o progresso das sciencias*, depois da sua reunião annual que se verificou em Sonthpart. Examinaram detidamente o estabelecimento e sahiram satisfeitissimos.

(*Nov. Mens. do Cor. de Jes.* de Fevereiro do 1884.)

LXXIII

A Egreja e a Escravatura

O primeiro grito de verdadeira liberdade que ouviu o mundo, foi levantado pelo Evangelho. No Calvario—todos o sabem—é que foram proclamadas, pela *Grande Victima*, as tres grandes verdades fundamentaes da humana civilisação: «*Liberdade, Igualdade* e *Fraternidade*» que a Revolução, depois, ensopou em sangue e transformou, em tres mentiras, conservando-lhes, *por escarneo*, os mesmos nomes.

Já eu disse n'outro logar [1] e, antes e depois

---

1 *Cancioneiro*, vol. 2.º pag. 240 e 241.

de mim, centenares de outros o tem dito, e muito melhor; mas já eu disse:

« .... A liberdade
« Do Calvario é que traz sua corrente;
« Aquelle que a lá deu na Cruz ao mundo,
« Seu sangue derramou, não o dos outros;
« Doutrinou, não fez força ás conciencias...

Não podia, portanto, a Egreja de Jesus Christo deixar de ser, de todo tempo, adversa á escravatura, e de empregar, sempre que pôde, todos seus esforços para extinguir essa vergonhosa degradação do homem, esse infame trafico entre christãos, que ainda conservava em pé um dos peiores restos do paganismo.

Foi, por isso, que a Egreja protestou sempre contra o trafico da escravatura pela boca dos Papas Paulo III, Urbano VIII, Bento XIV, Gregorio XVI. Foi, por isso, que, o actual Pontifice Leão XIII se apressou a manifestar a sua particular satisfação aos Bispos do Brazil, por motivo da recente emancipação dos escravos n'aquelle Imperio, o qual d'esse modo quiz commemorar o Jubileu sacerdotal do mesmo Summo Pontifice.

Assim, pois, a sollicitude da Egreja a favor dos escravos, se vê na carta que Leão XIII dirigiu, não ha muito, aos Bispos do Brazil áquelle respeito, e da qual, que é extensa, só transcrevo o seguinte, que mais importa agora ao meu fim:

«*Aos nossos veneraveis Irmãos, Bispos do Brazil*

«LEÃO XIII, PAPA

« Veneraveis irmãos,
« Saude e benção apostolica.
« Dentre os muitos e grandes testemunhos de

piedade, que quasi todos os povos Nos manifestaram e continuam a manifestar, felicitando-Nos por motivo do Nosso quinquagesimo anniversario de sacerdocio, ha um *que particularmente Nos commove*, e é o que nos veio do Brazil, que, por occasião d'aquelle feliz acontecimento, legalmente concedeu a liberdade a um grande numero dos que ainda gemiam sob o jugo da escravidão nos dilatados dominios d'aquelle imperio. — Uma obra de tal magnitude, informada pelo espirito da caridade christã e filha do zelo de varões e matronas, animados da mesma virtude e em união com o clero, foi offerecida a Deus supremo auctor e distribuidor de todos os bens, em testemunho de reconhecimento pela mercê, que tão benignamente Nos concedeu de attingirmos são e salvo a edade do Nosso anno jubilar.»

«Isto foi-Nos sobre modo agradavel e consolador, e mais que tudo porque logramos ver a confirmação d'uma tão feliz noticia, a de que os brazileiros queriam abolir desde já e extirpar completamente a barbarie da escravidão. A vontade do povo foi secundada pelo zelo desvelado do Imperador e de sua augusta filha, bem como pelos que dirigem a publica administração, havendo para isso promulgado e sanccionado leis adequadas. Manifestámos a alegria que sentimos, especialmente quando, em janeiro passado, declarámos ao enviado do augusto Imperador que Nós mesmo escreveriamos aos bispos do Brazil recommendandolhes a causa dos miseros escravos. [1]»

---

1 «Por occasião do Nosso jubileu... Nós desejamos dar ao Brazil um testemunho particular do Nosso paternal affecto, com referencia á emancipação dos escravos.» *(Resposta á mensagem do ministro do Brazil, Sousa Correia.)*

«Somos, em verdade, o Vigario de Christo, Filho de Deus que a tal extremo amou o genero humano, que não só não se dedignou, fazendo-se homem, habitar entre nós, senão que tambem, comprazendo-se em chamar-se Filho do homem, claramente protestou que se abatera á nossa condição a fim de *annunciar aos captivos a sua libertação,* [1] a fim de que, quebrando as algemas da escravidão que oppriimiam o genero humano, isto é, as algemas do peccado, *restaurasse todas as cousas nos céos e na terra,* [2] e d'este modo restabelecesse na sua pristina dignidade toda a descendencia de Adão contaminada pelo peccado original. Opportunissimamente S. Gregorio Magno:

Pois que o nosso Redemptor, creador de todas as cousas, determinou livremente em sua misericordia, assumir a natureza humana a fim de que, pela graça da sua divindade, esmigalhada a cadeia que nos prendia á escravidão, fossemos restituidos á pristina liberdade, é por sem duvida obra mui salutar o restituir á liberdade os que tendo nascido livres por natureza o direito das gentes tornou escravos. [3] — Convém, pois, e muito se compadece com a indole do Nosso ministerio apostolico, fomentar e promover poderosamente tudo o que póde assegurar aos homens quer individual, quer collectivamente considerados, os auxilios adaptados ao allivio das suas innumeraveis miserias, que provieram, como fructos d'uma arvore corrompida, do peccado de nossos primeiros paes; e estes auxilios, quaesquer que sejam, não sómente influem efficazmente na civilisação, mas tambem conduzem convenien-

---

1 Is. LXI, 1: Luc. IV, 19.
2 Eph. 1, 10.
3 Lib. VI. ep. 12.

temente a essa restauração integral de todas as cousas, que foi o ideal de Jesus Christo, Redemptor dos homens.»

«Ora d'entre tantas miserias apparece uma bem digna de ser vivamente deplorada, a da escravatura a que ha tantos seculos está sujeita uma grande parte da familia humana, gemendo na dôr e abjecção em menosprezo do estatuido primitivamente por Deus e pela natureza.—E de feito, decretara o supremo auctor de todas as cousas que o homem tivesse um como dominio real sobre todos os animaes da terra, peixes do mar e aves do céo, e não que os homens exercessem dominio sobre os seus semelhantes.—*Creando o homem racional*, diz Santo Agostinho, *Deus creou-o á sua imagem, e quiz que fosse senhor apenas das creaturas irracionaes, de modo que o homem exercesse dominio não sobre os homens, mas sobre os animaes.* [1] D'onde se conclue *que o estado de escravidão de direito foi imposto ao homem peccador. E por isso é que nas Escripturas não encontramos a palavra escravo antes que o justo Noé vindicasse com tal palavra o peccado do filho. E' pois proveniente este nome não da natureza, mas do peccado* [2].»

«Do contagio do primeiro peccado se derivam todos os males, e, sobre tudo, essa preversidade monstruosa, em virtude da qual homens houve que, esquecidos da fraternidade original e desprezando os dictames da razão natural, não só não observaram entre si o mutuo amor e a mutua benevolencia, senão que tambem, arrastados pela ambição, começaram a ter os outros na conta de

---

1 Gen. I, 26.
2 Gen. I, 25; Noe c. xxx.

inferiores a si, e por isso a tractal-os como animaes nascidos para o jugo. D'este modo, não tendo em consideração alguma a identidade de natureza, a dignidade humana, a imagem divina impressa no homem, succedeu que, graças ás questões e guerras que ao depois estalaram, os vencedores escravisassem os vencidos, e a multidão, ainda que da mesma raça, se dividisse gradualmente em individuos de duas cathegorias distinctas, a saber: os escravos vencidos sujeitos ao dominio dos vencedores seus senhores».

«D'este luctuoso espectaculo é testemunha a historia antiga até ao advento do Redemptor; a escravatura propagou-se em todos os povos, e tão reduzido era o numero dos homens livres que um poeta chegou a pôr nos labios de Cesar esta atrocidade: *O genero humano vive para poucos.* [1] A escravatura estava em vigor nas nações mais civilisadas, entre os gregos e romanos, onde a dominação d'um pequeno numero se punha; e esta dominação era exercida com tanta preversidade e orgulho, que as turbas de escravos eram consideradas como bens, não como pessoas, como cousas desprovidas de todo o direito e até da faculdade de conservar a vida».

«*Os escravos vivem sob o poder dos senhores: este poder emana do direito das gentes: em quasi todas as nações vemos, com effeito, que os senhores tem direito de vida e de morte sobre os escravos, e tudo o que estes adquirirem, adquirem-n'o para os seus senhores* [2]. D'este transtorno moral seguiu-se que era licito aos senhores permutar, publica e

---

1 Lucan. Phars. v. 343.
2 Justinian, Inst. l. I, tit. 8.º, n.º 1.

impunemente, os seus escravos, vendel-os, castigal-os cruelmente, legal-os como herança, matal-os, abusar d'elles para satisfação das suas paixões e da sua cruel superstição».

«Ainda mais, os que entre os gentios tinham a reputação de sabios, philosophos insignes, jurisconsultos doutissimos, tractaram de se persuadir a si mesmos e de persuadirem a outros, por um supremo ultrage ao senso commum, que a escravatura nada mais é do que a condição necessaria da natureza; e não se envergonharam de ensinar que a raça dos escravos era muito inferior em aptidões intellectuaes e em bellesa physica á raça dos homens livres; que era necessario, por isso, que os escravos, instrumentos desprovidos de razão e de sabedoria, estivessem em tudo sujeitos á vontade dos seus senhores. Esta doutrina deshumana e iniquia é altamente detestavel, e tal que uma vez admittida não ha oppressão, por infame e barbara que seja, que não possa impudentemente sustentar-se com uma certa apparencia de legalidade e de direito.»

«A historia abunda em exemplos de grande numero de crimes e de perniciosos flagellos que a escravatura trouxe ás nações; excitou-se o odio no coração dos escravos, e os senhores viram-se reduzidos a viverem em apprehensões e receios continuos; aquelles preparavam os fachos incendiarios do seu furor, estes exacerbavam as suas crueldades; os Estados viam-se abalados e expostos a todos os momentos á ruina pelo numero d'uns e pela força dos outros; n'uma palavra, da escravatura provieram os tumultos, as sedições, a pilhagem, as guerras e as carnificinas.»

«N'esta profunda abjecção da escravatura viviam muitos, e tanto mais miseravelmente quanto

mais profundas eram as trevas em que estavam submergidos, quando na plenitude dos tempos determinados por conselho divino, resplandece do alto dos céos uma admiravel luz, e a graça redemptora de Christo se derrama copiosamente sobre todos os homens; em virtude d'este beneficio os homens foram levantados do lodo e do opprobrio da escravidão, e todos, sem excepção, remidos da servidão do peccado e sublimados á nobilissima dignidade de filhos de Deus.»

«Em verdade, os Apostolos, desde os primordios da Egreja, tiveram o cuidado de ensinar e de inculcar, entre outros preceitos d'uma vida santissima, este, que repetidas vezes fôra ensinado por S. Paulo aos regenerados pelas aguas do baptfsmo: *Todos vós sois filhos de Deus pela fé, que é em Jesus Christo. Porque todos os que fostes baptisados em Christo, revestistes-vos de Christo. Não ha judeu, nem grego: não ha servo, nem livre: não ha macho nem femea. Porque todos vós sois um em Jesus Christo* [1]. *Não ha differença de gentio, e de Judeu, de circumcisão, e de prepucio, de barbaro e de Scytha, de servo e de livre: mas Christo é tudo e em todos* [2]. *Por que no mesmo espirito fomos baptisados todos nós, para sermos um mesmo corpo, ou sejamos judeus, ou gentios ou servos, ou livres e todos temos bebido em um mesmo Espirito* [3].»

«Documentos são estes realmente aureos, honestissimos e salutares, cuja efficacia não só redunda em honra e augmento do genero humano, senão que tambem leva os homens, qualquer que

---

1 Gal. III, 26-28.
2 Coloso, II 11.
I Cor. XII, 13.

seja a nacionalidade, a sua lingua, a sua condição a unirem-se estreitamente pelos laços d'uma caridade fraternal.

«Essa caridade de Christo da qual estava inflammado o beatissimo Paulo, tinha-a haurido no proprio Coração d'aquelle que misericordiosamente se tornou irmão de todos e de cada um dos homens, e que os ennobrecera a todos, sem excepção d'um só, da sua propria nobreza, de modo a tornal-os partícipes da natureza divina. Por esta mesma caridade se foram formando e constituindo divinamente as gerações e floresceram d'um modo sobremaneira admiravel para a esperança e felicidade publica, até que, no decurso dos tempos e dos acontecimentos e graças ao trabalho perseverante da Egreja, as nações se poderam constituir sob uma fórma christã e livre, renovada á semelhança da familia.»

«Na verdade, desde o principio que a Egreja dedicou especial cuidado para que o povo christão recebesse e observasse, como era de justiça, n'uma questão de tão subido momento, a pura doutrina de Jesus Christo e dos seus Apostolos.».........

*

Mas a sollicitude da Egreja, representada hoje na pessoa do Pontifice actual, Leão XIII, não parou na felicitação dirigida ao Episcopado brazileiro, de que se acaba de ler grande parte; não; Leão XIII voltou logo os olhos para a Africa, a terra da escravidão, por excellencia, como o leitor póde verificar na significativa carta do Cardeal *Lavigerie*, que, na qualidade de encarregado das Missões d'Africa, dirigiu ao seu Vigario geral e procurador das Missões africanas, em Paris, e que resa assim:

«*Meu querido amigo*:

«Pelos jornaes religiosos de Italia, recebereis, quasi ao mesmo tempo que esta carta, a narração da audiencia concedida pelo Santo Padre Leão XIII á nossa peregrinação africana e o texto da allocução pontificia. Já lestes a Encyclica memoravel pela qual, depois de ter felicitado o Brazil por causa da abolição da escravatura em todo o seu vasto imperio, o Papa volta, com paternal solicitude, os seus olhos para a nossa Africa, e condemnando o horrivel commercio dos escravos negros, convida o mundo christão a uma cruzada para fazer cessar, emfim, tantos horrores.»

«Agradeci-lhe em nome da minha Africa.»

«Este sentimento não vos surprehenderá sabendo, como sabeis, tudo que desde ha mais de vinte annos, eu fiz para enviar missionarios ao interior de aquelle grande continente, mediante o preço de tantas fadigas e de tantos soffrimentos, para d'este modo combaterem a barbarie de que são ainda victimas tantas creaturas humanas.»

«Mas o que hoje quero consignar é que o Vigario de Jesus Christo dignou-se responder solemnemente a mim mesmo. Lereis as suas palavras que são para nós uma lei. Vereis que pediu «a todos», são as suas expressões, «que pozessem termo ao hediondo trafico da escravatura e que empregassem todos os meios para que esta praga não continuasse mais a deshonrar o genero humano; e pois que a Africa é o theatro principal d'um tão abominavel commercio, e como que a terra propria da escravidão, Nós recommendamos a todos os missionarios que consagrem todas as suas forças e a sua propria vida a esta obra sublime da redempção.»

«E terminou d'este modo:

«E' sobre tudo comvosco, senhor cardeal, que Nós contamos para o feliz exito da nossa empreza.»

«Não é somente a um velho sem forças como eu, que se faz este appello; é ainda, bem o sabeis, a todos que me ajudam no meu ministerio e me sustentam nas minhas obras.»

«Confesso que nunca me foi conferida honra maior. Foi-nos confiada a causa da humanidade, da liberdade christã, da justiça em nome de Deus pelo seu Vigario.»

«Não vos admirareis, pois, se vos disser que ponho de parte tudo, até que haja organisado uma tal cruzada. Tenciono voltar á Africa. Em Paris, para onde vou, direi o que sei d'esses grandes crimes, crimes sem nome que desolam o interior da nossa Africa, e darei um grande grito, um d'esses gritos que chegam ao fundo da alma e commovem tudo o que no mundo é ainda digno do nome de homem e de christão.»

«Não tenho mais do que pôr em evidencia tudo o que Leão XIII acaba de dizer sobre a escravatura africana...»

«Sei com certeza que pedindo que terminem tantos excessos infames, proclamando os grandes principios christãos de humanidade, caridade, liberdade, egualdade e justiça, não encontrarei na França e no mundo christão nem uma intelligencia, nem um coração que me recuse o seu auxilio.»

«Adeus ainda, meu caro amigo, e crêde-me, eu vol-o peço, todo vosso em Nosso Senhor.»

✠ CARLOS, *cardeal* LAVIGERIE.

Arcebispo de Carthago e d'Alger.»

*

E o Cardeal *Lavigerie*, chegando a Paris, tractou de desempenhar a sua palavra, fazendo conferencias publicas, d'onde vem soando aquelle grito a que o illustre Purpurado alludia na carta acima transcripta.

Eis o que, a respeito d'estas conferencias, se lia, ha pouco, na estimavel folha *Commercio de Portugal:*

«Referimo-nos ha tempos, n'uma ligeira noticia, á notavel conferencia realisada em Pariz pelo Cardeal Lavigerie sobre o trafico da escravatura, e tambem reproduzimos parte da carta dirigida por Sua Santidade o Papa Leão XIII ao episcopado brazileiro sobre a abolição do estado servil no imperio.»

«Estes dois factos tem certa correlação, visto como se attribue ao Papa a ideia de restaurar a ordem de Malta com o fim de concentrar n'ella uma activa e forte propaganda contra a escravidão e contra a escravatura.»

«A conferencia do eminente Prelado francez, está publicada e hoje podemos mais largamente dar conta aos nossos leitores das opiniões do Cardeal Lavigerie. Sua Eminencia descreve, com uma sentida eloquencia, os crimes revoltantes que ainda praticam no centro do continente africano os mercadores esclavagistas arabes.»

«A descripção pareceria exagerada se não a apoiasse o testemunho dos missionarios e exploradores. O Cardeal Lavigerie assegura que o trafico dos escravos se faz em tão grande escala como antigamente, mas para outros mercados.»

«No tempo da escravidão colonial — diz elle — o negro era preso no interior, conduzido á costa e exportado para o novo mundo. A abolição da es-

cravidão na America, graças á lei humanitaria de libertação que o parlamento brazileiro acaba de votar, e, mais do que a abolição official da escravatura, a caça implacavel, que todas as potencias coloniaes europeias fazem com os seus cruzadores aos navios negreiros, supprimiram completamente.»

«O commercio dos negros arranjou então mercados nos proprios limites do continente africano, e, longe de pereclitar, como se poderia acreditar, pelo contrario, tomou terriveis proporções.»

«Revoltaram-se com indignações contra o trafico colonial, mas o trafico colonial, com os seus negreiros, estava longe da *caça ao homem*, como hoje ella se faz, cada vez mais cruelmente, de ha vinte annos a esta parte, no interior da Africa, excedendo muito aquella no numero das victimas, na violencia dos algozes e na extensão dos desastres.»

«Os progressos da escravatura caminham a par dos progressos do mahometismo no interior da Africa. O mahometismo com a sua polygamia, com a sua sensualidade brutal, fez da carne humana uma moeda corrente. Os chefes das tribus, convertidos ao islamismo, chegam a ter mil e duzentas mulheres. Além d'isso, o escravo é considerado uma coisa, um meio de cambio.»

«Troca-se uma cabra por muitas mulheres, uma creança por um sacco de sal. As coisas chegaram a um ponto, diz ainda o Cardeal Lavigerie, que nenhuma situação se encontra na historia egual a esta.»

«O homem no interior da Africa, é muitas vezes, a moeda, que substitue, mesmo para as compras mais insignificantes, mesmo os busios e as conchas dos logares e dos mares. Um dos mais famosos caçadores de homens da Africa equatorial é o celebrado Tipo-Tip, -- representante official de

sua magestade o rei da Belgica na estação de *Stanley Falls*, segundo uma carta patente, que em nome do rei Leopoldo lhe passou e a que nos referimos ha mezes. »

« E' com este feroz negreiro,—diz o Eminente Prelado francez—cujo nome é synonimo de incendios, de morticinios, de atrocidades, que pactuou Stanley. »

« Tipo-Tip, e os da sua especie, um anno por outro, sequestram ás povoações do interior da Africa *quinhentos mil seres humanos*. Admittindo que esta proporção seja a mesma n'outras regiões do continente africano, onde se faz este trafico, póde calcular-se *em dois milhões* o numero de negros assassinados ou vendidos por esta horda de negreiros, todos os annos. »

« Em cincoenta annos, o centro da Africa ficará despovoado. E' raro o dia, affirmam testemunhas que pelo lago Tanganika—*sob a protecção das missões inglezas* — não passa uma caravana de escravos! São d'estas bellas paginas que se encontram na conferencia do Cardeal Lavigerie e são justamente ellas, que nos desaggravam e... nos vingam! »

LXXIV

Missões na Armenia

Escreve de Amasia, na Armenia, o P. Brunel *S. J.*: « Annunciei-vos com muito prazer que desde ha poucos mezes o divino Mestre se dignou animar nossos esforços. Admittimos no seio da Egreja Catholica 350 schismaticos armenios. A nossa eschola, que apenas contava 60 alumnos, é agora frequentada por 115. »

(*N. Mens.* d'Agosto de 1886.)

LXXV

Invento para dar consistencia de metal a tubos de couro

«Um ecclesiastico de Milão inventou o processo de dar a consistencia do metal a tubos feitos de couro; e com elles fez um orgão de 1:400 canudos, que está admiravelmente funccionando na egreja de *Santa Christina*, da dita cidade.»

(*Idem, idem,* de 1887.)

LXXVI

O Padre Saturnino Urios, nas Philipinas

A *Revista Popular* de Barcelona publicava em 1881, uma carta vinda d'Aguasan, nas *Philipinas*, (possessão hespanhola na Oceania); e d'esta se colhe que um só missionario, o padre Saturnino Urios, jesuita, converteu e baptisou n'uma missão mais de 1:000 barbaros, da raça dos *manabos*, que em seus costumes selvagens, vivem nús. O primeiro cuidado dos missionarios foi dar-lhes roupa. Esta carta é para agradecer uma remessa de roupa que os catholicos de Barcelona fizeram a esta missão.

Na mesma carta o missionario dá conta do que tem feito, nos seguintes termos: «Ha 5 annos «que fundámos esta Missão do Aguasan, e, com a «graça de Deus e com os nossos suores, já formá«mos as seguintes povoações: *As Neves, Esperan«ça, Guadalupe, Amparo, S. Luiz, Patrocinio, Mo«nicayo, Játiva, Gandia, Tolosa, Loreto, Remedios,*

«*Novelé, La Paz, Sagunto, Tudela e Milapo.* Ao «lado dos povos chamados christãos velhos — *Be*«*tuan, Talakogon* e *Bunanan* — temos os bairros «dos novamente convertidos que se chamam: *La* «*Candelaria, Conceição, S. Isidro, S. José, S. Vi*«*cente Ferrer e Santo Ignacio.*»

LXXVII

O Padre Antonio Vicente, em Valencia

«O P. Antonio Vicente, da Companhia de Jesus, está fazendo em Valencia, (*Hespanha*) todos os domingos notaveis *conferencias sobre micrologia*, ás quaes assistem 35 medicos.»

(*N. Mens.* d'Abril de 1887.)

LXXVIII

O Padre Kroes

Em 1882 o jornal *Tyd*, de Amsterdam, contava o seguinte caso:

«Haverá 40 annos, Ruephens era uma aldeia peor que pagã; quasi todos os seus habitantes morriam ás mãos do algoz, mas os castigos de nada serviam. Quando os juizes, para fazer mais impressão, assistiam á execução de sentença de pena capital, os amigos dos justiçados saqueavam-n'os, para com o producto do roubo fazerem o banquete dos funeraes. As auctoridades, tanto militares como civis, eram impotentes. O clero catholico occupou-se então de estabelecer ahi uma

parochia do seu culto. A 29 de junho de 1841, o Reverendo Kroes foi nomeado Cura d'essa parochia. Póde-se imaginar que vida miseravel passaria no meio d'aquella população, entregue ao ocio e que só vivia do delicto. Ora, são passados 40 annos, e aquella população tornou-se laboriosa, exemplar. Desappareceram as cabanas e os subterraneos, que foram substituidos por boas casas de pedra para homens. O Cura fez fabricar uma egreja, um hospital, uma *eschola*.

«Ha poucos dias, este apostolo celebrava o jubileu da sua ordenação sacerdotal. O rei Guilherme, *protestante*, condecorou-o com a *Ordem do Leão neerlandez*, cuja insignia lhe foi apresentada por dous deputados catholicos de Breda, os snrs. Shaepman e Vanleorhoeven. Toda a aldeia se embandeirou, e quando o velho Cura se apresentou ao povo adornado com a sua condecoração, a commoção geral foi indescriptivel!»

LXXIX

Um Padre ganhando o maior premio d'um concurso, na Belgica

Em 1887, o maior premio, no concurso de sciencias naturaes que se fez na Belgica, foi dado a um ecclesiastico, antigo discipulo da Universidade catholica de Luvaina; segundo então referiram os jornaes.

LXXX

Academia no collegio de Chamartin

A *Semana Catholica*, de Madrid, noticiava em 1885, que no Collegio de Chamartin, perto de Madrid, dirigido pelos P. P. da Companhia de Jesus, se havia celebrado uma explendida Academia em cuja primeira parte se tratou dos factos: differença entre os seres organicos e inorganicos; formas de vida; vida latente; caracteres distinctivos dos animaes e dos vegetaes; a sensibilidade e o movimento espontaneo; solução das difficuldades dos materialistas; e na segunda, das theorias biologicas. Trataram-se mais os seguintes pontos: que as sciencias experimentaes não podem explicar a natureza da vida sem o auxilo da philosophia; que a theoria mechanica da vida não só é insufficiente para explicar os factos, mas, falsa; que a theoria celular, como a estudam os transformistas, é igualmente falsa e não se funda nos factos, verdadeira natureza da vida segundo S. Thomaz.

Poderia accrescentar que o nosso patricio *Padre José Mendia*, insigne orador (vid. *Nov. Mens.* vol. 8 pag. 167), primo do notavel homem politico, ha pouco fallecido, Fontes Pereira de Mello, é subdirector e professor d'este Collegio.

LXXXI

Relogio de maravilhosa invenção d'um capuchinho

A *Aurora*, do Recife, n.º 4, de 1885, dá noticia de um grande relogio de sol, de maravilhosa invenção, que existe no Seminario de S. Paulo e é devido a um professor do mesmo Seminario, o *R. Fr. Germano de Annecy*, (Capuchinho). Não só marca as horas e os quartos; mas tambem o tempo medio e os dias que correspondem aos signaes Zodiacaes. Os meredianos das Ilhas Marquezas, de Roma, Paris, Lisboa e outros tambem estão marcadas na hora relativa a S. Paulo. Até marca as horas de certas ilhas dos antipodas (da Oceania). Emfim, é uma obra prima de sciencia e de paciencia, que tem feito pasmar os mais entendidos.

LXXXII

A missão do Congo e o snr. «Pinheiro Chagas»

Quando era ainda Ministro da Marinha, o snr. *Pinheiro Chagas*, n'uma especie de Prologo ás suas *Tabellas da Receita e Despeza*, etc., fallando da Missão do Congo, a pag. IV, chama-lhe *verdadeira estação civilisadora, admiravelmeute dirigida*, d'onde está irradiando *a civilisação e o prestigio da nossa auctoridade, exactamente para as regiões onde a nossa influencia mais se contesta.* »

LXXXIII

O padre José Xavier Gagarin

Escriptor distincto e trabalhador incansavel, era natural de Moscow, na Russia, onde nasceu em 1811 e *principe de nascimento*... Sectario do schisma de Phocio, como grande parte de seus compatriotas ....

Abandonando tudo, em 1842, converteu-se ao Catholicismo, entrando pouco depois na Companhia de Jesus................................

Foi um dos principaes fundadores da excellente revista *Etudes Religieuses*, *philos.*, *histor. e litteraires*, onde publicou excellentes artigos, entre os quaes ha uma série que lhe proporcionou um grande triumpho — (*Les archives russes et la conversion d'Alexandre prémier de Russie*, principiada no fasc. 1.º do tomo 12.º — Julho de 1877), collaborando ao mesmo tempo na *Revue des Questions Historiques*, e attendendo á *impressão de muitas obras*, sobretudo de piedade e de controversia...»

(Vid. *Nov. Mens.* de novembro de 1882 — pag. 483).

LXXXIV

Sempre o clero dando fructo de escholas no Oriente

O jornal *A Turquia*, de Constantinopla, dava em 1882 estas noticias:

«Os RR. *Padres Jesuitas* estabeleceram escho-

las em Amasia e Marsivan. Tambem partiram trez para *fundar um collegio* em Folasl, emquanto dois outros padres *abrem aulas* em Adona, na Cilicia. Os *Irmãos das Escholas Christãs* já se dirigiram a Trebisonda. Os *Dominicanos* de Moussoul vão estabelecer *escholas* em Van, Bithis e Monch, que serão abertas ao mesmo tempo. Um d'estes padres já chegou a Van».

LXXXV

Os Jesuitas avaliados pelo Congresso dos Estados Unidos

E' mui curioso o artigo que com este titulo publicou ha pouco o *Catholic Review* de New-York, traduzido no *Siglo Futuro*, nas *Lettres de Jersey* e em muitos outros periodicos. Diz assim:

«E' moda na Europa declamar contra os Jesuitas e perseguil-os em toda a parte como inimigos das instituições modernas. Nos Estados Unidos, pelo contrario, sabem-se apreciar suas qualidades e faz-se plena justiça a seus serviços. N'este paiz prégam com inteira liberdade o Evangelho, vivem em suas casas e *fundam magnificos estabelecimentos para educar a juventude.*»

«Os americanos, com todos os seus defeitos, tem ao menos o bom senso pratico e o discernimento de que carecem os sectarios do antigo mundo.»

«No decurso d'este anno (1884), ao discutir-se no Senado o orçamento para promover a civilisação das tribus indianas, na sessão de 12 de maio, um senador de Conneticut pediu uma consideravel reducção na somma destinada á educação dos jovens indios. *Porem o snr. West, senador pelo Mis-*

souri, pediu pelo contrario ao Congresso um augmento de 10 contos de reis em um notavel discurso, do qual *vamos reproduzir alguns trechos, extrahidos do Congressional Record—boletim official das sessões do Congresso.*»

«Por elle se verá como, apesar das suas preoccupações protestantes, tributa este senador o devido culto á verdade. — «E agora, exclamou elle em seu discurso, vos direi, relativamente á educação dos indios, que nas minhas excursões á *Montanha*, não encontrei a tal respeito mais que um ponto luminoso. Sou protestante, nasci protestante, fui educado n'esta religião, espero morrer protestante; porém affirmo que o systema adoptado pelos Jesuitas é *o unico systema praticavel para a educação dos indios, o unico que tem produzido bons resultados*. Quando o senador pelo Massachussets affirmava, o outro dia, que a razão dos Jesuitas obterem melhores resultados na civilisação dos indios que as outras seitas, se devia «á sua abnegação e ao dedicarem-se por completo, de corpo e alma, á sua obra», batia no ponto, ou tocava, segundo me parece, a nota dominante da situação.»

«Tomae um pastor protestante e mandae-o ás provincias do Occidente (Far West). Eu não duvido do seu zelo nem da sua actividade; porém ao partir com sua familia, volta os olhos para o mundo civilizado que abandona, e ninguem póde esperar d'elle mais que uma *meia abnegação* no cumprimento de seus deveres tão pouco attractivos.»

«Tomai um Jesuita, e observae o que faz. E' um homem, meio prégador e meio militar; pertence á Compagnia de Jesus, e não possue mais que o habito que o cobre. Se recebe do seu superior or-

dem de partir para os desertos da Africa ou para o interior da Asia, ainda que seja á meia noite, levanta-se e parte sem fazer a menor objecção... Fallei um dia com o P. Cavalieri, que vive desde ha 50 annos no meio dos indios da *Montanha*, desde que foi enviado da Italia para as missões da America. E' um apostolo e um habil medico. Quando o visitei em sua pequena cabana, encontrei-o deitado em seu leito, pois havia 5 annos que soffria uma grave enfermidade, e não obstante continuava attendendo ás consultas que lhe faziam cada dia os pobres indios. Éste homem consagrou sua vida inteira a similhante obra. E qual foi o resultado? Hoje os indios *Cabeças chatas* estão cem vezes mais adiantados que todos os restantes indios da Comarca da *Montanha*, pelo menos.»

«Ha 50 annos que os jesuitas vivem entre elles e actualmente pode tocar-se com a mão o bem que tem feito nas tribus do *Sosones*, dos *Acapões*, dos *Ventres gordos* e dos *Pés negros*, etc. Basta examinar o comportamento dos *Cabeças chatas, instruidos nas escholas dirigidas pelos Jesuitas...* Ahi ha *rebanhos, moinhos, fabricas de serrar* e *diversas officinas de bons obreiros.* Quando visitei esta missão *edificavam-se escholas*, e o *trabalho era feito pelos proprios alumnos.*»

«Não se póde em tão rude clima cultivar em ponto grande o milho; porém colhem-se bastantes legumes e aveia para o sustento .. Nunca vi *rebanhos cavallares melhores que os que possue esta missão...* Cinco religiosos e cinco Irmãs bastam *para ambas as escholas.*»

«Pouco antes de terminar a minha visita assisti a um exame; e declaro que *nunca em nossos Estados presenceei um exame tão perfeito de meninos, e de meninas de tão tenra idade.* As maiores apren-

dem *trabalhos de agulha, musica e a arte de governar uma casa.* Tambem *se formam mestras.* Os rapazes aprendem *o trabalho da agricultura, da creação e cuidado dos animaes, os officios de ferreiro, carpinteiro e marceneiro.»*

Pedi ao P. Van-Gorp, director da missão, que me referisse suas experiencias como instructor e que me explicasse o *exito extraordinario da sua eschola;* e elle respondeu-me que tudo provinha *de educar jovens dos dois sexos.* «Durante vinte annos não tivemos *escholas senão para meninos,* e quando estes voltavam ás suas tribus eram mal vistos pelos indios, que os tratavam de renegados e de amigos dos brancos; e então tornavam-se selvagens».

As escholas dirigidas por ministros protestantes não logram n'outros pontos do paiz senão formar ladrões de cavallos.

O P. Van-Gorp disse-me que os *Cabeças chatas* não haviam progredido em civilisação *em quanto se não estabeleceram as escholas de meninas ao lado das de rapazes.* Por este meio *consegue-se casar os jovens indios ao terminar sua educação escholar. Construe-se-lhes uma pequena casa, ajuda-se-lhes a cultivar um pedaço de terreno,* e cada matrimonio constitue d'este modo *um nucleo de civilisação.* A educação d'ambos os sexos é indispensavel. Os Jesuitas encontraram a chave da questão *como fructo de suas observações.*

Tome cada senador o caminho de ferro do Norte e demore-se em Airler ou em qualquer outra estação da *Montanha.* Ali verá *granjas com rebanhos,* contemplará *os indios cortando arvores e arrastando-as para as fabricas de serração;* depois com as tabuas *construir casas* e por ultimo poderá ver os mesmos indios assistir aos officios divinos na egreja e *acudir com diligencia á eschola.*

« Visitei nas tribus indianas as escholas da moda (prôtestantes) cujos discipulos só aprendem a roubar cavallos, e as que só n'um dia do mez são visitadas pelos alumnos — no dia da distribuição de viveres! E' impossivel educar os indios se cada noite regressam ao seio de suas familias. Os *Pelles vermelhas* oppõe-se á ideia de que seus filhos tenham de trabalhar. O segundo chefe dos *Cabeças chatas* queixou-se-me de que faziam trabalhar seus filhos nas escholas. « Não quero, dizia, que se convertam em mulheres envilecidas com o trabalho manual». «Porém confesso que os Jesuitas *acharam tambem a solução d'este problema, estabelecendo escholas de internos nas quaes os alumnos não recebem visitas de seus paes senão uma vez por semana* e em presença de um Padre missionario. Se os paes se apresentam na epocha da caça ou da pesca, impede-se-lhes a entrada; porém se insistem, entregam-se-lhes de vez seus filhos. Em virtude d'este systema d'educação baseado, não em vãs theorias, mas na experiencia, peço que se faça uma emenda á proposta do senador de Conneticut.

« Depois da palavra « meninos » deve acrescentar-se: « de ambos os sexos ». E pelo que respeita *ás escholas industriaes* peço que se acrescente « internos », depois d'estas modificações ficará a proposta redigida n'estes termos: *Para a sustentação das escholas dos indios de ambos os sexos nos estabelecimentos industriaes e escholas de internos* — 25:000 dolars (mais de 23 contos).»

« O sr. Dawes, senador de Massachutts, usou da palavra n'estes termos:

« O senador do Missouri acaba de fallar das escholas dirigidas pelos Jesuitas. Tenho formado sobre ellas a mesma bôa opinião expressada pelo meu collega. Não quero estabelecer parallelos entre as

14

diversas denominações religiosas que ajudam o governo na missão de civilisar os indios. Reconheço porém que os Jesuitas tem obtido grandes resultados, e apraz-me declarar que hão sido melhores que os de outros.

« Porém os seus esforços tem limites. E se não, vêde o que aconteceu em *Pueblas*, no Novo Mexico. Apesar dos esforços d'estes religiosos, os indios d'aquelle paiz não tem podido ser civilisados. Não procuro censural-os nem desanimal-os; porém affirmo que todas as associações bem merecem do paiz n'esta obra tão importante da civilisação dos indios.

« O senador West respondeu n'estes termos: — « Não pretendi demonstrar que os Jesuitas tem alcançado o seu *desideratum* em *todas as partes e em todas as occasiões*. Terão experimentado desillusões, sem duvida alguma. Porém desde a sua partida, os indios de Pueblas voltaram á barbarie de que não tem logrado tiral-os os que foram enviados em seu lugar (ministros protestantes).

« Pelo que respeita á educação dos dous sexos nas escolas de internos, só direi uma palavra ao Senador de Massachutts: — Não fallo dos Jesuitas com sentimento de benevolencia preconcebido; fui educado com horror a toda a seita e pretenço a essa egreja presbyteriana que tem os Jesuitas como filhos do diabo. Porém declaro n'este momento que se o Senador de Massachutts pode encontrar entre todas as tribus indianas do norte da America—não fallo das 5 tribus civilisadas na Georgia, no Alabama—se pode encontrar, repito, uma unica tribu que se approxime á civilisação dos *Cabeças chatas* dirigidos pelos Jesuitas desde ha 50 annos, abandonarei minhas theorias relativamente a este assumpto.

«Repito: nas 11 tribus que visitei existem missionarios protestantes; eu fallo como protestante, e digo que estes missionarios não tem feito avançar um só passo os indios no caminho da civilisação. Em troca, entre os *Cabeças chatas*, onde existem duas missões de Jesuitas, encontrareis *granjas bem cultivadas, encontrareis a civilisação e o Christianismo florescentes, e em summa vereis as relações do marido e da espoza, do pae e do filho escrupulosamente observadas*. Creio que esta experiencia vale mais que um montão de theorias. Isto é o que vi, isto é por conseguinte o que affirmo.»

«O sr. J. Jungals, senador do Kansas, accrescentou a este testimunho o seguinte: «Durante 25 annos occupei-me da questão dos indios. Estive em relação com elles e familiarisei-me com os seus costumes. Examinei a sua educação em Carlisle, em Hampton, em Santa Fé, onde se encontra uma instituição sob a direcção dos Jesuitas; e penso que é um dos mais interessantes espectaculos a que se possa assistir. Não me recordo de ter gastado jamais algumas horas mais proveitosas nem mais instructivamente do que as que empreguei em estudar *o prodigioso resultado dos pacientes trabalhos d'esses homens de abnegação e de sacrificio*, nas circumstancias mais desvantajosas no meio dos *Novaios*, dos *Pueblas* e de outros jovens indios das tribus proximas a *Santa Fé*.

«Depois d'estas palavras pronunciadas no Senado americano de Washington, pode julgar-se que as preoccupações protestantes desapparecem ante a luz dos factos. Os jesuitas civilisam os indios da America do Norte, como civilisaram os da America do Sul, e não pedem ao governo mais que a liberdade para levar a cabo a sua benefica obra sem serem contrariados por agentes venaes ou pré-

gadores sectarios, avidos sobre tudo de enriquecer. Quando a barbarie, fructo natural da Revolução, se tenha apossado da Europa, ainda se encontrarão Jesuitas para fazerem brilhar n'ella o facho da fé e da civilisação. D'este modo se vingam de seus inimigos e de todos os que os perseguem. »

LXXXVI

Arcebispo de Carthagena

Em 1885, disseram os jornaes que o sr. Arcebispo de Carthagena tinha comprado por 14:000 duros uma casa, *em que ia fundar um observatorio astronomico.*

LXXXVII

Observatorio Benedictino, em Monserrat, na Catalunha

Em 1885, noticiaram as folhas hespanholas que os Frades Benedictinos de Monserrat, na Catalunha, iam construir uma torre para observatorio astronomico junto ao seu convento, no cimo da montanha onde vivem, para organisar o qual, já tinham excellentes machinas e instrumentos.

LXXXVIII

Collegio de jesuitas em Madrasta

Lia-se no *Nov. Mens.* do mez de Novembro de 1885:

«O Collegio da Companhia de Jesus, em *S. José* de Trichinopoli (Madrasta, India), fundado ha poucos annos, e que já conta *900 alumnos* (o protestante apenas conta 500, apesar de ser mais auxiliado pelo governo) acaba de obter *esplendidas victorias nos exames universitarios.* Alem de ser o collegio da Presidencia de Madrasta que teve *maior numero de alumnos premiados,* no exame de *Mestre em artes,* que é o mais elevado, e que corresponde ao doutorado n'outros paizes, *o primeiro alumno premiado foi um de S. José.*

LXXXIX

Missões catholicas. — Testemunho insuspeito

«São muito para se archivar em favor das missões catholicas, administradas geralmente por congregações religiosas, as seguintes palavras do insuspeito sr. Raphael Mariano, deputado *italianissimo,* vindas no insuspeitissimo *Diritto* de Roma, jornal Garibaldino-Cairoliano. Sentimos não poder transcrever senão algumas phrases.

«E' um erro grosseiro julgar que as missões nada podem fazer, crear, e produzir: *Che le missioni non possono qui nulla fare, nulla creare e produrre é un grosso errore.»* (Citação do Museu, p. 90.) Tratando-se, no parlamento, a proposito do orçamento dos negocios estrangeiros, dos missionarios capuchinhos, carmelitanos, franciscanos, affirmaram-se os serviços que prestam á civilisação dos povos selvagens no Oriente, na China, em Africa.

«Elles por toda a parte *abrem escolas,* prestando serviços inestimaveis aos indigenas e em especial tambem ás colonias italianas.

«A relação official sobre as escolas italianas no estrangeiro presta um tributo de respeito á actividade dos missionarios e deixa a espaços entrever os grandes resultados que d'essa advirão. Devem por isso ser auxiliadas as missões da Syria e as do Alto Egypto.

«...As da China semeiam germens preciosos, que conviria fecundar, sendo que os missionarios italianos «poderão fazer muito para augmentar e alargar a influencia nacional.»

«O auctor do artigo entende, que os documentos officiaes ficam muito áquem da verdade. Rende homenagem ao acrisolado patriotismo dos missionarios, que levam ao longe e alto o nome da Italia, *diffundem a lingua* e preparam toda a sorte de relações.

«O escriptor flagella a *bruteza* dos que não comprehendendo o missionario, o atacam e o quereriam supprimir. «São gente, que, *nada entende* do complexo que é o problema da civilisação, ignorantes dos factos provadores de como da selvageria, da confusão e da barbarie-moral surgem á voz do missionario a honestidade, a franqueza, a castidade, a sobriedade, a disciplina e a ordem. O missionario *estuda as linguas indigenas, escreve-as, faz-lhes grammaticas e diccionarios e excita os indigenas ao estudo dos livros sagrados, ao canto, ás manifestações poeticas*. Despertando e pondo em movimento as energias *espirituaes e interiores*, as missões fecundam *a veia mais abundante e verdadeiramente a mais inexhaurivel de toda a actividade pratica e material — Coldestare e mettere in mato energie spirituali... le missioni fano sgorgane la vena più abbondante... di ogni attivitá pratica* e *materiale (Ibid)*.

«De todos estes esforços resulta logo no indi-

gena o desejo de se vestir; e tem-se calculado que *cada missionario* da Polynesia dá logar a um commercio *avaliado em 45 contos de réis*. As missões protestantes tèem dado alguns resultados commerciaes admiraveis, mas se se attenta nas condições de espirito, miseras e baixas, das populações selvagens, as missões catholicas e a *Propaganda-Fide*, continuarão com aquella energia e bom successo que talvez nem sabem nem podem realisar as *sociedades biblicas* e as missões protestantes.»

— O deputado jornalista continua: Tem-se dito deverem as missões muito á civilisação moderna, e é verdade; mas esta, por seu lado, é bem paga por aquella, pela rasão de que no grande trabalho da humanidade tudo se une e concatena. Onde as missões catholicas tem penetrado, ahi podem os negociantes aportar sem temor e depositar sem perigo as suas mercadorias:... *possono aprodare senza tema e importare e depositare senza periculo le loro merci* (ibid).

«Mas a conclusão geral a tirar de tantos factos e tão complexo lidar, é, que a religião christã é ainda hoje a grande força civilisadora do mundo, e que a sua vitalidade missionaria affirma a sua vida a um seculo de realismo e de positivismo, por modo tão nobre e explendido como real e positivo. Desconhecer esta força e esta vitalidade; não as apoiar e auxiliar, seria coisa nescia e pueril, se não fosse um grande erro e não podesse ser alguma vez um summo perigo: — *Il non proteggere, il non sorregere... sarebbe cosa scipita e puerile, se non fosse un gran torto, e non potesse quondo che sia, diventare pure un periculo summo* (ibid).»

XC

Testemunho, que não se póde perder

E' do sr. *Sarcey;* e cuido que para nenhum leitor destes meus apontamentos será inteiramente desconhecido este nome, que tão notavel se tem tornado em Paris por suas opiniões e seus escriptos.

Pois o sr. *Sarcey*, com ser um espirito *forte*, superior, e desprendido das *têas d'aranha religiosas*, adoeceu, um dia, haverá 4 annos, como qualquer *fraco* mortal de boas crenças; e, vendo-se assim tractado por Deus, sem nenhuma ceremonia, *condescendeu* em recorrer aos *Irmãos Hospitaleiros do nosso S. João de Deus*, para o tractarem na sua enfermidade. — Eis aqui o que elle dizia no *XIX.e siècle*, explicando este seu generoso procedimento:

« *Consenti* em recorrer aos Irmãos hospitalei- «ros um pouco por deferencia para com o sr. *Per-* «*rin* (o medico), mas sobre tudo, e antes de tudo, «foi por galanteio *(sur tout et avant tout par co-* «*quetterie)*, para dar um brilhante exemplo de to- «lerancia. — Sim, de tolerancia... »

Mas não pára aqui o sr. *Sarcey;* vae até á *prodigalidade* de confessar a verdade, e, em beneficio d'ella, de extranhar os *sorrisos das folhas devotas*, como elle diz, ao verem a sua forçada homenagem aos *Irmãos das Escholas Christãs*, e á boa apparencia das *Escholas Religiosas de S. Nicolau!*

Ouçamol-o.

« Pois que! *diz elle* — Vejo entrepidos e honrados Irmãos, que vão com perigo da sua vida levantar os feridos nos campos de batalha, que mostram n'estes ministerios difficeis e perigosos um admiravel espirito de abnegação e dedicação; e não

terei o direito de o referir? Pois que! Vejo de outro lado homens que formaram sob um plano especial *escolas-modelo, que dão instrucção a filhos de operarios, que os habilitam para bem exercerem um officio, e que depois de educados ainda os fornecem das ferramentas necessarias para ganharem sua vida, que os tornam homens de bem e optimos operarios;* que fazem tudo isto sem d'ahi tirarem outro proveito mais que o proveito muito eventual de uma lettra de cambio sacada sobre a eternidade; e não terei o direito de reconhecer e de publicar o bem que elles fazem; e serei obrigado a calar-me porque são de outro partido?... Mas isto não tem senso commum, mas é absurdo!»

«Absurdo sim, commenta o *Monde*, mas muito *liberalesco* e *republiqueiro!* Sarcey declara ter approvado os odiosos decretos contra as congregações religiosas, e o imprudente, esquecendo a enfermidade a que acaba de escapar, exprobra aos religiosos «*fecharem os olhos á luz*» mas defende-se de «querer mal aos homens; teme porém o «*orgulho intractavel*».

«.. Vejamos, com a mão na consciencia; por ventura os humildes *Irmãos das Escolas Christãs* — para só citar um exemplo — estes Irmãos que Sarcey louvou duas vezes, e atacou e calumniou muitas mais, são orgulhosos?!... E depois este *philosopho* não quer parecer ter-se contradicto indo bater á porta de um convento, ao qual de resto faz justiça!...

Ouçamol-o ainda:

«Pois bem; sim, eu fui pedir hospitalidade aos *frades de S. João de Deus*, e fui sem ser obrigado, por que isso me approuve, porque julguei fazer bem indo lá, e ainda agora julgo ter feito bem. Acrescentarei demais que sahi de casa dos ditos

frades penetrado de reconhecimento pela boa graça e bom humor de sua dedicação (*par la bonne grace et bonne humeur de leur dévouément*). São enfermeiros modelos e um d'elles, Fr. Francisco, de que tanto se tem fallado nos jornaes por minha causa, é mais de que um enfermeiro, é um homem delicado, *instruido* e amavel. Não aperteis muito comigo, se não quereis que acrescente terem-me parecido muito desinteressados. Tudo o que pedi fóra do regulamento ordinario obtive-o com promptidão, e nenhuma despeza supplementar me foi mettida em conta. N'uma palavra, não tenho senão gratidão a testemunhar a estes excellentes Irmãos e em especial áquelle que o acaso pôz mais em contacto comigo, Fr. Appolinar. Não sinto nenhum embaraço ou repugnancia em fazer esta declaração; e fallando assim julgo *não sair do programma do jornal* e merecer a approvação de todos os homens de bom senso.»

XCI

O Doutor Guérin

(Outro bom testemunho)

O dr, Guérin, enviado n'uma commissão *scientifica* ao Oriente, no relatorio que enviou ao ministro da instrucção publica de França escrevia-lhe em 1885 entre outras coisas «Membro como sou da Universidade desde ha 40 annos... julguei que era dever meu assignalar-vos os serviços que aqui fazem as nossas congregações religiosas. Estes serviços são taes que auxiliam poderosamente a nossa influencia tradicional, e calal-os seria uma soberana injustiça.»

XCII

Collegio catholico em Hong-Kong

O *N. Mens. do Cor. de Jes.*, de Maio de 1883, alludindo a uma carta, que recebera do Oriente, diz: ... «Fico sabendo (e agradeço-lhe estas noticias)... —*que chegou a Hong-Kong o Prefeito Apostolico d'essa visinha Colonia ingleza, Mons. Raimondi*, regressando da California, *e que d'ahi a poucos dias inaugurou o novo collegio dirigido pelos Irmãos das Escholas Christãs*, com assistencia e valioso auxilio do Governador Civil e das demais auctoridades, *apezar de protestantes* (bello exemplo para certos catholicos mais *medricas* do que outra coisa!)...

XCIII

O Clero e a Agricultura

Apezar de já estarem dessiminados por differentes logares d'estes apontamentos os muitos e constantes serviços do Clero á Agricultura; apezar de trasbordarem da Historia, e de serem bem conhecidos os factos, que exaltam o Clero, principalmente o regular, por haver sabido sempre, com as mesmas mãos que se erguiam nas preces, revolver a terra com o arado e com a enxada, podendo com mais rasão, dizer-se do mosteiro no ermo, o que diz *Rebello da Silva* do Castello da meia idade, que aquelles seculos se encostavam a elle como o peão á lança do *Rico-homem*, [1] porque, pelo pendor

---

[1] No romance *Rausso por Homizio.*

e á raiz de cada monte, em que se erguia o mosteiro, verdejava e sorria a terra em todo genero de cultura e alvejavam apinhoadas as povoações [1] do que tivemos entre nós bons exemplos, quaes o foram, com muitos outros os feracissimos *Coutos de Alcobaça;* apezar do mosteiro, já *transformado* ou *em ruinas*, estar *ainda hoje*, attestando, no que se lhe vê á roda, e no que, por outras partes, viça e fructifica, tudo o que o Clero sabia ensinar e fazer; e apezar, finalmente de talvez parecer superfluo dizer mais, quero ainda aqui consagrar logar separado ao Clero como amigo, incitador e protector da Agricultura.

E hei-de começar por um Bispo; um Bispo nosso, espelho, exemplo e flor de Bispos.

Refiro-me (bem se podia adivinhar) a *D. Francisco Gomes do Avelar, Bispo do Algarve.*

Eis o que d'elle escrevera, commemorando a sua morte, o nosso grande poeta e grande sabedor *A. F. de Castilho*, na *Revista Un. Lisb.*, vol. 2, pag. 127 e 128:

« A 15 de dezembro de 1816 perdeu este reino um dos filhos seus, que mais o illustraram, esse foi D. Francisco Gomes do Avellar, nascido em hu-

---

[1] Assim o intendeu tambem o illustre auctor do artigo, que se lê no *Panorama*, tom. IV, pag. 114, no qual, fazendo a descripção do mosteiro d'Alcobaça, que alli o representa, diz o seguinte:

« N'um valle estreito, mas gracioso, *e hoje bem cultivado,*
« que produz excellentes fructos, se levantou o mosteiro, e quasi
« *immediata consequencia d'elle* a povoação, como sempre succedia
« na idade média, em que os monges começaram de ser cultiva-
« dores, e em que *á sombra de suas residencias cresciam as artes*
« *fabris e se reuniam os povos,* que preferiam *este abrigo* á visi-
« nhança das *acastelladas muralhas dos tyrannos feudaes.* »

milde berço, mas por suas virtudes e *sciencia*, arribado ás maiores honras da egreja e da republica. O Algarve, cujo foi bispo, governador e capitão general, conserva inteira, para seculos, a memoria dos beneficios, que lhe deve de todo o genero, os quaes foram tantos e tamanhos, que a relatal-os cançariam a penna mais activa.—Muitos espiritos admiraveis parece haver a Providencia reunido e fundido n'um só para o formar.—Foi varão, ao mesmo tempo, todo do céu e todo da terra, ou antes foi homem verdadeiramente de Deus, que trabalhando incansavel na vinha evangelica, a fez fructificar para o céu e para a terra; e no caminho para a bemaventurança folgou de plantar boas arvores para abrigo, regalo e mantença dos peregrinos.»

«Ao mesmo passo que todas as coisas da egreja trazia desveladas e a ponto, o clero allumiado, honesto e sollicito, o povo edificado e com bons costumes, abria estradas e fontes, encaminhava e aperfeiçoava rios, impunha-lhes pontes, expurgava de cadaveres os templos, apparelhando cemiterios e amansando. para aquillo as repugnancias de um costume inveterado, alargava e aformoseava praças, *erigia e sustentava escholas* para as disciplinas sagradas e profanas, alimentava as viuvas e orphãos, promovia com dotes os casamentos e bons costumes, com recolhimentos a boa creação, *com exortações, com o ensino e com despezas a dilatação e aperfeiçoamento da agricultura;* n'isto se parecia o seu baculo com o de Arão, que no deserto encaminhava para a terra de Chanaan, no Egypto tragava e consumia serpentes, e de mais, aonde fosse mister, se coparia de folhas e carregaria de fructos.

«Deixamos aos escriptores da historia eccle-

siastica o laborioso encargo de tecer a sua multiplice corôa; — n'este logar estremaremos do pastor, *do civilisador, do architecto*, do *ingenheiro*, do militar e do politico unicamente *o lavrador*—de tantos homens, que era D. Francisco, o amigo dos homens do campo. — Das culturas que hoje se gosa o Algarve, *varias e não poucas foram por elle introduzidas*, mettendo para a obra quantos instrumentos achou á mão. A batata, que é o pão que a natureza mais faz abundar nos annos que mais escaceam de trigo, *derramou-a elle, mandando pelos parochos aos lavradores, com uma circular admiravelmente persuasiva, as sementes e instrucções necessarias para o seu tracto.* Para *o bom preparo dos figos*, que são a principal substancia da provincia, *escreveu uma pastoral:* para *o enxerto da oliveira em zambujeiro*, não se contentou de imprimir excellentes instrucções, e mandal-as espalhar por todas as casas rusticas, senão que sollicitou e alcançou do governo, que os rusticissimos donos d'ellas fossem obrigados *a receber o beneficio e enriquecer-se contra vontade.*»

*

«*O Cura de Montagno*, no condado de Mollissa, no reino de Napoles (dizia o *Panorama* de 20 d'outubro de 1838), dava por penitencia aos camponezes, que confessava, *plantarem alguns pés de oliveiras, de vinhas, ou d'outras especies de arvoredos;* conseguiu assim tornar *mui productivo e semelhante a um pomar um terreno antigamente falto de vegetação.*»

*

Deixemos que o mesmo nosso preclaro escri-

ptor *A. F. de Castilho* nos diga, na sua rica linguagem, o que era a

Agricultura pelas mãos dos Religiosos, que foi com este titulo, que elle escreveu no 1.º tom. da *Rev. Univ.*, pag. 108 e 109 o seguinte artigo:

« Todos sabem o que aos veneraveis religiosos da Trapa sucedeu por occasião da Revolução de julho em França: mundanos houve (d'estes que tudo julgam por si mesmos, e não dão licença para haver uma razão, gostos e habitos differentes dos seus) os quaes affirmaram, que no abrirem-se as portas do convento de *Meilleraye* a par de *Laval*, se déra aos religiosos, seus moradores, uma verdadeira paschoa florida. Se taes dizedores não mentiram á sua consciencia, está pelo menos averiguado, que mentiram ao ceu e á terra; os bons fradinhos da reformação de *Rancé*, não emparedados, senão sepultados, tantos annos havia, deixando as cellas, onde velavam e estudavam, o torrão onde suavam como filhos de Adão, para manter a existencia sem pesar ao mundo; e o templo, onde agonisavam toda a vida, e morriam tão contentes; despedindo-se d'aquellas ricas pobrezas, só d'elles intendidas, não se foram para Paris recomeçar as delicias do viver profano, fazer ou desfazer politicas, escrever romances, e dar materia a outros ou rabiscar folhetins satyricos a tanto por polegada, como os que d'elles haviam fallado sem os conhecerem: não; elles deram costas, sem mágoa, aos santos e terriveis logares, tão seus costumados; um sitio para orar, e uma sepultura, onde quer se recuperam: limparam os pés á terra de França; porque a sua patria não é das que se riscam, e escrevem nos mappas geographicos: atravessaram as ondas com a confiança de quem nunca arreda lá de cima os

olhos da alma, e nas serranias bravas da Irlanda foram, como aves do Paraizo, reconstruir, entre canticos e repovoar de innocente felicidade, o ninho, que o furacão, n'outra parte lhes destruira.

«Arrendaram, por cem annos, assaz de terra, que os mantivesse; não devia de ser muita: desbravaram-n'a, e fizeram-n'a palmito (sempre em mãos bentas houve benção de fertilidade). Levantaram no meio uma casa para Deus e para si, sahindo no material do edificio retratado, muito pelo natural, o seu convento de *Meilleraye;* e com tal furia andou a obra, que sendo grande a fabrica, segundo o numero dos que haviam de morar n'ella, em sós tres annos se completou.

«E' mosteiro, se o podemos dizer, magnifico; e em cellas e officinas mui concertadamente repartido. Fica ao pé de *Cappoquin*, no declivio dos montes *Knockmeledown*, no meio de uma região silvestre; dá a lembrar os hospicios fundados da caridade christã lá por essas cumiadas tempestuosas dos Alpes. Assentada que foi a vivenda, todas as terras bravas, e maninhas, que em derredor se lhe estendiam, se transformaram em uma vistosa fazenda de admiravel feracidade. Alli ondeiam ao vento largas searas de arroz, e de todo o genero de cereaes; alli verdejam opulentos, e á porfia, todos os generos de legumes; mais de cento e vinte mil pés d'arvores recem-plantadas alli estão promettendo toda a abastança de fructos, todos os regallos e religiosas inspirações, que os moradores do ermo encontram a cada passo por debaixo das abobadas dos bosques. Terra tão sáfara, e muda, como desde o principio do mundo o fora toda aquella, a poucos annos andados, já por toda a parte, e até mui longe, ria e vicejava; attrahia povoadores; brotava casaes e predios; coroava-se de povoados

e aldeias; alegrava-se com os sons de vozes humanas e balidos de rebanhos, e o que mais é (tanto póde a visinhança dos bons!) sobredoirava-se de certa alegria serena, que o trabalho e bons costumes, onde os ha, commummente, derramam por entre a classe dos cultivadores.»

«Dentro em pouco, se tão bem estreada benção vai por diaante, se verão transformadas aquellas, ainda hontem solidões, em uma das mais ricas e cobiçadas comarcas de toda a Irlanda.»

«No tocante á regra e costumes da ordem nada a alteraram aquelles penitentissimos varões. Perseveram no seu antigo silencio; mudez lhe chamarieis; só com o Prelado podem os de fóra trocar algumas palavras, como para isso tenham grande e apertada necessidade. Não fazem differença d'estações, quer o sol madrugue, quer se atraze, levantam-se, e começam o seu dia, antecipando-se-lhe sempre na deligencia, ás duas horas depois da meia noute — coisa agra, ainda para terras de benignidade, quanto mais debaixo do céu ferrenho d'aquella ilha — levam no côro até ás 6 da manhã. Vestem habito com capuz, tudo de lã grosseira e mordente. Mantêem-se de hortaliças com pão negro e duro; o mesmo peixe é regalo, que nem por festas se permitte; vinho não o provam, revezam ordenadamente todas as horas do dia na oração e mais exercicios religiosos, no cultivo e amanho das terras, nos misteres e officios mais humildes da casa, varrendo, peneirando e padejando, cosinhando, entendendo na lavanderia e concerto dos habitos; linho só em molestias graves, e só ás portas da morte se lhes consente; e só então se lhes dá um pouco uso de carne, como não seja de ave, nem outra alguma das havidas por mimosas. Dormem vestidos sobre uma enxerga

desamoravel, e mal cobertos de uma manta: para agazalho dos enfermos téem enxergas sem bastas: vivem cercados de emblemas e sentenças de morte; e de dia a dia dão por sua mão algumas enxadadas na propria sepultura. Taes são estes despegados da terra; estes rivaes dos antigos ermitães e anachoretas, em torno de quem parece estar chovendo do seio do Criador a fertilidade; e cujas existencias, entre tantas asperezas, como que se calçam de aço, para entrar a largos passos pela velhice.»

A. F. de C.

*

Ouçamos agora *M. de Lamartine*, fallando dos Frades agricultores d'um mosteiro do Monte Libano:

«Tornámos a montar a cavallo, *diz elle*, na planicie, á borda do rio; atravessámos a ponte, subimos alguns outeiros do Libano cobertos de matto até ao primeiro mosteiro, que se erguia como um forte castello n'um pedestal de granito. Os Frades conheciam-me por informações dos seus Arabes, e receberam-me no convento.»

«Percorri as cellas, o refeitorio e as capellas. Os Frades voltavam do trabalho, occupando-se no vasto pateo a tirar os bois e os bufalos das charruas; este pateo tinha o aspecto d'um pateo de grande herdade; estava todo cheio de charruas, de gado, de estrume, de aves domesticas, de todos os instrumentos da vida rustica. O trabalho fazia-se sem ruido, sem gritos, mas sem affectação de silencio e como feito por homens dotados d'um decoro natural e não submettidos a uma regra severa e inflexivel.»

«Os semblantes d'estes homens eram doces,

serenos, vendo-se n'elles a paz e o contentamento: pareciam uma communidade de lavradores. Quando soou a hora do jantar entraram para o refeitorio, não todos juntos, mas um a um, ou dois a dois, segundo o que cada um acabava de fazer, mais depressa ou mais devagar; a comida consistia, como todos os dias, em dois ou tres bolos de farinha amassada e antes secca do que cosida na pedra quente do lar; agua e cinco azeitonas de conserva em azeite: ás vezes junta-se a isto um pouco de queijo ou de leite azedo: e eis toda a alimentação d'estes cenobitas; comem de pé ou assentados no chão. Desconhecem toda a mobilia das nossas habitações.»

«Depois de lhes ter assistido ao jantar e comido tambem um pedaço de bolo e bebido um copo de excellente vinho do Libano, que o superior mandou vir, entrámos em algumas das cellas: são todas semelhantes. Um pequeno quarto de cinco ou seis pés quadrados, com uma esteira de junco e um tapete por unica mobilia; algumas imagens de sanctos pregadas na parede, uma Biblia arabe, e manuscriptos cyriacos são os unicos ornatos. Serve de avenida a todas estas cellas uma longa galeria interior coberta de colmo. Das janellas do mosteiro, e de quasi todos os mosteiros, goza-se d'uma vista admiravel: os primeiros declives do Libano se offerecem aos olhos, e a planicie e o rio de Bayruth, os zimborios aerios dos bosques de pinheiros cortando o horisonte vermelho do deserto d'areia, depois o mar emoldurado por toda a parte em seus cabos, seus golfos, suas enseadas, seus rochedos, com as velas brancas dos barcos que o atravessam em todos os sentidos, eis o horisonte que estes frades tem todos os dias deante dos olhos. Fizeram-nos alguns presentes de frutas seccas e odres

de vinho, que foram carregados em jumentos, e deixámos-los para voltar por outro caminho a Bayruth.»

*

Ainda quero aqui trasladar algumas linhas da obra do snr. *Pedro Diniz*, intitulada «*Das Ordens Religiosas em Portugal*» de que já me aproveitei no meu opusculo «*Os Frades*».

Diz, pois, o snr. *Pedro Diniz*, com o testemunho da historia, fallando da introducção da ordem de S. Bento em Portugal:

«O mosteiro de S. Pedro de Cardenha, foi o primeiro domicilio dos monges de S. Bento, em Hespanha. D'alli se destinaram alguns para a provincia Lusitana, encaminhando-se a Coimbra, que Ataces, rei dos Alanos, tinha fundado de novo, pelos annos de 400. Os monges que só buscavam os descampados, e os logares asperos e só vistos do céu, descobriram ao nascente de Coimbra o encovado, e escabroso sitio de Lorvão. Contentes de haver achado tão triste solidão, alli se estabeleceram e deram começo ao primeiro convento benedictino, que houve em Portugal, e de que foi fundador e primeiro abbade o monge Lacencio.»

«Quando estes monges se estabeleceram em Lorvão, eram aquelles logares *por extremo agrestes, cobertos de florestas, infestados de feras, e cortados de pantanos.*»

«Estas asperezas namoraram os monges, que só com fadigas folgavam, elles mesmos não queriam viver senão do trabalho de suas mãos imitando os Apostolos. O paiz escabroso e deserto, *por meio do trabalho dos frades, se tornou ameno e risonho;* com o suor do seu rosto foi que elles fecundaram o solo, que hoje é tão fertil.»

«Os moradores das visinhanças, maravilhados da vida exemplar d'estes benedictinos, corriam de toda a parte, a fazer-lhes offertas de rendas e bens, como á competencia; e assim se foram lançando os fundamentos d'aquelles *bens nacionaes*, que em 1834 foram vendidos e divididos, como a tunica do Salvador. Mais de 170 annos continuaram os filhos de S. Bento n'esta simplicidade de vida, até que a paz das Hespanhas se perturbou, com a entrada dos mouros; mas o céu, que não desampara os seus fieis, tinha para estes apparelhado uma grande gloria. Os mouros, com ser mouros, respeitaram os frades, e lhes permittiram o continuar a viver na sua lei, pagando annualmente um tributo.»

«Mais. Alboacem, um dos primeiros reis agarenos, isentou de vexações o mosteiro de Lorvão pelo bom agasalho que uma vez lhe haviam feito os monges.»

*

Muito haveria ainda que dizer dos serviços do Clero á Agricultura; não m'o permitte, porém, o ambito apertado em que tenho de me restringir.

Entretanto, não fecharei este apontamento sem deixar memorados os nomes de dois Religiosos, que, se não serviram de modo directo á Agricultura, a serviram indirectamente, nas noções para a guarda e conservação dos trigos, porventura ignoradas de muitos lavradores, e que a alguns poderiam ser uteis.

De um artigo do *Panorama*, tomo IV, pag. 327 e 328, intitulado *Matamorras ou covas para guardar trigo*, extrahirei o que vae ler-se:

«Desde os tempos mais remotos se conservam os grãos em certos paizes quentes e naturalmente seccos, seguramente com menos precaução do que

em covas, mas de modo que se formam reservas para seis ou sete annos. Prospero Alpino refere que, não longe do Cairo, se tinha circumdado com uma grande muralha um espaço de quasi duas milhas de circuito, que se enchia todos os seis ou sete annos de montes de trigo. Accrescenta que, o abundante orvalho das noites molha a superficie, faz germinar a primeira camada do grão, mas que em pouco tempo os pequenos grelos se desseccam com o sol, e que se forma uma dura capa que não deixa entrar o ar e o orvalho na massa: de forma que os particulares conservam as suas colheitas ao ar livre em uma eira, e limitam-se a cobrir os montões de trigo com esteiras.»

«Em Basalicate, segundo conta d'Intieri, os lavradores fazem montes de trigo nas costas do mar; as chuvas promovem uma forte vegetação na superficie, que se cobre por este modo com uma camada impenetravel ao ar e á agua. Este methodo é tambem conhecido em Portugal, e é o que chamamos *trigo em parga* [1]».

«Os trigos que servem para o consumo e commercio de Argel e Tunes são guardados em covas abertas na rocha, que tem trinta a quarenta pés de profundidade; forram-se as paredes com palha, e não se lhes mette o trigo senão depois de estar bem secco ao sol.»

«O conde de Lasteyrie achou este methodo de conservação usado em Malta, Sicilia, Hespanha e Italia.»

---

1 «Quando na eira (diz *Fr. João dos Santos*, *Dicc. erud.* tom. II) se ajunta em monte o trigo, meio debulhado, ou debulhado todo, faz tal cadeia ou pasta, que não póde a agua penetrar nelle, porque escorre pelo monte abaixo, e se chama *trigo em parga.*»

«Em Portugal foi tambem usado este meio de conservar o trigo, e para o provarmos trasladaremos o que diz *Fr. José de Santa Roza de Viterbo* [1] no seu *Elucidario dos termos e frases etc.* — «Cova, celleiro, subterraneo, a que antigamente chamavam *silo*. Os mouros ainda actualmente usam d'estas covas, a que chamam *atamorras*, *matamorras* e *matmorras*, que são do feitio de uma cisterna, com tres ou quatro braças de alto, e largas á proporção, e nellas conservam o trigo por cinco, seis, ou mais annos, sem a mais leve corrupção. E para isto depois de debulhado e bem limpo, em estando frio o mettem na cova, cobrindo-a com palha, e depois com terra. Assim nas casas como nos campos elles usam destes celleiros. E parece que do tempo que estiveram em Lisboa seriam alguns que se acharam entre o convento de S. Francisco e a igreja dos Martyres da dita cidade, quando se abriram novas ruas, e se alevantou das fataes ruinas que lhe havia causado o grande terremoto. Os antigos portuguezes usavam igualmente destas covas. Em um documento do seculo 14.°, que se acha em S. Vicente de Fóra, se lê: — *Ha mais a dita capella cinco covas de ter pão, que estão na dita aldêa de Cuba, no terreiro que está adiante das portas da dita casa: e são duas dellas grandes, que levarão ambas sete moios pouco mais ou menos: convem a saber: uma quatro moios, e outra tres.* —»

---

[1] Devera já, e não só por este motivo, ter aqui apparecido o nome do auctor do «*Elucidario*» o insigne *Fr. José de Santa Roza de Viterbo*, se me fôra dado comprehender todos os innumeraveis benemeritos das lettras, membros do clero, neste meu abreviado estudo.

XCIV

Os Jesuitas na China avaliados por um jornal protestante

Eis como, não ha muito, o jornal protestante «*Chinese Times*» citado pela *Voz do Crente*, n.º 59, fallava dos Jesuitas:

«Fallaremos agora de alguns sacerdotes, *grandes sabios e homens de lettras pertencentes á Companhia de Jesus. A influencia que os Padres Jesuitas teem sobre os povos e principalmente sobre os chinas, será difficil ser excedida por qualquer outra Ordem religiosa.* Publicar os seus merecimentos e os bons resultados que elles obteem devidos *á instituição e ao methodo dos seus trabalhos apostolicos, não só na China, mas em todo o mundo,* é um acto de justiça que se lhes faz. E' esta a nossa opinião.»

«Nunca voltam atraz, nunca desanimam, sempre um feliz exito coroa as suas emprezas, quer estejam em paizes que homens brancos nunca pisaram, como quando exploraram o Canadá, quer se vejam rodeados de mil perigos no meio de populações selvagens. *Encontramol-os entre os barbaros do Paraguay com a enxada na mão ensinando-lhes a agricultura. Foram elles os unicos até hoje, que foram capazes de affeiçoar os indios da America a uma solida moral, ensinando-lhes os bons costumes sociaes e mostrando-lhes ao mesmo tempo as benções que d'ahi provém.* O que fizeram em prol dos indios do Brazil e o que foram para os Moxos e Chiquitos não póde ser bem descripto pela nossa penna. Aqui em Pekin um Jesuita do tempo do P. Martini foi *director do observatorio chinez.* Ga-

nharam o coração do povo, e estima dos nobres, e a confiança do imperador, que lhes offereceu a sua propria residencia... Os chinezes fallam ainda com respeito *dos seus conhecimentos e da sinceridade do seu caracter.*»

XCV

Congregação do Espirito Santo no Gabão

Dizia em 1884, a *Semana Catholica*, de Madrid:

«Existem actualmente no Gabão 40 missionarios da Congregação do Espirito Santo, que pouco a pouco tem estendido a sua influencia e que assim tem podido *favorecer os esforços da commissão scientifica franceza*, que ultimamente visitou o Congo. Um d'estes missionarios *foi chamado a Pariz para ser ouvido sobre o projecto da via ferrea do Congo.*»

XCVI

Universidade Gregoriana

A Universidade Gregoriana é a eschola de estudos superiores mais florescente em Roma. Conta actualmente 450 alumnos que estudam *Theologia, Direito Canonico, Philosophia, Archeologia, Astronomia, Sagrada Escriptura, sciencias physicas e mathematicas, grego, hebreu e linguas orientaes.* Está sob a direcção dos PP. da Companhia de Jesus.

(*N. Mens.* de março de 1888).

XCVII

Unico observatorio francez na China

Lia-se na revista franceza *Les Missions Catholiques* de 28 d'outubro de 1887:

«O unico observatorio francez que existe na China, diz a mesma revista, é o de Schangae, dirigido pelos *Padres Jesuitas.* Por elle se regulam todos os relogios da cidade, cahindo de um alto mastro um globo de ferro ao meio dia em ponto. A camara municipal auxilia generosamente este observatorio, do qual é director o *P. Dechevrens, qui a rendu de nombreax et importants services à la marine,* diz a citada revista.

XCVIII

O Padre Jesuita portuguez Bartholomeu Lourenço de Gusmão, primeiro inventor dos aerostatos.

A invenção dos aerostatos tem corrido geralmente attribuida aos irmãos francezes *Mongölfiers,* por aquella má sina portugueza de nos arrebatarem sempre estrangeiros, e em tudo o que podem, qualquer gloria nossa.

Não me proponho, porém, a reivindicar aqui para a nossa patria a prioridade na invenção dos aerostatos. Essa reivindicação já está irrecusavelmente muito bem feita e documentada, n'uma erudita Memoria que o sr. *Conego* Francisco Freire de Carvalho leu na Academia Real das Sciencias, em sessão de 20 de maio de 1840.

Não tractarei tão pouco de referir as differentes tentativas que, para a navegação aerea, se fizeram, desde a mais remota antiguidade, com exito mais ou menos infeliz.

Não remontarei até ás fabulas de Mercurio e Perseu; de Triptolemo, Medea e Circe, nem á do famoso Icaro, dando nome ao logar da sua queda. Do mesmo modo, me não occuparei de outros mais recentes esforços baldados, descendo da Fabula até ao mathematico italiano, que no seculo XV se curou do desejo de andar pelos ares, quebrando ambas as pernas; nem de um tal *Cook* em 1660; nem do *cabriolet-volant* do *Conego d'Etamps* em 1772; nem de um *Frade Franciscano*, que, n'um dos seus vôos quebrou uma só perna, sendo n'isso mais afortunado que o mathematico italiano; nem do *Padre Francisco Lana Jerzi*, que publicou o seu famoso *Prodromo d'algumas invenções novas;* nem de muitos outros ainda; porque o que tudo isto prova é, como diz *Castilho*, que: «*o desejo de* «*voar tem o quer que é de tão natural, de tão uni*-«*versal, que é de presumir não faltariam em todos* «*os tempos ingenhos agudos e arrojados, que ten*-«*tassem satisfazel-o.*»

O que é comtudo, certo, é que não se resolveu de todo ainda o problema, e que, das tentativas para resolvel-o, a do nosso *Padre Bartholomeu*, foi indubitavelmente a primeira, e a de melhor exito, até ao seu tempo.

Querendo o nosso poeta Castilho fallar deste invento do *P. Bartholomeu* na *Revista Universal Lisbonense*, de que era Redactor, por lhe haver chegado á mão um desenho e descripção do mesmo invento, dirigiu-se ao douto e mui competente snr. Visconde de Villarinho de S. Romão, pedindo-lhe a sua opinião áquelle respeito. Respondeu a este

pedido o snr. Visconde n'uma carta, que se lê na mesma *Rev. Univ. Lisb.* tomo 2.°, pag. 455, da qual aqui darei o seguinte excerpto:

«Ill.mo Snr. *Antonio Feliciano de Castilho.* — Restituo a V. a estampa que representa a Barca de voar inventada em Lisboa no anno de 1709 pelo nosso insigne portuguez o Padre Bartholomeu Lourenço, copiarei as explicações por elle dadas, que se acham a pag. 82 do Recreio, e depois farei o meu juizo sobre tão importante invenção........

....

«O Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão era brazileiro, natural da villa de Santos na capitania de S. Paulo, e *não ha duvida nenhuma, que elle foi o primeiro inventor dos aerostatos,* que fez a experiencia com um balão, que se elevou á altura da sala das embaixadas no pateo da casa da India, diante de Sua Magestade o Senhor D. João V e de muitos fidalgos, no dia oito de agosto de 1709.

Tudo isto provou completamente, e com grande erudição o snr. Francisco Frei de Carvalho, na sua Memoria, lida na sessão litteraria da academia real das sciencias d'esta côrte no dia 20 de maio de 1840; este balão elevou-se por meio de um gaz, e de fogo que o seu inventor accendia, como dizem alguns manuscriptos d'aquelle tempo, dignos de todo o credito e insertos na mesma memoria, que hoje se acha impressa e publicada na 2.ª serie do tomo 1.°, parte 1.ª das memorias da academia d'este anno de 1843. — Mas o mesmo erudito auctor põe em duvida, e reputa apocrypha a estampa que faz objecto principal d'esta carta. — Quem lêr com reflexão o requerimento do referido Padre Bartholomeu Lourenço feito ao senhor D. João V em que diz — «ter descoberto um instrumento para andar pelo ar da mes-

ma sorte que pela terra, e pelo mar com muita mais brevidade, fazendo-se muitas vezes duzentas e mais leguas de caminho por dia, nos quaes instrumentos se poderão levar os avisos de mais importancia aos exercitos, e terras mais remotas quasi no mesmo tempo em que se resolvem, etc.» — conhece claramente que isto não podia quadrar aos balões; mas sómente a uma Barca, em que houvesse uma regular direcção e estabilidade aeria; e todas as tentativas necessarias para conseguir isto se acham no presente desenho; logo não se póde dizer que seja apocrypho: antes sim que não foi intendido n'aquelle tempo, e que tambem muita causa deu a isto o mysterio do seu inventor e todas essas patranhas ridiculas em que involvera o seu segredo. Ainda que o referido desenho não tem escala, e não se póde saber se estaria ou não bem calculada a Barca para conseguir o effeito da estabilidade, póde ser que o auctor conhecesse isso, ou por via do calculo applicado á differença do peso do ar para o do gaz que empregava, ou por tentativas e comparações de um balão conhecido como esse que fez subir no pateo da India para aquelle que seria capaz de suster no ar onze pessoas, as madeiras e todos os materiaes da mesma Barca, mantimentos, aguada e todas as mais coisas precisas..

....

Visconde de Villarinho de S. Romão.

O resultado que mais me agora importa, e que julgo ficar patente no que deixo apontado, é que não só o Clero andou sempre, aqui e além, lidando n'este descobrimento, mas que foi, afinal, um dos seus membros, o *Padre Bartholomeu,* o que mais e melhor o logrou, então, conseguir.

XCIX

Arcebispo de Malines

O arcebispo de Malines (Belgica), dizia o *N. Mens.* de Fevereiro de 1887, auxiliado por seus suffraganeos, *estabeleceu o seminario de Santo Alberto*, no Congo, afim de *prover ás necessidades scientificas* e espirituaes d'aquelle paiz...

C

Aula nocturna para operarios

A mesma Revista Relig. do referido mez e anno, noticiava tambem que:

«A Associação de S. Luiz Gonzaga em Barcelona estava organisando os preparativos necessarios para estabelecer alli uma aula nocturna para a classe operaria.»

CI

Conferencia de S. Vicente de Paulo em Ceuta

Ainda o *N. Mens.* do mesmo mez e anno dava a noticia de que a mencionada *Conferencia*, estabelecida havia pouco em Ceuta, ía fundar escholas e um circulo de operarios catholicos.

CII

O P. Saenz

O R. P. *Saenz*, Commissario dos Franciscanos em Marrocos, collocou recentemente em Tanger a 1.ª pedra para um collegio de meninas, que se vae construir n'aquella cidade e que será dirigido pelas Terceiras franciscanas.

(Igualmente do mesmo *N. Mens.* acima referido.)

CIII

O Abbade Cabibel

Foi este ecclesiastico um notavel sabio e escriptor francez, no passado seculo. E' muito apreciado o seu bellissimo livro, intitulado «*La Revolution et le Cleérg*. Não resisto á tentação de trasladar para aqui algumas paginas, postoque não pertençam propriamente á indole especial deste estudo; mas, pois não cançam nunca os inimigos da Egreja e do Clero em suas accusações calumniosas, não devemos tambem, os que somos seus deffensores, cançar em pôr sob os olhos da presente geração os abominaveis feitos de seus abominaveis progenitores e as detestaveis fontes de suas detestaveis doutrinas. Vejamos, pois, como o *Abbade Cabibel* relata alguns tristes successos d'aquella ominosa epocha da Revolução franceza:

«O calendario gregoriano, recordação viva e testimunho brilhante dos triumphos da civilisação

christan sobre a barbarie pagan, que teve grandes honras prestadas pela Revolução, não devia escapar ao furor da destruição.

«D'aqui proveiu a abolição da era christan, decretada no dia 5 de outubro de 1793 e a do calendario gregoriano, que fôra substituido pelo calendario republicano.

«Ao lêr aquella obra grutesca, em que os nomes dos sanctos são burlescamente substituidos pelos nomes de animaes, de legumes e de instrumentos de lavoura, ficamos attonitos quando consideramos o grau de estupidez a que chegaram homens que se julgavam mais sabios do que a Egreja, e que não queriam ter outros guias mais do que as suas proprias pessoas.

«Mas o celebre calendario dos rabanos e das couves, morreu e enterrou-se, porém a era christã está cheia de vida e de esperança; as festas dos nossos sanctos são celebradas com fervor e enthusiasmo e o domingo será sempre o dia do Senhor, apesar de todos os republicanos e de todas as republicas.

«O domingo e os dias sanctificados foram substituidos pela *decada*. N'este dia a Republica descançava; os patriotas com suas mulheres e filhas rodeavam as arvores da liberdade e alli passavam-se cousas inconcebiveis.

«No dia da decada íam com os seus vestidos do domingo aos logares onde estavam plantadas as arvores da liberdade, e suas mulheres e filhas eram obrigadas a beijar aquellas arvores, com seriedade e gravidade.

«Dado o beijo, cantava-se a *Carmagnole* e dansava-se em torno da arvore.

«Eram similhantes insanias o meio por que os grandes reformadores de 89 entendiam que se po-

dia regenerar a França, e era fazendo desapparecer até a lembrança das festas christãs que elles se esforçavam por preparar a nação para a suppressão de todo o culto e para a destruição radical do Christianismo.

«Para aquelles homens, detestavel combinação do orgulho e da estupidez, o mundo não começou senão por elles, ou antes pelo memoravel dia em que foi promulgada a *declaração dos direitos do homem e do cidadão.*

« Que lhes vão fallar de creação e de redempção! Que lhes vão fallar da antiguidade e da meia edade! Que lhes vão fallar dos grandes feitos e dos grandes homens da historia! Que lhes vão fallar particularmente de Clodoveo, Carlos Magno, Luiz IX, Henrique IV e Luiz XIV!

«Tudo isto é noite; e o sol é só d'elles.

«Que se não falle mais do passado; que todo o passado seja condemnado ás chammas e que o seu pó seja espalhado a todos os ventos.»

«Queimemos todas as bibliothecas e todas as antiguidades e não tenhamos outros guias senão nós.»

«A abolição da era christã e as outras medidas ridiculas, tomadas precedentemente contra o clero e contra as ordens religiosas, não eram mais do que o preludio de outra medida mais ridicula, que a Convenção ia adoptar em breve; a suppressão total e absoluta do culto catholico. A 10 de novembro de 1793 é que foi apresentado o decreto da suppressão.»

«Antes d'aquella data já se achava de facto abolido o culto catholico ém França; era prohibido, sob pena de morte, assistir á missa dos padres não ajuramentados, dar-lhes soccorro ou asylo ou confessar-se a elles. Mas isso não bastava, devia

dar-se um passo mais na senda da impiedade satanica.»

«Tractava-se de aniquillar até o principio religioso e de fazer do atheismo uma instituição politica.»

«Anarchasis e Glootz dizia no seu relatorio sobre a questão subjeita: «Veremos em pouco tempo «a monarchia do ceu condemnada por sua vez pelo «tribunal revolucionario da Razão victoriosa.»

«Foi em seguida a este impio relatorio, que, sob proposta de Chaumette, o culto catholico foi definitivamente supprimido, e officialmente estabelecido o culto da *Rasão.*

«A impiedade então não conheceu limites: as cruzes foram derribadas dos cemiterios e substituidas pelas estatuas do *Somno;* a imagem da SS. Virgem foi em toda a parte quebrada para dar logar ao busto de Marat, e commetteram-se infamias taes como nunca se commetteram em paiz algum.»

«Deu-se ordem — diz um historiador — para «se proceder á pilhagem das egrejas, e as commis-«sões revolucionarias practicaram então mais hor-«rores, mais roubos e profanações na sua patria, «do que nos seculos barbaros os Godos e os Vanda-«los em todas as suas irrupções entre os povos «christãos.

«Paris, deu o exemplo da impiedade em fei-«tos tão ridiculos como espantosos, que foram imi-«tados em todas as provincias. Os vasos sagrados, «as reliquias dos sanctos, os thesouros das egrejas, «as cinzas dos mortos, os monumentos do genio e «das artes, tudo foi confundido e destruido com «furor cego.

«Mas depois de ter desapparecido dos templos «christãos tudo o que poderia fazer lembrar o ver-

«dadeiro Deus, faltava ainda substituil-o por um «idolo digno dos homens do dia. O procurador ge-«ral Chaumette instituiu para esse fim aquellas «orgias sacrilegas conhecidas pelo nome de *festas* «*da Razão*, nas quaes as mais infames creaturas, «convertidas em divindades, recebiam o incenso «do povo embrutecido.»

«No dia 10 de novembro de 1793, em que foi promulgado o decreto relativo á suppressão do culto catholico, celebrou-se em Paris a primeira *festa* da Razão, que foi representada em carne e osso pela mulher do impressor Momore.»

«O cortejo dirigiu-se primeiro á cathedral, que tinha sido proclamada *templo da Razão*. Cantaram-se alli hymnos patrioticos e pronunciaram-se discursos humanitarios; d'alli seguiram para a Convenção, e o presidente investiu a deusa solemnemente!!! Depois voltaram ao templo, onde cantaram outra vez, e assim foi inaugurada em Paris aquella monstruosidade denominada *Culto da Razão*.»

«Devemos notar que estas festas eram officiaes e que presidia a ellas um deputado.»

«Viu-se por ventura em tempo algum ou no seio de qualquer outro povo coisa mais tola, mais louca e mais cynicamente estupida do que aquellas pretendidas festas da Razão, em que, sob os auspicios e com o concurso do governo da epocha, se *adoravam* officialmente as mulheres prostituidas?»

«E os republicanos ainda ousam capitular de *superstição* as santas practicas do culto catholico!!!»

«As abominações e os horrores que se commettiam nas orgias chamadas *festas da Razão*, eram tão revoltantes que até Robespierre se enver-

gonhou d'ellas por causa da republica de que era chefe omnipotente. Para oppôr um dique áquelles excessos infames de que não ha sequer exemplo nas bachanaes da mythologia pagã, decretou-se a existencia do Ente Supremo e instituiu-se uma festa em sua honra.»

«Portanto, pela graça e auctorisação de Robespierre e da Convenção, Deus teve permissão de existir!»

«Que irrisão e que farça da parte dos monstros que guilhotinavam os ministros da religião e roubavam as egrejas!»

«Não, não,» — Deus disse áquelles impios — «O meu amor não é para vós, e não quero receber de vossas mãos offerta alguma: *Non est mihi voluntas in vobis, et munus non suscipiam de manu vestra.*»

«Vejamos o titulo do relatorio lido á Convenção pelo presidente Robespierre no dia 18 *floreal* do anno II da Republica, impresso n'aquelle mesmo anno:

«*Convenção Nacional. Relatorio feito em nome da Commissão de Salvação publica, por Maximiliano Robespierre, sobre a relação das ideias religiosas e moraes com os principios republicanos e sobre as festas nacionaes.*

«N'este famoso relatorio de Robespierre brilha o sentimento religioso, especialmente pela sua ausencia.

«Vejamos o decreto que proclama a existencia do Ente Supremo.

«Artigo I. O povo francez reconhece a existencia do Ente Supremo e a immortalidade da alma.

«Art. VI. A Republica franceza celebrará todos os annos as festas de 14 de julho de 1789, de

10 agosto de 1792 e de 21 de janeiro de 1783... (Uma festa para commemorar um assassinato)!

« Art. VII. Celebrará nas *decadas* as festas cuja enumeração é a seguinte:

« Ao Ente Supremo e á Natureza.

« Ao Genero humano.

« Ao Povo francez.

« Aos Martyres da Liberdade.

« A' Liberdade e Egualdade.

« A' Republica.

« Ao Odio aos tyrannos e aos traidores.

« Ao Stoicismo.

« Ao amor.

« XV. Celebrar-se-ha no dia 20 prairial proximo, uma festa nacional em honra do Ente Supremo.

Segue-se o *Plano da festa do Ente Supremo*, proposto por David e decretado pela Convenção Nacional.

« Povos attendei:

« Apenas a aurora annunciar o dia, os sons de uma banda marcial resoarão por toda a parte, fazendo succeder ao socego do somno um despertar encantador.

« A' vista do astro benefico que vivifica e dá colorido á natureza, os amigos, os irmãos, os esposos, os anciãos e as mães, abraçar-se-hão.

« No entretanto, o bronze e os tambores soam... Tudo está preparado para a partida.

« Uma salva de artilheria annuncia o momento desejado... A Convenção Nacional, precedida de uma musica ruidosa, mostra-se ao povo... O povo faz ouvir gritos de alegria...

« Assim se ouve o ruido das vagas do mar agitado, que os ventos do Meio-dia levam e prolongam em echos, até os valles e florestas longinquas...

«Quatro touros vigorosos, cobertos de festões e de grinaldas, pucharão um carro no qual brilha um tropheu... Depois de ter sido durante a marcha coberta de offerendas e de flores a estatua da Liberdade, o cortejo chega ao logar da reunião...

«Uma immensa montanha será o altar da Patria.»

«E a ceremonia começa. Para este fim faz-se ouvir de novo *uma musica ruidosa*, um charlatão qualquer faz um discurso contra os *tyrannos*, *o povo* solta pela segunda vez *gritos de alegria*, e a ceremonia termina por uma dansa geral ao som da aria obrigada de *Carmagnole.*

«A dansa fazia parte integrante de todas as festas republicanas. Dansava-se até em torno da guilhotina, em quanto ella funccionava...»

«Eis a *Festa do Ente Supremo.*

«Emquanto se decretava a Festa do Ente Supremo, *quatrocentos mil francezes gemiam nas prisões e nas casas de detenção*, e a *navalha nacional* — era assim que denominavam a guilhotina — trabalhava sem cessar.»

CIV

Escholas Dominicaes

Em 1886 a *Semana Religiosa*, de Madrid, dizia que «a Associação do Apostolado estabelecida na egreja de S. Martinho, d'aquella côrte, de que é director espiritual o zeloso *P. Hidalgo*, da Companhia de Jesus, inaugurara, no domingo ultimo, Escholas Dominicaes, em que se proporciona, aos que as frequentam, conhecimentos uteis e necessarios.

CV

Um certame litterario e artistico em honra do Sagrado Coração

A interessante Revista religiosa *La civilisacion*, que publica em Madrid o illustre e illustrado escriptor *D. José Maria Carrulla*, trouxe, no anno de 1881, uma tão notavel, posto que resumida, descripção do certame da catholica Hespanha, em *Homenagem nacional das sciencias, lettras e artes hespanholas ao Sagrado Coração*, que se verificou em Tarragona, e tão valiosa para este meu estudo, que me não posso esquecer de transcrever o extracto que a dita Revista fez da noticia mais circumstanciada publicada por um diario d'aquella cidade.

Eis, pois, o que se lia na *Civilisacion*:

« Verificou-se em Tarragona a *Homenagem nacional das sciencias, lettras e artes hespanholas ao Sagrado Coração de Jesus*. Não havendo recebido convite para ir ou commissionar alguem que representasse a nossa humilde Revista, extractaremos do diario, que se publica na mencionada cidade, as noticias principaes.

« Além de outras pessoas illustres e do sr. Arcebispo de Tarragona, honraram a ceremonia com sua presença os srs. bispos de Leão, Barcelona, Vich, Lérida, Gerona, Urgel e Tortoza. Reuniram-se todos no atrio do seminario conciliar, mui embellesado e coberto com um grande toldo.

« Obteve o primeiro premio D. Jaime Llobet, que, commovido, o recebeu *do seu prelado*. Depois de beijar os anneis dos successores dos Apostolos, foi sentar-se outra vez entre o publico, que o ap-

plaudiu grandemente. Logrou além d'isso o *accessit* correspondente ao thema quarto.

«André Belaguer e Merino obteve o *accessit* do thema 2.º, que se referia a um estudo historico sobre a devoção ao Coração de Jesus, nas dioceses da provincia ecclesiastica tarragonense. Não se apresentou a recebel-o. Igualmente se não apresentaram D. Luiz Sebastiá, *presbytero do Seo de Urgel*, que ganhou a ancora de prata *offerecida pelo sr. bispo de Vich;* D. Salvador Mir Casades, que obteve o *accessit;* D. José Pallés y Llordes, e D. José de Palau, que obtiveram os *accessits* correspondentes ao thema 5.º.

«O premio de umas taboas de marmore contendo o Decalogo, com uma imagem de prata do Sagrado Coração, *offerecido pelo prelado de Gerona*, foi para D. Pedro Nuet y Bové. Alcançou o *accessit* D. Casimiro Gomez y Vildósola, de Madrid.

«Ganhou o premio *do sr. bispo de Urgel* (um symbolo com a imagem de prata do Archanjo S. Miguel) *D. José Torras y Baijes, presbytero de Barcelona.*

«Mereceu o emblema de prata referente ao Coração de Jesus, *dado pelo bispo de Tortosa, o orador sagrado D. André Martorell*, que foi tambem mui applaudido. Ganharam dous *accessits* D. Francisco de Paula Rivas e D. Thomás Sucona Vallés, *conego do Sacro-Monte de Granada.*

«Ganhou a escrevaninha de prata *offerecida pelo centro diocesano do Apostolado da Oração* de Tarragona *o Padre Jesuita D. Nemesio Fons y Llubiá.* Tambem foi muito applaudida a sua composição.

«O sr. *D. José Peris y Pascoal, presbytero de Valencia*, obteve o *accessit* do thema 9.º e D. Francisco de Paula Rivas o do 11.º Aquelle senhor ga-

nhou, além d'isso, o pequeno estandarte de prata dourada da *Revista Popular*, e este a cruz de ebano com emblemas symbolicos de prata, *offerecida* pelo *Mensageiro do Sagrado Coração de Jesus*.

« Outros *accessits* lograram D. Manuel Sanches Iglesia, *alumno das Escolas-pias de S. Marcos de Leão*, e D. Henrique Garcia Bravo, jurisconsulto de Castellon de la Plana.

« O eminente poeta D. Jacintho Verdaguer, ganhou o premio da rosa de prata e ouro esmaltada, offerecida por um collegio de meninas e sua directora, pela sua poesia — *Lo somni de Sant Juan*. Foi lida esta poesia por D. Jaime Colell, no meio de estrepitosos applausos. Quando o nosso amigo foi receber o premio « os circunstantes — diz aquelle periodico — se levantaram em massa a applaudir freneticamente. »

« Outros *accessits* obtiveram D. José Garriga y Lliró, de Barcellona, D. Miguel Victoriano Amer e D. Nemecio Fons.

« Ganhou a corôa de louro, offerecida por um devoto, D. Domingos Vidal, *sacerdote das Escolas-pias de S. Marcos*. Os *accessits* foram para D. Pedro Villar, tambem d'aquelle collegio, e para o doutor D. José Péris.

« Obteve o lirio de prata D. Francisco de Rivas, e o *accessit* Dona Victoria Pena de Amer. O *accessit* de pintura foi para D. Romão Sarrió y Paya, de Valencia; a menção honrosa para D. Dionisio Baxeras, de Barcelona.

« Os *accessits* de esculptura foram para D. Ricardo Soria Fernando, de Valencia, e para os snrs. Vagnes e Comp., de Barcelona.

« O *accessit* para o hymno musical coube a D. João Carreras, organista. Alcançou tambem o

premio destinado á musica da canção popular, cujo *accessit* foi para D. Damião Andray y Sitjes.

«Pronunciou por ultimo um eloquente discurso o inspirado poeta D. Francisco Sanches de Castro, que obteve grandes applausos. Terminou esta memoravel festa pela benção apostolica, dada pelo Senhor Arcebispo.»

Ora aqui está como a Egreja e o seu Clero, fazendo servir as sciencias, as lettras e as Artes, ao culto da Religião, prestam ao mesmo tempo, valiosissimo serviço ás mesmas sciencias, lettras e artes.

CVI

Padre Honorati

A melhor noticia que posso dar d'este Padre italiano, que foi eximio cultor das nossas lettras, e deixou de si um dos maiores monumentos litterarios que um estrangeiro podia deixar em terra alheia, é transcrever *uma parte* do que d'elle disse o *Nov. Mens. do Cor. de Jes.* em seu numero d'outubro de 1881, por occasião do seu fallecimento.

Extrahirei, portanto, da citada *Revista* o seguinte:

«... o inolvidavel *Padre Honorati* para quem as lettras portuguezas contrahiram uma eterna divida de gratidão, como habilissimo compilador que foi do *Chrisostomo Portuguez*, auctor não menos solido que erudito dos magnificos prologos dos 4 primeiros volumes d'esta obra, assim como do precioso opusculo, *O Caracter Religioso dos Lusiadas de Luiz de Camões*, que tão grande e bem mere-

cida acceitação teve dos catholicos portuguezes por occasião do Centenario do nosso Epico.»

«O *Padre Antonio Honorati, da Companhia de Jesus*, natural de Ferentino, na Italia, antigo e aproveitado alumno da Universidade Gregoriana (*Collegio Romano*), que o *laureou em Theologia e em Philosophia*; antigo e mui estimado *professor de Rhetorica* n'um dos florescentes collegios da sua Ordem; *fundador ou primeiro Reitor do afamado Collegio de Itú*, no Brazil; missionario zeloso e incansavel n'aquelle imperio, onde os inimigos da Religião e da Companhia chegaram a dizer que era adorado pelos *matutos;* fundador ou promotor principal da fundação da bella egreja matriz de *Baixa Verde* (hoje *Villa do triumpho*)*; eloquente e applaudido conferenciador em Pernambuco, em Santa Martha de Lisboa, e nas cercanias do Porto......* ...eis o varão apostolico, o sabio, o amigo do Brazil e de Portugal, o cultor eximio das nossas lettras que acabamos de perder no tempo, tendo apenas 52 annos de edade.»

CVII

Um Padre architecto e archeologo

Quando, no anno passado, falleceu em Lyon o Padre *Pailloux*, fallaram d'elle os jornaes como sendo este *jesuita* um architecto e archeologo distincto, dizendo que fôra elle o que fizera o plano para a construcção do edificio da Universidade de S. José de Beiruth, etc., e que uma de suas obras mais importantes era a *Monographie du Temple de Salomon*.

CVIII

O Padre João Baptista Bombardó y Pujol

A excellente revista hespanhola *Dogma y Razon*, em seu n.° 31 d'este corrente anno, por occasião do fallecimento d'este *Jesuita* no *Collegio Maximo de Jesus*, em Tortosa, escrevia a seu respeito:

«Virtuosissimo e sabio, o *P. Bombardó* foi *o homem de todos e para todos*... Na Universidade de Barcelona *ganhou o premio de Licenciado em ambos os direitos. Explicou Canones e disciplina ecclesiastica* no Seminario de Salamanca, depois de haver occupado *as cadeiras de Geographia e Historia em Hagetman* (França). Em Veruela *desempenhou as cathedras de Theologia Dogmatica e Moral.*»

CIX

Um Frade Agostinho condecorado pelos seus serviços nas Philippinas

Lia-se no *Nov. Mens.* d'Abril de 1887:

«O governo hespanhol acaba de condecorar com a cruz de Izabel a catholica, livre de gastos, o *Rev.° P. Fr. Fernando Llorente, agostiniano*, missionario das Philipinas, pelos grandes trabalhos publicos, que ha emprehendido e dirigido com inexcedivel intelligencia e actividade — *egrejas, pontes, calçadas, um cemiterio monumental com sua grande capella*, etc.

CX

Missionarios com direcção a Assal

«No ultimo sabbado partiram d'aqui (*diz um jornal de Napoles*), com direcção a Assal, 3 missionarios capuchinhos, sustentados e fornecidos de tudo pelo governo italiano (note-se!) para *fundar escholas* e educarem os indigenas n'aquellas afastadas regiões.»

(*A mesma citada Revista do mesmo mez e anno*).

CXI

Influencia da Egreja no Direito internacional

Segundo se lia na Revista Hespanolla «*Dogma y Razon*» em 1887:

«Na Academia de Jurisprudencia de Barcelona pronunciou a 19 de fevereiro do mesmo anno o dr. Magin Plá y Soler um notabilissimo discurso sobre a *influencia do Catholicismo no direito internacional*, no qual demonstrou com toda a clareza e abundantes documentos como a religião catholica *fundou tão importante ramo do direito, como o tem sustentado em seu desenvolvimento;* tem assignalado os escolhos a que o conduziram as escholas modernas, e estabelecido bases firmissimas para que alcance o ideal do seu objectivo. Debuxou com mão de mestre as epochas mais notaveis da *influencia pontificia na direcção dos povos;* e poz em relevo com profundidade philosophica as doutrinas que

relativamente ao direito internacional estabelecera o grande Pio IX no seu immortal *Syllabus*, e o sabio Leão XIII em suas memoraveis Encyclicas. A Revista *Dogma y Razon* dá-lhe merecidos parabens pela *profundidade e amor scientifico com que tratou o assumpto.*»

CXII

Anatolio de Barthelemy

«*Um bom catholico*, o Sr. *Anatolio de Barthelemy*, mestre em *todos os ramos de critica historica*, acaba de ser nomeado *membro da Academia de Inscripções e bellas lettras em Pariz*. Mais um testimunho em favor da these desenvolvida por Leão XIII da união da fé e da sciencia.»

(*N. Mens.* de Março de 1888.)

CXIII

Expedição missionaria

Lia-se no *N. Mens.*, de Abril de 1887:

«No paquete *S. Thomé* partiram hontem para Angola tres missionarios, vindos do collegio do Espirito Santo, de Braga; 4 irmãos auxiliares, da mesma procedencia; 3 irmãs hospitaleiras do Instituto asylado no convento das Trinas, de Lisboa; e 5 irmãs da missão do Instituto estabelecido no convento de Santa Thereza, de Carnide.»

«Os missionarios vão: um, para a missão de Huilla, e será, *por seu saber em sciencias naturaes,*

de grande auxilio para aquella esplendida missão, *de que fallam com grande louvor os nossos exploradores Capello e Ivens, no seu livro recentemente publicado;* dois para Loanda em auxilio do Prelado, que pede com instancia pessoal competente, porque em Loanda só tem dois sacerdotes em exercicio.»

«Dos quatro irmãos, vão tres para Huilla, *para praticar e ensinar agricultura e officios mechanicos;* e o quarto para Landana, *reger uma cadeira de instrucção primaria.*»

«As tres irmãs hospitaleiras vão para o hospital de Loanda, reforçar as seis que já alli teem prestado apreciaveis serviços, transformando o regimen do tratamento dos doentes com grande economia e bom conforto d'estes. As cinco irmãs da missão vão para Mossamedes reunir-se a outras cinco que já lá estão desde 1885 e 1886.»

«As obras já principiadas e a iniciar por estas irmãs, são a *direcção da escola official* de Mossamedes; de um internado *para educação das filhas dos colonos das cercanias; e mesmo de outros districtos da provincia;* e de um asylo de raparigas indigenas, isto em Mossamedes. D'estas irmans, tres ou quatro sahirão para Huilla, onde lhes está preparada casa *para outro asylo semilhante.*»

«Estas raparigas indigenas são destinadas a formar familia christã e civilizada, cazando com os rapazes *educados na missão de Huilla.* Depois, quando houver uns vinte cazaes, irão estes *formar uma povoação* nas proximidades, *em logar conveniente para culturas diversas.* Uma parte d'esses rapazes levam da missão *conhecimentos agricolas, e outros o de artes e officios.*»

«Com effeito d'esta vez, graças a Deus, algo se pode elogiar o governo pelo que fez e pelo que

deixou fazer; mas o que é *isso* em comparação do que faziam os governos d'outras eras quando a ninguem causava pasmo sahirem do Tejo expedições de 40, de 50, e até de mais missionarios para as nossas colonias? O que é *isso* para o que se precisa?... »

« E quantas vezes se tem *isso* feito desde ha 50 ou mais annos? E quando se tornará *isso* a fazer?... »

CXIV

O Padre Girard

Foi este Padre (dizia o *N. Mens.* de junho de 1882) celebre *descobridor d'aguas*, bem conhecido em toda a Europa, e membro de grande numero de associações scientificas.

CXV

Os alumnos das «Escholas Christãs» de Tournais

Lia-se no *Courrier de L'Escout*, em 1887:

« Os alumnos dos *Irmãos das Escholas Christãs*, de Tournais *(na Belgica)* que foram em numero de 52 ao concurso cantonal, obtiveram um resultado talvez *unico* nos annaes escholares. »

« *Todos os 52 obtiveram premios*. Além d'isso, de 32 alumnos *dos mesmos mestres religiosos*, que tomaram parte no concurso facultativo sobre *sciencias naturaes e formas geometricas*, 15 obtiveram *o maximo dos pontos !* »

CXVI

O Jesuita P. Perry

Muitos jornaes estrangeiros noticiaram em 1887 que o Jesuita *P. Perry*, eminente astronomo, fôra *agraciado com um titulo honorifico* pela Universidade real de Inglaterra.

CXVII

Bossuet

É muito conhecido e admirado *Jacques Bénigne Bossuet*, bispo de Meaux, para me deter a exaltar n'elle a illustração do Clero; mas tambem fôra muito para extranhar que, nem sequer em rapido adejo, passasse n'estas paginas a *aguia de Meaux*, como lhe chamaram.

E não serei eu, será o illustre Cardeal *Maury*, e um eximio critico, *M. A. Boniface*, que nos digam o que foi *Bossuet*. Começarei pelo Cardeal, que disse d'elle, emparelhando-o com Demosthenes, o mais e melhor que se podia dizer, no seguinte elevado e brilhante parallelo, que parece inspirado pelo proprio genio do digno objecto de taes louvores:

«O nome de Demosthenes, excitando a minha admiração, recorda-me aquelle de seus emulos, que com elle tem mais similhança, o homem mais eloquente da nossa patria. Representemo-nos um de esses oradores que Cicero chama vehementes e como que tragicos, dotados pela natureza da soberania

da palavra, e, arrebatados por eloquencia sempre armada de dardos ardentes como o raio, se elevam acima das regras e dos modelos e levantam a arte a toda a altura das suas proprias concepções; um orador que por seus arrojos sobe até aos Ceus, de onde desce com seus vastos pensamentos, engrandecidos ainda pela Religião, para se assentar á beira d'um tumulo, e abater o orgulho dos Principes e dos Reis deante de Deus, que, depois de os haver distinguido na terra, durante o rapido instante da vida, os entrega todos ao seu nada, e os confunde para sempre no pó da nossa origem commum; um orador que mostrou em todos os generos que inventa ou que fecunda, o primeiro e mais bello genio com que nunca se illustraram as lettras e que se póde pôr com justa confiança á frente de todos os escriptores antigos e modernos, que mais honra fizeram ao espirito humano; um orador que cria uma lingua tão nova e tão original como as suas idéas; que dá ás suas expressões tal caracter de energia que quando o lemos ainda cuidamos ouvil-o, e ao seu estylo tal magestade de elocução, que o idioma de que se elle serve parece mudar de natureza e divinisar-se de algum modo sob a sua penna: um apostolo, que instrue o universo chorando e celebrando os mais illustres entre os seus contemporaneos, que faz com que elles sejam, de dentro dos seus ataúdes, os primeiros instruidores e moralistas mais auctorisados de todos os seculos; que derrama a consternação á roda de si, tornando, para assim dizer, presentes os infortunios que descreve, e que lastimando a morte d'um só homem, mostra completamente nú todo o nada da natureza humana; emfim, um orador cujos discursos inspirados ou animados pelo enthusiasmo mais vivo, mais original, mais vehemente, e mais subli-

me, são, n'este genero, obras absolutamente unicas, obras em que, sem guias nem moldes, attingiu o limite e a perfeição das obras classicas, consagradas, de alguma maneira pelo voto unanime do genero humano, e que se devem estudar incessantemente, como nas artes se vae formar o gosto e o talento a Roma, meditando as obras-primas de Raphael e de Miguel Angelo. Eis ahi o Demosthenes francez! Eis ahi Bossuet! Pode applicar-se a seus escriptos oratorios o memoravel elogio de Quintiliano ao Jupiter de Phidias, quando disse que tal estatua ampliava a religião dos povos.»

Maury.»

*

Deixemos agora fallar o eminente critico *M. A. Boniface.* Diz elle:

«Tendo sido nomeado mestre de Luiz XIV, compoz para instrucção de seu real discipulo o seu immortal *Discurso sobre a historia universal*, no qual contempla de tão alto e com tão larga vista todos os acontecimentos que se passam na terra. Mostra-nos uma lei na successão dos factos historicos; faz-nos ver a unidade no seio da variedade, e a ordem na apparente confusão dos actos da humanidade. Esta lei é a Providencia; este pensamento unico, cuja variedade de factos é sua manifestação é o estabelecimento da religião christã na terra. A execução d'este quadro historico é tão perfeita, quanto a sua primeira ideia é grande, verdadeira e sublime. As *Orações funebres* de Bossuet foram pronunciadas em differentes tempos; e nunca palavras mais solemnes e mais terriveis ressoaram sob a abobeda dos templos, diante de um altar e d'um tumulo; nunca o nada das grandezas

humanas e a vaidade de todas as coisas da terra, foram expostas com tamanha força e verdade.»

CXVIII

Ainda Leão XIII e a instrucção

De uma excellente revista religiosa, que se publica em Tolosa, e a que já me referi, do seu n.º de julho de 1881, traslado agora os dois seguintes pequenos artigos, que testemunham a sollicitude do actual pontifice pela instrucção:

«Tres grandes Academias Pontificias: a dos *Nuovi Lincei*, para as sciencias; a da Archeologia, e a dos Arcades, para a litteratura, justamente celebres por seus doutos trabalhos e pelos personagens illustres que d'ellas fazem parte, tinham sido espoliadas de suas rendas pelo governo italiano. Por isso, viam-se obrigadas, desde 1870, a terem sómente residencias provisorias, sem poderem contar com o dia de amanhã, e privadas assim da tranquilidade e da estabilidade, que requerem os altos estudos. Mas Leão XIII acaba de as encher de novas liberalidades. Deu-lhes para residencia os aposentos do palacio Sinibaldi, não longe do Pantheon e da Minerva, no centro de Roma. Alli, graças á protecção e á munificencia do Papa, terão cada uma suas salas para as sessões academicas, para as suas bibliothecas, e seus archivos.»

«— O celebre historiador D. Pedro Balan, sub-archivista da Santa Sé, annunciou, n'uma recente sessão da Academia da Religião Catholica, que, sob os auspicios e com a munificencia de Leão XIII, hia emprehender a publicação d'uma notavel parte dos *Regesta Pontificia*, para o fim de esclarecer so-

bretudo, por documentos ineditos, a historia dos Estados da Egreja e da Italia. Os *Regesta Pontificia* é uma admiravel collecção de cartas, bullas e decretos dos Papas, em fórma, até ao fim do ultimo seculo, um conjuncto de mais de 4:000 volumes. Mui ricos thesouros de erudição podem ser explorados n'este arsenal immenso de documentos para *refazer a historia*, segundo a phrase de *De Maistre* e para confundir as calumnias accummuladas pelos inimigos da Egreja.»

CXIX

Os Nerys ou a Congregação do Oratorio em Portugal

Aquelle sollícito e bom ecclesiastico, meu amigo, a quem já alludi na *Introducção*, suppondo, com razão, que eu me não quereria esquecer n'estes apontamentos dos Oratorianos, que tanto honraram as letras patrias, veiu mais uma vez em meu auxilio, mandando-me o seguinte artiguinho, cortado do *Diario de Noticias* de 17 de julho proximo passado:

«Julho 16

«E' instituida em Portugal a congregação do Oratorio

«O padre Bartholomeu do Quental, um dos nossos mais distinctos oradores sagrados, foi quem introduziu no nosso paiz a congregação do Oratorio, a qual S. Filippe Nery creára em Roma pelos annos de 1550.»

«A congregação portugueza teve o seu principio a 16 de julho de 1668, no collegio, hoje edificio da Boa Hora, que ficava ao fundo da rua Nova

do Almada, esse sitio então chamado Fangas da Farinha.»

«Os serviços prestados *ás sciencias e ás lettras pelos padres do oratorio* mereceram aos srs. Castilhos, Antonio e José, a seguinte apreciação: «Nenhuma corporação regular, teve nunca proporcionalmente, maior nem sequer egual numero de sujeitos extremados, pela justeza do seu viver, *profundidade e variedade da sua doutrina;* foi desde a origem n'este reino até aos ultimos dias, de uma tradicção ininterrupta de justos, *doutos* e *sabios.*»

«Desde os *rudimentos das humanidades até aos cumes da eloquencia, da historia, da theologia, da physica e da mathematica, não ha ramo que se lá não cultivasse memoravelmente e de que não ficassem padrões indeleveis e numerosos nas escolas, nas bibliothecas, nas academias.*»

São bons testemunhos, não ha duvida; e o do *Diario de Noticias,* dizendo os outros muito, e com outra auctoridade, tambem, *de certo modo,* diz bastante.

Mas eu tambem no meu opusculo *Os Frades,* deixei archivados dois de grande valor, e que vou reproduzir aqui.

E' o primeiro uma carta do distincto publicista *Silvestre Pinheiro,* que fôra congregado do Oratorio, escripta de Paris ao Superior da Congregação em Lisboa; e o segundo um trecho do livro do meu fallecido contemporaneo na Universidade de Coimbra, *Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos,* extrahido do seu opusculo *Glorias Portuguezas.*

Eis a carta: [1]

[1] Vem na 2.ª edição do livro do snr. Pedro Diniz.

«Ao M. R. P. M. o senhor Fernando Garcia da Congregação do Oratorio.»

«Na Real casa de Nossa Senhora das Necessidades.»

Lisboa.

«Pariz, 4 d'outubro de 1826.

Rev.^mo Snr.

«Sempre que me tem sido possivel, tenho assignalado por algum acto externo este dia 4 do presente mez, por mim consagrado á saudosa memoria da Congregação, de 35 annos a esta parte.»

«He n'esta mente que tomo hoje a penna para offertar a essa Livraria por mão de V. R.ª os dois opusculos appensos, cuja doutrina he fructo das lições que ahi ouvi aos nossos doutos Mestres, e do que colhi da leitura do precioso thesouro de antigos e modernos Autores hoje confiados á guarda de V. R.ª»

«Os meus sentimentos ahi formados têem sido até agora invariaveis; possam elles merecer-me o titulo de digno filho d'essa Congregação, a que jámais deixei de estar unido por gratidão e affecto, posto que resignado aos decretos da Providencia, tenho seguido no proceloso mar do seculo em que tanto a meu pesar voltei, os varios rumos que em seus altos destinos ella me havia determinado.»

«A parte que V. R.ª tem n'este meu geral affecto a todos os nossos, não lhe he desconhecido; queira pois acceitar a que lhe cabe n'este fraco testemunho que hoje lhe dirijo da sinceridade e constancia, com que, recommendando-me á lembrança de todos em geral, e particularmente aos que V. R.ª sabe, me conservam mais particular

affecto, peço sobretudo a continuação do de V. R.ª de quem sou

o mais affectuoso obr.º,
e grato venerador e am.º
Silvestre Pinheiro.

*

Eis o trecho:

«*Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos*, no seu opusculo *Glorias Portuguezas* occupando-se da vida de *Silvestre Pinheiro*, diz, no tomo I, a pag. 3 e 4, o seguinte:

«Entrou o sr. Silvestre Pinheiro aos quatorze annos de edade na congregação do oratorio, que então florescia em varões eruditos e virtuosos, destinado a seguir a profissão ecclesiastica. Os padres mais graves d'aquella casa foram logo os seus melhores amigos, e entre elles o padre Foyos, principal director dos seus primeiros estudos philosophicos; e sobre qualidades naturaes tão excellentes assentou a boa educação alli recebida, e o trato com aquelles homens tão cultivadores das sciencias, que logo desde os primeiros annos appareceram dois testimunhos do seu engenho, estudo e aproveitamento.»

CXX

Missões da Companhia de Jesus no Oriente (no anno de 1883)

Lia-se no *Monde Hebdomadaire* de 3 de Março de 1883:

«Tomaram n'estes ultimos annos um desenvolvimento consideravel e providencial, como se

póde julgar pelos factos seguintes e reflexões naturaes que elles inspiram.»

«I. —No Egypto, a nação cofta não tinha nenhum estabelecimento especial para o recrutamento e preparação do seu clero, aliás bem pouco numeroso. A *Propaganda* quiz encher esta lacuna *e instituiu um pequeno seminario cofto* no Cairo, confiando *a sua direcção aos missionarios da Companhia*. Uma colonia d'estes religiosos veio de Beyruth em 1879, e segundo os desejos de Roma juntou ao pequeno seminario *um collegio destinado a receber tanto europeus como indigenas*. Por occasião da guerra contava-se *uma centena de alumnos*, doze dos quaes seguiam o curso do seminario—collegio da *Santa Familia*. Depois dos ultimos acontecimentos reabriram-se as aulas, e os seminaristas, assim como os outros alumnos, *augmentaram em proporções consoladoras*.»

«No anno passado (1882) *abriu-se uma segunda casa* em Alexandria. A imprensa catholica referiu por quantos soffrimentos passaram os dois padres que occupavam a nova residencia. Esta fundação ha sido entre todas marcada com o sèllo da prova: estes começos promettem conceber sobre o futuro de Alexandria as mais solidas esperanças. Eis que no mesmo anno (4 de novembro) *já abriram os Jesuitas um novo collegio*—de *S. Francisco Xavier*—na mesma cidade.»

«II.—A *Syria* conta agora *mais duas casas* do que em 1881,—a de *Homs* e a de *Horan*. Homs é a antiga *Emesa*, e está situada entre Damasco e Alepo, no caminho de Tripoli a Palmyra. Uma população grega assaz numerosa ahi se encontra misturada com a população musulmana. Esta missão, que é a mais antiga da Companhia n'estas partes, dá as melhores esperanças e *tem varias es-*

cholas. Ao sul de Damasco, no Horan, paiz dos druzos, onde tambem se encontram gregos, e entre elles um bom numero de catholicos, os missionarios escolheram, *para ahi estabelecer escholas*, á falta de cidades, as populosas aldeias de Kabab, Tebné, Nedjeran, e El Hit. Querem, logo que lhes seja possivel, *multiplical-as* nos lugares principaes d'este interessante paiz.

«III. — A terceira parte da missão — a *Armenia* — compõe-se inteiramente de postos novos. Em maio de 1881 inaugurou-se uma casa em Constantinopola. Depois começaram-se as missões de Amasia, Marsivan, Tokat, Siwas (Sebaste), Adana, e trabalha-se n'este momento na abertura das duas ultimas estações de Kaisarick e de Angora.»

CXXI

A Egreja e a Instrucção publica

Um concilio de Paris *(diz a Historia Universal de C. Cantu, trad. de M. B. Branco, vol. VI, pag. 66)* instou com Luiz, *o Pacifico*, para que «*abrisse escholas publicas, ao menos, nas tres cidades mais importantes do reino.*»

O mesmo referido e preclaro historiador, diz ainda na mencionada *Hist. Univ.* e no mesmo vol. e pag.:

«O concilio de Aix-la-Chapelle ordenou que *os conegos fossem instruidos em todos os ramos da sciencia*, e que um d'elles, de doutrina e virtude superiores, velasse sobre as creanças que frequentavam *a eschola* da cathedral. Eugenio II recommendava em um concilio aos bispos e curas que *instituissem* escholas onde instruissem *gratuita-*

mente nas sciencias divinas e humanas. Cumpre portanto ouvir as queixas que faz o concilio de Roma, em 823 a respeito da falta de mestres n'esta mesma cidade, que era então o *fóco do saber:* Participaram-nos de differentes logares que deixam faltar ao estudo das lettras os professores e a attenção. Que empreguem por conseguinte a maxima diligencia em estabelecer junto de cada egreja episcopal, nas parochias e n'outras partes, *professores e mestres, que ensinem assiduamente as lettras, as artes liberaes e os dogmas divinos.* Se com tudo não for possivel encontrar nas parochias pessoas idoneas para professarem *as artes liberaes,* que haja *pelo menos* em toda a parte alguem para ensinar a Santa Escriptura e o officio da Egreja.»

«De todos os lados *os concilios repetiram as mesmas recommendações;* o de Valencia attribue á longa interrupção dos estudos a ausencia da fé e da doutrina nos logares santos; o de Kyersy-sur-Oise exhortava Carlos o Calvo a reanimar *a instrucção no seu palacio;* o de Savonnieres fallava *em favor da litteratura profana, cuja harmonia com as sciencias divinas,* protegida outr'ora pelos imperadores, *tinha derramado tantas luzes na Egreja;* n'este intuito appellava *para a sciencia dos principes e dos bispos,* afim de que a santa interpretação das Escripturas não se perdesse irrevogavelmente. O concilio de Roma, convocado em 1078, renovou a ordem aos bispos *de terem uma eschola para as lettras.*»

«Faz-se menção, por esta epocha, *de escholas d'artes liberaes e de direito em Pavia; de theologia em Parma; de duas escholas de philosophia sustentadas pelo arcebispo em Milão, e outras tambem em Liège. S. Brunon fundou uma em Langres, para a philosophia, theologia e litteratura.* Em Fécamp,

na diocese de Rouen, *havia-as em que admittiam internos e externos, e os estudantes pobres recebiam soccorros n'estas ultimas. A musica, o canto, as bellas artes e as mathematicas eram ensinadas em Dijon ;* Paris tinha *uma eschola de theologia onde professaram Ludolfo de Novara e Bernardo de Pisa,* e muitos italianos alli foram estudar, entre outros Alexandre II, Gregorio VI, Edestino II, Leão IX, Estevão IX e Urbano II».

*

Ouçamos o mesmo eminente historiador *Cantu* n'outro logar da mesma sua *Hist. Univers.:*

« A lei de perfeição do christianismo reage da Egreja na sociedade. Soffrendo e combatendo, a Egreja tende sem interrupção a assimilar-se o que a rodeia e a conquistar os conquistadores; só ella tinha noções bem determinadas a respeito dos governos e da moralidade; não considerava as nações, mas os homens, e proclamava-os eguaes, por serem todos creaturas de Deus; livres, por serem todos servos de um Senhor bem superior aos da terra. A Egreja sentiu quanto importava civilizar a Germania: era o unico meio de deter essa multidão de barbaros, que, desde tantos seculos, se arrojava da Asia sobre a planicie septentrional sem defeza. Introduziu-a portanto na sociedade, obra difficil que não pudera ser executada pela Roma dos imperadores; *fundou alli cidades, ensinou a agricultura, promulgou uma lei de moralidade individual, e de perfeição domestica.* Ambiciosa de conquistar almas e de possuir intelligencias, conseguiu no anno 1000 fazer christã a maior parte da Europa. Fez conhecer a Hungria, a Polonia, os tres reinos da Scandinavia e a Russia, e recebe-os no seio da socie-

dade policiada, marcando-os com o signal da cruz; depois *envia-lhes as artes e as letras com missionarios que avançam sem ambição*, sem outras armas além da virtude, dos exemplos e do amor do bem.»

CXXII

Schwartz

«Attribue se geralmente na Europa a invenção da polvora ao *frade Schwartz*, que a descobriu por acaso em consequencia da explosão de uma mistura de enxofre, salitre, e carvão, que estava pizando n'um almofariz, isto no anno de 1350. Comtudo ha razões para crêr que já em 1294 conhecia *(o monge inglez)* Rogerio Bacon os effeitos d'esta composição.»

....

(*Panorama*, de 14 de julho de 1838.)

CXXIII

Fr. Jeronymo da Azambuja, o celebre Oleastro

«Fr. Jeronymo da Azambuja, portuguez foi theologo de D. João III no Concilio tridentino: escreveu um commentario sobre o Pentateuco, em que prova que S. Jeronymo não traduziu bem o primeiro capitulo do Genesis.»

(*Idem*, de 6 de fevereiro de 1837.)

CXXIV

Padre José Agostinho de Macedo

Foi o *Padre José Agostinho de Macedo* varão douto e de raro engenho, que nos deixou monumentos litterarios de subido valor, onde podemos admirar como era peregrino o seu talento, e vastos os seus conhecimentos; podendo, affouta e desapaixonadamente, ser considerado um dos ecclesiasticos mais sabios, e dos mais fecundos escriptores que, ultimamente, houve entre nós. Com o esquecimento e com a injustiça se tem vingado seus adversarios *politicos* na memoria *litteraria* de *José Agostinho:* tão grande era, porém, seu merecimento, que, mediando poucos annos entre a sua morte e o triumpho obtido pelos seus contrarios, [1] já em 1840, se pôde levantar uma voz justiceira, escrevendo, no *Panorama* de 18 de janeiro d'aquelle anno, por occasião de fallar de *Newton*, que foi objecto d'um Poema de *José Agostinho*, as seguintes linhas: ...«longo seria o particularisar os tra-«balhos scientificos de Newton: mas como em «nosso idioma temos um Poema em louvor d'este

---

1. A sua penna *politica* frequentemente os estimulara com a exaltação de suas ideias, e, mais ainda com a violenta intemperança de sua linguagem. — Assim como francamente, *e em publico*, lhe condemnei sempre estes excessos; tambem não quero, *por haver militado no meu campo*, commetter hoje a covardia de me esquecer d'elle, não lhe exaltando as muitas lettras.

Mercê de Deus (e n'este mesmo livro se póde vêr), nunca neguei justiça ao valor *litterario* de ninguem, aferindo-o, no meu conceito, pelas suas *ideias politicas.*

«assombroso engenho, tambem seria omissão cul-
«posa se não transcrevessemos aqui alguns versos
«que podem completar o elogio do insigne philo-
«sopho; mórmente quando *o auctor do Poema,*
«*pela inveja de muitos, e ignorancia de não poucos,*
«*está hoje desprezado, apezar* de ser contempora-
«neo, e *de ter dado á estampa livros, que a poste-*
«*ridade apreciará imparcialmente...*»

CXXV

Pio IX e o Esculptor Josué Melli

No jornal «A Nação» de 17 d'outubro de 1874, lia-se o seguinte

«O *Echo de Roma* dá uma noticia que muito depõe a favor da protecção que a Santa Sé tem dispensado, dispensa e dispensará sempre ás bellas artes. Agora que tão boas bibliothecas se estão destruindo em Roma, não póde deixar de chamar a attenção d'um modo especial o rasgo de Pio IX que em seguida vamos relatar:»

«Ha em Roma um afamado artista, chamado Josué Melli, que tendo mais genio que fortuna se vê na necessidade de procurar quem lhe compre uma estatua para poder dedicar-se a fazer outra.

Ultimamente conseguiu terminar um «Christo preso á columna,» que, segundo a opinião de todas as pessoas que o viram, é de grande e verdadeiro merito. Precisou de vender sua obra; mas para isso era preciso que um grande senhor, um rei ou opulento banqueiro lh'a comprasse. Mas que banqueiros opulentos ou que reis piedosos pensam hoje em comprar uma magnifica estatua que representa a Christo na columna?

«O mundo moderno» não vae por este caminho. Por este motivo o celebre artista se affligia ao contemplar sua obra, lembrando-se de que, como a Egreja é hoje tão pobre, não podia ser elle tão feliz como muitos outros artistas que nos seculos passados o precederam.»

«Victor Manuel tinha ouvido fallar do artista e de sua estatua; mas a politica do seculo XIX, que tanto se occupa em destruir as bibliothecas de conventos, não lhe permitte pensar na acquisição de estatuas representativas da paixão do Salvador. Pio IX, pelo contrario, não obstante sua prisão e sua pobreza, desejando estimular e premiar d'algum modo, do unico modo que lhe era possivel, o artista Melli, o chamou, consolou-o e além d'isso lhe deu *trinta mil francos* por sua estatua. Isto provou ao artista e mostra ao mundo que a Egreja, se bem que perseguida, se bem que encontrando-se no calix da amargura, tem e terá sempre a protecção para o merito.»

«Esta estatua poderá ser muito breve admirada por todos os catholicos que vão a Roma em peregrinação, porque Sua Santidade ordenou que seja collocada na *Escada Santa*, em S. João de Latrão.

*

Estava eu fóra de Lisboa, quando a *Nação* publicou o que deixo transcripto; chegou-me porém lá onde estava o jornal, e deu-me motivo para uns versos, que intitulei *O Esculptor e o Papa*, e que fôram publicados (além de o serem n'aquelle jornal) na 2.ª parte d'um volume que sahiu á luz com o titulo de *Canções da Tarde*. Seja-me agora permittido trasladar aqui, ao menos, alguns d'esses ver-

sos, como pessoal homenagem minha ao Papa Pio IX, de veneranda e saudosa memoria.

Eis, pois, a ultima parte d'elles:

« Mas ai!... Mas que importa, poeta sublime,
Do escopro o milagre, se crias em vão?
Não sabes, acaso, que a crença hoje é crime,
Que um genio de crenças não tem hoje pão?

Ai! Onde os Monarchas, Egrejas, Mosteiros,
Que á estatua d'um Christo, nos lances da dôr,
Da Fé e das Artes, no culto, os primeiros,
Sollicitos venham dar preço e valor?

E, triste, contempla a estatua, qual rosa,
Que, inutil, n'um êrmo, recende sem par!..
Oh! Roma, foi Roma, rainha piedosa...
Se a Egreja é captiva, que tens que buscar?

Artista, vens tarde! Não tens, não descobres
Quem preze tua obra, quem olhe por ti...
Além, são os crentes; mas esses são pobres...
Ricos mas descrentes, são estes aqui!...

Por isso, de mingoa bem triste, suspiras,
Olhando o teu Christo, que é surdo ao teu ai...
Quebradas, dispersas, bem vês, são as lyras,
Que tinham nas cordas os sons do Sinay!...

Debalde, na imagem do amor e da esp'rança,
Cançado, na lucta, de sombras, só vêr,
Debalde essa vista, debalde descança;
Que logo a escurece teu duro viver!...

E ambas se erguem, na dôr sem conforto,
As duas estatuas, sósinhas assim....
Uma, porque vira, de novo, o seu Horto;
Outra, porque espera, já breve, o seu fim!...

Debalde?!... Que dizes?... Maldito o que seja
Descrido n'esta hora, n'esta hora sem Fé!...
Captiva, mas vive, na dôr vive a Egreja,
Tu vês o Captivo e a Cruz inda em pé!...

Vae lá Miguel Anjo! Vae prostras-te ao Solio...
Foi sempre, bem sabes, e ainda hoje será
Da luz e das Artes melhor Capitolio
Que todos da terra... Não tens outro cá!

Já parte... lá entra... dirige-se ao Cedro,
Em torno açoutado das vagas do mar...
Mal sabe do caso, levanta-se Pedro,
Levanta-lhe o animo, ensina-lhe a esp'rar!...

Do pão que recebe, de esmola, Coitado!
Ao novo Canova dá largo quinhão...
Que bençãos do artista! Cá chega o seu brado,
Nas azas do vento, que diz — gratidão!

E o mundo, mais grato, de Pedro proclama,
Da Egreja, constante, perpetuo fulgor,
E' Cedro, que mesmo despido da rama,
A's artes dá sombra, dá vida e amor! »

CXXVI

Frei Hugo, mais conhecido pelo nome de Cardeal Hugo

O *Frade dominicano*, chamado Hugo, mais conhecido por Cardeal Hugo, foi o primeiro que escreveu uma concordancia da Biblia latina, e para fazer as referencias e citações, viu-se obrigado a dividir cada livro em secções e subdivisões. As secções por elle feitas são os capitulos, em que hoje dividimos a Biblia; mas as suas subdivisões, que eram marcadas de espaço a espaço por uma letra do alphabeto, foram depois abandonadas.

(*Panor*. de 6 d'Outubro de 1838).

CXXVII

O doutor Diogo de Paiva d'Andrade

«O dr. *(Padre)* Diogo de Paiva d'Andrade, foi muito moço entregue aos cuidados de Fr. Luiz de Montoya, chamado o *veneravel*, que o educou até aos 14 annos, tempo em que passou para o collegio dos Agostinhos de Coimbra, onde estudou as linguas latina e grega, a philosophia e ultimamente a theologia, que n'aquella epocha era a mais interessante parte do saber humano. Applicando-se á lingua hebraica pôde com proveito entregar-se a uma repetida e meditada leitura da Biblia, e este mesmo estudo transluz nos sermões que nos deixou, onde muitas vezes mostra algum desvanecimento da sua pericia n'aquelle idioma. Mandado por el-rei D. Sebastião, como theologo seu, ao Concilio de Trento, contando apenas 33 annos de idade, alli se distinguiu *pela profundeza dos seus conhecimentos*, e o encarregaram de apresentar o quadro das opiniões das igrejas protestantes, o que fez com geral approvação, bem que se mostrasse algum tanto diffuso.

«Era a casa de Paiva de Andrade o logar em que se reuniam para conferenciar os prelados e theologos que assistiram áquelle celebre Concilio, e alli se decidiam quasi todas as questões.»

(*Idem*, de 13 de Maio de 1837).

CXXVIII

Fr. Miguel de Contreras

Lia-se no *Diario de Noticias* de 18 d'Agosto do anno de 1888:

Agosto 15

Instituição da Misericordia de Lisboa.

«Quando o nosso rei D. Manoel e sua esposa a rainha D. Isabel foram a Hespanha para serem alli reconhecidos e jurados por principes herdeiros da corôa de Castella e Aragão, ficou encarregada do governo do reino a rainha D. Leonor, viuva de D. João II, e foi durante o curto periodo d'essa regencia que em Portugal foi creada a bella e santa instituição da misericordia.»

«Fr. Miguel de Contreras, castelhano, religioso trinitario e confessor da rainha D. Leonor aproveitou-se do valimento que tinha junto da regente, para pôr em pratica o projecto que havia concebido de fundar uma confraria que com o titulo de misericordia exercesse a caridade em toda a plenitude.»

«A essa confraria, que foi instituida no dia 15 de agosto de 1498, na capella de Nossa Senhora da Piedade nos claustros da Sé de Lisboa, deu o benemerito fundador por fim dotar e casar donzellas pobres, amparar viuvas necessitadas, curar de orphãos desamparados, tratar de enfermos desvalidos, enterrar os mortos em miseria, ajudar os peregrinos infelizes, resgatar os captivos sem recursos, prover ao sustento dos presos, defender no fô-

ro as suas causas e sollicitar do soberano o seu perdão e finalmente acompanhar e confortar os padecentes no transito para o patibulo.»

CXXIX

A Egreja e a civilisação, julgadas por um protestante

Não ha-de faltar n'estas paginas o depoimento imparcial de M. Guizot; de M. Guizot protestante; mas de M. Guizot, illustre historiador, dotado de uma forte rasão, alta intelligencia e muitos conhecimentos. Virá, pois, M. Guizot depôr, insuspeitamente, dos serviços prestados pela Egreja, por meio do seu clero, á civilisação e ao progresso da humanidade.

Do seu livro notavel que se intitula *Essais sur l'Histoire de France* darei aqui alguns excerptos.

Fallando da invasão dos Barbaros do norte nas Gallias pela queda do Imperio Romano, diz:

«Antes da vinda dos Barbaros, o poder do Clero era só o que permanecia em pé, nas ruinas do Imperio; augmentava mesmo cada dia mais. Além das provas directas e positivas que isto attestam, n'um grande numero de factos, como a riqueza das egrejas, a influencia do Clero nos espiritos, a administração municipal quasi inteiramente nas mãos dos Bispos, etc., ha uma prova indirecta, que, em caso de necessidade, suppriria todas as outras: é o cuidado com que se procurava entrar no Episcopado.»..........................

....

«O estabelecimento do poder germanico nas Gallias, longe de diminuir o poder do Clero só

serviu para o augmentar. Tem-se fallado muito das vantagens que elle tirou da conversão dos conquistadores. Não contesto o ascendente que a religião christã adquiriu rapidamente no espirito dos Barbaros. Dirigia-se ella aos instinctos moraes, que os mais brutaes costumes não podem suffocar, despertava ideias e sentimentos que podem parecer novos ao homem, mas que nunca lhe são extranhos; agitava e resolvia questões que preoccupam a imaginação confusa e movel do selvagem como o pensamento do philosopho; e que o homem traz em si mesmo, que o presegue em todos os gráos de civilisação como em todas as condições da sociedade. Pouco importa que os dogmas do christianismo não fossem, para os novos convertidos, assumpto de longas meditações, que os seus preceitos, só reformassem pouco a ferocidade de seus habitos, e a violencia de suas inclinações. Prégava-se-lhes uma fé, uma lei, que assombrava e revolvia toda a sua natureza moral, que affrontava a força material, e fallava com auctoridade aos vencedores. Foi esta, por certo, no meio d'estes homens grosseiros, a primeira fonte e o mais seguro apoio do poder da Egreja. Mas causas d'outra natureza contribuiram tambem para os seus progressos, e a sua grandeza tomou ainda raiz fóra das crenças. Se o Clero tinha necessidade dos conquistadores, os conquistadores tinham, por sua vez, grande necessidade do Clero. Estava tudo dissolvido, destruido no Imperio; tudo cahia, desapparecia, fugia deante dos desastres da invasão, e das desordens que ella trazia comsigo.

«Não havia magistrados que se julgassem responsaveis pela sorte do povo, e encarregados de fallar ou de obrar em seu nome; não havia mesmo povo que se apresentasse como um corpo vivo e

constituido, capaz, senão de resistir, ao menos de fazer reconhecer e admittir a sua existencia. Os vencedores percorriam o paiz, levando diante de si individuos dispersos, e não achando quasi em nenhum logar com quem tratar, com quem se entender, com quem formar, emfim, alguma apparencia de sociedade. Era preciso, porém, que a sociedade começasse, que se estabelecessem relações entre os dois povos, porque um, tornando-se proprietario, renunciava á vida errante, e o outro não podia ser exterminado. Foi esta a obra do Clero. Só elle formava uma corporação bem ligada, activa, sentindo em si força e direitos, e contando com um futuro, capaz de tratar por si ou por outrem; e podendo, elle só, representar e deffender, até certo ponto, a sociedade romana, porque só elle tinha conservado interesses geraes e instituições.

« Os Bispos, os superiores dos mosteiros, conversavam e correspondiam-se com os reis barbaros, entravam nas assembléas de tributos, e ao mesmo tempo a população romana reunia-se em volta d'elles nas cidades. Pelos beneficios, por legados, por doações de todo o genero, adquiriam immensos bens, tomavam logar na aristocracia dos conquistadores; e, conjunctamente, conservavam, em suas terras, o uzo das leis romanas; e as immunidades, que obtinham, redundavam em proveito dos cultivadores romanos. Formavam assim a unica classe do povo antigo que tinha credito para com o novo povo, e a unica parte da aristocracia nova que estava ligada com o povo antigo; tornaram-se o laço entre os dois povos, e o seu poder foi uma necessidade social assim para os vencedores, como para os vencidos. »

« Assim foi ella acceita desde os primeiros momentos, e não cessou de crescer. Era aos Bispos

que se dirigiam as provincias, as cidades, toda a população romana para tratar com os Barbaros; passando a sua vida a corresponder-se, a negociar, a viajar, unicos activos e capazes de serem attendidos nos interesses, quer da Egreja, quer do paiz. Era a elles tambem que recorriam os Barbaros para redigirem suas proprias leis, dirigirem os negocios importantes, darem, emfim, ao seu dominio uma sombra de regularidade. Um bando de guerreiros errantes cercava uma cidade, ou devastava uma comarca? Então o Bispo, ora apparecia sósinho sobre as trincheiras, revestido com as vestes pontificaes, e depois de ter espantado os Barbaros pela sua coragem tranquilla, tratava com elles da sua retirada; ora fazia construir na sua diocese uma especie de forte para se refugiarem os habitantes do campo, quando se podia recear que nem o azylo das egrejas fosse respeitado. Levantava-se uma questão entre o rei e os que lhe deviam tributos? Os Bispos serviam de medianeiros. De dia em dia, a sua actividade abria alguma carreira nova, e o seu poder recebia alguma nova sancção. Progressos tão extensos e tão rapidos não são obra unicamente da ambição de homens que d'elles tiram proveito, nem da simples vontade dos que os acceitam. Deve reconhecer-se a força da necessidade.»

. . . .

Mais adiante diz:

«Não me proponho a examinar o estado dos ecclesiasticos nas circumstancias da sua existencia civil, é unicamente meu intento verificar o estado politico das pessoas, para descobrir como se formaram, no cahos da conquista e do seu estabelecimento territorial, a sociedade e as suas instituições. O Clero tomou n'isto uma grande parte e ali

exerceu uma grande influencia. Tem-se avaliado diversamente o merecimento e os effeitos d'este facto. Farei sobre elle uma unica observação. E' grave erro julgar uma instituição, uma influencia, segundo os resultados que ella trouxe no fim de muitos seculos; approvar ou condemnar o que ella era e o que ella fez nos tempos em que nasceu, segundo o que ella se tornou ou o que ella produziu mil annos depois. A historia do mundo nenhum poder apresenta, nenhum systema social capaz de resistir a similhante exame, e que possa acceitar a responsabilidade de tão longo futuro. Não foi dado a homens obrar de tão puro modo e com tanta previdencia que o que elles fazem hoje para o bem, não haja nunca de produzir um mal. Em suas mais virtuosas intenções, em seus mais habeis trabalhos, estão longe de satisfazer completamente ás necessidades da sua epoca; como se lhes ha-de exigir que nada façam tambem que não possa convir a seus mais afastados successores? Como se lhes ha-de imputar o que deram de si obràs ha tão longos tempos escapadas de suas mãos? A experiencia, transportada assim ao passado, em vez de nos esclarecer, nos engana; preoccupa-nos de necessidades, de interesses, de males, que o passado nem suspeitava sequer, e não nos deixa reconhecer quaes elles eram verdadeiramente ....»

«O imperio exclusivo, desordenado, da força material, era o mal que pesava sobre elles; essa força reinava por toda a parte, assim nas relações particulares como nas relações publicas, desenvolvendo-se com a brutalidade e cega ignorancia da barbarie, não presumindo mesmo outro direito senão o seu. No meio d'este dominio anarchico e selvagem, só o Clero se apresentou em nome de

uma força moral, proclamando só uma lei protectora e obrigatoria para todos, fallando só dos fracos aos fortes, dos pobres aos ricos, reclamando só o poder ou a obediencia em virtude de um dever, de uma crença, de uma ideia, protestando só, emfim, por sua missão e por sua linguagem, contra a invasão universal do direito do mais forte. Tal foi o segredo do seu poder;......................
mas, repito, o titulo e o meio da acção dos Barbaros era a força material; o Clero procurava os seus n'uma força moral. Ora a sociedade tinha decahido tanto que a presença só d'uma força moral foi alli um bem, e o seu imperio um *progresso.*»

CXXX

O Benedictino Montfaucon

Foi o *mais afamado antiquario do seu tempo,* auctor de obras *eruditissimas,* taes como, a *Antiguidade revelada,* obra que parece impossivel fizesse um só homem, e os *Monumentos da Monarchia Franceza.*

(*Panorama,* de 22 do dezembro de 1838.)

CXXXI

D. João Peculiar, Bispo do Porto e Arcebispo de Braga

Foi *um dos homens mais celebres de Portugal* por suas *lettras* e virtudes.

(*Idem,* de 8 de dezembro de 1838.)

CXXXII

O Frade inglez Benalt

«Nos tempos modernos dizem que um frade inglez chamado Benalt inventou de novo o vidro no seculo IX; e que já se usava em vidraças de casas particulares em 1180.»

«Affirmam outros que a invenção é franceza, e que a arte de fazer o vidro passou de França para a Inglaterra em 674, sendo os *monges os primeiros* que se serviram de vidraças nas janellas das egrejas e mosteiros; o que parece certo é que o uso das vidraças nas casas particulares era ainda muito raro no seculo duodecimo.»

(*Panorama*, de 23 de junho de 1338).

CXXXIII

O Monge Rogerio Bacon

«O monge Rogerio Bacon, a quem se attribue a invenção da *camara escura*, de que outros dão por inventor a João Baptista Porta, dizem que já conhecera a composição da polvora e o telescopio.»

(*Idem*, de 9 de junho de 1838.)

CXXXIV

Officina dos artistas do Sagrado Coração

Em abril de 1881, annunciava a *Revista religiosa franceza*, que se publica em *Toulouse*, e a que já tenho feito referencias, a fundação, no anno anterior, de uma officina, sob o titulo de: «*Officina dos Artistas do Sagrado Coração*» com o fim de atrahir á pintura *d'ornatos de egrejas e de quadros religiosos* os pintores, e particularmente os jovens, que se sentissem com aptidão artistica para este genero de trabalhos; indicando que se deviam dirigir ao *Director da mencionada officina* em *Montricoux (Tarnnet-Garonne)*; e declarava tambem que já não tinha pessoal, que bastasse para acudir ás numerosas encommendas.

Aqui está como a Egreja, por suas instituições e por seu clero, não perde occasião de formar e sustentar artistas, servindo-se das artes para abrilhantar o culto, e do culto para animar as artes.

CXXXV

Collegio estabelecido por Missionarios á sua custa

«O Rev.mo P. A. J. de Souza Barrozo, Superior da nossa Missão do Congo (S. Salvador), escreve d'alli (noticiava o *N. Mens.* n.º 24, de Março de 1883,) que em breve entraria no pequeno *Collegio que os Missionarios estabeleceram á sua custa* um filho do Rei do Congo.»

Não me posso ter que não exclame: sempre a mesma teima do Clero, *mesmo á sua custa*, em promover a ignorancia e espalhar trevas no mundo!

CXXXVI

O Agostiniano Fr. Pedro Vega

A descoberta do telephone deve-se realmente a um religioso catholico, como outras muitas. Com effeito, antes que Bell désse a conhecer o que se chama seu descobrimento, já o P. Fr. Pedro Vega, Agostiniano, tinha exprimido na sua obra, *Exposição dos Psalmos*, a opinião de que «facilmente por meio de um fio metallico se podiam transmittir as vozes humanas a grandes distancias sem serem ouvidas durante o percurso.»

(*N. Mens.* acima citado, de julho de 1887.)

CXXXVII

O Missionario P. Roblet, em Madagascar

A muito interessante e excellente Revista Religiosa franceza *Les Missions Catholiques* dizia, em seu numero de 18 de Fevereiro de 1887:.

«O snr. de Viliers, governador geral francez em Madagascar, participou ao Rev. *P. Roblet, missionario da Companhia de Jesus* n'aquella ilha, que o grande premio de medalha extraordinaria *medaille d'honneur, hors classe*, lhe havia sido conferido este anno em vista *dos seus importantissimos trabalhos topographicos na grande ilha africana.*»

CXXXVIII

O Padre Lemoine e o premio Monthyon

Todos sabem que o chamado *premio Monthyon*, do nome do seu instituidor, é annualmente concedido áquelle que, durante o anno, fôr por seus actos de virtude julgado digno d'elle pela Academia Franceza, que costuma proceder a um inquerito, e encarregar depois um dos seus membros de fazer o discurso em que motiva a concessão do premio e se nomeia o premiado. No passado anno de 1887 foi M. *Caro* o encarregado do discurso do costume, e eis aqui uma parte do que elle disse com relação ao *P. Lemoine*, a quem o premio foi dado:

«O premio *Monthyon* principal, é concedido este anno ao Rev. P. Lemoine, parocho de Loucé-Perron (Orne), ecclesiastico digno de ser classificado entre os pobres, porque é um pobre voluntario, que se fez mendigo, primeiro *para uma egreja e eschola;* depois para um hospital, convertido em ambulancia durante a guerra; e ultimamente para um orphanotrophio, em que foram recolhidos meninos da Alsacia-Lorena que a guerra tinha deixado sem paes.»

«Durante 16 annos acharam asylo no orphanotrophio do P. Lemoine 750 meninos, dos quaes ainda hoje alberga 226. No hospital foram curados 336 enfermos. Ao sair do orphanotrophio uma paternal vigilancia segue por toda a parte os adultos e se dedica a procurar-lhes boa collocação. Tratando-se de actos excepcionaes que favorecem um grande numero de infelizes, a Academia lhes assignalou um premio *tambem excepcional.*»

CXXXIX

Museu-Bibliotheca de S. José

Um dos exemplos modernos mais notaveis e frisantes da alliança da Fé com a Sciencia, e de como se auxiliam mutuamente a Religião e as Sciencias e Artes, é, sem duvida, aquelle de que dava noticia em Abril de 1882 uma bella Revista religiosa, mensal, que se publica em França, da qual, para aqui vou traduzir e trasladar o seguinte:

«Junto ao *Puy-en-Velay* (*Haute-Loire*), sobre uma garganta volcanica estava o castello d'Espaly, onde Carlos VII foi aclamado rei. Do castello, o tempo não deixou em pé senão um lanço da muralha. Atraz d'este lanço, está uma gruta, e é a esta gruta, alargada, que uma peregrinação a S. José da Boa Esperança attrahe os enfermos e os afflictos, que voltam d'alli curados algumas vezes, e consolados sempre.»

«Esta peregrinação tem já grande e bella nomeada. Teve-se a feliz ideia de começar n'um andar do rochedo, a installação d'um Museu-Bibliotheca, tão interessante para a piedade como *para a sciencia.*»

«Este Museu-Bibliotheca, annexo á piedosa Capella, tem alli a sua rasão de preferencia. Com effeito, o Puy, tão afamado por sua devoção secular para com a Santa Virgem, teve tambem, desde os primeiros seculos do christianismo, devoção especial a S. José. D'isto é testemunho o haver, no museu da nossa cidade, o monumento mais antigo em França, que recorda o culto do augusto Esposo de *Maria:* queremos fallar d'um sarco-

phago christão do quarto seculo, achado no Baptisterio de S. João em Nossa Senhora do Puy, cujos baixos relevos representam o casamento e o sonho de S. José. D'isto é testemunho tambem a Congregação religiosa de S. José, que tem o seu nome n'uma grande quantidade de dioceses e até na America.»

«Este muzeu é destinado a reunir todos os objectos que lembrem o chefe da Sacra Familia. E' unico no mundo; e as dadivas já affluem a elle. Deve tornar-se o thesouro commum de todos os devotos de S. José.»

«E' por isso, sobre tudo na occasião em que a festa do seu patrocinio vae voltar a attenção das almas para os sanctuarios do Santo Patriarcha, que nós fazemos um instante appêlo a todos. Sim, a todos sem excepção, pobres ou ricos, dizendo-lhes: Procurai em vossos palacios, em vossas habitações, vós, ricos da terra; procurai em vossas cabanas, em vossas casinhas, vós, humildes do Evangelho.

Folheai os vossos livros velhos, abri vossas gavetas esquecidas, correi com os olhos vossos modestos oratorios domesticos, tereis por certo alguma coisa que convenha ao pequeno Museu-Bibliotheca; e S. José vos fará achar o que nem suspeitais que tendes ou de que já vos não lembrais.»

«Pinturas em tela, em cobre, em vidro, desenhos a lapis ou á penna, litographias, photographias; gravuras modernas de França ou d'outras nações; imagens antigas em pergaminho mais ou menos fino, illuminadas ou não, feias ou bonitas, estanhos fundidos ou cobres não polidos; faianças pintadas, esmaltes, marfins; laminas de cobre ou de madeira dos impressores dos passados seculos; estatuasinhas de pau, de barro, de chumbo, esmal-

tes de Nevers; velhos estofos bordados ou tecidos; medalhas ou chapas de cobre ou de bronze; medalhões, baixos relevos, etc, etc.»

«Nas estantes da Bibliotheca serão collocadas honrosamente, cada uma na sua serie, as obras seguintes: Revistas periodicas, mesmo incompletas, pastoraes, sinetes de confrarias, historias de perigrinações, monumentos de capellas dedicadas a S. José, noticias sobre diversos exercicios de devoção, regulamentos de sociedades sabias ou industriaes; estatutos de communidades religiosas, regras de circulos ou de officinas de jovens sob o patrocinio do Modelo dos trabalhadores; livros de historia, manuaes de piedade, etc.; casos de protecção, legendas, brochuras, folhas soltas, manuscriptos, estampas illuminadas; extractos de correspondencias, catalogos, livros de todos os formatos e de todas as linguas; canticos em honra do guarda de Jesus, com ou sem muzica etc.»

«N'uma palavra, tudo o que poderdes achar que recorde a Sacra Familia e o carpinteiro de Nazareth. Pedi mesmo pela vossa visinhança para a nossa colecção commum.»

CXL

Admiravel sessão polyglota do collegio da «Propaganda» em Roma

Muito importantes artigos tem o Sr. *F. d'A.* [1] publicado na *Ordem*, de Coimbra com o titulo *O Catholicismo e a Critica*, dos quaes conto aprovei-

[1] Não tenho certeza de qual seja a verdadeira significação d'estas iniciaes, o que sinto, porque me privo da satisfação de aqui pôr este nome por extenso.

tar-me. Começo hoje pelo que tem o n.º III, e se lê n'aquella folha de 18 d'agosto do corrente anno de 1888.

Menciona n'elle o Sr. *F. d'A.* a admiravel sessão polyglota do Collegio da *Propaganda;* facto recentissimo, facto de hontem, para assim dizer, com dezenas de testemunhas e dobrado numero de olhos e de ouvidos multiplicados ainda pelos da imprensa.

Este facto, que, pelo estado actual da aproximação das distancias, quasi se pode dizer presenceado por todos nós, cuido que responde *hoje mesmo* cabalmente ás accusações ignaras dos inimigos da Egreja.

Do referido artigo, transcrevo o que vae ler-se:

«Em Roma todas as corporações catholicas celebraram da melhor fórma o jubileu do Papa, e entre ellas distinguiu-se o collegio da *Propaganda Fide,* que contribuiu para a festa universal com uma sessão litteraria na Egreja de Santo André *delle Frate.*»

«Mr. Etienne d'Issa proferiu o discurso de abertura em *chaldeu.* Depois seguiram-se varias allocuções em differentes linguas, como segue:

> «Os designios da divina Providencia sobre o joven Pecci, *em lingua hebraica.*
>
> «A primeira educação na familia, *em chaldeu classico.*
>
> «A vocação ao sacerdocio, *em cyriaco.*
>
> «A santidade da sua vida, *em chaldeu vulgar.*
>
> «O amor da sabedoria, *em armenio classico.*

«A consagração sacerdotal, *em armenio vulgar*.

«A primeira missa, *em lingua persa*.

«O zelo e as primeiras funcções, *em lingua kourda*.

«A predestinação ao pontificado supremo, *em arabe*.

«Ipse erit stella splendida et matutina, *em lingua georgiana*.

«Até aqui os discursos pronunciados em linguas asiaticas; seguem-se agora os que foram apresentados em linguas européas:

«Eu sou a força ninguem me toque, *ode em latim*.

«A benefica influencia sobre o imperio d'Allemanha, *em grego classico*.

«As humilhações dos inimigos do Pontificado, *em grego moderno*.

«Caridade e beneficencia de Leão XIII, *em allemão*.

«O Rosario, auxilio do povo christão, *hexametros latinos*.

«A civilisação pela instrucção e educação da mocidade, *em suéco*.

«O protector da sciencia, *em dinamarquez*.

«Santo Thomaz, patrono das escholas catholicas, *em noruego*.

«O promotor da litteratura no clero, e no lyceu leonino, *em bulgaro*.

«As bellas artes no Vaticano, devidas a Leão XIII, *em roumano*.

«A nova absyde de Latrão, *em rutheno*.

« A nova capella do Vaticano, *em portuguez.*

« A exposição do Vaticano, *em inglez.*

« O jubileu sacerdotal, consolação do Pontifice na sua prizão e presagio do triumpho da Egreja, *em celtico escossez.*

« A basilica Vaticana no 1.º de janeiro, *em bohemio.*

« O episcopado catholico junto do throno de Pedro, *em hespanhol.*

« Alegria religiosa do universo catholico para com Leão XIII, *em slavo.*

« Amor e veneração do povo italiano para com o Soberano Pontifice, *em albanez.*

« Homenagens dos soberanos e dos povos, *em celtico irlandez.*

« As perigrinações, *em russo.*

« Votos e aspirações do peregrino italiano, *em illyrico.*

« Saudação do peregrino em Roma. A Jerusalem do Vigario de Jesus Christo, *em francez.*

« O tributo de amor filial, *em hungaro.*

« Votos e desejos dos missionarios da propaganda, *em lingua blakhawk* (lingua dos indios indigenas da America).

« O monumento de bronze offerecido pela Propaganda, e representando o triumpho da religião sobre o erro, *soneto italiano.*

« A canonização, *em hollandez.*

« As esperanças da Egreja em os novos santos, *em polaco.*

« O juramento dos bispos da Propa-

ganda a Deus e a Leão XIII, *composição poetica em italiano.*»

CXLI

Frayssinous

«Deniz de Frayssinous, Bispo d'Hermopolis e membro da Academia Franceza, foi ministro dos Negocios Ecclesiasticos e Instrucção Publica no tempo de Carlos X, e aio do Duque de Bordeus. As suas conferencias religiosas, que fez em Pariz, e depois foram publicadas sob o titulo de *Defeza do Christianismo*, de tal modo attrahiram sobre elle a attenção publica, e estabeleceram a sua reputação, que a mocidade de Paris correu em massa a ouvil-o. Era admirado pela sua instrucção, pelo seu talento, pela sua eloquencia e, sobre tudo, pela lucidez da sua argumentação.»

Tal é o auctorisado juizo de M. *A. Boniface*, a seu respeito, no excellente livro *Une lecture par jour.*

CXLII

O Bispo fundador da Sé Velha de Coimbra e o seu Architecto

Ha pouco tempo ainda, lia-se no *Diario de Noticias* um artigo, em que, fallando de Coimbra, se referia á sua *Sé Velha* e á epocha da sua fundação, ao Bispo D. Miguel seu fundador, ao seu architecto, e a outras circumstancias interessantes.

D'esse artigo, porém, só trasladarei o que mais serve agora ao meu proposito, que é o seguinte:

«... As obras começaram com donativos *dos conegos e do bispo, que tambem deu uma junta de bois avaliada em doze morabitinos, cerca de 19$200 reis*, diz Rebello da Silva analysando as revelações do *Livro Preto*. Foi architecto da obra 12 annos *mestre Bernardo*, provavelmente *um artista humilde, como muitos que ha em Coimbra, mas de talento.*»

....

....

«*O bispo Miguel* estimava assim mestre Bernardo, o edificador da Sé Velha, *sentava-o á sua mesa e dava-lhe cada anno um fato completo no valor de 3 morabitinos*, isto é, 4$800 reis, pois cada *morabitino* valia aproximadamente 1$600 réis. Quatro vezes foi chamado mestre Roberto de Lisboa para fazer correcções na obra, e foi elle o incumbido do desenho e lavór do portal, sendo mestre Ptolomeu, um estrangeiro, cujo nome Rebello observa ser bysantino, quem lavrou o famoso vestibulo dourado do frontal, e o quadro com lavores de ouro da Annunciação da Virgem. Foi um ourives chamado Felix quem fez o jarro e a bacia de ouro para o serviço divino. A cruz *era a maior maravilha das alfaias e fôra dadiva do bispo*. Tinha embutidas lascas da Cruz do Redemptor e laminas de pedra do monte Calvario, que deviam de ser authenticas.»

CXLIII

O clero e as descobertas scientificas

Por intervenção do mesmo bom e muito instruido ecclesiastico, a que já tenho alludido e que

tão valiosos auxilios me ha dado para estes apontamentos, me veiu á mão um manuscripto d'outro muito intelligente, e muito sabedor e lido ecclesiastico, originariamente estrangeiro, mas que entre nós vive, ha muito, no qual havia apontado e colligido — não sei se para dar á estampa — nomes, datas, e factos, que em suas leituras fôra encontrando, por onde se mostra a primazia do Clero n'aquelles descobrimentos; sendo-me permittido, de boa vontade, extrahir d'alli o que quizesse. Intitula-se o manuscripto: «*Ensaio do Primado nas Descobertas scientificas.*»

Farei d'este manuscripto alguns extractos, como me é generosamente concedido.

Extractarei o seguinte:

....

"Primeiro Telegrapho

«Na exposição parisiense de 1867 figurou uma carta do cavalheiro Alexandre Volta, propondo o projecto de um fio telegraphico entre Milão e Cómo, escripta em 1777: porém, respeitando os grandes merecimentos do illustre phisico, devemos confessar, por amor da verdade, que o primeiro telegrapho lhe é anterior.»

«Uma folha protestante, de Londres, deixou notado em 1856, que a primeira obra que falla de experiencias telegraphicas, é a do *P. Marianno Portenio*, impressa em Roma em 1767 (*Electricorum libri* VI), onde ensina o modo de communicar com a casa proxima d'um amigo, mediante um fio metalico subterraneo; e accrescenta, que o *P. José Bozzoli*, de Mantua, Professor de Phisica no Collegio Romano, já tinha feito semilhante experiencia com exito feliz (*Bibliotheque des Ecrivains*

de la Compagnie de Jesus, Ed. T. 2, par les PP. Backer et Sommerrogel, serie 6, tit. Mazzolari).»

«Emquanto, pois, se não apresentar telegrapho mais antigo, ou, ao menos contemporaneo, diremos que o *P. José Bozzoli* construiu o primeiro telegrapho, que foi preludio da grande applicação contemporanea, como diz a *Biblioth.* citada, *serie 5, tit. Bozzolli.*»

....

"Primeiros typographos no Oriente e na America

«Os primeiros livros impressos na Italia sahiram do benedictino Mosteiro de Subiaco em 1465. Em Bruxellas, o primeiro livro foi impresso em 1414 pelos *Frades* Agostinhos, da vida ordinaria; e em Paris tambem os primeiros typographos allemães foram convidados pelo digno *Prior* da Sorbona, onde estabeleceram em 1470 a primeira typographia Parisiense *(Dezzobry, Diction. Gén. de Biograph. tit. Impr.)*»

«Nas nossas conquistas foi igualmente o primeiro propagador da Imprensa, o Clero. Assim o testefica o *Oriente Conquistado* (part. 2, Conq. 1, n.° 11), dizendo, que o *jesuita João Gonçalves* fabricou os caracteres para se imprimir na India o primeiro livro, que foi *O Cathecismo Malabar* em 1577. E no num. 69 diz que o *P. João Faria*, que morreu em Goa em 1582, foi quem principiou a imprimir, na Costa da Pescaria, abrindo as lettras, e fundindo os caracteres da lingua Tamul.»

«No Rio de Janeiro, o nosso governo só em 1813 é que estabeleceu a imprensa. Porém, Roberto Southey affirma na *Historia do Brazil* que os *adres* no territorio das Missões já tinham intro-

duzido a imprensa, desde os principios do seculo passado »

« Primeiro Steganographo, Primeiro Polygrapho e Primeiro Stenographo »

« Ainda que os antigos se servissem de signaes convencionaes para alcançarem as palavras dos grandes oradores ou Mestres, comtudo, o methodo de escrever apressadamente acompanhando a palavra elevado a Arte, não passa além do seculo XV. O primeiro tratado de Stegonographia, é do *Benedictino João Trithamio* (1462-1516): o qual assim denominou a arte de escrever *em cifras*, e de as interpretar. E' tambem auctor da Polygraphia, ou arte de escrever em varios modos mysteriosos, que só sabe decifrar quem conhece a *chave* d'elles. (*Dezobry*, *tit. Thema.*) »

« Mas a escriptura universal, que cada um póde intender na sua propria lingua, a saber, o methodo de escrever por signaes convencionaes, com a ligeireza de quem falla, o qual, por isso, se chama stenographia, e foi universalmente adoptado, tem por primeiro auctor o *P. Athanazio Kircher* (1602-80) da Companhia de Jesus (*Dezzobry*, *tit. Kircher.*) »

Inventor da Fantasmagoria

« Ao genio inventivo do mesmo *P. Kircher* deve agradecer o theatro a Fantasmagoria, cujo elemento essencial é a *Lanterna magica*, por elle inventada. (*Dezzobry — Log. cit.*) »...... ... ...

....

Descobertas Opticas

«Além da *Lanterna Magica*, os *Padres* descobriram outros instrumentos opticos, ou aperfeiçoaram os já descobertos. Por exemplo, as primeiras lunetas simples são attribuidas a Rogerio Bacon (1214-94) *Franciscano inglez*, que foi tambem o primeiro que explicou o phenomeno do Arco-Iris (*Rhorbacher Hist. Univ. da Egreja, l. 74*). Este phenomeno foi bem provado, em tempos mais modernos, ser effeito necessario da chuva e do sol, pelo Arcebispo de Spalatro, Marco Antonio Dominis (1556-1622), de triste memoria, que morreu no Castello de S. Angelo, em Roma (*Dezzobry, tit. Dominis*).»

«O *P. Christovão Scheiner*, (1575-1650) foi o primeiro que notou a forma elliptica que o sol toma perto do horisonte, attribuindo-a á refracção da luz. Aperfeiçoou o helioscopo, substituindo por vidros córados os ordinarios, perto da lente ocular. (*Dezzobry, tit. Scheiner*).»

«Não ousamos affirmar que o *P. Nicolau Zucchi* inventasse o telescopio catoptico; porque se alguns lh'o attribuem, lh'o contestam outros. Mas ninguem contesta ao *P. Francisco Maria Grimaldi* a gloria de ter offerecido a Newton (1642-1727) os principios fundamentaes da sua Optica, pois na *Physico-Mathesis de lumina coloribus, etc.*, o *P. Grinaldi* combateu primeiro que ninguem a hypothese da emissão; iniciou o systema das ondulações, que renovou a theoria da luz; descobriu o phenomeno da diffracção ou inflexão da luz na visinhança de alguns corpos etc. (*Dezzobry, tit. Grimaldi*).»

«Outra descoberta, que serviu de base ao sys-

tema de Newton, pertence ao *P. Claudio Francisco Milliat* de Challes, (1621-78). Descobriu elle que a refracção da luz é condição necessaria para a producção das cores no Arco-Iris e nos vidros (*Dezzobry, tit. Challes*).»

A invenção ou aperfeiçoamento de varios instrumentos opticos, facilitou muitas

Descobertas Astronomicas

O primeiro descobridor das manchas do sol foi o *P. Christovão Scheiner*, já citado, assim como o *P. João Baptista Riccioli* (1598-1661) qualificou-as da lua, primeiro que outros astronomos (*Dezzobry, tit. Riccioli*). Este e o *P. Francisco Maria Grimaldi* augmentaram com o numero de 501 estrellas o cathalogo de Kepler. Os *PP. Claudio Visdelou* (1656-1737) e *Luiz Lecomte* foram os primeiros que observaram os eclipses dos satelites (*Dezzobry, tit. Leconte e Visdelou*).»

«Celebres em descobertas astronomicas são hoje os nomes do *P. Angelo Sechy*, na Italia, e do *P. Moigno, em França.*»

«O *P. Nicolau de Harouys*, de Nancy, (1622-98) excogitou construir mui engenhosas machinas astronomicas, segundo os varios systemas, as quaes foram adoptadas geralmente (*Biblioth. já citada, serie 2, tit. Harouys*).»

Com as descobertas astronomicas ligam-se intimamente as

Descobertas cosmographicas

«Quasi dois seculos antes de Galileu (1564-1642), *o Cardeal de Cusa* (1401-64) resuscitou o systema Pytagorico sobre o movimento da Terra

em roda de si mesma e ao redor do Sol *(Dezzobry Tit. Cusa).*

« Este systema foi depois adoptado pelo *Conego de Warmia*, e d'elle tomou o nome. Nicolau Copernico (1473-1543), depois de 30 annos d'observações, accrescentou-lhe a descoberta do terceiro movimento terrestre (de nutação), ao qual é devida a precessão dos Equinoccios; e dedicou a sua obra *De revolutionibus Orbiiu cœlestium* ao *Papa Paulo* III *(Dezzobry, tit. Copernico).*»

« Só fallamos em descobertas scientificas; sabendo bem que muito antes d'elles a veneravel virgem Alpaix de Cudot (1155-1215), entre outras revelações, teve uma, que explica o systema solar, como Copernico *(Petites Bollandistes, tom. 15, des venerables 3 novemb.)*...

« Ao *Clero*, pois, devemos a iniciativa da grande reforma astronomica no systema solar, que as experiencias de Kepler e de Galileu consolidaram depois. Grande animação acharam na Egreja os primeiros descobridores, n'esta sciencia, pois Nicolau V creou Cardeal a Nicolau de Cusa; Xisto IV elegeu Bispo de Ratisbona e chamou a Roma João Muller Regiomontano (1436-75), que seguia a mesma opinião, e outro *Papa deu em Roma a Copernico*, a cadeira de Mathematica na sapiencia, (*Rhorbaches, Hist. Univ. da Egreja, liv. 83).*».........

Descobertas Geographicas

« Nas descobertas geographicas, que respeitam ao nosso globo em si mesmo, tambem achamos o *Clero* adiantado em caminho. O *Dominico Vicente de Beauvais* (1200-64) no seu « *Speculum Naturale* » *liv.* VI, prova: 1.º o isolamento do nosso globo no ar, *qualiter terræ globus in medio aeris sit*

libratus, cap. 6, attribuindo o seu equilibrio á força de attracção, como *Adelardo benedictino inglez*, do seculo XI; 2.°, no cap. 8, a sua redondeza, *quod rotunda sit forma vel figura terræ;*... 3.°, nos cap. 11 e 12 a convexidade da Terra e a do Mar, *quod terræ globus sit verticosus, quod etiam Oceanus terram cingens in verticem sit coactus*... 4.°, no cap. 10, que pode ser habitada em toda a parte *Utrum terra inhabitatur undique*, sem que os habitantes caiam no ar, porque tudo gravíta para o centro; 5.°, finalmente, ensina no cap. 13, *de mensura terræ*, o modo de avaliar a circumferencia toda do globo. Cita a Astronomia *do monge Gerberto*, que em 999 subiu á Cadeira de S. Pedro, com o nome de Silvestre II, o qual descreveu o methodo do astronomo Eratosthenes para medir um arco de meridiano de Syane até Meroe no Egypto, dois seculos antes de Jesus Christo (*Rhorbacher*, *Hist. Univ. da Egr.* liv. 74).»

Primeiros descobridores da America

«Nem sómente pertence o primado ao Clero em muitas descobertas geographicas em geral, mas tambem no descobrimento particular dos lugares mais remotos. E, na verdade, muitos seculos antes de Christovão Colombo penetraram na America septentrional os legados Apostolicos ou os missionarios mandados por elles. A bulla do papa Gregorio IV de 832 creou Ebbon Arcebispo de Rheims, e S. Auscario bispo de Brema, legados apostolicos da Dinamarca, Suecia, Noruega, Finlandia, *Islandia* e *Groenlandia;* e diz o Pontifice, que tambem Carlos Magno (742-814) tivera intenção de mandar preencher aquellas missões remotas. Alem d'esta Bulla, fazem mensão da Islandia e Groenlandia,

um documento do imperador Luiz o Bonacheirão de 831, e outros cinco documentos, fielmente lançados por Carblet na *Hagiographia* d'Amiens, t. 1, pag. 194, etc.»

«Outro legado Apostolico d'aquelles paizes, Adalberto bispo de Brema, pelos annos de 1070, enviou um bispo á Islandia, como escreveu Adão Bremense, feito conego pelo mesmo Adalberto, na *Historia ecclesiastica das dioceses de Hamburgo e de Brema.*»

«Mais tarde, reinando na Noruega Sigurd I, em 1122, foi mandado um bispo a Groenlandia (Dezzobry, *tit. Sigurd* I). Pelo que, os vestigios do christianismo, que os descobridores do seculo XV encontraram espalhados por toda a America, não se devem sómente ao apostolo S. Thomé, mas tambem a missões muito posteriores, como pensa Rorbacher (log. cit. liv. 55), e nós acabamos de provar.»

«E depois que Colombo chegou á America (graças ao Astrolabio que lhe deram os medicos do snr. Don João II) quem primeiro penetrou no interior, e a entrecortou em todos os sentidos, foram sempre os Missionarios.»

"Descobertas na Asia

«Grandes serviços prestou á geographia physica o celebre Marcos Polo (1252-1323), que depois de percorrer a Asia, deixou escriptas as suas viagens; comtudo foi prevenido do Clero, tanto nas viagens como na descripção d'ellas. Mesmo antes que nascesse Marcos Polo, o *Dominico* Brocard em 1232 visitava a Palestina, a Armenia, o Egypto, etc. (Dezzobry, tit. Brocard). Em 1245 Innocencio IV

mandava ao Kan-Baton, que reinava no Kaptschak o P. *João del Piano-Carpin*: e foi este Missionario o *primeiro* a denunciar aos Europeus a existencia do Preste João (Dezzobry, tit. *Carpin*).

« O mesmo Papa em 1247 mandou ao Kan dos Mongolios o P. Nicolau Ascelino, *Dominico*, que percorreu a Persia, a Mesopotamia, a Siria, até ás praias orientaes do Caspio (Dezzobry, tit. *Ascelino*).

« S. Luiz IX, em 1253, mandou a prégarem o Evangelho aos Tartaros os P.P. Bartholomeu de Cremona e Guilherme Rubruquis, *Franciscano*: o qual na sua Relação representa o mar Caspio, como um lago isolado, e dá pormenores sobre o Cathayo (Dezzobry, tit. *Rubruquis*).

« Mas descobrir melhor o Cathayo era reservado ao *jesuita portuguez* Bento de Goes, que, visitando pessoalmente, em traje desconhecido, em 1602, Agra, Lahor, Caboul, Hierkan, Chales, verificou finalmente que o Cathayo era a China e Caboul que era Pekin (*Agiol. Luz:* t. 11 de abril). »

« As nascentes do Ganges e o Grão Tibet foram descobertos e descriptos em 1624 pelo P. Antonio de Andrade (*Agiol. Luz.:* t. 19 de Março).

« Quem facilitou em Sião o descobrimento do reino dos Láos foi o *P. Antonio Francisco Cardim*, morto em Macáo em 1659 (*«Imagem da virt. em o Novic. d'Evora»* l. III, c. 25).

« Um caminho novo e não seguido para o reino do Nepal, no Potzutz, commetteram os *PP. Manuel Dias e Estevão Casella*: fallecendo das incommodidades o P. Dias em Oacho no reino de Moronge em 1630, antes de acabar a viagem (l. cit., cap. 26, n.º 3). »

« Finalmente, omittindo outras viagens que foram de summo interesse para os geographos, só

lembraremos, que em 1716 os *PP. Manuel Freire e Hipolito Desiderio* em 12 dias transpozeram o Caucaso, percorreram o imperio Mogol, entraram em Cachemir, e pelo monte Cantel, descendo no Tibet, com outros 4 mezes de viagens, chegaram a Lassa (*Henrion, Hist. Univ. da Egreja*, liv. 82).

"Descobertas na Africa

«Se deixando a Asia, entramos na Africa, aqui tambem os geographos devem agradecer ao clero as noticias mais preciosas. Cyro, Cambises, Alexandre Magno e Julio Cesar procuraram debalde as nascentes do Nilo, que descobriu em 18 d'abril de 1618, a 12° de latitude norte, no reino de Gojão, o *P. Pedro Paes*, e publicou a Relação da sua descoberta. (*Cretinau Joly. Hist. de la Comp. de Jesus*, tom. IV, cap. 4).

«O inglez Livingstone, tendo chegado em 1859 ao lago Nyassa ou Maravi, pensou seriamente ser elle o primeiro dos Europeus que lhe viu as aguas, ignorando que o *P. Luiz Mariano* já tinha descripto aquelle lago em 1624, indicando poder-se entrar por elle na Ethiopia (*Oriente conq.*, p. 1. conquista 5; n.º 31).

«Voltando da Ethiopia o *P. Francisco Alvares*, publicou em 1540 uma *Verdadeira informação das terras do P. João. (Dezzobry, tit. Alvares*).

«E os *PP. Affonso Mendes, Manuel Almeida e Jeronymo Lopo*, viajando com o astrolabio na mão, traçaram um Mappa da Abyssinia tão exacto, que serviu de primeira base scientifica para o mappa da Africa tropical.»

Descobertas na Oceania

«O primeiro viajante europeu, ou com certeza um dos primeiros, que viu de passagem algumas ilhas da Oceania, foi o *b. Odorico de Friuli, franciscano.* Embarcando elle no Mar Negro em 1314, passou por Ormuz, pela Costa Malabárica, Ceilão, Java, etc.; demorou-se 3 annos em Pekin, e voltando á Europa, foi dar conta do estado do Oriente a João XXII em Avinhão, depois de 16 annos de viagem (*Rhorbarcher*, lug. cit.).

S. Francisco Xavier evangelisou as Molucas, *Amboino*, as ilhas da Morotaria, etc., abrindo caminho, com perigo da propria vida, aos timidos viajantes, como na vida d'elle narra o *P. João de Querna*, liv. III.

Das Molucas o *P. Marcos Prancudo*, em 1562, mandou a Gôa a discripção da Nova Guiné ou Papoasia (*Oriente conquistado, p. 1, Conq. 3. n. 10*). Porém é já tempo de acabar com estes merecimentos scientificos dos Prégadores evangelicos, para mencionarmos um elemento essencial, que só o Clero soube subministrar ao Commercio e ás Sciencias.»

Descoberta Polyglota

«Sendo necessario para a prégação do Evangelho aprender as linguas dos povos, que se deviam evangelisar, o Clero levou felizmente ao cabo a difficil tarefa de reduzil-os á Arte grammatical, e de compôr Glossarios proprios de cada uma. E para só fallarmos nas linguas, que o Clero portuguez tomou por sua conta, diremos, em primeiro logar, que os *jesuitas João Fernandes* e *Duarte da*

Silva compozeram grammatica e diccionario japão: o glossario portuguez-japão, foi composto pelo *P. Manuel Barreto*, o japão-portuguez pelo *P. João Rodrigues*, que o imprimiu em 1604 com a Arte da lingua do japão (*Bibl. cit. Ser. tit. Rodriguez, ser. 2. tit. Silva, ser. 3. tit. Barreto, ser. 4. tit. Fernandes.*) »

« Uma grammatica da lingua d'Angola a devemos ao *P. Pedro Dias* (*ser. 4. tit. Dias*).

A lingua geral da costa Brasilica foi reduzida á Arte pelo *P. José Anchieta*. Mais tarde o *P. Luiz Figueira* imprimiu outra — Arte da grammatica da lingua brasilica — (ser. 4. tit. *Anchieta Figueira*). E o *P. Manoel da Vega*, morto no Brasil em 1608, occupou-se da grammatica e diccionario Maramomisio (ser. 6. tit. *Vega*). Em Gôa o *P. Thomaz Estevam* encarregou-se da Arte da lingua Candra, que o *P. Diogo Ribeiro* augmentou: os *P.P. Miguel de Almeida* e *Antonio Saldanha* trabalharam no diccionario da lingua Caucassica (ser. 2. tit. *Ribeiro, Saldanha*). O diccionario Annamitico do *P. Gaspar do Amaral* augmentaram-n'o muito os *P.P. Francisco de Pina* e *Alexandre de Rhodes*, e imprimiram-n'o em 1651 (ser. 1. tit. *Rhodes*, ser. 4. tit. *Pina*, ser. 5. tit. *Amaral*).

Graças ao *P. Henriques*, houve grammatica e diccionario Malabarico desde o seculo XVI. Da lingua vulgar Malabarica compoz grammatica e diccionario o *P. Ferraz*, e o *P. Antonio Proença*, no Maduri publicou um diccionario Famulico-portuguez (ser. 4. t. *Proença*, ser. 6. t. *Ferraz*). »

« Ao *P. Antonio Pereira* devem seus diccionarios a lingua Malaya, a de Sião, a de Ternate, (*Memorie d'alcuni religiosi, a. l. de G. 14 genn.*) »

« A grammatica da lingua dos Abexins é obra

do *P. Luiz Caldeira* («*Imagem da virt.* em o *Noviciado de Evora,*» l. II, c. 10.).

« E não sómente o Clero facilitou d'est'arte a intelligencia das linguas vivas, mas tambem restituiu a vida a linguas já mortas e esquecidas. Assim pôde o *P. Lino José Fabregas* decifrar os antigos monumentos Mexicanos (*Bibl.* cit., ser. 6., tit. *Fabregas*).

« O *P. Luiz Lanzi* restabeleceu a lingua Etrusca, e o *P. Athanasio Kircher* a Egypciaca (*Dezobry.* tit. *Lanzi, Kircher*). Até a celebre *Janua linguarum* que Comenius publicou como obra sua em 1631 e foi traduzida em todas as linguas da Europa, é obra do *P. Guilherme Bath,* que a imprimira em Salamanca em 1604 (*Bibl.* cit., ser. 4. e 7, tit. *Bath.*) Só nas fileiras do Clero é que appareceram os polyglotas mais illustres, como o Cardeal Mezzofanti, *S. Francisco Xavier,* etc. Entre os quaes bem poderia figurar o *P. Antonio Vieira,* que no Brazil prégou em 5 linguas, e na italiana prégou em Roma com tanto successo, que elle mesmo escreveu a Rodrigo de Menezes em 22 de outubro de 1672: «O Padre Geral me tem avi-«sado, para prégar em dous congressos em que as-«siste junto todo o sagrado Collegio a *instancias* «das mesmas Eminencias. E' o unico prégador «que tem o papa e o maior de Italia, e quer elle «e muitos, que eu lhe succeda no officio.» Mas basta d'isto, e vejamos como o Clero bem mereceu da *vida humana* pelas suas

« Descobertas medicinaes

«*Os missionarios* do Perú, *tendo descoberto* as propriedades febrifugas da quina, como diz Hum-

boldt, mandaram-na para Hespanha, d'onde o *P. João de Lugo*, em 1622, a levou comsigo para Roma. Pelo que Dezzobry (*Dict. tit. Lugo*) diz:

«Foi este cardeal quem distribuiu primeiro a quina, que, no principio se chamou *Pó de Lugo.*

«O *P. Onorato Fabri* (e muito melhor a experiencia) refutou victoriosamente uns medicos belgas que accusaram de charlatanismo os defensores da quina (*Biblioth.* cit. ser. 1 tit. Fabri). Introduzindo-a em França o *P. Francisco Annat*, salvou a vida de Luiz XIV. De França levaram-na para a China os PP. *Fontanay* e *Visdelou;* com ella em 1692 o *Jesuita Bernardo de Rodes* curou em Pekin o imperador Kamg-Hi, que, agradecido, agasalhou os missionarios dentro do Paço. (Lett.-Edif,, Rec. VII, Lett. du P. Fontany).»

«Grassando a desenteria no hospital de Goa, em 1579, com grande mortandade, o P. *Fernão Alvares* descobriu o remedio na herva de Malabar que chamam Lanalô-Cuddâ, cujas raizes torradas e pulverisadas, bebendo-se na agua, são medicina efficacissima. (*Orient. Conq.*, p. 2, Conq. 1, 4, 33).

«O P. *Jartoux*, na China, analysou as propriedades medicinaes do Sin-sang ou Sinzão, e denunciou-os á Europa. Mais tarde o P. *José Francisco Lafitou* a descobriu no Canadá tambem em 1712, e a transportou para a França. Outros missionarios recolheram entre os Tartaros o Rhuibarbo e o transmittiram aos nossos paizes; outros nos mandaram da America do Sul a baunilha e o balsamo da Cupahiba (Cretinoa—Joly, *Hist. da Comp.*, t. 4, cap. 4).»

Em tantas curas de doentes pela electricidade foi o P. *José Francisco Domin* (1754-1815) o primeiro que publicou sobre isto alguns opusculos (Bibli., Un. cit. sér. 6, tit. Dom.). E o *P. Kircher*

pretendeu introduzir na medicina o magnetismo terrestre (Dezobry, tit. *Kircher*).»

«Por brevidade remataremos com o P. Simão de Vasconcellos, que, publicando em 1663 as *Noticias das cousas do Brazil*, no liv. 11 n.º 34, escreve: «Até as folhas da manayba pisadas e cosidas são comida gostosa para os Indios; e d'ella applicada a feridas antigas é unico e muito efficaz remedio para as curar. A mandioca, a que chamam Paazima, pizada, lançada na agua e bebida em fórma de xarope é finissima contra peçonha. E no num. 75 diz que a fructa da Urumbela se applica aos febricitantes; porque resfria e humedece o paladar... e com mais força o summo espremido é remedio efficacissimo para as febres biliosas, etc., e aponta para outras fructas e hervas medicinaes de que nenhum outro se occupara antes d'elle.»

Intimo parentesco com as descobertas medicinaes teem as

Descobertas cirurgicas

«O *Benedictino Roberto Desgabets* da congregação de Saint Vernes fez em 1658 a primeira experiencia da transfusão do sangue (*Dezzobry, tit. Desgabets*).»

«Mais de meio seculo antes de Eduardo Jenner, inventor da vaccina na Europa, um *Carmelita do Brazil*, grassando as bexigas entre os Indios do Pará, salvou nos principios do seculo XVIII um sem numero de vidas, mediante a inoculação, como testifica Roberto Senthry na *Historia do Brazil*, que apezar de ser protestante, se queixa por não se ter conservado o nome d'um homem ao qual se deviam levantar estatuas como a bemfeitor da humanidade. O comaldulense *Fr. João Claudio Fra-*

mond de Cremano (1703-65) popularisou na Italia a moda de restituir os sentidos aos afogados; e descobriu ser a contracção do coração o resultado d'uma força physica, a qual opinião estranhada então por singular, foi depois provada verdadeira por Hallex (*Dezzobry, tit. Framond*).»

«O *methodo de extrahir a pedra* é preciosa obra do *cistercience F. Cosme*, que antes de ser religioso se chamava João de Barrilhac de Torbes (1703-81): para operação tão difficil inventou a *Landa a dardo e a lithotemo encoberta* (Dezzobry, tit. Cosme).»

«E o afamado *Nicolau Steneu* (1638-87), cujas descobertas enriqueceram a Anatomia, chegou a ser feito *Bispo* de Titiopoli *in partibus infidelium* (Dezzobry, tit. Steneu).»

A's medicas e cirurgicas, accrescentaremos algumas

Descobertas industriaes

«Cretinau-Joly assim falla dos missionarios (lug. cit.): «Nas mattas da Gouyana e da America, descobrem e entregam ao commercio a gomma elastica, a baunilha e o balsamo cupaiba........

«Outros assignalam-se no Celeste Imperio, «trazendo para as suas patrias este, o castanheiro, «aquelle, o perú. Do fundo do Oriente, pensam em «desenvolver a industria nacional; transmittem á «França as primeiras noções sobre o modo de fa«bricar o marroquim e de dar côr encarnada ao «algodão. Vivendo um jesuita na India com os na«turaes emprehende examinar cuidadosamente os «processos e os mordentes para a impressão das «chitas, e lega este novo patrimonio ás manufactu«ras do seu paiz.

«Pela porcelana a Europa era tributaria da «China, mas o P. *Xavier d'Entrecolles* reside mais «de um anno em King-te-tching (provincia de «Kian-si) unica cidade onde se fabricava. Estuda «a mistura dos barros, a fabricação d'elles, a fórma «dos fornos e os debuxos. Ajunta fragmentos de «kaolim e de petum-zé, cuja habil fusão constitue «a porcelana. Aprende os processos da cosedura e «do verniz e manda as suas descripções ao governo «francez, que tão sabiamente soube aproveital-as».

Sobre a *Arte de preparar as lãs* deixou escripto um livro o b. Alberto Magno (1190-1280), dominico, bispo de Ratisbona (*Petites Bollandistes*, 15 nov.).

O elegantissimo poema latino do Bispo d'Alba Marco Jeronymo Vida (1490-1566) sobre o bicho da seda, foi o que deu o primeiro impulso á creação d'elle na Europa (*Dezobry, tit. Vida*).

A imperatriz Maria Thereza decretou uma boa pensão ao P. *João Fridoaldizkiy* (1740-84), porque inventára um modo novo de fabricar papel (*Bibl. cit. ser. 5 tit. Fridoalszkiy*).

Em 1772 o *P. José Francisco Maria Malherba* descobre o modo de fabricar a soda, mediante a decomposição do sal marinho: muito contribuiu em 1792 para aperfeiçoar a fabricação do sabão. (*Dezobry. tit. Malherba.*)

Descobertas mechanicas

«Como estas são innumeraveis, indicaremos sómente algumas. Invenção do *P. Francisco Lana Terzi* (1631-87) foi o sementeiro, instrumento agricola usado em toda a parte, para distribuir a semente com regularidade e economia maior, que pe-

las mãos (*Bibl. cit. ser. 5. tit. Lana Terzi*). A sua invenção em 1733 foi attribuida a Tull.

O inventivo genio do *P. Kircher* construiu o Partometro, o Orgão mathematico, o Porta-Voz, e outras machinas esquecidas, com que de tempo em tempo se apresentam certos inventores improvisados modernos, que fallam mal dos frades (*Dezobry, tit. Kircher*).

O P. Angelo Secchi na Exposição Parisiense de 1867, apresentando o seu Meteorographo obteve o primeiro premio.

O b. Alberto Magno, (acima citado) construiu e deixou descriptas machinas para tirar agua, carregar pezos, etc. Construiu tambem uma estatua fallante!

Das trombetas fallantes occupou-se o P. João de Hautefeuille (1647-1724), a quem por isto muitos attribuem o Porta-Voz (*Dezobry, tit. Hautefeuille*).

Da machina pneumatica fallou primeiro o P. *Gaspar Schott*, que citaremos adiante. Tão perfeita foi a machina pneumatica do P. *João Caracciolo* (1721-98), para o collegio dos Nobres em Napoles, que mereceu ser descripta por Zacaria na *Storia litteraria d'Italia*, tom. VII, pag. 589. (*Bibl. cit., ser. 5, tit. Caracciolo.*)»

Vejamos algumas outras descobertas mecanicas, e darei o primeiro logar ás

Descobertas de relojoaria

«Os relogios de contrapezo (substituidos hoje pelo pendulo) foram feliz invenção do *monge Gerberto*, eleito Papa com o nome de *Silvestre II*, em 999 (*Dezobry, tit. Silvestre II*).

Antes d'elle *Pacifico, Arcediago de Verona*

no IX seculo, já compunha relogios de roda e de mola, dividindo n'elles o dia em 24 partes iguaes (*Dezobry, tit. Pacificus*).

O P. Schonberger publicando em 1622, a obra *Demonstratio et constructio novorum horologior*, ensinou a fazer os relogios solares de refracção: e o *P. João Baptista Trotta* (1587-1656) descreveu o relogio nocturno e o polar (*Bibl. cit. ser. 4. tit. Trotta.*)

Jaques Alexandre (1653-1734), *benedictino* francez, foi um dos inventores dos relogios de equação (*Dezobry, tit. Alexandre*).

Aos pendulos dos relogios de algibeira applicou a mola espiral o P. *João de Hautefeuille;* que em 1678 publicou tambem um livro sobre o *Pendulo perpetuo*, com um modo *d'elevar agua pela polvora* (*Dezobry, tit. Hautefeuille*).

Invento do *P. Ignacio Gaston Pardies* (1637-73) foi um instrumento sciaterico, para fazer toda a sorte de relogios solares. (*Dezobry, tit. Pardies*).

Pelo mostrador magnetico do *P. Claudio Richard* (1711-94) sabe-se a hora de todas as partes do globo ao mesmo tempo (*Dezobry, tit. Richard*).

E finalmente o *P. Nicolau Fabris* (1739-1801) *oratoriano*, ensinou a construir um relogio, que indicava exactamente a relação das 24 horas italianas com as 12 horas francezas, e os respectivos minutos e segundos (*Dezobry, tit. Fabris.*) A' Mechanica pertencem tambem muitas»

Descobertas Hydraulicas

«O primeiro em dar ao mundo um curso de Mechanica hydraulico-pneumatica foi o *P. Gaspar Schott* (1608-66), cujos estudos e investigações

abriram o caminho a muitas descobertas modernas: pois a origem das escripturas desconhecidas, a palingenezia das plantas, a machina pneumatica, as cabaças fallantes, etc., são assumptos, que tractou com admiravel magisterio, primeiro do que qualquer outro (*Bibli. cit. ser. 5 tit Schott.*)

Para elevar e abaixar as aguas o *P. Estevam Dias Cabral* inventou um sifão, e uma machina para determinar o volume e a rapidez das aguas correntes: e applicando na Umbria o seu systema ao rio Velino, preservou os campos de Terni das innundações do costume. Pelo que a Senhora D. Maria I o convidou a emendar o Tejo e o Mondego: o que elle fez com tão feliz exito, que livrou de frequentes innundações as terras adjacentes. *(Bib. cit. ser. 5 tit. Cabral).*»

Com igual exito os inventos hydraulicos do *P. Vicente Riccati* emendaram o Pó, o Rheno, o Adige e o Brenta (*Dezobry, tit Riccati*). E por estes serviços, em 1774, a republica de Veneza lhe cunhou uma medalha d'ouro.

Só o *P. José Wecher* (1719-1803), na Austria, soube oppôr ao lago Rofner-Lize diques capazes de livrar o paiz de seus transbordamentos assoladores: e sendo varios annos director da navegação do Danubio, prestou serviços relevantissimos (*Bibl. cit., ser. 5, tit. Walcher*),

Reims, Amiens e Dòle estão devendo as aguas das suas fontes a uma famosa machina hydraulica do *P. André Ferry* (1714-73) *da ordem de S. Francisco de Paula* (*Dezobry, tit. Ferry*).

Descoberta do *P. Edmundo Mariotte* (1620-84) é a lei hydrostatica que tem o nome d'elle, a saber: Os volumes successivos d'uma massa gazosa estão em razão inversa das pressões, que ella soffre. As suas experiencias e escriptos muitissimo contri-

buiram para os progressos da hydraulica pratica (*Dezobry, tit. Mariotte*).»

Quem introduziu na China as differentes applicações hydraulicas, fontes de repuxo, etc.: foi o *P. Miguel Benoit* (1715-74) da Companhia (*Dezobry, tit. Benoit*).»

«Com as descobertas hydraulicas juntaremos as

Descobertas Nauticas

«O *Mundus Mathematicus* do *P. Claudio Francisco Milliet de Challes*, impresso em 1674, *é a primeira obra* que demonstra com principios a hydrographia e a nautica. Contém 31 tractados (Córte de pedras, Madeiramento, Navegação, etc.): é livro raro e procuradissimo (*Dezobry, tit. Challes*).»

O *P. Antonio J. Laval*, e que morreu em 1758, dirigiu, por ser hydrographo insigne, as Cartas marinhas das costas da Provença (*Bibl. cit. ser. 2, tit. Laval*).»

Fructo de larga experiencia foram os *Tractados da construcção dos navios* e *das evoluções navaes*, e a *Collecção das mathematicas mais necessarias a um official*. Foi n'estes livros do *P. Paulo Hoste* (1532-1700) que estudaram mais de um seculo architectura nautica os marinheiros francezes, inglezes e hollandezes (*Bib. cit., ser. 2, tit. Hoste*).»

Bem mereceu da Nautica o *P. Esprit Pazenas* (1692-1776) pelas seguintes obras verdadeiramente originaes: *Elementos de pilotage — Praxe de pilotage, Astronomia dos mareantes — Theoria e pratica da medição dos toneis, dos navios, e segmentos d'elles (Dezzobry, tit. Pezenas).*

O *P. João de Hautefeuille*, em 1680 publicou a *Arte de respirar debaixo da agua*, e em 1716

o *Aperfeiçoamento dos instrumentos do mar* (*Dezobry, tit. Hautefeuille*).

Preciosos tratados publicou o *P. Nicolau Sarrabat* (1698-1733) sobre as causas das variações dos ventos; sobre a salsugem maritima; sobre a agulha magnetica (*Bibl. cit. ser. 4. tit. Sarrabat*).

O primeiro em explicar o fluxo e refluxo do mar, foi o *P. Antonio Cavalery*, em 1726 (*Bibl. cit. ser. 6. tit. Cavalery*).

O *P. João Gaston Pardies*, (1637-73) nos seus *Elementos de geometria* ousou applicar os methodos modernos da Geometria sublime e da Mecanica á manobra e conducção dos navios e ainda que o progresso tenha feito renunciar a este systema, comtudo, determinando o desvio dos navios pelas leis mecanicas, abriu novos caminhos ás sciencias nauticas (*Dezobry. tit. Pardies*).»

«E porque acabamos de fallar em Geometria accrescentaremos aqui as

Descobertas geometricas

«Foi sempre reputado um verdadeiro Thesouro de descobertas o *Opus geometricum quadraturæ circuli et coni*, que o *P. Gregorio de Saint-Vicent* publicou em 1647 (*Dezobry, tit. Saint-Vicent*).

Foi o *P. Paulo Guldin* (1577-1643) quem resolveu *os problemas mais difficeis de* Kepler, *quem applicou o centro de gravidade á medida das differentes figuras produzidas por circumvolução*, isto é, *determinou o centro de gravidade das differentes partes do circulo e da ellipse* (*Dezobry, tit. Guldin*).»

A solução geometrica d'este problema — determinou o equador de um planeta por tres obser-

vações de uma mancha — acha-se a primeira vez no livro *de maculis Solis*, que o *P. Roger José Boscovich* publicou em 1736 (*Dezobry, tit. Boscovich*).

«Diz Lalanda (*Bibliographia astronomica*, pag. 157), que o *P. Grimberger*, na sua *Prespectiva nova cœlestis*, deu a primeira idéa das projecções centraes. E' a projecção da esphera sobre um plano, que a toca em um ponto, estando o olho no centro.

Em 1695 o *P. Thomaz Ceva* publicou a sua invenção d'um instrumento, para mecanicamente executar a trisecção do angulo (*Bibl. cit. ser.* 4. *tit. Ceva*).»

«Ainda mais que as descobertas geometricas ajudam a sciencia nautica as

Descobertas magneticas

«Um dos primeiros, a não ser o primeiro que estudou as virações diversas na direcção da agulha magnetica, foi, no Collegio Romano, o *P. Asclepi*, em 1762. Descobriu, que o polo Norte da bussola parece soffrer uma repulsão por parte do Sol: determinou o *minimum* matutino, e o *maximum* pomeridiano do verão: conjecturou, que além do periodo diurno de perturbações magneticas, houvesse outro annual, devido ao movimento annual da terra; a qual conjectura confirmaram depois as observações de *Arago* e de *Sabin*.

Pelo que o P. *Angelo Secchi* em 1855 affirmava que todos os phenomenos das variações regulares magneticas, conhecidas até hoje, podem-se explicar, suppondo que o sol influe sobre a terra, como iman poderosissimo, posto em grande dis-

tancia (*Civiltá Catholica, 19 fevr. 1879. Scienze Naturali*, num. 1).

O P. *João de Hautefeuille*, em 1683, publicou o *Novo meio de achar a declinação da agulha magnetica*, e a *Balança magnetica* em 1702 (Dezobry, tit. *Hautefeuille*).

Na obra *Magneticum regnum seu de triplice in natura magneta*, publicada em 1667, pretendeu o P. *Kircher* explicar todos os phenomenos pelo magnetismo, e até tratar por elle os doentes (*Dezobry tit. Kircher*).»

«Não menor gloria no mundo scientifico mereceu o clero por suas

Descobertas algebricas

«A algebra transcendental foi feliz invenção do P. *Vicente Riccati* (1707-75). O seu calculo integral até hoje não teve igual (*Bibl. cit., ser. 2. e Dezobry, tit. Riccati*).»

E' do P. *Jacques de Billy o* primeiro tratado de algebra, que foi escripto.»

Descoberta da polvora e da artilheria

«Se muito devem ás descobertas do Clero as sciencias sobreditas, os modernos apparelhos bellicos lhes devem tudo. Verdade é, que n'elles os inventores leigos se multiplicam, attribuindo-se um a invenção do bacamarte; outro, a da pistola; este, se dá por auctor do canhão obuz; aquelle, do canhão raiado, etc. Mas o que fariam todos esses inventores, se o *franciscano Rogerio Bacon* não descobrisse a polvora no Occidente?

O *Opus majus* d'este *frade inglez* dedicado a Clemente IV em 1266, e impresso em Londres em

1733, se occupa na parte 6.ª da philosophia experimental.

Ali *Bacon* positivamente ensina, que com salitre, enxofre e carvão se póde, conhecendo-lhe a preparação, imitar o trovão e o relampago. Diz tambem, que com salitre e outros ingredientes se póde formar um fogo artificial que queimará a grandissima distancia, e poderá produzir no ar o effeito do trovão e do relampago, até com mais força do que é produzido pela natureza. *Pois*, diz, *uma pequena porção de materia da grossura d'um pollegar, convenientemente preparada, pode destruir um exercito e uma cidade inteira, com detonação terrivel acompanhada de vasta illuminação* (Dezobry, tit. Bacon).

O primeiro auctor da artilheria foi, no seculo XIV, o *benedictino Bertoldo Schwartz*, que a ensinou aos Venezianos. Por 1550 Fribourg, em Brisgou, sua patria, lhe levantou uma estatua, como affirma Bouillet (*no Diction. univ. de Hist. e de Geogr., tit. Schwartz*).

Dos apparelhos bellicos mereceram bem o P. *Carlos Borgo* ensinando a arte das *fortificações e defesa das cidades;* e o P. *Vicente Requino y Vives*, restabelecendo a arte antiga de fallar de longe na guerra (ensinada depois nas escolas militares da França), e ensinou o modo de variar em harmoniosos sons o toque do tambor (*Bibl. cit. ser. 5 tit. Reqino*).»

Descoberta do vapor

«*Fr. Rogerio Bacon* (1214-94) no citado *Opus majus*, part. 6, pag. 657, depois de fallar nos espelhos convexos, nos concavos, e nos ardentes, accrescenta poder a arte construir machinas, pelas

quaes um homem só faria correr sobre os rios ou sobre o mar uma náo com velocidade maior do que se estivesse cheia de remeiros; e um carro, sem tiro de cavallos ou de juntas poder correr com extrema rapidez. Para executar estes planos não só não se lhe deu dinheiro ao sabio *Franciscano*, mas foi encerrado, *como mago*, n'uma prisão, d'onde o tiraram *por ordem do Papa Clemente* IV. Mas nem por isso se póde negar ao seu genio inventivo a gloria de ter antevisto, ha quasi sete seculos, o vapor de terra e de mar. (*Rhorbacher, hist. univ. da Egreja, liv.* 74).

Porém ainda quando tivesse executado os seus planos, comtudo não lhe poderiamos attribuir a primeira invenção dos vapores, visto pertencer ao Santo martyr Severino Boecio, de quem se reza em Pavia em 23 de outubro, e soffreu o martyrio no anno de 525. Pois na carta de louvor que o rei Frederico lhe dirigiu o elogia tambem porque *facit ignem ponderibus currere*, isto é, faz correr o fogo por um systema de equilibrio. A phrase é breve, mas clara demais, qualquer que seja o sentido, que lhe queiramos attribuir.»

«Passemos agora ás

Descobertas sobre a Attração

«Já vimos o *Dominico Vicente de Beauvais* conhecendo a força da Attração desde o seculo XIII. Em tempos mais proximos, o verdadeiro auctor da theoria sobre a Gravitação foi o *P. João Carlos de la Faille* (1597-1654) da Companhia de Jesus (*Bibl. cit. ser. 2. tit. Faille*).»

«Em 1724 o *P. Luiz Bertrando Castel* publicou o *Traité de la pesanteur universel*, em que explica todos os phenomenos por dois principios,

que são a actividade dos espiritos, que gera o movimento, e a gravidade dos corpos, que os faz tender todos para o descanço. (*Dezobry, tit. Castel*).»

«Finalmente, na=*Theoria* da *philosophia natural reduzida a uma só lei* = o *P. Roger—José—Boscovich* (1711-87) quer explicar todos os phenomenos pela Attração e Repulsão (*Dezobry, itt. Boscovich*).»

«A outro Padre devemos a

Descoberta do Cristallographia

«Ainda que Romão de Lisle em 1772 publicasse alguma cousa sobre esta materia, todavia nos cristaes não viu mais, que corpos isolados. A *lei da symmetria*, a que estão subordinadas todas as formas cristallinas, foi descoberta em 1781 pelo *P. Renato—Justo—Hauy*, mais tarde *conego honorario de Notre-Dame*. Caindo-lhe um dia no chão um grupo de espatos calcareos cristalizados em prismas, reparou que os miudos pedacinhos conservavam todos uma forma regular e constante. Esta descoberta elevou a Cristallographia a sciencia rigoroza, e tornando-se a primeira a base da mineralogia geometrica, abriu aos mineralogistas uma nova era *(Dezobry, tit. Hauy)*.»

«Não descuidou o Clero as artes liberaes, e tem interesse as suas

Descobertas na Pintura

«O modo de dar ao vidro uma tinta amarella diafana, empregando o oxido de prata, foi descoberto pelo *B. Jacob, de Ulm, Dominico:* é um processo que tinha sido procurado inutilmente *(Peti-*

tes Bollandistes, Vie de B. Jacques d'Ulm, 12, octob. 1491).

Ao *P. Vicente Requeno y Viccas* devemos agradecer o descobrimento da arte antiga dos pintores Gregos e Romanos *(Bibl. cit. ser.* 5. *tit. Requeno).*

Desde o seculo x Theophilo, o *Monge*, deixou escripto o modo de pintar sobre a tela, sobre a madeira, sobre o pergaminho, sobre o vidro e a fresco. Escreveu tambem dos esmaltes, do mosaico em cristaes corados, da arte de carregar de negro, etc. *(Dezobry, tit. Theophilo).*

O Manequim de móla, de uso geral entre os pintores, foi invenção de *Frei Bartòlomeu de S. Marcos* (1469-1517), pintor *Dominico (Dezobry, tit., Baccio).*

O *Jesuita* André Pozzo colligiu as regras da Prospectiva e as publicou em Roma em 1695 *(Dezobry, tit. Pozzo).*

Mas venhamos ás

Descobertas Musicaes

Sobre tudo deviam concorrer, e concorreram de feito, as descobertas sacerdotaes, para que o povo christão pagasse a Deus o tributo, que a Sagrada Escriptura chama *Hostiam vociferationis.* E na verdade não sei o que não deva ao Clero a Musica moderna.

Pois Guido de Arezzo, *Beneditino* do mosteiro de Pomposa inventou a Escala com seis notas, no fim do seculo x, com tanto proveito, que pôde escrever em uma carta: *Dentro de um ou dois annos temos já prompto um excellente Mentor de canto, ao passo que antes eram necessarios 10 annos para se aprender a cantar imperfeitamente!*

Expoz o seu methodo no *Micrologo* (*Dezobry, tit. Gui d'Arezzo*.)

O musico mais celebre do seculo passado foi o *P. João Baptista Martini, Franciscano*, que deixou uma bibliotheca musical de 17:000 composições (*Dezobry tit. Martini*).

Succedeu-lhe na eschola de composição o *P. Stanislau Mattei* (1750-1825), que entre outros discipulos celebres, teve tambem *Rossini* e *Donizetti* (*Dezobry, tit. Mattei*).

Depois de profundos estudos o *P. Juvenal Sacchi* (1726-89), *Barnabita* chegou a descobrir o systema musical dos antigos. (*Dezobry, tit. Sacchi*).

Quanto á musica instrumental, as invenções foram admiraveis. O *P. João Baptista Laborde* inventou o Cravo electrico, no qual a electricidade é a alma, como no orgão o ar. Publicou a descripção do seu achado em 1761. (*Bibl. cit. ser. 6 tit. Laborde*).

O Cravo ocular do *P. Luis Bertrando Castel* (1688-1757) é uma machina que affecta os olhos pela variedade e successão das cores, como os outros cravos affectam os ouvidos pela successão dos sons (*Dezobry, tit. Castel*).

O Serpentão, instrumento para egrejas, foi inventado pelo *P. Edemundo Guillaume, Conego* d'Amiens no seculo XVI. (*Dezobry, tit. Guillaume*).

O *P. Mario Domingos José Engramelle, da ordem de S. Agostinho*, imaginou um mechanismo, que nota as peças tocadas sobre o cravo, pouco a pouco, á medida da execução d'ellas: imaginou tambem um instrumento dando a divisão geometrica dos sons em modo, que se pode determinar a incerteza dos afinadores de instrumentos.

Em 1775 publicou a Tonotechnia, ou Arte

de notar os cylindros e tudo o que é susceptivel de nota nos instrumentos de concertos mechanicos. E' o primeiro trabalho n'esta materia. *(Dezobry, tit. Engramelle).*

Ao *P. Nicolaü Fabris* de Chioggia (1739-1808), *Oratoriano*, devemos um piano com registo e teclados para a harmonica de *Franklin;* uma taboa de progressões harmonicas para afinar prompta e facilmente instrumentos de cravo; um cravo no meio do qual as notas se acham escriptas ao mesmo tempo que são movidas; uma mão de páu, de mola, para bater toda a sorte de cadencias. (*Dezobry, tit. Fabris*).

Sobre a theoria da harmonia deixou o *P. Jose Jorge Vogler* (1749-1814) preciosos trabalhos. (*Dezobry, tit. Vogler*).»

Conclusão

«E aqui acabaremos o *Ensaio do Primado do Clero nas descobertas* scientificas, para não passarmos os limites d'um *Ensaio.*

E qual seriam as razões d'este facto Providencial? Escolhamos uma entre outras muitas. E' o ensino tarefa tão sublime, que Jesus Christo o confiou ao Clero: *Euntes, docete.* Ao mestre sacerdotal prometteu Deus a sciencia em geral, por bocca do propheta Malaquias: *Labia, sacerdotis custodient scientiam.* A Egreja inculca ao Clero que todos os dias a peça a Deus, dizendo-lhe: *Bonitatem et disciplinam et scientiam doce me.* Não admira pois, que mesmo nas Sciencias naturaes (embora sejam de ordem secundaria) o Clero docente receba de Deus maiores luzes que os leigos. O que notamos, para que se conheça que ex-

cluir o Clero do ensino, é subverter uma ordem, que o proprio Deus estabeleceu.

CXLIV

Ainda o Clero e as Descobertas

Já aqui me aproveitei dos excellentes artigos, que na *Ordem*, de Coimbra tem ultimamente publicado o snr. *F. d'A.*; e ainda me vou aproveitar do que se lê na mesma folha de 15 de agosto do anno de 1888, sob o n.º II, transcrevendo uma lista de ecclesiasticos descobridores, que o mesmo snr. F. d'A. diz ter copiado de outra, *que um escriptor catholico organisou*. Transcrevo-a *completa*, sem omissão de algum nome ou facto já aqui apontados, colhidos em outros escriptos, porque isso, longe de prejudicar, corrobora; e porque ninguem pode suppor que eu, em tamanha abundancia, precise de fazer do Clero exercito de theatro, que sahe por um bastidor e entra por outro, para figurar grande numero, quando o grande numero é precisamente o que mais me embaraça.

Vejamos a lista, que vem no alludido artigo:

Eis ahi, entre outras cousas, o que se deve aos *padres catholicos*, a essa classe de ignorantões e estacionarios:

« *A Guy d'Arezzo, a simplificação da solemnisação* (?) hoje adoptada; *ao diacono Gioia, o iman e a bussola; a Alberto, o Grande, dominicano, o zinco e o arsénico; ao Papa Sylvestre II, o primeiro relogio de pendula; ao monge Rogerio Bacon, o primeiro despertar da sciencia experimental e curiosissimas descobertas sobre a optica e a refracção da*

luz; ao dominicano Spina, a invenção dos oculos; ao monge Schwartz, a polvora (que só devera ter servido para fazer rebentar pedreiras, e já seria utilissima); *a Ricardo Walingfort, abbade inglez, a construcção do primeiro relogio astronomico; a Bazilio Valentino, benedictino, a primeira applicação feita na medicina das propriedades do antimonio; a Lucca de Borgo, a algebra; ao bispo Ignacio Danti, as variações das inclinações da ecliptica; ao monge Lucio Placido, a applicação da algebra ás construcções geometricas; ao jesuita Kircher, a construcção do primeiro espelho ardente e a formação do gabinete precioso de historia natural que ainda hoje se admira em Roma, sob o titulo de Museum Kircherianum; ao cardeal Regio Montano, o systema metrico; ao conego Copernico e ao cardeal Cusa, as primeiras e positivas noções do verdadeiro systema cosmologico, e ao ultimo a affirmação da mobilidade da terra* que precedeu a grande e explendida demonstração de Gallileo; *ao diacono portuguez Brotero, a primeira tentativa scientifica d'uma flora portugueza; ao padre Bartholomeu de Gusmão, paulista, a invenção do aerostato; ao padre l'Épée, a invenção do alphabeto dos surdos-mudos que pela primeira vez os admittiu ao convivio social; ao padre Winckelmann, bem como aos sacerdotes romanos Lanzi, Angelo Mai, Mezzofante, os primeiros estudos de egyptologia* que iniciaram Champollion nas suas gloriosas descobertas archeologicas; *ao conego Hauy, prodigioso naturalista, a descoberta da crystallographia; ao padre Pallanzani, o interessante descobrimento dos phenomenos de resurreição (ou quasi resurreição) que se observam nos articulados chamados rotiferos: ao padre Maguan, a invenção do microscopio* antes de Huygens, e *ao jesuita Secchi, o spectroscopio.*»

CXLV

Fr. João Mabillon

Foi um dos monges mais eruditos da Congregação Benedictina de Santo Amaro: a mais celebre das suas obras é a intitulada *De Re Diplomatica.*

(*Panorama* de 29 de dezembro de 1838).

CXLVI

Fr. Luiz de Granada

«Foi, como é sabido, um dos homens *mais doutos* e virtuosos que produziram as Hespanhas: as suas obras tanto em latim como em vulgar gosaram, *e ainda gosam, por toda a Europa, de uma justa celebridade.*»

(Idem, idem).

CXLVII

O clero e o theatro

Pois tambem o clero fez serviços ao theatro?! Tambem. E só póde isto, com admiração, perguntar-se hoje, por se vêr o theatro desviado do seu primitivo fim, do que elle podia e devia ser: eschola de bons costumes.

Para o theatro merecer serviços ao clero, não era preciso que fosse sempre, como foi no principio, pelos *Mysterios* e *Oratorias*, lugar de edifica-

ção, encaminhando para o ceu; bastava que fosse lugar de diversão *innocente*, e eschola de instrução e moralidade, deixando de ser, *como agora frequentemente*, eschola de devassidão e impiedade, encaminhando para o Inferno. Vejamos, porém, como o clero foi, para assim dizer, seu inventor, os Monges seus primeiros actores, e lhe prestou os outros bons serviços.

Em 13 de maio de 1837, no *Panorama* d'esse dia e anno, lê-se o seguinte:

«O paiz onde primeiro appareceu a arte dramatica moderna foi a Inglaterra, se arte dramatica podemos chamar a espectaculos tirados de passos historicos da Biblia, sem invenção ou enredo, e só copiados litteralmente em discursos e acções. Estas primeiras tentativas theatraes, a que depois os francezes e italianos chamaram *Mysterios*, appareceram na Grã-Bretanha durante o 11.º seculo. Os monges as compunham e representavam, e ainda no fim do seculo 14.º elles pediam a Ricardo II embargasse os comediantes de exercerem uma profissão que julgavam ser um privilegio seu, porque ordinariamente o objecto dos dramas se tirava do velho e novo testamento».

«Pelas muitas relações que havia entre a Inglaterra e a França, parece que os *Mysterios* inglezes não tardaram em introduzir-se n'este ultimo paiz. *A morte de santa Catharina*, representada na abbadia de Dunstaple, em mil cento e tantos, foi no seculo seguinte posta de novo em scena no mosteiro de Santo Albano, em França, e é talvez esta a memoria mais antiga que temos da arte dramatica franceza. Depois esta continuou, e cresceu, chamando-se ás farças profanas, *jogos* ou *representações*, e aos dramas sacros *Mysterios*.....»

«...Desde o 14.º seculo apparecem dramas na

Allemanha, mas estes nada mais eram do que imitações dos *mysterios* francezes, e escriptos em latim pelos monges».

*

Em 23 de fevereiro de 1839, o mesmo *Panorama* publicava outro artigo, onde se lia:

«Os primeiros dramas regulares hespanhoes nasceram no principio do seculo 16.º, e, o que é mais notavel, fóra de Hespanha».

«Um certo Torres Naharro, [1] residente em Roma, compoz alli varias comedias, que foram representadas perante Leão 10.º N'ellas a invenção é feliz, os caracteres bem traçados e o dialogo vivo».

....

«Naharro compoz tambem uma arte dramatica, a primeira que appareceu em castelhano: n'ella faz a distincção da tragedia e da comedia, e divide esta em duas especies, comedia de *noticia*, isto é, historica, e comedia de *phantasia*, isto é, de imaginação; foi tambem elle que inventou os *introitos*, ou prologos, e que deu aos actos a denominação de *jornadas*, seguida depois constantemente pelos auctores hespanhoes nas divisões dos seus dramas.»

*

Ainda a respeito do que o theatro deve ao clero, quero deixar aqui apontado o que diz o manuscripto do ecclesiastico estrangeiro que entre nós vive, a que já me referi, e que d'elle não extractei,

---

1 Que era *Padre*, segundo diz o mesmo *Panor.* n'este artigo, em lugar não transcripto aqui, mas lá se póde verificar.

quando lhe fiz outros extractos, para não baralhar uns assumptos com outros.

Lê-se, pois, n'esse manuscripto, por occasião de fallar da *Phantasmagoria* e da *Lanterna Magica*, o seguinte:

«E porque fallamos no theatro, diremos de passagem, não faltar, entre os doutores da egreja, quem se occupasse d'elle; pois um livro do B. Alberto Magno, *Bispo de Ratisbona*, tem por titulo *Arte Theatral (Petites Bollandistes, 15 novembr. Vie du B. Alb. Mag.)*.»

Infelizmente este livro, fundador do theatro christão, está ainda inedito!»

CXLVIII

Fructo das Instituições Catholicas em New-York

O que vae ler-se é extrahido de fonte insuspeitissima; são informações colhidas pelo *N. Mensag.*, do mez de Março de 1883, d'um escriptor protestante da seita dos «Baptistas» em um artigo n'aquelle anno publicado no jornal *Examiner* orgão da mencionada seita. E, ainda que nem tudo o que vou copiar se liga estricta e directamente com o fim principal d'estes meus apontamentos, tem como elle todavia indirecta relação, e pareceu-me tão interessante que não julguei dever fazer-lhe grandes mutilações.

Está fallando o auctor do artigo do *Examiner*, dos progressos do catholicismo n'aquella importante cidade da Republica americana, e diz:

«Ha em New-York trinta e tres conventos de religiosas. Cada um d'elles tem uma organisação

completa e um fim especial. Além do seu fim religioso, estes conventos são *casas e escólas* para as meninas, até filhas de protestantes. Estas escólas, diz o auctor insuspeito que vamos seguindo, offerecem indubitavelmente muitas vantagens especiaes; *é melhor o resultado dos estudos alli feitos*, e aquellas mulheres pacificas, santas, intelligentes, admiravelmente bem educadas, e algumas bellissimas, fazem de cada alumna protestante uma mui boa catholica romana. *Se estas escólas particulares faltassem*, seria uma verdadeira perda para a cidade, porque *a organisação e moralidade d'ellas são assás perfeitas;* o que para os protestantes é grande motivo de raiva, posto que não de proveito.»

«*Além das escólas dos conventos, ha tambem outras 26 mantidas por membros de varias congregações,—irmãs e frades*, para os filhos das melhores familias. Entre estas *escólas* avulta *a famosa de S. Vicente de Paulo, para meninos e meninas*, sendo estas ensinadas por quatorze irmãs e aquelles por crescido numero de padres. Estes conventos são igualmente asylos, onde o numero de orphãos sobe de 75 a 200.»

«Os dois *collegios* da Companhia de Jesus— o de *Fordham* e o de *S. Francisco Xavier*, onde reside o provincial—acham-se em um estado florescente. Ambos são frequentados *por uns mil estudantes.* As *escólas parochiaes* são ainda mais poderosas pelo numero dos seus alumnos. Ellas exercem sobre os rapazes um imperio *temivel.* Na diocese de New-York contam-se *mais de 50*, cada uma *com 40 alumnos* pelo menos; a da *Immaculada Conceição*, regida por clerigos seculares, tem *trinta e seis mestres e dois mil e trezentos alumnos, rapazes e raparigas*, quasi em numero igual. O total

dos que frequentam as escólas parochiaes não anda longe de quarenta mil.»

«Em asylos e hospitaes New-York não tem rival. Mulheres inspiradas pelo espirito da caridade christã, percorrem constantemente os armazens e as casas em busca de recursos para sustentação d'aquelles pios estabelecimentos. Affrontam os rigores das estações, as injurias dos homens, e nada as demove da santa tarefa a que se dedicaram. Tambem se ha uma calamidade, uma desgraça, ellas são as primeiras a correr em soccorro das victimas. «Eu vi (diz o auctor) homens devorados pelas chammas de oleos explosivos: antes que nós podessemos domar o incendio e procurar um abrigo para estes infelizes agonisantes, as Irmãs de caridade, inclinadas sobre elles, vertiam o balsamo dos seus frascos, antecipadamente preparados na previsão de semilhantes accidentes, e refrescavam com algodão embebido as carnes fumegantes. Eram mulheres delicadas, de alvo rosto; suas mãos, habeis e ligeiras, tocavam as feridas com uma affectuosa doçura. Não inquiriam se era pagão ou romano. A angustia e o soffrimento teem o direito de receber, sem paga, os seus inapreciaveis serviços. Vi homens contusos, despedaçados, cobertos de sangue. Essas habeis e seguras mensageiras chegavam, e quando estava comprida a sua missão, affastavam-se tranquillas, sem aguardarem uma unica palavra de agradecimento.»

«No hospital de *S. Vicente* os doentes sobem igualmente ao numero de mil; no de *S. Francisco* ha habitualmente quazi 200. A mulher habil e dedicada que dirige este estabelecimento é apenas conhecida pelo nome de Soror Desideria. Tem por ajudantes 30 irmãs e cinco postulantes. Chamamlhes as *Irmãs dos pobres de S. Francisco*. Todos os

dias do anno o sino da sua capellinha toca antes da aurora; desde a primeira chamada eil-as a resar, ou a cuidar dos enfermos e a velar os mortos. Assim ellas caem doentes, extenúam-se, morrem; e tão silenciosamente como viveram; são levadas por uma porta, que dá sobre a rua, e conduzidas ao tumulo quasi sem acompanhamento. Velando sempre á beira da sepultura, por fim lá vão cair n'ella.»

«*Ha 9 recolhimentos para orfãos; 14 asylos com 7:000 creanças approximadamente; 8 escolas industriaes e casas de correcção com 4:000 alumnos.* O recolhimento dos engeitados em New-York occupa uma série de magnificos edificios na avenida *Lexington*, e está situado em diagonal com o *Baptist-Home*, nossa *unica instituição* d'este genero. O asylo está em via de engrandecimento, e encerra mais de 2:000 expostos. Ha ainda casas para os abandonados; a Madre Magdalena dirige uma. Ha-as para os velhos, homens e mulheres. Ha um monte-pio para os velhos edosos.»

«Não se pense (conclue o *Examiner)* que havemos exposto aqui todas as obras notaveis dos catholicos n'esta metropole. Ha outra phase, ainda em formação, que excede toda a expectativa.»

CXLIX

Outra lista de benemeritos das sciencias só de jesuitas

A muito interessante e muito util Revista Religiosa que se publica em Paris com o titulo *La Controverse — Revue des objections et des réponses en matière de rêligion,* trazia, no seu n.º do 1.º de março, de 1881, um excellente artigo, em

refutação das frequentes affirmativas dos inimigos da Egreja e do Clero: «*A fé é inconciliavel com a rasão e com a sciencia. A Egreja é hostil á sciencia e ás luzes*». E n'esse artigo, o sr. C. Alph. Valson, *Decano da Faculdade Catholica das Sciencias de Leão*, que o subscreve, antes de formular a lista [1] que para aqui vou trasladar, diz:

«Os jesuitas illustraram-se em todo o genero de conhecimentos humanos: a theologia, a philosophia, a eloquencia do pulpito, a litteratura, as artes e as sciencias, a nenhuma d'estas coisas foram estranhos, do mesmo modo que o não foram ao genio e á gloria que com elles se ligam.»

«Ha uma obra notavel, que consta de tres grossos volumes em folio, intitulada: *Bibliotheca dos Escriptores da Companhia de Jesus*, pelo P. Agostinho de Backes, edição de 1869».

«Limitar-me-hei, porém, aqui ao que respeita ás sciencias, e mais ainda, n'esta ordem particular de idéas, me restringirei a referir os nomes e os trabalhos dos sabios mais eminentes, dos que podem caracterisar melhor a sua epocha.»

«Não me permittem os limites d'este artigo entrar em minuciosidades, farei esta exposição simplesmente em fórma de estatistica; os factos fallarão bastante por si mesmos, e, além d'isto, o essencial é apresentar ao leitor elementos em que possa fundar a sua apreciação e assentar o seu juizo.»

---

[1] Do mesmo modo que na lista anterior, não quiz omittir nenhum nome ou facto d'esta, embora estivesse já apontado.

XV e XVI seculos

«*P. Clavius.*—Sabio geometra. Merece, por seus trabalhos, o nome de «*Euclides do XV seculo*». Astronomo.—Foi encarregado pelo Papa Gregorio XIII de dirigir a reforma do kalendario, conhecida pela denominação de reforma gregoriana. Esta reforma celebre effectuou-se durante o anno de 1582.—A principal obra do P. Clavius, publicada em 1603, é a que se intitula: *Explicação do kalendario gregoriano.*

«*P. Gregorio de S. Vicente.*—Geometra celebre, disciplo do P. Clavius, a quem succedeu na cadeira de Roma. Fez muitas descobertas importantes em geometria. Ha este consideravel testemunho de Leibnitz: que o P. Gregorio de S. Vicente formava, com Fermat e Descartes, o triumvirato da geometria no XVII seculo».

«*P. Scheiner.*—Professor na Universidade de Ingolstadt. Distinguiu-se especialmente como astronomo. Fez simultaneamente com Galileu, em 1610, a descoberta das manchas do sol. As suas obras principaes são: «*Disquisitiones Mathemaitcae*» 1614, e «*Oculus, sive fundamentum opticum*», 1619. Helvecio exprime-se assim a respeito do *P. Scheiner:* «Vir comparabilis et in omni genere eruditionis.»

«*P. Riccioli.*—Foi um dos primeiros astronomos do seu tempo. Publicou em 1631 um grande tractado astronomico sob o titulo de: «*Almagestum novum*»; em 1665, «*A Astronomia reformata*»; em 1669, «*A Chronologia reformata*».

«*P. Kircher.*—Sabio universal. Ensina primeiro as linguas orientaes em Wurtzbourg.—E' ex-

pulso da Allemanha pela guerra dos Trinta Annos. Reside em Avinhão, depois em Roma, onde ensina no Collegio Romano. Distinguiu-se em quasi todas as sciencias: nas mathematicas, na physica, na historia natural. Adquiriu tambem grande reputação como archeologo, philologo, numismatico, e até como musico. Deixou 83 tratados scientificos, dos quaes 14 de mathematica, 15 d'astronomia, e 28 de physica. Em physica, occupou-se principalmente de magnetismo, d'optica e de acustica. Deve-se-lhe a invenção do apparelho conhecido com o nome de *lanterna magica*. Fundou em Roma um museu d'antiguidades, que se conserva no Collegio Romano com a designação de *Museum Kircherianum.*»

«*P. Grimaldi.* — Physico eminente. — E' especialmente celebre pela descoberta e explicação do phenomeno da *diffracção* e das *interferencias.* — Este phenomeno é fundamental em optica. Serve de ponto de partida e de base para a theoria das *ondulações*, que consiste em considerar a luz, não como uma substancia material extremamente subtil, como succedia na theoria da *emissão*, mas simplesmente um movimento vibratorio extremamente rapido, e por conseguinte, como uma qualidade ou um attributo da materia. — Todos os trabalhos modernos tem confirmado a exactidão d'esta theoria, que foi estabelecida pela primeira vez pelo *P. Grimaldi.*»

. . . .

Missões Estrangeiras dos Jesuitas

Emquanto a Companhia, exercendo o seu apostolado na Europa, se dedicava assim ao estudo das sciencias, outra parte dos seus membros espalhava-se

por todas as regiões do globo, prestando outros serviços. *O P. Albanel* penetra no Canadá, e ahi prepara o estabelecimento dos Francezes; o *P. Paer* chega ao centro da Africa e lá descobre uma das nascentes do Nilo; outros *Padres* vão ao coração da America do Sul e fundam as famosas missões do Paraguay.»

«Mas as mais celebres das missões estrangeiras dos P. P. Jesuitas, são incontestavelmente as da China. E' preciso lêr a collecção das *Cartas Edificantes*, continuada, em nossos dias, pelos *Annaes da Propagação da Fé* para se fazer idêa exacta dos serviços feitos por estas missões longinquas.»

«Na China, os Jesuitas acharam uma civilisação adiantada, que remontava a mais de 2:000 annos; espiritos cultivados, não á européa sem duvida, mas tendo grande numero de conhecimentos e muita avidez de conhecimentos novos que os missionarios lhes traziam. Os annaes chinezes contém muitos documentos scientificos, sobretudo no que respeita á astronomia, do mais alto interesse, pela sua mesma extrema antiguidade. Os Jesuitas exploraram-n'os com o maior cuidado, achando-se, por isso, no caso de prestar á sciencia novos e importantissimos serviços.»

«Dos Jesuitas, que mais se destinguiram n'este genero de investigações, devem citar-se os seguintes:

«*P. Ricci.* — Foi admittido na côrte imperial. — Fundou na China estabelecimentos scientificos. — As suas memorias foram collegidas com o titulo: «*De Christiana expeditione apud Sinas.*»

«*P. Verbiest.* — Foi presidente do tribunal de mathematicas na China. — O Imperador foi seu discipulo. — Reformou o kalendario chinez. — Organisou a fabricação da artilheria chineza.»

«*P. Parennin.* — Occupou-se principalmente de viagens. — Levantou cartas de geographia. — Propagou na China os tratados europeus que traduziu em lingua indigena. — Lê se o que se segue n'uma das suas cartas dirigidas á Academia das Sciencias de Paris, acompanhando a remessa de muitos desses tratados traduzidos: «Senhores, ficareis surprehendidos, vendo que vos remetto de tão longe um tratado de astronomia, um curso de medicina, e questões de physica, escriptos n'uma lingua que, sem duvida, vos é desconhecida; mas a vossa admiração acabará quando virdes que são as vossas proprias obras que vos remetto vertidas á Tartara.»

«*P. Gaubil.* — Este missionario estudou com particular cuidado as antiguidades chinezas, principalmente as scientificas. — As suas principaes obras são: *Tratado historico e critico da astronomia chineza* e *Tratado de chronologia chineza.* — Os trabalhos scientificos do P. Gaubil prestaram grandes serviços aos astronomos; Laplace utilisou-se delles no seu tratado da *Mecanica celeste.*»

XVIII seculo

«A situação scientifica da Companhia chegou ao seu apogeo por meado do XVIII seculo.»

«Estava á frente de 24 Universidades, nomeadamente as de Vienna, Praga, Wurzbourg, Heilderberg, Ingolstadt.»

«Tinha 669 collegios e 157 escholas analogas ás que hoje se chamam escholas normaes.»

«Dirigia 32 observatorios, entre estes, os de Vienna, Wurzbourg, Praga, Gratz, Vilur, Milão, Florença, Roma, Palermo, Lisboa, Lyão, Marselha.»

«De 1750 a 1773, Lalande conta 42 Jesuitas astronomos que publicaram 87 obras importantes.»

«Os P. P. *Laval*, *Gouye* e *Soucyet* foram membros da Academia das Sciencias.»

«Em 1769, o *P. Hell*, com mais 14 *Padres* que a Companhia pôz á sua disposição, dirigiu uma das expedições scientificas destinadas a observar o phenomeno raro e importante da passagem de Venus pelo Sol. — Esta expedição verificou-se na Laponia, e foi organizada á custa do rei de Dinamarca. — As observações do *P. Hell*, comparadas ás relatadas por outras expedições, são reputadas das melhores.»

«Entre os Jesuitas celebres do XVIII seculo deve-se citar em primeira linha o P. *Boscowich*. — Foi primeiro, professor no Collegio Romano. — Em seguida, foi encarregado de diversas missões scientificas e diplomaticas. — Viajou em França e em Inglaterra. — N'este ultimo paiz, tomou conhecimento dos trabalhos de Newton, de quem propagou as ideias quando voltou á Italia. — Foi professor algum tempo em Pavía, depois veio a Paris onde foi encarregado da direcção dos trabalhos d'optica para a marinha. — Em ultimo logar, veio residir em Milão, e dirigir as operações de medir um arco do meridiano na Lombardia.»

«As principaes descobertas do P. Boscowich, tem relação com a astronomia e com a optica; estão expostas n'uma obra intitulada: *Opera ad opticam et astronomiam pertinencia.*»

«Este sabio deixou ainda outra obra que tem por titulo: *Theoria philosophiæ naturalis redacta ad unicam legem virium in natura existentium*, na qual tenta explicar os phenomenos da materia por acções attractivas ou repulsivas das moleculas. As ideias inteiramente novas que elle a este respeito

emitiu tem sido o ponto de partida d'essas bellas e fecundas theorias que occupam hoje tão consideravel logar na sciencia, e que tão conhecidas são com o nome de *Mechanica molecular, Theoria mechanica do calor ou Thermodynamica.*

Deixo aqui de transcrever uma justa apreciação do illustre auctor d'este artigo, quando se indigna contra os perseguidores da Companhia, que, assim destruiram tantos operarios da civilisação e do verdadeiro progresso, mencionando particularmente as admiraveis e prodigiosas Missões do Paraguay, a que ainda terei de me referir. Não posso trasladar tudo, e tenho pressa de chegar aos jesuitas mais notaveis d'este seculo. Não resisto, porém, a transcrever as palavras finaes d'aquella parte indignada contra os perseguidores, reproduzidas de *J. de Maistre*:

«Quando se pensa — *dizia José de Maistre* —
«na detestavel colligação de ministros preversos,
«de magistrados em delirio, e de ignobeis sectarios
«que poderam destrüir esta maravilhosa institui-
«ção, e applaudir-se da façanha, julga a gente vêr
«aquelle doido, que punha gloriosamente o pé so-
«bre um relogio, dizendo: *eu te impedirei de andar.*»

Prosigo transcrevendo:

XIX seculo

«Depois d'um eclipse de quasi meio seculo, foi a ordem dos Jesuitas solemnemente restabelecida por uma bulla do Papa Pio VII, com data de 7 d'agosto de 1814.»

«A Companhia metteu logo mãos a levantar das ruinas as suas antigas obras; as sciencias continuaram a ser, como foram no passado, um dos principaes objectos de suas preoccupações.»

«Era preciso reedificar tudo. Começou pelo Collegio Romano, que foi restaurado em 1814, sob a direcção do *P. Dumouchel*, antigo discipulo da Eschola Polytechnica, recentemente entrado na Ordem. Estabeleceu-se alli um observatorio astronomico, o qual em breve adquiriu grande celebridade.»

«Eis os nomes d'alguns Padres jesuitas, d'entre um grande numero, que, depois da Ordem restaurada, occuparam nas sciencias logar eminente:

«*P. Delsaux.* — Professor de physica em Luvaina — publicou, em diversas Revistas, numerosas memorias sobre a physica.»

«*P. Cappelleti.* — Missionario em Santiago do Chili. — Ha d'elle uma memoria importante sobre a aurora polar austral de 26 de Julho de 1861; e além d'isto duas memorias sobre os eclipses totaes de 15 d'Abril de 1865 e de 20 d'Agosto de 1867, observados no Chili.»

«*P. Solaro*, de Bastia. — Auctor de muitos escriptos sobre a meteorologia, o granizo, e a electricidade solar.»

«*P. Piancioni.* — Professor no Collegio Romano — publicou *18 obras ou memorias* notaveis sobre assumptos scientificos.»

«*P. Dressel.* — Professor na Eschola Polytechnica de Quito. — Ha d'elle *10 memorias* sobre chimica e sciencias naturaes.»

«*P. Larcher.* — Professor de chimica na Eschola de Santa Genoveva de Paris. — Preparou e dirigiu a edição da obra do P. Secchi intitulada «O Sol.» — Publicou, d'elle proprio, perto de *15 memorias* em diversas collecções.»

«*P. Maas.* — Professor em Friburgo. — Tem *12 memorias* sobre a electricidade, publicadas nos boletins da Academia da Belgica.»

« *P. Carbonnelle.* — Professor de mathematicas em Namoour, Lavaina, e Bruxellas. — Publicou muitas memorias no *Boletim da Academia Real da Belgica.* — De 1865 a 1867 dirigiu um jornal scientifico em Calcuttá. — Voltando á Belgica organisou uma sociedade scientifica e a publicação de uma Revista. »

« *P. Pepin* — Auctor de muitas memorias sobre as partes mais elevadas da theoria dos numeros, publicadas na collecção da Academia Romana dos Lyncoi. »

« *P. Jullien.* — Auctor d'um tractado de mechanica racional, que ficou classico, e ainda não foi substituido ha um quarto de seculo. — Caso extremamente raro na nossa epocha. — Publicou, além d'isto *uma memoria* sobre o movimento da Terra á roda do seu centro de gravidade, e *outra* sobre o calculo das probabidades no caso das observações multiplicas. »

« *P. Joubert.* — Antigo discipulo da Eschola Normal superior, promoção de 1845. — E' um dos geometras mais eminentes da nossa epocha. — Por seus trabalhos é digno da Academia. »

« A companhia tinha antigamente numerosos e florescentes Observatorios. Foram restaurados muitos d'estes estabelecimentos; e grande numero d'outros fundados em todos os pontos do globo. Tem estes prestado já, e são chamados ainda a prestar, á sciencia serviços excepcionaes. Tentaremos dar uma ideia do que se tem feito, e do que é permittido esperar para o futuro. »

« *O Observatorio do Collegio Romano,* é o mais celebre dos Observatorios dirigidos pelos Padres Jesuitas. Já dissemos que tinha sido *restaurado em 1814 pelo P. Dumouchel,* que passou em seguida a ser dirigido pelo *P. de Vico,* o qual obser-

vou a marcha do Cometa de 1840. Expulso em 1847 pelos acontecimentos politicos, o *P. de Vico* foi para um observatorio americano, d'onde voltou para a Inglaterra, onde morreu em 1848.»

« Depois da revolução de 1847, o Observatorio foi novamente entregue á Companhia, que confiou a sua direcção ao celebre *P. Angello Secchi*, que tinha já experiencia adquirida anteriormente nos Observatorios de Stonyhurst, na Inglaterra, e de Georgetown, na America.»

« Pelas intelligentes liberalidades do Papa Pio IX, pôde o *P. Secchi* completar a organisação do Observatorio Romano, transformal-o, e fazer d'elle um estabelecimento verdadeiramènte novo e capaz de rivalizar com os maiores de todo o mundo.»

« O *P. Secchi* foi d'elle a *principal illustração. Este P.* deve contar-se effectivamente entre os *mais eminentes sabios do nosso seculo.* Os seus trabalhos foram principalmente sobre a Astronomia, a Phisica, e a Meteorologia. Fez investigações da mais alta importancia sobre as manchas do Sol, sobre as Faculas, sobre as Protuberancias, que o levaram a consequencias completamente novas ácerca da constituição d'este astro.»

« As obras publicadas pelo P. Secchi montam a 45 volumes entre os quaes se contam as Memorias do Observatorio Romano e o Bulletim Meteorologico do mesmo observatorio. Os mais notaveis dos seus livros são *O Sol, A Unidade das forças physicas, Os Espectros das estrellas fixas.* São estes livros extremamente insignes pela forma litteraria e pela elevação e caracter philosophico das ideias. Pertencem ao que se pode chamar *a grande litteratura scientifica.*»

« Devem-se ainda ao P. Secchi numerosos e

importantes aperfeiçoamentos nos processos e methodos de observação. Citamos de passagem o apparelho registrador conhecido entre os sabios com o nome de Météorographo.»...................

«Accrescentemos algumas indicações relativas aos outros observatorios, dirigidos pelos Jesuitas, escolhendo os mais importantes.»

«*Observatorio de` Stonyhurst* no Lancashire, em Inglaterra. — Este observatorio foi dirigido primeiro pelo *P. Weld* de quem o P. Secchi foi discipulo. — O *P. Siedgreaves,* inaugurou em 1863 em Stonyhurst, um observatorio magnetico, confiado desde 1868 ao *P. Perry.* — Este ultimo *Padre* foi encarregado em 1874 da direcção d'uma das expedições inglezas para observar a passagem de Venus pelo Sol.»

«Os serviços prestados pelo observatorio de Stonyhurst tem tal importancia que o governó inglez o adoptou officialmente, concedeu-lhe subsidios annuaes, e classificou-o entre os sete grandes observatorios do Reino-Unido.».

«O *Observatorio de Belen,* na Havana. — Dirigido pelo *Padre Bento Vives.* — Observações magneticas e meteorologicas. — Estudo da marcha regular e irregular do barometro na Havana, de 1858 a 1871.»

«Observatorio de *Georgetown* junto de Wasinghton, Estados-Unidos. — Dirigido pelo *P. Sestine.* — Investigações sobre a astronomia Stellar, e em particular sobre os phenomenos da calorisação que apresentam as estrellas.»

«*Observatorio de Calcuttá.* — Dirigido pelo *P. Lafont.* — Este Padre occupava-se especialmente em continuar os estudos espectrosopicos da iniciativa do P. Secchi.»

«*Observatorios chinezes de Shangai* e *de Zika-*

vei. — O *P. Dechevrens* que fundou o observatorio de Zikavei em 1874 e que o dirige desde esta epocha, é um antigo discipulo do P. Perry em Stonyhurst. — A sua attenção tem-se applicado principalmente ao estudo dos tufões e dos grandes furacões, que assolam periodicamente os mares da China. Tem já publicado muitas memorias que produziram viva sensação, e foram altamente apreciadas por M. Faye, na Academia das Sciencias de Pariz. — Possue os melhores instrumentos, e o seu observatorio é um dos que tem melhor organisação. — Está em communicação, por via telegraphica, com os observatorios de França, da Alemanha, e sobre tudo de Inglaterra.»

«O P. Dechevrens foi encarregado officialmente pelo governo inglez de notar todas as observações meteorologicas do litoral chinez.—O almirante em chefe da esquadra russa visitou recentemente o seu observatorio, admirou-o, e offereceu a este Padre pôl-o em communicação com os sabios russos.»

«O P. Dechevrens tem publicado numerosas memorias e redige alem d'isto um bolletim meteorologico mensal.»

«Observatorio de Manilha, nas ilhas Philippinas. — Dirigido pelo *P. Frederico Faura.*— Este Padre tem-se occupado principalmente do estudo dos tremores de terra, tão frequentes e tão terriveis n'aquelles paizes, e das relações que ha entre estes phenomenos e os grandes furacões.—Os resultados obtidos chegaram já a tamanha exactidão que ha dois annos, o P. Faura pôde annunciar com precisão 14 furacões.»

«Esta tentativa de designar leis regulares a phenomenos tão desordenados na apparencia como são os furacões, os tufões e tremores de terra, excitou primeiro grande incredulidade. Os proprios

inglezes, apesar do proveito que podiam tirar para segurança da sua marinha, ficaram indifferentes até estes ultimos tempos; mas tiveram de se render á evidencia dos factos, e hoje estão cheios de admiração. N'este mesmo momento o governo inglez trata de organisar em Hong-Kong um observatorio similhante ao de Manilha; para este effeito dirigiu-se ao governo de Madrid de quem dependem as ilhas philippinas, para obter individuos experimentados n'este genero tão novo de observações, e estes individuos são-lhe ainda fornecidos pela Companhia de Jesus: são *Padres Jesuitas.*»

....

....

Não posso trasladar tudo, mas não quero deixar de trasladar as palavras com que *M. Alph. Valson* conclue o seu bello artigo:

«E agora repito, ao terminar, a pergunta que fiz quando comecei:

«Será verdade que a Fé e a Sciencia sejam inconciliaveis?

«Será verdade que a Egreja seja hostil á Sciencia, ao progresso, ás luzes?

«A Companhia de Jesus, sósinha, nos põe em estado de dar uma resposta decisiva. Bem haja.

P.—Alph. Valson.
Decano da Faculdade Catholica das Sciencias de Lyon.»

*

Telephone

Não quero passar adiante, sem deixar notado que os jornaes estrangeiros de julho do anno findo disseram, e os portuguezes repetiram, que tinha

apparecido um documento de 1675, pelo qual parecia que a invenção do telephone se devia a Fr. *Cherubim, capuchinho* e geometra distincto.

CL

O Cardeal Manning

Do numero relativo a septembro do presente anno de 1888, do *Nov. Mens. do Cor. de Jes.*, transcrevo o seguinte:

«*Um jornal livre-pensador traça o retrato do Cardeal Manning, que vamos reproduzir.*

«O Bispo protestante d'Exeter disse outr'ora quando Manning era ainda Arcediago protestante de Clichester: «Ha tres homens a quem está reservado um grande futuro: Manning na Egreja; Gladstone na politica e Hope na magistratura.»

«Manning converteu-se ao Catholicismo em 1845. Nada do que toca ao *bem estar, á prosperidade e á moralidade* dos seus concidadãos lhe é extranho. E' um theologo *d'uma rara erudição.* O seu livro *Petri privilegium* representa *toda a theologia dos tres ultimos seculos, do concilio de Trento ao concilio do Vaticano.* Fundou a *Liga da Cruz* contra a intemperança, reunindo para luctar com elle *100:000 associados.*»

«E' á sua energia que os catholicos d'Inglaterra e do paiz de Galles devem *1:200 egrejas e capellas, 90 communidades religiosas, 322 conventos, 4 seminarios, 10 collegios, 15 outros collegios para os estudos inferiores, 1 collegio de missionarios, 2:000 escholas parochiaes, 37 instituições para os orphãos, 18 escholas industriaes, 5 hospitaes, 25 hospicios para a velhice, 7 asylos para as arrepen-*

didas, 3 para as crianças abandonadas, 1 para doidos, 1 para os cegos, 1 para surdos-mudos, 1 para os estropiados, 1 para tysicos, 30 associações operarias, 3 refugios para mulheres e numerosas sociedades para a diffusão de bons livros.»

«O Cardeal nasceu a 5 de julho de 1808. Não estará a sua vida bem cheia? As suas obras não fallam assás eloquentemente para attestarem a dedicação em prol do bem do grande Prelado inglez?»

CLI

Os Jesuitas no Paraguay

Não hei-de deixar de mencionar aqui, mas que em breves linhas seja, a mais prodigiosa obra do saber universal dos jesuitas, d'aquella sciencia comprehendendo muitas sciencias, com que lograram fundar a memoravel e sublime republica do Paraguay, que foi e ficou sendo, inveja e critica de todas as republicas antigas e modernas, e de todas as monarchias da terra.

E até digno de reparo fôra, que, alludindo-se, em alguns logares d'estes apontamentos, ás tão justamente afamadas *Reducções*, não ficasse tambem aqui declarado o que ellas eram.

Assim, pois, ao sr. *Pedro Diniz*, no seu precioso livro «*Das Ordens Religiosas em Portugal*», recorrerei, como a já antigo auxiliar meu, n'este genero de trabalho, e trasladarei o que alli se lê a pag. 216 e seg.:

«A mais admiravel d'essas colonias christãs é por certo a *Republica do Paraguay*, conhecida pelo nome de *Reducções.*»

«Foram tambem os jesuitas das Hespanhas

que projectaram e realisaram essa obra, a mais bella, que os homens nunca sonharam. Quando os conquistadores buscaram escravisar os povos, que habitavam o paiz do ouro, os jesuitas trabalhavam em adoçar a sorte d'esses povos, e obtinham, na côrte de Hespanha, a liberdade dos indios, que podessem reunir. Muita opposição venceram esses padres, para alcançarem o privilegio de derramarem o seu sangue na conversão dos idolatras.

«Chegados ao Novo Mundo, os missionarios espalharam-se pelas florestas, á procura de barbaros para congregar e instruir. Muitos padres morreram á fome; outros foram mortos pelos selvagens; alguns appareceram varados de flechas, e meio comidos pelas aves de rapina.»

«Trepando por escarpados rochedos, atravessando terrenos enxarcados, abrindo caminho pelos bosques, iam esses *ociosos* frades, procurando homens, e em seu logar encontrando muitas vezes bestas féras que os despedaçavam. Em sitios altos, e desassombrados, plantavam a cruz; e os indios admiravam de longe o estandarte christão. Depois appareciam os frades, e os barbaros se escondiam intimidados, e bisonhos; a pouco e pouco se iam costumando a vel-os, e a final se chegavam a elles sem medo, nem ferocidade. Então so padres fallavam; e deixavam o auditorio maravilhado, porque sempre fallavam em nome do céu.»

«Assim foram os jesuitas reunindo neophitos, e dilatando pelos sertões o dominio da christandade.

«Assim se formou a republica de christãos, a que se deu o nome de *Reducções.*»

«Em cada Reducção havia *escholas de lettras, d'artes, e de officios;* e quando uma criança chegava aos sete annos, os religiosos lhe estudavam o geito

e as propensões, para lhe darem a occupação que mais conveniente lhe fosse. Os proprios padres eram os mestres, porque *tinham aprendido as artes, para serem uteis aos seus semilhantes.* As mulheres trabalhavam em casas, e preparavam a lã, ou o algodão, que lhes era repartido. Tudo era commum. Cada familia recebia o necessario para a sua manutenção, conforme os individuos, de que se compunha.

« Tudo estava sabiamente disposto, n'esta admiravel republica. As mulheres casadas, que não tinham filhos recolhiam-se, na ausencia de seus maridos, em um hospicio chamado *Casa de refugio.* Que sã philosophia! Foi preciso que os jesuitas dirigissem os outros homens, para a fidelidade conjugal ter um abrigo e ser respeitada.

« Quem dera aqui os jesuitas, para fabricarem d'essas *casas de refugio,* que tão precisas são.

« As festas religiosas eram celebradas no Paraguay, com grande solemnidade. Um dia de festividade era de muita alegria; na vespera illuminavam-se as ruas, e dançavam as creanças nas praças publicas.

« O viver d'estes indios era innocente; não havia entre elles demandas, nem questões, porque não conheciam o *teu* e o *meu. Muratori,* fallando d'esta gente, lhe chama *Chritianisimo Feliz.* O Bispo de Buenos-Ayres, escrevendo a Filippe v, dizia assim:

« N'estas grandes povoações, compostas d'in-
« dios, dados por sua natureza a todas as especies
« de vicios, reina tanta innocencia, que não suppo-
« nho que entre elles se pratique um só peccado
« mortal. »

« Era assim que os frades formavam as uto-

pias, que os outros homens apenas sabem debuxar no papel.»

M. *Scotton de Bassano*, n'um discurso que ficou celebre, e que já corre, entre nós, traduzido em portuguez do original italiano, impresso no Rio de Janeiro, fallando das *Reducções*, exclama:

«Quem póde recordar as celebres *Reducções* do Paraguay, descriptas por *Robertson*, por *Haller*, por *Buffon*, por *Montesquieu*, por *Chateaubriand*, e não chorar de tristeza ao saber que já não existem? Os jesuitas tinham achado um deserto povoado de ferozes selvagens e o transformaram em um paraizo terrestre habitado por anjos, mas *Pombal* destruiu aquella creação da idade de ouro, por odio a seus autores, e *Voltaire* riu-se com riso satanico. Deshonra eterna a quem o fez e a quem o applaudiu!...»

São numerosos, e dos de maior nome e auctoridade, os escriptores que exaltam esta assombrosa colonia christã fundada pelos jesuitas; mas, se os não posso citar todos, não quero deixar de referir as palavras do astronomo *Lalande*, o famoso auctor do *Dictionaire des Athées*, que assim se exprime:

«Dois Ministros destruiram, sem recurso, a mais bella obra dos homens, da qual nenhum estabelecimento sublime se aproximará nunca, objecto eterno da minha admiração, do meu reconhecimento, e das minhas saudades.»

CLII

Massillon

O celebre *Oratoriano João Baptista Massillon*, Bispo de Clermont, foi um grande orador e um

profundo moralista, que mereceu os elogios de Chateaubriand. Os seus sermões destinguem-se pelo estilo, pela elegancia, e pela harmonia; as suas idéas são cheias de brilhantismo e de frescura; conhecia o coração humano e as suas secretas miserias.

(*A. Boniface.—Une Lect. par Jour.*)

CLIII

Fr. José de Santa Rita Durão

Foi *religioso* de notavel engenho e boas lettras, destinguindo-se na poesia. Deixou-nos um Poema sobre a historia extraordinaria e romantica de Francisco Pereira Coutinho, a quem a desventura lançara nas praias da Bahia, então habitada pelos ferozes tupinambas; aos quaes teve a industria e arte de captar as vontades e de escapar de ser devorado por elles, que lhe pozeram o nome de Caramurú *dragão do mar* (na sua linguagem barbara), e pelo uso que lhe viram fazer da polvora, *filho do trovão*. Da antonomasia de Caramurú tirou *Fr. José Durão* o nome para o heroe do seu poema, que é obra muito estimada, e tem duas versões em francez.

(*Panor. de 12 de Setembro de 1840*).

CLIV

O Abbade de l'Epée

O abbade de *l'Epée* foi um dos homens que mereceu mais a veneração de todos os verdadeiros amigos da humanidade; e cuja memoria será perpetua nos annaes da civilisação.

.... O moço *L'Epée* foi educado para a vida clerical, profissão para a qual o levava especialmente o seu genio alegre, brando e pio..........
...... Uma circumstancia accidental fez com que elle se désse á educação dos surdos-mudos. Teve, certo dia, de ir a uma casa tractar de um negocio; encontrou ahi duas rapariguinhas trabalhando na sua costura com toda a curiosidade; mas que nenhum caso fizeram das suas perguntas: eram duas surdas-mudas. A mãe das raparigas chegou d'ahi a pouco, e explicou-lhe o caso, com as lagrimas nos olhos.

Um clerigo chamado *Vanin*, tinha começado a educar as duas creanças por meio de pinturas, mas a morte o tinha atalhado na sua empreza, e ninguem mais apparecera que houvesse querido encarregar-se da educação das pobresinhas.

« Persuadido (são palavras do proprio abbade) de que estas creanças viveriam e morreriam ignorando a sua religião, se eu não achasse algum meio de as instruir; enchi-me de compaixão e disse á Mãe que as mandasse todos os dias a minha casa, e que eu faria quanto em mim coubesse para as ensinar e doutrinar. »

L'Epée era perseverante e desinteressado, na educação dos surdos-mudos. Tanto perseverou, que pôde, emfim converter a opposição e despreso, que a principio encontrara, em geral approvação. Tinha de renda quatro mil cruzados: mil gastava-os comsigo, e o resto na educação e sustento dos mudos indigentes. — « Os ricos, dizia elle, só entram em minha casa por uma especie de tolerancia; não foi a elles que dediquei meus trabalhos; foi sim aos pobres; que, se elles não fossem, nunca eu teria intentado a educação dos surdos-mudos.

(Panorama, de 16 de Fevereiro de 1839.)

CLV

O Jesuita Padre Piccirrillo no Collegio de Woosdtock

«Este sabio Jesuita, que falleceu ha pouco (diz a *Ordem*, de Coimbra, de 5 de septembro de 1888) contribuiu muito para a justa celebridade da *Civiltá Catholica* — douta e auctorisada Revista, que se publica em Roma — com os *Padres Curci, Taparelli e Bresciani*, publicando n'ella artigos profundamente scientificos e eruditos.»

«Escreveu admiravelmente sobre o espiritismo e pauperismo, e tomou parte no ultimo concilio de Baltimore.»

CLVI

O Beneficiado Dr. P. Antonio Comellas y Cluet

A *Semana Catholica* (Revista hespanhola) commemorando a morte d'este illustre ecclesiastico em fins do anno de 1884, dizia ter elle fallecido em Berga, e chamava-lhe «tão modesto e virtuoso *como sabio*» accrescentando ainda:

«A sua *Demonstracion de la armonia entre la Religion y la Ciencia*, e sua *Introduccion a la filosofia*, revelaram no obscuro beneficiado de Berga um philosopho catholico de primeira ordem.» Seus patricios tratam de lhe levantar um monumento, diz uma Rev. Cath. portugueza.

CLVII

Mons. Puginier, da Congregação das «Missões Estrangeiras» condecorado pela Republica franceza

O *Jornal Official* de Pariz publicou em fins de 1884, um decreto em que é nomeado cavalleiro da *Legião d'honra* Mons. Puginier, da Congregação das *Missões estrangeiras*, Vigario Apostolico do Tonquin Occidental.

CLVIII

Intelligentes e patrioticos padres da missão portugueza no Congo

Sob o titulo *Explorações portuguezas* escrevia o *Diario de Noticias*, de 21 de setembro de 1884:

«São consideraveis os serviços de diversa natureza prestados pelos *intelligentes e patrioticos padres da missão portugueza no Congo*, devendo fazer-se menção especial do digno superior, que é ao mesmo tempo um *estudioso e naturalista distincto*, e exerce as funcções de verdadeiro residente politico de Portugal junto do *muene* D. Pedro V, com muito zelo e inquebrantavel dedicação.»

«O padre Antonio José de Souza Barroso é verdadeiramente um cidadão benemerito, e um distincto *explorador e geographo*. A sociedade de geographia, de que é socio, tem procurado auxilial-o directa e indirectamente e mantém com elle, como com as outras missões portuguezas da Huilla e da Zambezia, correspondencia que vae dando utilissi-

mos resultados para o melhor conhecimento pratico d'aquellas regiões. Ha de notar-se que estas bellas missões luctam ainda com falta de recursos apezar do distincto governador de Angola ter posto o melhor empenho em favorecer e alargar a do Congo, particularmente, que é já uma verdadeira *estação civilisadora*».

«No ultimo paquete a sociedade de geographia *recebeu dez volumes de exemplares e amostras de caracter scientifico e commercial da missão de S. Salvador, com informações e catalogos habilmente elaborados pelo padre Barroso,* bem como recebera já *dois relatorios interessantissimos* de uma exploração d'aquelle *illustrado missionario,* de S. Salvador ao Bembe, e do *padre Sebastião José Pereira,* de outra do rio Lunda. São de *um consideravel e opportuno interesse geographico e politico aquelles trabalhos,* onde a cada momento se revela a profunda influencia benefica e prestigiosa dos portuguezes em todo o velho e abatido reino do Congo».

CLIX

O P. Victor, em Tete

Lia-se no *Nov. Mens. do Cor. de Jes.,* numero do mez de novembro de 1884. pag. 148:

«De Tete escreve-me a 30 de maio o R. P. Victor:

«Tenho finalmente dois novos companheiros, o P. Hiller e o Ir. Rieder. *Deo gratias!* Quizera que este ultimo fosse nomeado sachristão em lugar do Ir. Ferreira, detido em Quelimane por causa da sua ferida da perna, aggravada; mas diz o sr. governador que será necessario certificar officialmente

a sua sahida, escrever para Moçambique, etc., e que provavelmente serei obrigado a pagar às despezas da sua viagem, feita ha tres annos, e que anda por 95$000 reis! Isto para quem nada tem na algibeira, e que do pouco que vae recebendo como parocho *sustenta uma eschola de 42 alumnos*, á qual o governo colonial não tem querido fornecer sequer uma folha de papel ou um folheto de leitura, tendo eu de pagar papel, pennas, tinta, livros, moveis, local, e até vestir alguns pequenos orphãos que baptizei... *A escola official continua apenas com 7 ou 8 alumnos*» *!!!*

O italico e os pontos de admiração são meus.

CLX

O jesuita P. Harris

«Em Liverpool celebrou-se um numeroso *meeting* para honrar a memoria do P. *Harris, jesuita, a quem tanto deve a instrucção na Inglaterra.* Presidiu o sr. Hug Cullen, e propoz juntarem-se 25 mil libras para se estabelecerem cinco *bolsas* afim de sustentar estudantes pobres, em recordação do *P. Harris*, convidando a contribuirem para isso tanto catholicos como protestantes.»

Idem do mesmo mez e anno.

CLXI

Cruzada contra a escravatura

«Falla-se d'uma conferencia em Bruxellas, muito mais importante certamente do que a do sr. Crispi com a raposa bismarkina. Relacionada com

a extincção da escravatura na Africa, a conferencia tem por fim conseguir que o alto Congo desappareça d'uma vez e para sempre. Para isto concertar-se-hão os meios necessarios, reunir-se-hão os fundos indispensaveis para que se realise a ideia felicissima do infatigavel Cardeal Lavigerie a quem Leão XIII conferiu o encargo de excitar os governos e mover a opinião publica da Europa em prol da dignidade da raça humana».

«Missão grandiosa e mui conforme com a missão civilisadora da egreja catholica!»

(*Ordem*, de Coimbra, de 5 de setembro de 1888).

CLXII

Os trapenses no Canadá

«Os Padres trapenses da Abbadia de Bellefontaine, junto de Cholet, fundaram ha pouco tempo uma Communidade da sua ordem no Canadá. A Communidade recebeu depois a visita official de dez deputados da provincia de Quebec, que ficaram *maravilhados ao verem a cultura dos campos ao cuidado d'aquelles religiosos*. A Communidade compõe-se de 28 monges, metade dos quaes são indigenas».

(*Idem*, idem),

CLXIII

Ainda mais outra lista de ecclesiasticos benemeritos das sciencias

O denodado e douto athleta catholico, *Nov. Mens. do Cor. de Jes.*, tantas vezes por mim citado e trasladado, em seu n.º de maio de 1882,

para acalmar *á gana e quasi monomania centenentarista* (como elle diz) do *Diario de Noticias*, por occasião do famoso centenario do Marquez de Pombal, que, então, se não cançava, nos ultimos dias, de apregoar *a sciencia, a libertação da sciencia e das lettras*, que se devia ao referido Marquez, applicou ao dito *Diario*, em caritativa emborcação medicinal, uma torrente de nomes e factos, que evidenciavam a grande illustração anterior á *illuminação* pombalina.

Começa, dizendo:

«Pelos modos antes que Sebastião José de Carvalho empunhasse as redeas do governo em Portugal não havia aqui quem soubesse qual era a sua mão direita; as *portas da instrucção* estavam *fechadas pelo jesuitismo;* vivia-se nas *trevas do mysticismo:* — trevas e só trevas cubriam a face de todo o reino «fidelissimo». Este mesmo titulo de que fazia gala, não era o stygma, a prova inconcussa da crassa ignorancia de seus filhos?».......

«Pois que! valem por ventura um caracol, comparados aos sapientes de hoje em dia, um»...

E segue a torrente de nomes e factos, assim de seculares como de Padres e Frades. D'estes é que vou para aqui copiar alguns, omittindo, porém, os que me lembrarem que já se acham mencionados n'estes apontamentos; com excepção todavia do Jesuita *P. Bartholomeu de Gusmão*, inventor dos aerostatos, por causa de uma nota importante, como se verá.

Cita, pois, o *Nov. Mens.*, entre os ecclesiasticos, o *Bispo Jeronymo Osorio* — «O Cicero lusitano» —; os Jesuitas:

«*Padres João de Lucena, Francisco da Fonseca, Balthazar Telles, Francisco de Souza, Antonio Cardim, Manuel d'Almeida, Pedro Paes, Se-*

bastião de Vasconcellos, Duarte de Sande, Sebastião de Magalhães, Sebastião Monteiro da Vide, Antonio Franco, etc., cujas obras são geralmente estimadas, comprando-se muitas d'ellas a peso d'ouro não só em Portugal, mas em todos os mercados da Europa em que apparecem; o *Padre José Monteiro da Rocha*, braço direito do marquez, apezar de ex-jesuita, na tão cacarejada reforma universitaria, — esse homem que «podia ensinar tudo, menos obstetricia pratica, por ser ecclesiastico»; os theologos Diogo de Paiva, *Fr. Egidio de Santo Agostinho*, Francisco Foreiro, *Fr. Heitor Pinto*, os dois Soares (o *Lusitano*, e o «eximio» *Granatense*, honra immortal da universidade de Coimbra catholicamente reformada); grammaticos *ignorantaços* como o jesuita *P. Manuel Alvares, cuja Arte Latina ainda hoje é reproduzida na Allemanha, na França, na Italia* e n'outros paizes amigos das *trevas;* dezenas de outros padres e frades grammaticos e lexicographos de grande numero de linguas, tanto do Velho, como do Novo Mundo; oradores e escriptores que por ahi chamam «classicos de primeira ordem», «eruditissimos», mellifluos», etc.; philosophos como o *Jesuita P. Ignacio Monteiro*, que percorreu todos os campos da philosophia, e seus illustres consocios, os *Conimbricenses*, cujos livros ainda hoje são estimados e procurados lá por fóra; cultores das sciencias naturaes, como os celebres compiladores das *Cartas Curiosas e Edificantes* (longa collecção de 25 volumes, em que collaboraram muitos dos nossos missionarios portuguezes, e «*unica obra*», na opinião do *insuspeito Voltaire*, que das publicadas no tempo em que o *patriarcha* de Ferney vivia, *desempenhava* «o seu titulo»); o *celeberrimo «Padre Voador», Bartholomeu de Gusmão, de que nos*

fallam Amadeu de Barte nas Maravilhas do genio do homem (pag. 194) e as *Memorias da Academia* (2.ª serie, T. I, P. 1.ª e 2.ª, pag. 133, 2.ª paginação. — Vej. tambem as *Actas da Academia Real das Sciencias*, 1849-51, pag. 139, 2.ª paginação; a *Rev. Univ. Lisb.*, serie de 1842 a 43, pag. 453 a 456; *Notizie litter. di Cremona*, 1784, n.º 17; *Journal des Savants* de outubro de 1784; e o *Dictionaire Hist.* de Feller, verb. *Gusmão*), — *esse modesto filho de Santo Ignacio, que muito antes de Montgolfier inventar os balões aerostaticos já os tinha inventado,* — não só isso, *mas feito experiencia publica n'uma praça de Lisboa...* e o *P. Theodoro d'Almeida,* um dos primeiros que entre nós ensinaram a philosophia experimental...»

A'cerca do *P. Bartholomeu de Gusmão*, quando se refere ao *Journal des Savants* de outubro de 1784, põe uma nota em que diz que este jornal *affirma que muitos sabios inglezes e francezes se dirigiram a Lisboa para verificar os factos.*

CLXIV

O grande Padre

Assim era denominado, em nativa explosão de enthusiasmo, o *Jesuita portuguez Padre Antonio Vieira* pelos povos selvagens, que elle evangelisava; e assim o denomina ainda hoje a razão fria que lhe considera os meritos, e o ha de denominar tambem a longinqua posteridade.

Aquella antonomasia, expontaneamente brotada de rudes boccas, já tem sido confirmada, após longos annos, por doutas linguas, e o será igualmente pelos mais romotos e allumiados seculos.

Vieira, atrevo-me a dizel-o, não foi só o grande Padre, do nosso Clero nacional, se não que se me affigura um dos mais assombrosos engenhos que Portugal tem deitado.

Foi grande em tudo! Mas põe-lhe sombras no estylo. Terá, creio que as tem; mas não são suas, são da sua epocha; e o fulgor da sua brilhante luz, é todo seu, e não me deixa bem esmiuçar-lhe as sombras — *non ego paucis offendar maculis.*

Prometti dar aqui logar separado a *Vieira*, vou cumprir a promessa, que seria imperdoavel esquecimento ou negligencia contentar-me com o que já d'elle deixei dito.

Não me faltam escriptores nacionaes e estrangeiros, onde ir buscar juizos ácerca do nosso *grande Padre;* mas tenho á mão um escripto, que os resume todos, e indica, além d'isso, as fontes a que póde recorrer quem desejar mais larga noticia. D'esse escripto me valho, que é um bello artigo, publicado no *Progresso Catholico*, de Guimarães, com o qual acompanhou o retrato de *Vieira* alli estampado.

Vou reproduzil-o [1] em seguida, mas trasladando-o da auctorisada Revista *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, como se acha ainda melhorado e accrescentado no seu numero de Dezembro de 1883.

E' este:

O P. Antonio Vieira, da Companhia de Jesus:

«*O Progresso Catholico*, de Guimarães, uma das melhores revistas religiosas que se publicam

---

[1] Omitto o que já está, n'estes apontamentos, dito em outro logar.

em Portugal, acompanha o retrato do illustre *P. Vieira* estampado na primeira pagina do seu numero de 30 de Setembro com o seguinte artigo, pouco mais ou menos:

« — Damos no logar competente o retrato do nosso primeiro classico, do homem que até hoje melhor soube manejar e enriquecer a lingua portugueza [1], do grande missionario do Brazil, do mais notavel orador sagrado da Peninsula, do nosso Chrysostomo [2] do profundo theologo, do arguto philosopho, — embora pagasse o seu tributo ao que chamamos mau gosto do seculo, do *illustrissimo litterato, do patriota eminente, do politico sagaz e incomparavel no desempenho consciencioso* dos arduos negocios que lhe foram confiados, n'uma palavra, do grande, do sublime P. Antonio Vieira, da Companhia de Jesus, honra da nossa patria e do Brazil, da Europa, da America, do mundo inteiro, pois que em todo o mundo sôa o seu nome como o de um dos maiores oradores e missionarios que os seculos teem produzido. »

« Falleceu no Maranhão a 13 de julho de 1697,

---

1 « O P. Vieira é tido inconstestavelmente como o primeiro dos nossos classicos, e « talvez o mais legivel hoje, dizem os compiladores da edição de suas obras publicadas em 1854, pelo muito que se approxima da linguagem moderna a sua dicção pura, facil, agradavel e accessivel ainda aos entendimentos menos cultivados. »

....

2 « O abbade Raynal, copiando na sua *Historia philosophica das Indias* quasi todo o sermão de Vieira sobre a restauração da Bihia, affirma que é «a oração mais vehemente e extraordinaria que se tem ouvido no pulpito christão.»

«O historiador Ferdinand Denis compara Vieira a Bossuet. —O mallogrado P. Antonio Honorati chamou-lhe *Chrysostomo portuguez*, e esse mesmo titulo poz á compilação dos sermões do nosso grande orador, retocados por mão de mestre.»................

com 75 annos de vida religiosa e cerca de 90 de idade, havendo nascido em Lisboa a 6 de fevereiro de 1608.»

«D'este nosso santo e illustre «Jesuita» diz o P. Elesban de Guilhermy no seu *Ménologe* (*Assistance de Portugal,* 2.ª parte, pag. 49, edição de 1876), que «a voz unanime de seus compatriotas no Antigo e Novo Mundo, assim como a dos mesmos inimigos da Companhia, o honrou com o epitheto de «Grande». E continua: — «Poucos homens com effeito parece terem fulgurado no mundo com similhante brilho; e nenhum talvez o igualou pela universalidade na grandeza. Como orador e como escriptor, a litteratura portugueza não lhe reconhece émulo; e quanto á eloquencia, mais de um critico de nossos dias, pouco benevolos por outra parte para com os filhos de Santo Ignacio, não teem hesitado em o pôr em parallelo com Bossuet.»

«Deus lhe havia dado ao mesmo tempo esta profundidade de vistas, este maravilhoso conhecimento dos corações e dos negocios humanos que fazem por excellencia os homens d'Estado e os mais illustres conductores de imperios; do que elle deu prova alternadamente em Portugal, na Hollanda, e além dos mares, entre os mais habeis e os mais temiveis inimigos da Egreja Romana e do nome portuguez.»

«A sua sciencia das Sagradas Escripturas e dos Santos Padres, das letras e das historias sagradas e profanas, das linguas antigas e modernas, e até mesmo dos idiomas selvagens de seis nações pelo menos do Novo Mundo, poderia fazer crer que nunca deixou os seus livros nem a sua cella, e por outra parte, nas embaixadas, seus tratados de paz, suas pregações na côrte dos reis, seus annos de captiveiro, suas conquistas apostolicas, suas via-

gens por terra e por mar, suas travessias tão lentas do Oceano, suas vizitas onze vezes repetidas a todas as missões do Maranhão, suas vinte e duas navegações de rios tão longos como mares e que era necessario durante mezes inteiros subir á força de remos; emfim suas 15:000 leguas percorridas a pé nos desertos brasilicos; e os limites da civilisação humana bem como do reino de Jesus Christo, levados a mais de 600 leguas para além das conquistas de seus gloriosos antecessores, lançam o espirito no pasmo e deixam apenas imaginar um unico dia livre para o estudo e para o repouso.»

«Mas tudo isto ainda é pouco em comparação das luctas de Vieira em pró da Santa Egreja e dos direitos da humanidade. Nada é mais bello do que contemplal-o não sómente nos palacios ensinando a D. João IV de Portugal ou a D. Christina da Suecia seus deveres e os direitos de Deus, mas ainda mais entre os barbaros, em face, por exemplo, d'aquelle humilde altar onde ia celebrar o santo sacrificio, cercado, de 100:000 selvagens, cujos chefes vinham depôr seus arcos e suas frechas aos pés do *Grande Padre*, como lhe chamavam: ou então na Bahia, preso por mercadores de escravos, lançado por elles n'um navio e expulso do Brazil; ou suspeito emfim até na sua fé, e detido por 26 mezes completos pela Inquisição de Coimbra, com tão pouco fundamento que o Soberano Pontifice Clemente X o declarou isento de toda a jurisdicção dos inquisidores, e não dependente senão, em caso de novas accusações, de um tribunal de Cardeaes. Chegado atravez de tantas e tão penosas alternativas á mais extrema velhice, este grande homem não devia acabar suas provações senão com a vida...»

«É sabido que até se tratou de ser expulso da

Companhia; mas tambem é sabida a sua resposta á quem lhe levou essa triste nova, fundada n'um lamentavel equivoco — que *se lançaria de bruços ás portas de S. Roque* («Casa professa») *d'onde se não levantaria até que lh'a abrissem por compaixão.* — Tal era o seu amor á vocação e ao santo instituto em que professara!»

«D'aqui a 14 annos terá lugar o 2.º centenario do fallecimento do grande Vieira. E' de suppor que não passe desapercebido em Portugal e no Brazil. Quem lá chegar verá... [1] — *M.*»

---

[1] Para quem deseje consultar alguns dos melhores auctores sobre o nosso heroe, alem do já citado Elesban de Guelhermy, aqui apontamos outros: — Barros, *Vida do Apostolico P.A. Vieira por antonom. o grande,* — Nicerom, *Mémoire pour servir à l'hist. des hom. illustres,* tom. 34, pag. 270. — Franco, *Synopsis Annal.*, pag. 304, etc. — Barbosa Machado, *Bibliot. Lus.*, tom, 1.º, pag. 416. — Cretin.-Joly, *hist. de la Comp.*, tom. 4.º, pag. 106 e tom. 5.º, pag. 90. — Magire, *Causeries et Medit. litter.*, tom. 2.º, pag. 372, a 393. — Alexandre Lobo, *Disc. hist. e crit. ácerca do P. A. Vieira.* — Ferdinand Denis, *Resumé de l'hist. litter. de Port.*, pag. 380. — Innoc. da Silva, *Diccion. bibliogr. port.*, tom. 1.º, pag. 287. — Figanière, *Catal. dos Mass. port. exist. no Museu Brit.*, pag. 297, 300 e 313. — *Cf. Documents nouveaux et ined. sur l'Inquis. port.* (artigo do *Correspondant*, de julho de 1859). — Bern. Pereira de Berredo, *Annaes hist. do Estado do Maranhão,* pag. 422 a 510. — Franc. de Santa Maria, *Ann. Hist. Diar. Part.* julho 18. — P. A. Honorati, *O Chrysostomo Port.*, em varios logares, mas especialmente no *Prologo* ao 1,º vol., pag. XIX e seg., e nos outros prologos até ao 5.º *inclusive.*»

«Alem d'isso muitos manuscriptos nas bibliothecas publicas de Lisboa e de Evora, e no archivo de Loyola.

«Por ultimo cumpre-nos accrescentar que verdadeiramente o trabalho mais cabal sobre a vida e obras do insigne jesuita é d'um francez, profundo conhecedor da historia de Portugal e da nossa lttteratura. Intitula-se «*Vieira sa vie et ses œuvres—par E. Carel, docteur ès lettres.*—Pariz—Gaume et C., éditeurs.—Esta obra, que apenas é conhecida em Portugal, tem-nos grangeado em França muita consideração, dissipando graves erros. ».......

Rematarei dizendo, por minha propria conta, que a brilhante apreciação, tão justa como conceituosa, que o egregio Cardeal *Maury* faz de *Bossuet*, (vid. N. CXXIII), se póde na sua maxima parte applicar ao Bossuet portuguez, o nosso *grande Padre Antonio Vieira.*

E trasladarei agora aqui todo o pequeno artigo do *Panorama* de 20 de janeiro de 1838, do qual só dei a parte conveniente no n.º V d'estes apontamentos. Eil-o :

Sermões de Vieira

« Muitos creem que a estima que os eruditos fazem dos sermões do padre Vieira, procede só da pureza e elegancia da sua linguagem, e persuadem-se que esses sermões são falhos da verdadeira eloquencia. Esta ideia errada deve-se, em grande parte, ao modo porque o nosso Verney tractou o grande orador portuguez no *Novo Methodo de Estudar* mas os que pensam assim estão longe de saber avaliar Vieira. »

« O padre *Isla*, auctor do engraçado e judicioso livro da *Historia de Fr. Gerundio de Campazas*, em que mette a bulha o depravado gosto dos pregadores do seculo dezesete, fez inteira justiça ao genio do celebre jesuita. Depois de o reprehender dos defeitos em que caiu, e das agudezas e ouropeis com que principalmente adornou os seus panegyricos, prosegue nos seguintes termos :

« Pelo que toca á eloquencia que persuade (que «é a unica que merece o nome de eloquencia cas«tiça e de lei) quizera que me apontassem outra «mais activa, mais vigorosa, mais triumphante do «que a do padre Antonio Vieira, nomeadamente «em todos os sermõõs exclusivamente moraes, e

«ainda em muitos dos panegyricos. Liam com re-
«flexão os assumptos capitaes que tracta nos ser-
«mões do Advento e da Quaresma, onde esmiuça
«os Novissimos e faz sobresair as verdades mais
«terriveis da religião; e digam-me, se algum ora-
«dor, dos antigos ou modernos, tractou nunca es-
«tes pontos com maior vivesa, com maior solidez,
«com maior valentia, ou com mais triumphante ef-
«ficacia.»

« Este testemunho dá tanto mais realce á nossa gloria litteraria, que é dado por um estrangeiro, e que o padre Isla se mostrou inexoravel para com todos os oradores que contribuiram para a corrupção da eloquencia. »

FIM.

N. B.

Sobre erros typographicos

Os erros typographicos deste livro, que não são muitos, e são, á leitura, de facil correcção por um leitor intelligente, tem para os desculpar a doença do Editor, por algum tempo, que o impediu de os superintender devidamente; e a distancia em que se achava o auctor. Não se fez aqui artigo de erratas, por ser coisa quasi sempre perdida para a maior parte dos leitores.

INDICE

24

Digitized by Google